SANDRA BROWN

Uma cliente inesperada



ROCCO ITALY

SANDRA BROWN

Uma cliente inesperada

Tradução de Alyda Sauer

ROCCO DIGITAL

SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A autora

PRÓLOGO

Ele já tinha descido da picape e a poeira em volta dos pneus ainda subia.

As luzes de emergência da ambulância lançavam pulsantes raios coloridos na floresta em volta. Os paramédicos tinham deixado as portas abertas da ambulância, e ele supôs que já estivessem lá dentro.

Suas botas amassaram o cascalho quando ele percorreu a distância até a varanda em três largos passos. Entrou na casa pela porta da frente, que estava aberta, e parou no hall espaçoso. Examinou a sala principal à esquerda. Não havia ninguém ali. Parecia que não tinham mexido em nada. Havia duas taças vazias de vinho na mesa de centro diante de um sofá com capa. Uma das taças tinha marcas de batom, a outra, não.

O sofá ficava de frente para uma lareira de pedra, e tinham posto uma samambaia frondosa para enfeitar durante o verão. Cadeira de balanço com assento de vime trançado. Colcha de retalhos dobrada sobre o braço de uma poltrona. Revistas e livros em estantes e empilhados em várias mesas. Abajures.

Era um cenário caseiro, acolhedor e calmo, como devia ser.

Ele registrou tudo isso em poucos segundos. Depois da sala de estar ficava a de jantar, rodeada por uma janela tripla, mas ele interrompeu a exploração quando olhou para o amplo corredor que ocupava a largura da casa, atraído pelo barulho no andar de cima. Dois degraus de cada vez, ele subiu a escada, deu a volta num lance, com cuidado para não encostar no corrimão, e foi para o segundo andar.

Seguiu a balaustrada, entrou num corredor pequeno onde viu a porta de um quarto aberta. Mais uma vez, avaliou o cômodo com uma olhada rápida. Abajures iguais, um de cada lado de uma cama de casal desfeita, lançavam discos de luz na parede clara, cor de pêssego. Um ventilador com as pás imitando folhas de palmeira girava no teto. Havia três janelas largas. Pelas frestas das venezianas, dava para ver o movimento contínuo das luzes de emergência coloridas nos galhos mais altos de uma árvore.

Os paramédicos estavam ajoelhados dos dois lados de uma pessoa caída; um homem, a julgar pelos pés descalços e as pernas cabeludas – tudo que podia ser visto do ponto onde estava. Embaixo do homem, o sangue encharcara o tapete.

Um dos socorristas virou a cabeça para trás e disse:

– Oi, Ski. Estávamos te esperando.

Ele entrou no quarto.

– O que tem aí?

– Ferimento de bala feio na parte esquerda inferior do tronco.

– Ele vai sobreviver?

– Ainda não sabemos.

Até que falasse, Ski não tinha notado que o segundo socorrista era uma mulher.

– Mas temos um bom sinal – ela continuou. – A senhora disse que ele estava consciente até chegarmos aqui.

– Senhora? – perguntou Ski.

O primeiro socorrista apontou com a cabeça para uma porta aberta, que eles estavam bloqueando no momento.

– Ela ligou para a emergência.

– Nome?

– Dela? Hum...

Ele estava distraído pondo a bolsa de sangue e não prestou atenção no nome.

A socorrista respondeu.

– King.

– *Caroline* King? A corretora de imóveis? – perguntou Ski, surpreso. – Esta casa é dela?

A mulher deu de ombros.

– Esse é o nome no nosso banco de dados.

– Então quem é o cara que levou o tiro?

– A senhora disse que o nome dele é Ben Lofland.

– Estão só os dois na casa?

– Parece que sim. A porta da frente estava aberta quando chegamos. Seguimos os gritos dela até aqui em cima. Encontramos o homem caído ali,

como você está vendo. Ela estava ajoelhada ao lado dele, segurando sua mão e chorando. Não vimos mais ninguém. Ela está muito abalada.

– Foi ela quem atirou nele?

– Esse é o seu trabalho – respondeu a socorrista.

Satisfeitos de ver que a vítima do disparo estava estabilizada e pronta para ser transportada, os dois socorristas puseram o homem com muita competência na maca que tinham levado para cima, e assim Ski pôde vê-lo melhor. Aparentava trinta e poucos anos. Tinha feições e forma de corredor ou tenista. Nenhum pelo facial, nenhuma tatuagem visível, nem cicatrizes aparentes.

Usava apenas uma cueca de malha cinza que tinham cortado na lateral esquerda, onde agora havia um grande curativo. A socorrista jogou um cobertor em cima dele. O cara estava inconsciente, mas gemeu quando o amarraram à maca.

Ski ouviu o tropel dos passos e virou para trás na hora em que outro policial entrou apressado na sala e parou de repente.

– Cheguei aqui o mais depressa que pude – bufou.

Seus olhos arregalados passaram por Ski, pela marca escura e molhada de sangue no tapete e foram para a vítima na maca.

Ele era mais de dez anos mais jovem do que Ski, quase trinta centímetros mais baixo e tinha uma barriguinha. O rosto de maçãs salientes estava vermelho, ele estava sem ar, da excitação ou por ter subido a escada correndo. Era um novato. Esse era seu primeiro tiroteio. Para ele, devia representar o momento de maior prestígio na carreira.

– Dê-lhes uma mão, Andy, por favor – disse Ski. – Levar essa maca até o térreo pode ser complicado. Não toque em nada no caminho, a menos que calce luvas.

– Certo.

– Hal está a caminho para ajudar a vigiar a casa.

– Ele tem de cobrir alguns quilômetros.

– E, até que chegue aqui – disse Ski muito sério –, cabe a você não deixar que ninguém mais entre, incluindo os nossos homens. Conto com você, entendeu?

– Entendi.

O jovem policial puxou para cima o cinto da arma que ficava caindo e acompanhou os socorristas até o lado de fora.

Ski atravessou a sala e foi até a porta aberta que estivera bloqueada pelo corpo da vítima.

Viu um banheiro, onde uma mulher sentada na beira da banheira balançava para frente e para trás, cotovelos nos joelhos, cabeça apoiada nas mãos. Ele teve uma visão perfeita do repartido no cabelo dela. Ski achou que podia ser castanho, mas era difícil dizer porque estava molhado. Formava uma pesada cortina dos dois lados do rosto dela.

Vestia um robe de algodão leve, displicentemente amarrado na cintura. As mangas largas tinham deslizado para baixo e revelavam braços magros salpicados de sardas claras. A saia do robe estava aberta acima dos joelhos e deixava à mostra as pernas. Os dedos dos pés estavam encolhidos no espesso tapete de toalha.

Ela não era Caroline King.

Dentro da banheira, a porcelana estava molhada. Três argolas de estanho que prendiam a cortina do chuveiro tinham se soltado do suporte, deixando a cortina molhada toda torta. Havia um vidro de xampu destampado num canto da banheira.

Ela devia estar tomando uma ducha quando foi interrompida, e isso explicava as partes molhadas onde o robe grudava na pele.

No chão, a poucos centímetros dos pés dela, incompatível com a vulnerabilidade dos dedos cor-de-rosa expostos, havia um revólver calibre 38, um típico "Saturday night special", como chamavam as armas mais baratas. A base da cômoda devia ter impedido que os socorristas o vissem. Ski imaginou se tinha sido de propósito.

Tirou um par de luvas de látex do bolso da calça jeans e enfiou a mão direita em uma delas, depois avançou cautelosamente e se abaixou para pegar a arma pela guarda do gatilho. Passou o polegar no fecho e o tambor abriu. Havia uma bala em cada uma das seis câmeras. Ele cheirou o cano. Não tinha sido disparado recentemente.

Como se só então percebesse sua presença, a mulher tirou as mãos do rosto e olhou para ele. Os olhos castanho-claros permaneceram desconectados e

perdidos. O branco ocular estava manchado de vermelho de tanto chorar. A pele, muito pálida, os lábios, praticamente sem cor.

Ela engoliu ruidosamente.

– Ele está bem?

– Não exatamente.

Chorando, ela olhou para a mancha de sangue logo depois da porta.

– Oh, Deus. – Ela apertou os dedos trêmulos nos lábios. – Não acredito que isso aconteceu.

– O que aconteceu?

– Ele *precisava* estar bem. Eu deveria ficar com ele. Preciso ir.

Ela tentou se levantar, mas Ski pôs a mão em seu ombro e a empurrou para baixo de novo.

– Agora, não.

Pela primeira vez desde que ele entrou no banheiro, ela o focalizou.

– Você é... Quem é você?

Ele desprendeu a carteira do cinto e abriu para lhe mostrar sua identidade.

– Policial Ski Nyland, Operações Especiais do município de Merritt.

– Entendo.

Mas Ski achava que ela não entendia nada. Mal tinha olhado para a carteira dele. O olhar molhado suplicava.

– Por favor, diga que ele vai ficar bom...

– Como é o seu nome?

Ela pareceu pensar antes de responder. Então prendeu o cabelo molhado atrás das orelhas e respondeu com a voz rouca:

– Berry Malone.

Ski notou que aquele sobrenome não era igual ao do homem baleado. Nenhum deles era King.

– O homem ferido, Ben Lofland... é isso mesmo?

Ela meneou a cabeça bruscamente.

– Ele está a caminho do pronto-socorro.

– Ele não morreu?

– Não tinha morrido quando saíram com ele daqui.

– Ele sangrou muito.

– É, perdeu muito sangue.

– Ele não pode morrer.

– Infelizmente pode, sim.

Ela emitiu um ruído sufocado e sussurrou:

– Preciso ligar para a mulher dele.

– *Mulher* dele?

Ela olhou fixamente para Ski alguns segundos, depois cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar, soluçando muito alto.

Ski firmou melhor os pés nos ladrilhos do chão do banheiro.

– O que aconteceu aqui esta noite, srta. Malone?

Ela gemeu com as mãos na frente do rosto e balançou a cabeça.

– Essa arma é sua? Atirou em Lofland com ela?

Ele não acreditava que ela tivesse feito aquilo, pelo menos não com o revólver que agora estava com ele. Mas queria ver que tipo de reação teria com a pergunta.

Ela tirou as mãos do rosto e olhou para ele boquiaberta.

– O quê?

– A senhorita...

– Não! – Ela ficou de pé, cambaleou um pouco, depois se firmou com a mão na beira da pia. – Só peguei a arma depois de ligar para o 911.

– *Depois* de ligar para o 911?

Ela balançou a cabeça, confirmando. Respirou fundo.

– Eu estava com medo... Medo de que ele voltasse.

– Ele quem?

Antes que ela respondesse, eles ouviram uma confusão no andar de baixo. Uma porta bateu. Vozes altas, alteradas. Ski ouviu Andy dizendo para alguém que não podiam entrar. Com a mesma insistência, uma voz feminina ordenou que ele saísse da frente. Parece que Berry Malone reconheceu a voz da mulher, porque de repente ela soltou um grito agudo, passou por Ski e saiu correndo do banheiro.

– Ei!

Ele teve o cuidado de saltar sobre a mancha de sangue no tapete quando partiu atrás dela. No meio do quarto, estendeu o braço para agarrar o dela, mas acabou só com um punhado de tecido de algodão na mão. Ela rodopiou e arrancou o roupão da mão dele, só que antes Ski teve uma visão completa.

Então, num lampejo de pele e de tecido estampado, ela desapareceu pela porta do quarto.

Ski foi atrás, atravessou o vão da escada na corrida e saltou os degraus no seu encalço.

CAPÍTULO 1

O toque do celular tirou Dodge de um sono profundo, e ele pensou que fosse Derek. Seu patrão devia estar com uma de suas brilhantes ideias do meio da noite e devia querer que Dodge fizesse qualquer coisa imediatamente.

Dodge não conseguiu imaginar o que podia ser tão crucial que não pudesse esperar até de manhã, mas Derek pagava para ele estar de plantão vinte e quatro horas por dia, nem que fosse apenas para atuar como tábua de repercussão.

Atrapalhou-se para pegar o celular no escuro e, sem abrir os olhos, pensando que provavelmente teria de sair para fazer alguma coisa que não queria, respondeu com antipatia e sem entusiasmo nenhum:

– Sim?

– Dodge?

Surpreso de ouvir uma voz feminina, ele se sentou e pôs os pés no chão. Esticou a mão no escuro e acendeu o abajur. Tirou um cigarro do maço com a boca e acendeu o isqueiro. Quando deu a primeira tragada, ficou imaginando qual era a mulher, entre todas que conhecia, que tinha irritado dessa vez. Não se lembrava de ter brigado com nenhuma recentemente, mas talvez essa fosse a sua transgressão: esquecer.

Como ainda não tinha confirmado seu nome, ela perguntou, em dúvida:

– É Dodge Hanley que está falando?

Ele relutou para confirmar, antes de saber quem perguntava. Preferia sempre ser discreto. Tinha carteira de motorista porque era uma necessidade. Tinha apenas um cartão de crédito, mas no nome de Derek. Dodge só usava esse cartão quando fazia negócios para a firma de advocacia. Em tudo que era particular, ele operava com dinheiro em espécie e nem mesmo Derek conhecia o endereço da casa dele.

– Dodge? É você?

Ele respondeu com um som que era meio palavra, meio tosse seca.

– Sim.

– Aqui é Caroline.

O isqueiro escorregou da mão dele e caiu no chão.

– Caroline King.

Como se ela precisasse especificar qual Caroline. Como se precisasse reavivar sua memória.

Depois de muito tempo, ela disse:

– Você ainda está aí?

Ele tragou a fumaça do tabaco para dentro dos pulmões e soprou enquanto respondia.

– Sim, sim.

Para provar a si mesmo que a ligação não fazia parte de um sonho, Dodge se levantou e deu alguns passos para longe da cama. Mas, como suas pernas estavam muito trêmulas, recuou e se sentou de novo no colchão amassado.

– Posso dizer que está surpreso de saber que sou eu?

– Sim.

Parecia a única palavra que ele era capaz de emitir. Quantos "sim" tinha dito até agora? Quatro? Cinco?

– Desculpe ligar a essa hora – ela disse. – Já é tarde aqui, e sei que é uma hora a mais em Atlanta. Quero dizer, imagino que você ainda esteja em Atlanta.

– Sim.

Seis.

– Como você está? Tudo bem?

– Sim.

Merda! Será que tinha esquecido como falar? Encontre alguma outra palavra para dizer, pelo amor de Deus!

– Uh... estou bem. Você sabe. Tudo bem.

Ele estava bem, exceto por uma pane geral no cérebro, batimento cardíaco que tinha explodido além dos gráficos e uma súbita incapacidade de respirar. Procurou o cinzeiro no meio da bagunça de sua mesa de cabeceira e ali pôs o cigarro.

– Que bom – ela disse. – Fico contente de saber.

Então nenhum dos dois disse mais nada por tanto tempo que o silêncio virou um zumbido.

Ela acabou falando.

– Dodge, eu nunca teria incomodado você se não fosse... Eu jamais lhe pediria nada. Imagino que saiba disso. Mas é um caso de vida ou morte. Urgente.

Meu Deus. Ela está doente. Está morrendo. Precisa do fígado, de um rim, do coração dele.

Ele passa a mão no cabelo, apoia a testa na palma e pergunta, mesmo temendo a resposta:

– Qual é o problema? Você está doente?

– Doente? Não, não. Nada disso.

Ele ficou fraco, de tão aliviado. Depois zangado porque, sem mais nem menos, estava com excesso de carga emocional. Para compensar aquela suscetibilidade idiota, perguntou com impaciência:

– Então por que está ligando para mim?

– Estou com uma situação aqui que não sei como enfrentar.

– Uma situação?

– Problema.

– Que tipo de problema?

– Você pode vir para cá?

– Para Houston?

Um lugar para onde ele tinha jurado que nunca mais voltaria.

– Para quê?

– É complicado.

– E o seu marido? É complicado demais para ele? Ou será que o problema é ele?

Passaram alguns segundos.

– Ele morreu, Dodge. Alguns anos atrás.

A notícia encheu seus ouvidos, sua cabeça, de pressão. O marido dela estava morto. Ela não estava mais casada. Ele não sabia, mas por que saberia? Ela não lhe avisaria mesmo.

Os ouvidos dele latejavam, então esperou para ver se ela contava mais sobre a morte do marido. Ela não disse nada, e ele comentou:

– Você ainda não disse o que é esse problema.

– É do tipo no qual você se especializou.

– Isso inclui muita coisa.

– Não quero entrar em detalhes agora, Dodge. Posso contar com você para vir até aqui?

– Quando é que precisa de mim?

– Assim que puder vir. Você vem?

Aquela obstinada recusa de ser mais específica deixou Dodge irritado.

– Provavelmente não.

Um silêncio hostil pairou entre eles. Dodge pegou o cigarro de novo, tragou profundamente e soltou a fumaça. Queria desligar o telefone na cara dela. Desejou fazer isso. Desejou ser capaz disso.

– Entendo a sua relutância de se envolver – disse ela, baixinho. – Entendo realmente.

– Bem, e o que você esperava, Caroline?

– Eu não sei o que eu esperava. Agi por impulso, sem pensar em mais nada.

– Você liga para mim no meio da noite. Não diz *merda* nenhuma, mas eu devo largar tudo e ir correndo para tirá-la de alguma encrenca não especificada? – Ele parou para enfatizar a raiva, e então disse: – Espere aí. Por que isso está me soando tão familiar? Está parecendo familiar para você?

Ela respondeu exatamente como ele esperava.

– Não estou pedindo para você ajudar a mim, Dodge.

– Ora, que bom. Porque...

– É Berry que está encrencada.

– Acho que agora tem alguém que realmente cozinha aqui. – Dodge se sentou à mesa do café da manhã na cozinha arrumada, mas bastante usada, de Derek e Julie. – Antes não tinha.

Derek deu risada.

– Não me lembro de ter ligado o forno nem uma vez antes de me casar com a Julie.

Ele levantou o bule da máquina de café, oferecendo para Dodge.

– Quero – disse Dodge. – Dois cubos de açúcar. O de verdade.

Dodge pegou uma caneca de café, o açucareiro, uma colher e um guardanapo de pano. Começou a brincar com a ponta do guardanapo e olhou

para o patrão com as sobrancelhas levantadas.

– Julie só quer de pano.

Dodge fungou quando pôs açúcar na caneca.

– Ela usa mesmo todas essas coisas?

Derek seguiu o olhar de Dodge até o jarro de cerâmica que continha alguns utensílios de cozinha de Julie.

– Usa. Eles têm um aparelhinho para cada coisa. Você não acreditaria.

– Onde ela está?

– Lá em cima, vomitando.

Dodge soprou o café e bebeu um gole.

– Que droga.

– Não, ela está até contente com isso.

– Ela gosta de vomitar?

– Enjoo matinal é um bom sinal. Significa que o embrião se fixou na parede do útero, e isso cria todo tipo de caos hormonal, que provoca as náuseas, que...

– Obrigado – Dodge resmungou com a cara enfiada na caneca. – Eu não quero saber nada sobre o útero de Julie. Na verdade, prefiro manter os mistérios da reprodução humana misteriosos mesmo.

– Achei que tinha ouvido a sua voz.

Julie entrou na cozinha e sorriu para Dodge. Era a imagem da saúde, apesar do ataque de náusea.

– É cedo demais para você estar acordado, não é? Especialmente num sábado.

– Soube que você teve uma manhã de lascar.

– Não me importo muito. Vai passar logo e o enjoo é bom sinal, é porque o embrião se fixou.

Derek deu risada.

– Já falamos sobre isso. Dodge não quer mais saber.

– Está certo.

Ela perguntou se Derek tinha oferecido alguma coisa para a visita comer junto com o café, ele disse que não, então ela cortou uma fatia de bolo e Dodge aceitou, por saber que ela era uma grande cozinheira.

Na segunda mordida, ele balbuciou:

– Se tivesse me casado com você, já teria engordado dez quilos.

– Você viu Derek nu ultimamente?

– Ei!

O marido de Julie há seis meses deu-lhe um tapinha na bunda, puxou-a para o colo, a fez se sentar nos seus joelhos, enfiou o rosto no pescoço dela e disse:

– É você que está ficando gordinha.

Ele espalmou a mão sobre a barriga dela que ainda não dava sinal nenhum da gravidez. Ela pôs a mão em cima da dele e os dois trocaram olhares significativos e carinhosos.

Dodge pigarreou.

– Vocês aí, querem que eu saia daqui, ou o quê?

Julie desceu do colo do marido e se sentou numa cadeira à mesa, de frente para Dodge.

– Não, estou feliz que esteja aqui. Derek o vê quase todos os dias, mas eu, não.

Dodge brincou com o patrão sobre a alegria da lua de mel, mas estava contente de ver a felicidade que aqueles dois encontraram um com o outro. Derek e Julie Mitchell estavam entre as poucas pessoas no planeta que Dodge tolerava. Era capaz de dizer que os respeitava e gostava deles, mas, como acontecia com todas as pessoas que ele conhecia, mantinha certa distância, mais pelo bem deles do que por si próprio. Ele não era bom para as pessoas. Tinha alguma coisa destrutiva na sua formação.

– O que o trouxe aqui?

A pergunta de Derek parecia inócua, mas Dodge sabia muito bem que não era. Derek tinha instintos afiadíssimos e uma intuição extraordinária, que eram muito úteis na profissão que escolheu, de advogado. Apesar do papo fácil entre os dois, seu patrão já sentira que tinha alguma coisa fora do lugar. Quando fora a última vez que Dodge apareceu cedo assim num sábado de manhã? Nunca.

Dodge sacudiu os ombros, fingindo indiferença, e tomou seu café, com uma pontada de desconforto de ter de mentir para aquele homem que era o mais parecido com um amigo que tinha.

– Você ficaria muito furioso se eu lhe pedisse uma folga?

Dodge manteve o olhar fixo no conteúdo da caneca de café, mas percebeu a expressão confusa de Derek para a mulher.

– Eu não ficaria furioso – respondeu Derek. – Você merece umas férias.

– Pense antes de falar, doutor. Porque eu não quero estar em algum lugar e você ficar ligando para mim no meio da noite, pedindo para eu pegar algum imprestável que...

– Dodge. Você não vai conseguir brigar comigo. Já devia ter tirado férias há muito tempo. Se alguma coisa aparecer quando você estiver fora, pode esperar até você voltar.

– Pode droga nenhuma. Mesmo você dizendo que eu posso ir, aqueles maiorais que trabalham para você terão um ataque. Eles só falam comigo quando a frase começa com "Dodge, quando é que...?". Dizem: "Quando é que consegue aquele histórico para mim?", "Quando é que posso esperar aquela informação sobre aquele cara?", "Quando é que você pode descobrir isso?"

– Todos no escritório contam com você – disse Derek.

– Está vendo? É disso que estou falando. Se eu sair por alguns dias, a maldita firma vai desmoronar inteira.

Dodge tinha ajudado consideravelmente a solucionar o caso em que Julie esteve envolvida. O assassinato de Paul Wheeler tinha sido uma tragédia em todos os sentidos, exceto pelo fato de ter unido Julie e Derek. No começo, Dodge suspeitou de que Julie fosse uma mentirosa, manipuladora e coisa pior. Ela suportou a hostilidade e a suspeita dele com dignidade e agora parecia não guardar rancor algum. Ele achava que ela talvez até gostasse um pouco dele.

Foi para ela que ele olhou agora. Mas foi um erro, porque ela olhava para ele com preocupação, o que, no estado mental dele do momento, era quase mais perigoso do que a insistência do marido dela.

– Espero que o seu motivo de precisar de um tempo longe não tenha relação com saúde – ela disse baixinho.

– Como o quê? Morrer de câncer de pulmão? Não, não, eu não vou – disse ele, quando ela substituiu a preocupação por alarme. – Não que eu saiba. Ainda não.

Ele mudou de posição na cadeira e deu um tapinha no bolso da camisa, para se certificar de que o maço de cigarros estava ali, embora fosse mais fácil ele mijar na *Mona Lisa* do que acender um cigarro na cozinha deles.

Voltou a olhar para Derek e disse:

– Esqueça. Eu sabia que não devia perguntar. – Pôs a mão no coração e disse: – A firma precisa de mim, e, se sou leal a alguma coisa, é à Mitchell & Associados.

– Corta essa. O que está acontecendo?

– Acontecendo? Nada. Eu tive essa ideia de...

– Tirar umas férias, e eu disse tudo bem. Mas agora você está discutindo comigo porque eu disse que sim, ótimo, pode ir. Por quê?

– Não tem *por quê*. Foi uma ideia boba, só isso. Pensei em viajar por alguns dias, mas...

– Já tinha pensado em algum lugar específico para ir? – perguntou Derek com um sorriso de orelha a orelha. – Uma daquelas ilhas tropicais de que sempre fala, aqueles lugares tipo *National Geographic*, onde todas as mulheres fazem topless?

– Quem me dera.

– Então para onde vai?

– Tomanorrabo, Texas.

Dodge devia morder a língua por ter deixado isso escapar. Não pretendia.

Derek ficou olhando para ele alguns segundos, e depois perguntou, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

– Isso aí tem código postal?

Dodge balançou os ombros.

– Não importa. Eu não vou.

Ninguém mais falou nada, e Dodge percebeu outro olhar confuso entre Derek e Julie. E ela perguntou:

– O que tem lá no Texas?

– Texanos.

A resposta bem-humorada não provocou o efeito jocoso que ele esperava. Dodge olhou para Julie de novo e não sabia o que era que o atraía para ela aquela manhã. Claro que ela era e sempre foi boa de olhar, mas aquela revolução hormonal acontecendo dentro dela inspirava nele todo tipo de sentimentalidade que ia contra a sua natureza.

Em geral, quando alguém fazia alguma pergunta pessoal, mesmo algo tão inócuo como "o que tem no Texas?", ele dizia para não se meter com a p. da vida dele. Mas se surpreendeu respondendo com simplicidade para Julie:

– Negócios.

Derek reagiu com um susto.

– Negócios?

– Calma aí, doutor. Não estou procurando outro emprego. Esse é um negócio de natureza pessoal.

– Natureza pessoal.

– Jesus, tem eco aqui? – perguntou ele, irritado. – Por que você está criando um caso com isso? Negócio de natureza pessoal pode ser até constipação.

– É que eu nunca soube que você tinha qualquer tipo de negócio pessoal, menos ainda no Texas.

– Bem, serve para provar que você não sabe tudo, não é? Além do mais, por que ainda estamos falando disso? Eu não vou. Eu chegaria lá e esse maldito telefone celular ia começar a zunir feito uma serra elétrica. Você ia ficar perguntando quando eu ia voltar. Não vale a pena. Esqueça que perguntei. – Ele jogou o guardanapo com franja na mesa e se levantou. – Olha, obrigado pelo café. O bolo está uma delícia, Julie. Preciso ir.

– Sente-se aí.

– O quê?

Derek retesou o maxilar, indicando que era uma ordem.

– Você não vai sair dessa casa até nos contar que merda está acontecendo.

– Eu já disse. Tive essa ideia de...

– Não se trata de férias. Sente-se aí.

Dodge se sentou de novo. Mas agressivo e irritado. Depois de alguns instantes de olhares furiosos, ele ergueu os ombros.

– *O que é?*

– Você se lembra de quando eu contei sobre mim e Julie? – perguntou Derek.

– Sobre o voo de Paris para cá?

– Exatamente. Admiti para você por que estava envolvido e não podia representar Creighton Wheeler. Abri o jogo para você porque eu sabia que podia confiar a você o meu segredo mais íntimo e mais privado. Que podia confiar minha carreira. A minha vida.

– Tudo bem. E daí?

– E daí que confiança é uma via de mão dupla, Dodge. Você merece nossa confiança. O que está acontecendo? – Derek esperou, Dodge não disse nada e ele acrescentou: – Deve ser alguma coisa realmente importante, senão você não teria inventado esse show de tirar férias. Você está aqui porque queria nos contar alguma coisa e não sabia como.

– Você é psicanalista agora também? Ser o melhor advogado nos tribunais da Georgia não basta mais?

Derek nem piscou.

– O que tem no Texas, Dodge? – Julie perguntou outra vez.

A suavidade da voz dela pegou Dodge de jeito, como a insistência agressiva de Derek jamais conseguiria. Ele curvou os ombros, derrotado.

– Não é o quê. *É quem.*

– Muito bem, quem está no Texas?

Dodge evitou olhar para os dois, pegou sua caneca, foi até a pia e derramou o que sobrava do café no ralo.

– Minha filha.

Ele sentiu o espanto deles antes mesmo de se virar e ver suas expressões chocadas.

– Você não tem uma filha – disse Derek.

– Sim, eu tenho.

– Desde quando?

– Desde trinta anos atrás – disse Dodge.

Derek balançou a cabeça para clarear as ideias.

– Você me disse especificamente que não tinha uma filha.

– Não disse não.

– Dodge, eu me lembro dessa conversa. Você estava verificando o histórico de Creighton Wheeler. Você me disse que, baseado no que tinha descoberto sobre ele, não ia querer que sua filha saísse com ele. E eu disse: você não tem uma filha. E você respondeu: se tivesse.

– Está vendo? Foi você que disse que eu não tinha, não eu.

– Mas foi o que você *quis* dizer.

– Então me processe.

– Essa discussão não é muito construtiva, não é? – Julie dividiu a repreensão entre os dois e acabou olhando para Dodge. – Estamos só surpresos, Dodge.

Você mencionou duas ex-mulheres, mas nunca filhos.

– Não filhos. Filha. Uma.

Ele abaixou a cabeça e ficou olhando para os sapatos, imaginando quando tinha sido a última vez que os engraxara. *Se* é que foram engraxados alguma vez. Devia pelo menos mandar limpá-los. Quem sabe, se tivesse tempo no aeroporto...

Aeroporto? Aeroporto, merda nenhuma. Ele não ia.

– Quando a viu pela última vez? – perguntou Julie.

– No aniversário dela.

– No último aniversário?

Ele balançou a cabeça.

– No natalício mesmo. No dia em que ela nasceu.

O silêncio estupefato do casal transbordava perguntas a que ele não queria responder. Mas Derek tinha a tenacidade de um buldogue.

– Então por que está pensando em vê-la agora?

– Não estou.

– Só para podermos entender, vamos supor que esteja.

Dodge mordeu a bochecha, irritado e indeciso, depois ouviu ele mesmo contando que a filha tinha se metido numa encrenca.

– Eu não sei os detalhes, mas é caso de polícia. E ela... Alguém achou que talvez, com a minha experiência, eu pudesse ajudar. Mas acho que não posso e, de qualquer maneira, por que ia querer ir?

Derek e Julie continuaram a olhar para ele, esses olhares recriminando e falando à beça. Dodge abaixou a cabeça, apertou os olhos com o polegar e o dedo médio, depois tirou a mão e suspirou.

– Merda, merda e mais merda.

CAPÍTULO 2

Berry e Caroline estavam, havia quase meia hora, sentadas em torturantes e duros bancos de madeira logo na entrada do tribunal do município de Merritt. Quando Ski Nyland se aproximou delas, parecia um homem atrasado para um compromisso.

– Desculpe tê-las deixado esperando. Recebi uma chamada.

– Alguma coisa positiva? – perguntou Caroline.

– Temo que não, srta. King. Oren Starks ainda está foragido, e só tenho alguns minutos antes de voltar à caçada.

Ele tocou no celular preso ao cinto como se quisesse se certificar de que sua linha de comunicação não tinha sido cortada. O olhar cinzento se desviou para Berry, reparando nela pela primeira vez desde o instante em que se aproximou delas.

– Está pronta?

– Já estou pronta há algum tempo.

Depois de um segundo, ele disse:

– Acho que o marketing segue um horário mais rígido do que a lei.

Touché, *policial*, pensou ela. O comentário dela tinha sido provocador, e provocação era uma coisa que ela estava tentando corrigir. Mas, dadas as circunstâncias estressantes, achava que tinha o direito de ter uma recaída.

Tirando a irritação da voz, Berry disse:

– É que pensei que vocês tinham se informado de tudo sobre mim a noite passada. Não esperava ser intimada a vir aqui esta manhã.

– O delegado Drummond pediu essa reunião. O seu advogado já está aqui.

– Então devíamos nos encontrar com eles sem mais demora – disse Caroline, com uma educação que Berry invejava. Jamais dominou esse traço especial que fluía naturalmente na mãe dela.

O policial Nyland fez sinal para as duas seguirem na frente dele.

Quando atravessaram o hall de entrada, Berry ficou pensando por que ele não estava de farda. Na véspera, ele também não usava o uniforme, mas ela

achou que não devia estar trabalhando quando a chamada do 911 interrompeu sua noite de sexta-feira.

Hoje, a não ser pelo casaco esporte, ele estava vestido para um rodeio. Calça jeans, botas, camisa branca engomada, estilo oeste americano. E também estava lacônico como qualquer vaqueiro dos filmes de faroeste. Ela imaginou se era assim que ele se via. Só precisava de um grande chapéu branco, uma grande estrela de lata no peito e um revólver de seis tiros preso na coxa.

Ela concluiu que ele devia ter uma arma em algum lugar. Talvez a tirasse enquanto estava no tribunal, mas era mais provável que continuasse com ela, escondida como as luzes de emergência atrás da grade do SUV todo enfeitado no qual ele a tinha levado para lá a noite passada para obter sua declaração sobre o que ele chamava de "incidente com disparo".

Agora, à espera do elevador, Berry nota que a mãe parece uma anã diante de Nyland. Até Berry, mais alta do que todos os meninos nas turmas do colégio desde o sétimo ano e que se formou no ensino médio com poucos mais altos que ela, se sentia minúscula ao lado dele.

Resolveram que era melhor subir de escada do que ficar esperando o elevador. Subiram um primeiro andar e Berry sentiu o olhar fixo dele como uma pressão física no meio da coluna.

O prédio do tribunal era de 1898, mas estava bem conservado. A sala do delegado tinha os painéis de madeira originais e sancas feitas à mão no teto. O vidro da janela era cheio de ondas, mas dava personalidade à sala. A mesa larga era ladeada por mastros iguais. Entre a bandeira dos Estados Unidos da América, a Velha Gloriosa, e a bandeira do estado do Texas, havia uma pintura que retratava a rendição de Santa Anna para Sam Houston.

Quando eles entraram na sala, os dois homens que estavam lá ficaram de pé. Um deles era o advogado que a mãe de Berry tinha chamado na noite anterior. O outro era o delegado Tom Drummond.

Ele saiu de trás da mesa e foi ao encontro dos três, abraçou Caroline, segurou os ombros dela e a beijou no rosto.

– É sempre um prazer vê-la, mas detesto as circunstâncias desse encontro.

– Eu também, Tom. – Ela se virou e apontou para Berry. – Acho que já conhece minha filha do piquenique do Dia do Trabalho no clube de campo no ano passado.

– Claro que sim, srta. Malone.

– Berry, por favor.

Ele pegou a mão dela e deu uns tapinhas afetuosos.

– Garanto que esse caso está merecendo toda a atenção do departamento. A empresa da sua mãe tornou-se importante para esta comunidade porque pôs em atividade um mercado imobiliário estagnado. Qualquer problema que ela tenha é problema meu também, especialmente a sua segurança. Nós vamos pegar esse cara. Dou-lhe a minha palavra.

– Obrigada. Confio muito em vocês.

O advogado – o nome dele era Carlisle Harris, Harris Carlisle, Berry não conseguia lembrar direito – tinha mais ou menos a mesma idade do delegado. Era um cavalheiro bonitão e simpático, mas ela tinha certeza de que a mãe o tinha escolhido muito mais pelo evidente sangue-frio por trás daqueles olhos pretos do que pela sua sociabilidade.

Ele surgiu na véspera na casa do lago, como se Caroline tivesse usado uma varinha de condão para trazê-lo. Assim que soube da natureza da emergência e Ski Nyland começou a fazer perguntas sobre a pistola de Berry, Caroline pediu educadamente que ele esperasse um pouco até ela chamar seu advogado. O policial não gostou, mas atendeu ao pedido, e Berry não disse mais nenhuma palavra até o advogado chegar.

Neste momento, ele se adiantou para apertar a mão dela e a de Caroline.

O delegado deve ter sentido a impaciência de Ski Nyland, porque abreviou aqueles cumprimentos e sugeriu que todos se sentassem. Berry e a mãe se sentaram lado a lado num sofá de couro bastante gasto. Os homens sentaram-se em poltronas, formando um semicírculo diante delas.

O delegado foi o primeiro a falar.

– Ski me fez um relato do que aconteceu na casa do lago na noite passada e tenho uma cópia da sua declaração oficial, Berry. Harry, você recebeu sua cópia?

– Recebi – respondeu Harris Carlisle. – Obrigado.

– Tem alguma coisa, qualquer coisa, que você queira acrescentar, Berry? – perguntou o delegado. – Alguma coisa que tenha lembrado de ontem para hoje, que possa nos ajudar a encontrar esse cara?

Ela balançou a cabeça.

– Eu dei todos os detalhes que pude. Para arrematar, Oren Starks anda me perseguindo há meses. Na noite passada, ele foi à casa do lago, atirou no Ben e ameaçou me matar.

– Você conheceu Starks no seu local de trabalho, correto?

– Na Delray Marketing, em Houston.

– Soube que ele foi demitido da firma.

– Alguns meses atrás.

– Você sabe por quê?

– Ele não se encaixava bem – ela respondeu. – Pelo menos, foi essa a explicação que se espalhou lá na firma.

– *Você* achava que ele se encaixava?

Ela se virou para o policial Nyland, que tinha feito a pergunta, e respondeu com frieza:

– Não faz parte da minha função avaliar colegas de trabalho.

– E pessoalmente, espontaneamente, você achava que Oren Starks se encaixava?

– Não, eu não achava.

– Por que não? Ele não era bom no que fazia?

Berry deu um meio sorriso.

– Oren não era *bom* no que fazia, ele era *excepcional*.

– Não estou entendendo, Berry – disse o delegado. – Ski disse que você descreveu esse cara como um esquisitão.

– A personalidade dele não tinha nada a ver com sua capacidade – disse Berry. – Marketing é uma questão de criatividade, e estratégia, e de fazer com que uma dúzia de componentes se juntem para formar um todo harmonioso. Um único elemento errado pode estragar tudo. Na Delray, Oren era quem todos procurávamos quando uma campanha não saía do jeito como tinha sido planejada. Ele tinha o dom de isolar a peça que não cabia.

– No entanto, ele não combinava com a firma – disse o delegado.

– Ironicamente, sim. Ele deixava as pessoas pouco à vontade. Especialmente as mulheres. Eu não fui o primeiro alvo da sua atenção indesejada.

– Alguém chegou a processá-lo por assédio sexual?

Ela balançou a cabeça.

– Nenhum processo oficial. Oren não fazia nada às claras. Não tocava em ninguém. Não enviava e-mails obscenos, nem textos grosseiros. Ele é inteligente demais, ladino demais, para fazer qualquer coisa que o encurrale.

"Mas ele era muito esperto com insinuações de intimidades que não existiam." E, como se tivesse acabado de lembrar, ela acrescentou: "Se você criasse problema com alguma das suas observações, ele faria com que sentisse que tinha entendido errado o que ele disse."

– Essa foi a sua experiência? – perguntou o delegado.

– Foi. No início. Comecei a achar que estava interpretando demais as coisas que ele dizia e fazia. Mas, depois que foi mandado embora, ele ficou mais insistente e mais agressivo. A ponto de eu ficar com medo dele. Pensei que, se viesse para cá e passasse o verão na casa do lago da mamãe, coisa que ela insistia para eu fazer desde que a comprou, se eu viesse para cá, desaparecesse por um tempo, Oren ia desanimar ou simplesmente perder o interesse e me deixar em paz.

– Quando você diz que ele anda te perseguindo...

O delegado inclinou o corpo para frente, indicando que Berry devia elaborar melhor.

– Liga várias vezes por dia. Manda sempre mensagens de texto.

– Por que você não trocou o número do seu celular? – perguntou o policial Nyland.

– Muita gente tem esse número. Clientes, colegas de trabalho, pessoas que precisam falar comigo para ter uma solução rápida de um problema que não pode ser adiado. Teria sido muito inconveniente mudá-lo.

– Mais inconveniente do que ser assediada?

– Não precisa responder a isso, Berry – disse o advogado dela.

Berry não respondeu. Em vez disso, concentrou sua atenção no delegado.

– Oren aparecia na minha casa sem ser convidado. Às vezes, parava o carro em frente, até se sentava na entrada e ficava esperando que eu voltasse para casa. Aparecia nos restaurantes onde eu ia jantar e mandava flores com cartões que sugeriam que tínhamos um relacionamento romântico. Garanto que não tínhamos nada disso. Ele mandava pequenos presentes que...

– O quê, por exemplo?

Incomodada com as interrupções constantes e céticas do policial, ela precisou pensar um pouco antes de responder.

– Uma vez ele mandou um videogame. Um jogo do tipo Dungeons & Dragons. Fantasia, com bruxos, feiticeiros maus, castelos com labirintos. Vocês conhecem.

– Você joga isso?

– De jeito nenhum, policial Nyland. Mas Oren, sim. Ele adora quebra-cabeças de qualquer tipo e é bom nisso.

– Por isso era tão bom para apresentar soluções nas campanhas de marketing com problemas – disse o policial.

– Exatamente.

– O que mais? Quais foram os outros presentes?

– Um livro campeão de vendas de um escritor que ele sabe que eu gosto. Ficou horas na fila, pelo menos foi o que ele disse, para conseguir uma dedicatória do escritor para mim. Ele me deu um CD feito por ele mesmo. O presente mais pessoal foi uma pulseira de berloques de prata. Corrente fina. Só um berloque. Um coração.

– Você devolveu esses presentes? – perguntou Nyland.

– No início, eu tentei, mas Oren não quis aceitar de volta. Com o tempo, acabei ficando com eles.

– Por quê?

– Porque tentar devolver exigia que eu o visse, ou falasse com ele, e era isso que eu estava tentando evitar.

Harris Carlisle intercedeu.

– Acho que já entendemos o conceito de assédio, de perseguição, não é, Tom? Ski? O homem a infernizou além da conta e, na noite passada, a obsessão dele ficou violenta.

O delegado fez que sim com a cabeça.

– Por favor, Berry, continue.

– Esqueci onde eu estava.

– Você veio passar o verão aqui.

– Eu esperava me livrar do Oren para sempre. Não sei como ele descobriu o endereço da casa do lago da minha mãe. Não está na lista telefônica – ela disse baixinho.

A lembrança do que tinha acontecido fez a emoção bloquear a garganta dela.

A mãe perguntou em voz baixa se ela queria água. Berry balançou a cabeça. Caroline pegou a mão da filha e a apertou para demonstrar seu apoio. O policial se remexeu na poltrona, fez a velha madeira ranger e olhou para a porta, como se estivesse ansioso por um recesso.

Berry ficou tentada a perguntar se estava impedindo que ele atendesse a algo mais importante, mas entendeu que era óbvio que estava. Era ele que coordenava a busca de Oren. Quanto mais cedo aquilo terminasse, mais rápido voltaria para essa busca.

Sem querer demorar mais ainda, ela retomou sua história.

– Oren foi até a casa na noite passada. Levei um susto danado com ele. Eu estava no chuveiro. De repente, a cortina abriu e lá estava ele, estilo *Psicose*. Só que, em vez de uma faca, ele apontava uma arma para mim.

O delegado se virou para Caroline.

– Pelo que entendi, você tinha saído.

– Estive fora o dia inteiro. Não fiquei muito em casa de propósito, porque Berry tinha me dito que ela e o sr. Lofland iam trabalhar num projeto muito importante. Eu não queria atrapalhá-los.

"Depois do trabalho, fui direto do escritório para um jantar oferecido por antigos clientes. Uma espécie de comemoração de mudança para uma nova casa. Eu tinha dito a Berry que não me esperasse acordada, porque não sabia a que horas ia chegar. Parece que cheguei logo depois do policial Nyland. Um policial estava de guarda na minha porta da frente. Ele me proibiu de entrar.

"Berry tinha tentado ligar para me alertar do problema, mas meu celular estava na minha bolsa e eu o pus para não tocar durante o jantar. Nem pensei em verificar antes de voltar para casa."

O delegado olhou para Nyland.

– Quando ela chegou lá, vocês dois, você e Berry, ainda estavam no segundo andar?

– Nós ouvimos a discussão de Andy com a sra. King na porta da frente. Descemos. A sra. King chamou o dr. Carlisle.

– Que foi a coisa certa a fazer.

O policial concordou meneando a cabeça.

– Assim que ele chegou, eu continuei entrevistando a srta. Malone. A primeira coisa que perguntei foi se Starks tinha arrombado a casa. Não tinha.

– Isso está certo, delegado – confirmou Berry. – Todas as portas da casa estavam destrancadas. Ben e eu tínhamos estado na piscina, fizemos uns bifes na grelha para o jantar ao ar livre, de modo que entrávamos e saíamos da casa a noite toda. Eu ainda não tinha fechado tudo para ir dormir.

"Oren simplesmente entrou pela porta da frente. Pelo menos, é o que imagino, que ele usou a porta da frente, porque foi por lá que saiu. O tempo entre ele abrir a cortina do chuveiro e eu ligar para 911 não pode ter passado de alguns minutos. Tudo aconteceu num instante."

– Na sua declaração, você disse que o homem estava louco.

– Ela disse que ele estava descontrolado.

Berry se virou rapidamente para o policial Nyland outra vez, surpresa de ele ter se lembrado da palavra exata que ela usou para descrever o estado de Oren.

– Isso mesmo. Ele parecia delirante. Ficava dizendo: "Eu tenho de te matar. Você entende isso, não entende? Eu preciso matar você."

Ao lado da filha, Caroline estremeceu e apertou mais a mão dela.

– Assim que vi Oren e a pistola, berrei. Isso o perturbou mais ainda, eu acho. Ele me mandou calar e ficava repetindo: "Eu não tenho opção. Preciso fazer isso. Você não vê? Não entende?" Parecia uma espécie de mantra. Ele estava...

Os quatro olharam para ela ansiosos. Berry ficou procurando a palavra e olhando para eles, um de cada vez, e terminou encarando o policial, cujo olhar cinzento continuou firme.

– Descontrolado – ela disse, sacudindo os ombros, conformada. – Essa é a melhor palavra para descrevê-lo.

– Bem, ele foi até lá para matá-la – observou o advogado. – Não se poderia esperar que estivesse raciocinando direito.

– É.

– Você já tinha visto esse lado dele alguma vez antes? – perguntou o delegado.

– Só uma vez, quando ele ficou muito zangado comigo por rejeitá-lo. Mas, na noite passada, ele estava mais furioso do que naquele dia.

Berry quis um tempo para pensar, mas então Nyland olhou de novo para a porta e ela resolveu continuar.

– Ben deve ter ouvido os meus gritos e os delírios de Oren. Ele entrou correndo, vindo do quarto de hóspedes. Quando chegou à porta do banheiro, Oren ouviu, deu meia-volta e disparou.

Ela fez uma pausa ao reviver aquele momento apavorante. O estampido estarrecedor, a inacreditável visão de Ben caindo para trás, a expressão de louco na cara de Oren quando ele virou de frente para ela de novo. Enquanto isso, Berry dizia para ela mesma que coisas assim não aconteciam com pessoas boas e normais como ela.

Mas tinham acontecido. Ela vivenciou isso. Só que agora, ao tentar descrever a cena e a sua reação, teve certeza de que suas palavras seriam inadequadas para transmitir o que sentiu naquela hora.

– Só posso dizer que foi irreal e ao mesmo tempo foi a realidade levada a uma outra dimensão. Todas as sensações ampliadas ao máximo. Depois do disparo da arma, lembro-me de ter tido a impressão de que o tempo havia parado, de animação suspensa. Mas então Oren se virou e saiu correndo de repente. Isso me deixou paralisada. Saí da banheira. Parei um pouco, apenas tempo suficiente para me abaixar e dizer para o Ben que ia chamar socorro, então saí correndo para ver o que Oren estava fazendo, para onde tinha ido.

– Você não teve medo de que ele atirasse em você também?

– Ela explicou isso ontem para o Ski.

– Acalme-se, Harry – disse o delegado, repreendendo de leve o advogado. – Só perguntei porque fiquei curioso.

Harris Carlisle fez sinal para Berry continuar.

– Sinceramente, eu nem pensei nisso, senão não teria feito aquilo – disse ela. – Agi instintivamente. Corri atrás do Oren e, quando cheguei ao topo da escada, ele já estava descendo. Quando chegou ao primeiro lance, ele escorregou e caiu. Desceu rolando o resto dos degraus até o térreo e aterrissou de costas.

"Ele me viu olhando para ele lá de cima. Ergueu o corpo, apontou a arma para mim e foi naquela hora que tive certeza de que eu ia morrer. Joguei-me no chão e procurei me proteger atrás da balaustrada. Ele apertou o gatilho sem parar, até esvaziar a pistola."

A mãe pôs uma das mãos sobre a dela e a outra na frente da boca, para abafar um ruído baixo, de nervoso.

– Milagrosamente ele errou os tiros – continuou Berry. – Percebeu que não tinha mais balas, esforçou-se para ficar de pé. Ele berrava: "Vou matar você. Você tem de morrer." Coisas assim, repetindo sem parar. Então deu meia-volta e saiu mancando da casa.

Depois de um breve silêncio, Nyland perguntou:

– Ele não recarregou a arma?

– Não.

– Ele só saiu correndo, jurando que ia matá-la.

– Isso mesmo.

– É compatível com o que ela contou ontem à noite, Ski – o advogado lembrou.

– É, eu sei. – Ski encarou Berry e ela praticamente viu as engrenagens funcionando atrás daqueles olhos cinzentos. – Lofland estava caído. Você estava sozinha e indefesa.

– Sim.

– Starks a pegou na banheira, onde podia ter atirado em você à queima-roupa. Em vez disso, ele saiu como se quisesse fugir. Depois você foi atrás dele, ainda sem defesa, certo?

– Certo.

– Ainda não estava com a sua pistola?

– Não.

– Starks acabou com as balas dele disparando de um ângulo complicado, a uma distância de... quanto? Uns dez metros?

– Acho que sim. Eu não sei.

O delegado chegou para frente.

– Aonde você quer chegar, Ski?

Ele olhou para o seu chefe.

– Se Starks tinha mesmo intenção de matá-la, dizia que precisava fazer isso, dizia que ela tinha de morrer e tudo o mais, por que não atirou nela dentro da banheira? Por que vociferar ameaças contra a vida dela, depois dar meia-volta e correr, se ele podia tê-la matado naquela hora? Não faz sentido para mim.

– As pessoas fazem loucuras – disse o delegado. – Ele se acovardou. Ele viu Deus. Quem vai saber? Naquela situação extrema, o melhor que podia fazer era ameaçá-la, não exatamente agir ao pé da letra.

– Acho que sim – disse o policial, mas não soou convencido.

– Eu só posso contar o que aconteceu, policial Nyland – disse Berry. – Não posso explicar o comportamento do Oren. Eu não sei por que ele não aproveitou a oportunidade para me matar com um tiro. Mas ainda bem que não fez isso.

– Isso está subentendido – ele resmungou.

– Por favor, continue, Berry – pediu o delegado. – O que aconteceu depois?

– Com Oren fora de vista, eu voltei correndo para o quarto e liguei para 911 do telefone fixo da minha mãe. Eu não ouvi motor de carro nenhum, por isso não tinha certeza se Oren tinha saído da propriedade. Com medo de que ele voltasse, tirei a arma da gaveta da mesa de cabeceira. Tinha guardado lá no dia em que me mudei para a casa do lago.

– Mesmo depois de sair de Houston, ela temia por sua segurança em relação a esse cara – disse o advogado. – Ela comprou a arma por precaução, Tom. Está registrada no nome dela, e ela tem porte de arma.

– Acredito em você, Harry – disse o delegado com um suspiro impaciente. – Minha mulher tem uma vinte e dois na mesa de cabeceira e só a tira de lá quando os netos vão nos visitar.

Ele se virou de novo para Berry.

– Acho que é só isso – ela disse. – Fiquei lá no quarto com Ben até os socorristas chegarem.

O delegado soltou o ar lentamente.

– Temos sorte de você estar aqui conosco hoje.

Caroline meneou a cabeça muito séria.

– Qual é a última notícia sobre o estado de Ben Lofland? – perguntou o delegado.

– Boa – respondeu Nyland. – Está se recuperando da cirurgia. A mulher dele está ao seu lado.

Berry sabia que essa última frase era só para constrangê-la. Olhou feio para ele, mas o policial estava falando com o delegado e não notou.

– A polícia de Houston e a unidade de Operações Especiais do município de Harris estão nos ajudando na caça ao Starks.

– Você está com o mandado de prisão?

– Bem aqui – ele disse, dando um tapinha no bolso sobre o peito. – Passei no escritório do promotor público quando vinha para cá. – Ele olhou para Berry. – Por isso me atrasei.

– Starks tem algum antecedente de prisão?

Nyland se virou para o delegado outra vez e balançou a cabeça.

– Nenhuma ficha criminal. Completamente limpo. Não tem sequer uma multa de trânsito. Ele não está na casa dele, embora o carro registrado em seu nome esteja lá na garagem.

– Ele deve ter alugado um carro – disse Berry.

– Não há nenhum registro disso.

– Muito bem, então deve ter roubado um – ela disse, irritada. – Ou pegado emprestado de alguém. Ou foi para lá patinando. Eu não sei como ele chegou aqui. O que sei é que é inteligente demais para usar o próprio carro, se já veio com a intenção de me matar.

Caroline intercedeu.

– Policial Nyland, podemos nos sentir um pouco melhor com a situação se o senhor nos explicar os esforços que estão sendo feitos para capturá-lo.

Ele virou os olhos faiscantes para Caroline.

– Sim, senhora. Quando eu estava entrevistando a srta. Malone ontem à noite, outros policiais já estavam notificando os delegados dos municípios vizinhos. Eles despacharam seu efetivo imediatamente.

"Mas só o município de Merritt tem mais de mil e quinhentos quilômetros quadrados, e grande parte é território inexplorado. Somos apenas doze aqui na nossa delegacia, incluindo o intendente do tribunal, um carcereiro e um professor aposentado que vem três dias por semana para nos ajudar com a papelada."

– Ele tem razão – disse o delegado. – E os municípios vizinhos têm o mesmo tamanho e composição, e até menos policiais do que nós.

– O que queremos dizer – disse Nyland – é que há muitos esconderijos bons nessa parte do estado e poucos policiais.

Berry tinha certeza de que a intenção da mãe dela não era questionar a competência do policial Nyland, nem indiretamente, mas parecia que Nyland se ressentia com críticas.

Ninguém falou nada durante um tempo, então Berry acrescentou:

– Tenho quase certeza de que Oren machucou a perna quando caiu da escada. Estava praticamente pulando numa perna só quando saiu da casa.

– Tenho certeza de que vocês investigaram todos os postos médicos da região – disse o delegado Drummond, aguardando a confirmação do policial.

– Ontem à noite, senhor, e essa busca continua até agora.

– Segurança Pública?

– Ontem à noite enviei e-mail geral. Segurança Pública, Guarda Florestal do Texas, todos os departamentos policiais municipais. Dei uma descrição de Starks, mas, infelizmente, não sabemos que veículo ele está usando.

– Sinto muito – disse Berry. – Acho que eu devia ter seguido Oren quando ele saiu da casa. Mas, àquela altura, eu não sabia se Ben estava morto ou vivo. Minha principal preocupação era conseguir socorro médico para ele.

– Compreensível – disse o delegado.

Nyland olhou para Berry.

– Tem alguma fotografia dele?

– Do Oren? Não.

– Não encontramos nenhuma quando revistamos a casa dele.

– Nem uma fotografia? Isso é estranho, não acham? – Caroline perguntou, dirigindo-se a todos.

– Essa história toda é estranha – disse o policial, quase sussurrando. – Vou pedir à polícia de Houston para ir até aquela firma de marketing para ver se eles têm alguma foto de Starks na ficha funcional. Seria bom ter uma para circular por aí – ele se levantou. – Desculpem, mas tenho de pedir licença para voltar à busca. O senhor sabe onde me encontrar – ele disse para o delegado.

– Quero que me mantenha informado, Ski. Não use as linhas oficiais. Ligue direto para o meu celular.

– Sim, senhor. – Ele inclinou a cabeça para o advogado. – Dr. Carlisle. – Para Berry e a mãe dela, tocou num chapéu imaginário. – Senhoras.

Então saiu. Assim que fechou a porta, o delegado Drummond disse:

– Os modos do Ski podiam levar uma camada de verniz, mas vocês não encontrariam ninguém melhor para liderar essa caçada. O histórico dele é...

Ele foi interrompido por um bipe suave.

– Com licença, Tom.

Caroline tirou o celular da bolsa. Logo que olhou para a pequena tela, ficou de pé.

– Eu estava esperando essa ligação. Realmente preciso atender.

Sem dizer mais nada, Caroline saiu da sala. Berry ficou olhando para ela, sem entender aquela falta de educação atípica da mãe.

– Deve ser importante – observou o delegado em voz alta.

Berry concordou.

– Deve ser.

CAPÍTULO 3

Dodge amaldiçoou o teclado do seu celular, imaginando quem teria dedos tão pequenos para conseguir digitar alguma coisa nele.

– Malditos aparelhinhos eletrônicos – resmungou.

Claro que ajudaria se, na hora em que tentava cutucar sua mensagem, ele não estivesse dirigindo um carro que não conhecia e acendendo um cigarro ao mesmo tempo.

Ele acabou desistindo de passar o corretor de digitação e enviou a mensagem com alguns poucos erros de grafia. O que importava era que Caroline saberia que ele estava a caminho de Merritt.

Ainda não conseguia acreditar que, depois de trinta anos, Caroline o tinha procurado. Ela ligou com um pedido desesperado de ajuda. Para Berry, não para ela mesma. *Não estou pedindo que me ajude, Dodge*, ela dissera.

Ah, que bom, ele respondeu. Porque, se Caroline tivesse pedido algum favor pessoal, ele teria desligado o telefone na cara dela. Ele tinha certeza de que faria isso. Provavelmente. Talvez fizesse.

Mas Caroline era inteligente demais para usar esse tipo de abordagem. Em vez disso, tinha ligado para ele em nome da segurança da filha deles. Ele passaria por um verdadeiro filho da mãe se não comparecesse pelo menos para dar uma olhada na situação, não é?

Derek e Julie acharam isso e disseram para ele. Insistiram em levá-lo até o aeroporto, puseram-no dentro do carro deles sem mais discussão. Os dois até chegaram a apressá-lo na compra da passagem e foram com ele até a barreira da segurança, achando que ele podia desistir daquela decisão não muito firme de ir.

Durante todo o voo, ele ficou se convencendo de que podia muito bem pegar um retorno no aeroporto de Houston e voltar para a Georgia. Ou então podia ir passar alguns dias em algum outro lugar. México parecia bom. Tequila e damas de olhos castanhos. Ou uma ilha caribenha. Havia muitas para

escolher. Todas com mulheres de biquíni fio dental que combinavam com os fortes coquetéis coloridos. É, areia, mar e encher a cara parecia ótimo.

Em vez disso, ele ligou para Caroline assim que aterrissou no Intercontinental, antes mesmo do avião chegar ao portão de desembarque.

Quando ela atendeu, parecia ofegante... aliviada?... e disse que não era problema falar ao celular naquele momento, mas que ia enviar por mensagem a indicação do lugar onde se encontrariam. Na mensagem, ela acrescentou um pós-escrito pedindo que ele lhe enviasse uma mensagem quando estivesse no carro alugado, indo para lá.

Foi o que ele fez, e agora estava a uma hora e meia de vê-la.

Aquela ideia o deixou cheio de ansiedade, e ele ficou furioso consigo mesmo por isso. Ia deixar bem claro para ela, desde o primeiro momento, que não se permitiria ser envolvido em qualquer encrenca que não era dele. Que tinha ido lá só para ouvir, dar algum conselho, se pudesse, e depois ir embora. Se, em qualquer momento, descobrisse que era um alarme falso dela, lhe diria que se danasse, que resolvesse seus problemas sozinha, porque foi assim que ela quis. Bem, não foi?

Ele devia ter dito isso para ela na véspera, na hora em que ela se identificou. Devia ter desligado, terminado de fumar seu cigarro, virado de lado e dormido de novo.

Mas não, tinha se levantado, tomado uma ducha e se vestido. Até fez uma mala, para a remota possibilidade de perder o juízo e atender ao pedido dela.

Enquanto esperava o sol raiar para procurar Derek com a esperança de não ter autorização para tirar uns dias de folga, ele ficou lá sentado no seu quarto desarrumado, na patética cama de casal, olhando para a escuridão solitária, imaginando de novo se a ligação tinha sido um sonho.

Porque, antes disso, não sonhava com Caroline havia pelo menos... três ou quatro noites.

Nunca esteve em Merritt, não tinha sequer certeza de que já ouvira falar do lugar antes. Pegou a interestadual norte para sair de Houston, passou para uma estrada de quatro pistas que corria num ângulo um pouco para o leste por cerca de cem quilômetros, até pegar uma rodovia de mão dupla transversal,

diretamente para o leste, que cortava uma floresta de pinheiros como uma flecha.

A paisagem era bonita, o tipo de floresta que a maioria das pessoas não associava ao Texas, que costumava lembrar planícies desérticas, amarantos e silhuetas de torres de petróleo contra um céu infinito. Havia muitos poços de petróleo e de gás no leste do Texas também, mas as florestas cerradas os escondiam. Naquela parte do estado, o céu parecia menor, mais próximo.

A trinta e poucos quilômetros de Merritt, ele começou a ver cartazes de lojas de artigos de pesca e de taxidermistas, de ancoradouros públicos, locais de veraneio à beira de lagos, cabanas para alugar e acampamentos para trailers. Faltando dois quilômetros, avistou uma placa rosa e branca da Casa de Chá da Mabel e seu estômago deu uma cambalhota.

Casa de Chá da Mabel. À esquerda, quando estiver quase chegando, logo que passar da placa do limite da cidade, 14:30. Essa foi a resposta de Caroline ao texto dele.

Olhou para o relógio no painel e viu que ia chegar bem na hora marcada. Aliás, esperava chegar mais cedo para estar lá quando ela entrasse, para poder vê-la antes que ela o visse.

Trinta anos eram capazes de provocar muitos danos. Ficou imaginando de que forma Caroline tinha resistido ao tempo. O cabelo podia ter ficado grisalho. Talvez estivesse cheia de rugas, flácida, gorda. Se fosse assim, ele pareceria muito bem, em comparação.

Mas o que ele temia era que seu modo de vida naquelas últimas três décadas estivesse escandalosamente aparente. Ela ia ver rugas em seu rosto que foram marcadas por vícios, vida sacrificada e negligência completa com a saúde.

Só que era tarde demais para se preocupar com isso. O estrago já estava feito, e ele estava lá.

A Casa de Chá da Mabel tinha cortinas de renda nas janelas e gerânios cor-de-rosa em vasos brancos dos dois lados da entrada. Dodge ficou imaginando se algum dos três carros estacionados na frente era de Caroline.

Ficou contente de ter investido tempo no aeroporto para mandar engraxar o sapato. Talvez devesse ter cortado o cabelo também, e feito a barba num barbeiro, mas então não teria chegado lá às duas e meia.

Adoraria fumar um cigarro. Talvez bastasse uma tragada para escorá-lo nos próximos segundos. Mas...

Ele empurrou a porta e entrou. Um sininho em cima da porta anunciou a sua chegada, alto e escandaloso como o Big Ben para ele. O lugar era um único salão. Três mesinhas estavam ocupadas. Uma delas por Caroline.

Quando a viu, seu coração traidor estremeceu e quase parou. Meu Deus, ela estava linda. Absolutamente, totalmente deslumbrante e linda para ele como da última vez em que a viu.

Ele era a única pessoa no lugar que tinha testículos, por isso sentiu-se à vontade e discreto como um mamute peludo ao ir ao encontro dela. Caroline se levantou quando ele se aproximou e estendeu a mão direita.

Bem, essa era uma pergunta respondida: não haveria abraço. Nem mesmo um "há quanto tempo".

– Dodge, obrigada por vir.

Apesar de não ter reconhecido a voz dela imediatamente ao telefone na noite anterior, provavelmente porque era a última que esperava ouvir, ele percebeu que os anos não a alteraram nem um pouco. No momento, tinha um certo tremor, como se estivesse tão nervosa por revê-lo quanto ele.

– Tive medo de que não viesse – ela disse.

– Eu quase não vim.

Ela soltou a mão dele logo depois de um firme aperto e se sentou. Ele puxou a cadeira na frente dela e se sentou também. Por um tempo, ficaram apenas se olhando.

O cabelo dela estava mais claro do que ele lembrava. Talvez usasse tonalizante louro para esconder o grisalho. De qualquer modo, ele gostou. Ainda era aquela cor intensa de canela que jamais tinha visto em ninguém desde que a conheceu até agora.

Olhos cor de *sherry*. Uma vez, quando ele se aventurou na poesia, poesia para ele, de qualquer modo, sobre o colorido dela, Caroline deu risada. *Canela e sherry? Acho que você leu isso num livro de receitas.* E ele respondeu: *Pode ser, porque você dá água na boca*.

Ele apostou que ainda conseguia envolver a cintura dela com as mãos. Um vento forte podia carregá-la para longe. Examinando mais de perto, viu algumas rugas nos cantos dos olhos e uma pequena flacidez na pele ao longo

do maxilar, mas sua tez continuava imaculada e parecia macia como sempre. Olhar para ela fez Dodge morrer de saudade.

Percebeu que aquele escrutínio demorado era doloroso para ela, do mesmo modo como que para ele. Um sofrimento, porque ele não conseguia engolir aquela visão tão depressa, e doloroso para ela porque notava no rosto dele os efeitos corrosivos da vida que tinha levado desde a última vez que se viram.

Ela pigarreou.

– Como foi a viagem?

– Boa.

– Muito trânsito?

– Não muito.

– Nenhum problema com as minhas indicações?

– Eu cheguei aqui. – Ele tentou sorrir, mas sentiu os lábios paralisados.

– Bem-vindos à casa da Mabel. O que vão querer?

Dodge não tinha percebido que a garçonete estava ali. Sem saber o que dizer, ele olhou para Caroline, à procura de alguma dica.

– Quero um Darjeeling, por favor – ela pediu.

Ele não tinha a menor ideia do que fosse aquilo. Fez um esforço para mover os lábios, perguntou se tinham Coca comum, a garçonete respondeu que sim e ele pediu uma.

– Alguma coisa para comer? Nossos pães de damasco estão valendo as calorias.

– Nada para mim – disse Caroline.

– Para mim, também não, obrigado.

A garçonete se afastou para pegar as bebidas. Dodge não reparou na hora, nem se lembrou, depois, da cara da garçonete, se ela era jovem, velha, alta, baixa, magra, gorda, se ficou desapontada porque eles não quiseram experimentar os pães de damasco, ou se não deu a mínima, desejando apenas que seu turno acabasse, para dar o fora dali. Ele estava funcionando em um vácuo.

Caroline deve ter sentido o seu desconforto.

– Escolhi esse lugar porque nunca estive aqui. Conheço muita gente na cidade, e é uma comunidade simpática. Achei que nosso primeiro encontro devia ser num lugar em que não fôssemos interrompidos.

Ele quis perguntar qual seria o problema do encontro ser na casa dela, mas já sabia a resposta. Ela queria encontrá-lo num lugar público, onde fosse menos provável ocorrer qualquer cena.

– Está ótimo. Só é... – ele olhou em volta – ... fresco demais.

Ela sorriu e ele se acalmou um pouco com isso.

– Não sei por onde começar – ela disse. – Não sei nada da sua vida em Atlanta.

– O que quer saber?

– Por que lá?

– Foi onde parei sem gasolina. Achei que era um lugar tão bom quanto qualquer outro.

– Você entrou para a polícia?

– Delegacia do município de Fulton. Eles tinham uma vaga para admissão imediata. Trabalho bom. Bons benefícios. Fiquei lá vinte e cinco anos. Mas a cidade cresceu, especialmente em arrogância. A delegacia ficou muito conservadora. Eu enjoei de tantas regras e regulamentos.

"Então, resolvi um caso e tive de testemunhar num julgamento. Foi onde conheci Derek Mitchell, advogado. Ele me interrogou. Estávamos em lados opostos, mas ficamos impressionados um com o outro. Ele perguntou se eu estava interessado em trabalhar para ele, como investigador na sua firma."

– Menos conservadora?

Ele deu de ombros.

– Está indo bem até agora.

– Foi muita generosidade do sr. Mitchell deixá-lo vir para cá assim de última hora.

– Como patrão, ele é bom.

Ela mudou a posição das pernas embaixo da mesa e se concentrou muito em alisar o guardanapo no colo, de olhos baixos.

– Você tem uma família?

– Não.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

– Nunca se casou?

Ele respondeu com uma risada.

– Quem me dera!

Caroline deu a impressão de querer ceder à curiosidade natural e perguntar sobre o seu estado civil, mas não o fez. Inteligente, pensou ele.

– Até a noite passada você não sabia que eu era viúva – ela disse.

– Não.

– Continuo no mercado imobiliário. Você sabia disso?

– Concluí que devia ter continuado.

– Imaginei que tivesse... isto é, sendo investigador, achei que teria...

– Sabido dos seus passos nesses anos todos?

– Sinceramente, sim.

– E sinceramente, eu fiz isso. Por um tempo. Então... parei.

– Perdeu o interesse?

– Perdi a esperança.

Isso soou patético até para ele mesmo. E disse, quase rosnando:

– Imagino que não seja permitido fumar aqui.

Ela recuou a cabeça alguns centímetros.

– Você *fuma*?

Ele riu.

– Eu não fumo, exatamente. Apenas trago. Fumar leva tempo demais para transportar nicotina para minha circulação sanguínea.

– Quando começou a fumar?

– Há trinta anos.

O significado do tempo não passou despercebido para Caroline. Ela olhou nos olhos dele alguns segundos e então disse:

– Devia parar.

– Para quê?

Ficaram se encarando até a garçonete chegar com o chá de Caroline e a Coca de Dodge, servida em uma das garrafas antigas, com um fino copo cheio de gelo num pratinho de porcelana com uma rendinha de papel embaixo. Será que não tinham Coca-Cola em lata comum no Texas? Ele não tocou em nada, com medo de quebrar alguma coisa.

Caroline agradeceu à garçonete, pôs açúcar na xícara e serviu o chá fumegante de um pequeno bule branco com flores cor-de-rosa pintadas.

– Ainda está fraco. Não deixei curtir bastante – ela observou.

Muito bem, chega de lero-lero.

– Você vai falar sério comigo, ou não?

Ela pôs a colher no pires. Bateu na xícara, como se sua mão não estivesse bem firme. Ela olhou para ele.

– Na noite passada, na minha casa, um homem levou um tiro e ficou gravemente ferido. Berry estava lá.

Dodge botou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo, com os dedos na frente da boca. Caroline falou os quinze minutos seguintes, parando só de vez em quando para enfatizar algum detalhe, ou para organizar seus pensamentos. Ele ouviu sem interromper. Adoraria ficar ali sentado olhando para o rosto dela e ouvindo sua voz até que os vícios o alcançassem e fizessem seu coração parar de bater.

Mas, depois de um tempo, ela parou de falar e deu um suspiro profundo.

– Por volta do meio-dia tivemos uma breve reunião com o delegado – ela disse. – Tom Drummond. É um bom homem. Somos amigos socialmente. Ele tem esse cargo há séculos. Berry contou a ele os acontecimentos da noite passada, embora eu ache que a reunião foi mais uma cortesia a mim do que qualquer outra coisa. As funções do Tom são basicamente administrativas. Ele confia no policial Nyland para fazer o trabalho investigativo.

– Vocês tinham um advogado presente nessa reunião?

– Sim. Ontem à noite e hoje também.

– Ótimo.

– Ele não foi necessário. Berry não está sob suspeita. Não mudou uma linha do primeiro relato ao policial Nyland.

– Eles acreditaram nela?

Caroline se surpreendeu com a pergunta.

– Por que não acreditariam?

– Acreditaram?

– Parece que sim.

Dodge não comentou.

– Então, em que pé estão as coisas agora? – ele perguntou.

– A versão oficial é de que Oren Starks está sendo procurado para ser interrogado, mas o policial Nyland já tem um mandado de prisão para ele. Assim que obtive permissão dele, contratei profissionais para limpar a bagunça na casa. Eles estão lá agora.

"Eu não quis que Berry visse aquilo tudo de novo até voltar ao normal, por isso, depois da nossa reunião no fórum, fomos almoçar no clube de campo. Depois a deixei no hospital. Ela queria ver como está o amigo. E eu vim para cá encontrar você."

Ela bebeu o primeiro gole de chá. Não estava mais fumegante. Dodge observou as mãos graciosas, a forma de segurar a xícara e o pires delicados. Os dedos dela eram quase tão translúcidos quanto a louça.

– Isso é tudo até agora.

Dodge esperou alguns segundos e então perguntou:

– Ela sabe que estou aqui?

Caroline balançou a cabeça.

– Ela sabe que você me procurou?

Outro balançar de cabeça.

Havia muitas perguntas que não tinham sido feitas sobre esse assunto, pairando entre os dois. Por enquanto, era melhor deixá-las pairando.

– Esse policial... Nyland? Ele consegue encontrar o rabo com as duas mãos?

Ela sorriu.

– Seu discurso continua rico, estou percebendo.

– Então me processa – ele disse, e ela deu risada.

Música para os ouvidos dele. Então ela ficou séria de novo, pensativa, avaliando a resposta para a pergunta dele. Concentrada assim, a testa de Caroline enrugava, exatamente como ele lembrava. Mas as rugas estavam um pouco mais profundas.

– Tom o elogia muito. E confia bastante nele.

– Tinha de ser assim, Nyland é o braço direito dele.

– Pelo pouco que vi, parece competente.

– Como ele é?

– Suas características, você quer dizer? Sério. Muito prático. Observador. Homem de poucas palavras. Chega a ser meio agressivo às vezes.

– Conheço um monte de policiais conservadores que seguem as regras e que jamais resolveram algum crime, ou pegaram um fugitivo – resmungou Dodge. – Então, voltemos à minha pergunta original.

– Eu não conheço a capacidade dele, Dodge – ela respondeu com uma ponta de impaciência. – Em parte, foi por isso que chamei você.

Ele queria saber qual era a outra parte desse "em parte", mas de novo preferiu guardar essa conversa para mais tarde. Se houvesse mais tarde. Isso ainda era um enorme "se". Até ali, aquilo parecia coisa de amador. Uma bala, perda de sangue, mas não o acontecimento calamitoso, feito o abalo sísmico que ele esperava quando arrumou a mala na véspera.

– Esse safado desse Starks – ele disse. – O que você sabe sobre ele?

– Só o que Berry me contou.

– Vou precisar de mais do que isso, Caroline. Preciso saber o que ela não contou a você, ou o que nem ela sabe.

– Foi o que pensei. O que posso dizer é que ele a está infernizando há meses. Ela estava enlouquecendo quando a convenci a sair de Houston esse verão. Ela concordou, mas não tem sido fácil para ela.

– Não tem sido fácil em que sentido?

– Ela é muito concentrada e ambiciosa. Tem trabalhado com o máximo empenho na casa do lago, mas não é a mesma coisa de quando trabalha no escritório dela. Eu sei porque já fiz isso. Há problemas inerentes ao trabalho fora de um lugar central. Ela não comentou comigo sobre quaisquer detalhes das dificuldades impostas pela distância do escritório, mas dá pra ver que ela está preocupada, ou...

– Vocês duas se dão bem, são íntimas?

– Muito, Dodge – ela respondeu enfaticamente. – Muito.

Foi como uma estocada no coração saber que elas eram muito importantes uma para a outra, e que ele tinha sido tão dispensável para ambas. Mas ele não fez nada para ter qualquer importância, não é? Havia motivos para não fazer falta na vida delas.

O sentimento de culpa é um parasita capaz de nos comer vivos, mas só se deixamos. Por isso, ele afastou os pensamentos de autodepreciação da cabeça e se concentrou no que Caroline estava contando sobre a filha que ele não conhecia.

– Oren Starks transformou a vida dela num inferno, senão ela não teria se mudado para Merritt, nem por um tempo mais curto. Ela estaria em Houston, na Delray, trabalhando. Ela se alimenta disso. Vive para isso. No ano passado, alguém obteve a promoção que ela esperava ter, e ela ficou arrasada. De forma admirável, Berry usou essa decepção para impulsioná-la, de modo que, da

próxima vez que surgisse a possibilidade de uma promoção, ela a conseguisse. A carreira dela na Delray tem sido o centro da sua vida.

A expressão de Caroline ficou mais tensa ainda.

– Ela jamais teria imposto esse autoexílio se não sentisse que não tinha escolha. E isso deve servir para você ver o quanto ela passou a temer esse homem. Você chamou Oren Starks de safado, mas acho que ele é mais perigoso do que isso, Dodge. E acredito que Berry também teme que ele seja. A noite passada provou isso.

– É, vamos falar mais da noite passada.

Dodge deixou de lado sua timidez em relação a tudo que era frágil, empurrou o copo com o gelo derretendo e bebeu um gole do refrigerante direto da garrafa.

– Especificamente sobre esse Ben Lofland.

– Ele vai sobreviver ao ferimento.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Caroline ficou mexendo na colher, evitando contato visual.

– Ele e Berry são amigos.

– Ele é casado.

– E bem casado, diz Berry. – O silêncio de Dodge fez Caroline olhar para ele de novo. – Acredito nela, Dodge. Ela nunca mentiu para mim. Se diz que a relação deles é platônica, então é platônica.

Ele bebeu mais um gole da Coca, mas continuou com os olhos fixos nela.

– Tudo bem. Então, o cara apanhado de cueca se recupera do tiro e vive feliz para sempre com sua mulher oh-tão-compreensiva. O delegado Tom, competente veterano, que é seu amigo social bonzinho, junto com seu assistente confiável e certinho, pega o bandido e o põe atrás das grades. Berry retorna ao seu escritório em Houston. Aí tudo fica bem e a vida continua. – Ele se inclinou para frente. – Por que pediu para eu vir para cá? Apresente algo mais horroroso do que isso, senão eu volto para Atlanta.

– O que é mais horrível do que a vida de Berry ter sido ameaçada?

– É exatamente isso que estou querendo que você diga – disse ele, com voz baixa e tensa. – As ameaças de morte de um cara descontrolado, babando e vociferando, não podem ser levadas a sério, a menos que a motivação dele para

estar descontrolado, babando e vociferando, seja séria. Por isso, ou você desembucha logo o que ainda não me contou, ou estou de saída.

Os olhos dela faiscaram.

– Você continua agressivo, não é?

– É. E continuo querendo trepar com você. Como na primeira vez em que pus os olhos em você.

CAPÍTULO 4

Houston, Texas, 1978

Dodge botou dois copos de isopor com tampa com café sobre o balcão.

A caixa sorriu para ele.

– Só isso?

– Que tal incluir aquele roscas de graça?

Ele apontou para a caixa de acrílico transparente, que de manhã estava cheia de produtos recém-saídos do forno. Àquela hora da noite, só restava uma rosca açucarada e outra com cobertura de chocolate.

– Hã-hã. De jeito nenhum.

– Você não vai vendê-las. Já estão secas. Está vendo as rachaduras naquele chocolate?

– A última vez que lhe dei alguma coisa de graça, aquela torta Esquimó, lembra?, tive problemas sérios com o patrão.

– Ora, ora, Doris – Dodge provocou. – Ele não está aqui – ele piscou para ela. – Eu não vou dedurar você.

– Ele é árabe, sabe? – Ela disse baixinho. – Vai chamar isso de roubo e vai cortar fora minha mão, alguma coisa assim.

– Bonitinho, está bem? Com açúcar, por favor?

– Ah, que seja! – Ela olhou para a câmera de segurança. – Então, pelo menos, finja que está pagando.

– Você é o máximo, Doris.

– E você é um monte de merda. Não esqueci que prometeu me levar para dançar.

Ele sorriu de orelha a orelha e disse:

– Estou tendo aula de dança.

– Ah, sei.

Com o canto do olho, ele viu o clarão dos faróis da radiopatrulha estacionada na frente.

– Tenho de ir. Não precisa embrulhar as roscas. Apenas ponha em cima dos copos de café.

Ela fez o que ele pediu e, quando ele foi saindo de costas, equilibrando os copos e as roscas, ela disse:

– Vou cobrar o programa com você.

O parceiro de Dodge deixou o motor ligado. Esticou o corpo por cima do banco do carona e empurrou a porta para Dodge entrar.

– Vamos nessa.

Dodge deixou as roscas caírem dos copos sobre o console.

– Você fica com o açucarado, eu, com o chocolate.

– Você ficou com o chocolate a última vez.

– Pode me processar.

Dodge botou o copo dele no porta-copo e prendeu o cinto de segurança.

– Sou eu que estou roubando do árabe, e um dia desses talvez tenha de cumprir minha promessa de levar a Doris para dançar. O que temos aí? – perguntou ele enquanto prendia a tampa de plástico no copo de café para o parceiro poder beber dirigindo.

O parceiro já tinha arrancado do estacionamento e ligado as luzes de emergência.

– Doméstico.

– Droga!

Dodge, como a maioria dos policiais, detestava atender aos distúrbios domésticos porque os violadores costumavam focar a raiva na polícia. Policiais morriam assim. Ele mordeu a metade da rosca de chocolate velho.

– Quem ligou?

– A suposta vítima.

– Isso é bom. Significa que ele não a matou.

– Ainda não – disse Jimmy Gonzales, pessimista.

Gonzales parecia mais anglo do que Dodge. Quando se tornaram parceiros, Dodge perguntou de onde vinha o nome espanhol. Gonzales sacudiu os ombros e disse:

– Eu não sei. Deve ter sido um gene espanhol ou mexicano lá no fundo do caldo.

– Quem ligou disse o nome? – Dodge perguntou para ele, no presente.

– Não. Desligou depois de dar o endereço. Ninguém atendeu quando o despachante ligou de volta. É uma casa alugada.

Gonzales era bom parceiro, confiável, gostava de uma piada, mas sabia quando era hora de calar a boca e de se concentrar no trabalho. Como naquele momento, enquanto cobriam a curta distância da loja de conveniência até uma casa bem cuidada, numa rua tranquila, num bairro de classe média.

Ele parou o carro da polícia na entrada da casa e deixou as luzes ligadas. Dodge e ele avisaram ao despachante na central que tinham chegado e desceram do carro. Aproximaram-se da casa, atentos e desconfiados. Dodge ficou especialmente nervoso com as janelas que davam para o jardim da frente e com a iluminação externa, que parecia holofotes fortíssimos sobre Gonzales e ele.

Chegaram à varanda da entrada sem levar tiros nem sofrer ameaças, e ele achou que isso era um bom sinal. Diante da porta, Gonzales ficou de lado, com a mão no coldre. Dodge pegou a aldrava de bronze e bateu com força algumas vezes.

– Polícia. Há algum problema aí dentro?

A porta foi aberta imediatamente por um homem que Dodge supôs que tivesse cerca de trinta anos. Estava com a camisa para fora da calça, mas sua roupa parecia de qualidade. Ele era bem-apessoado, barba feita, mas o cabelo preto parecia ter sido penteado recentemente com alguma ferramenta de jardim. A aparência dele era de total nervosismo.

Ele olhou com repulsa para os dois policiais.

– Não acredito que ela chamou a polícia.

– Onde ela está? – rosnou Dodge.

– Ela está bem. Ela se aborreceu...

– Onde ela está? – Dodge perguntou agressivamente, enfatizando cada palavra.

O homem apontou com o polegar por cima do ombro.

– No banheiro. No fim do corredor, à direita. Ela se trancou lá. Será que podem fazer o favor de apagar aquelas malditas luzes no seu carro?

Dodge não se dignou a responder. Empurrou o homem para passar por ele, atravessar uma sala de estar bem-arrumada e limpa e entrar num corredor

escuro. Ouviu Gonzales dizer para o filho da mãe que as luzes de emergência iam continuar acesas e perguntar se precisava chamar uma ambulância.

– Não! – exclamou o cara. – Eu não a machuquei.

– Acho que vou chamar, por via das dúvidas – disse Gonzales.

– Estou dizendo que ela está bem.

– Como é seu nome?

– Jesus.

– Você está blasfemando ou sendo engraçadinho?

Foi tudo que Dodge ouviu. Estava no fim do corredor. Bateu na porta do banheiro.

– Senhora? Aqui fala o policial Dodge Hanley. Quer abrir a porta, por favor?

Ele mexeu na maçaneta. Estava trancada.

– Madame? A senhora está bem? Pode me ouvir?

Ele ouviu o estalo da fechadura e a porta se abriu. Ela era miúda, chegava apenas à base do pescoço dele. O cara que atendeu à porta para eles tinha mais ou menos a altura de Dodge, mais de um metro e oitenta. Sem saber o que tinha acontecido, Dodge já sentia vontade de matá-lo.

A luz do teto brilhou no cabelo ruivo. Ela estava de cabeça baixa, segurando uma toalha molhada dobrada contra o lado do rosto, feito uma compressa. Estava vestida, mas as roupas e o cabelo desarrumados, como se tivesse brigado.

– A senhora precisa de uma ambulância?

Ela balançou a cabeça, então abaixou a compressa e virou o rosto para cima.

Quando ela fez isso, Dodge sentiu o corpo todo se expandir e levitar, subitamente inflado como um daqueles balões da parada do Dia de Ação de Graças. Então os olhos dela o prenderam e ele se recuperou lentamente, mas mesmo assim não voltou ao normal. Continuou com aquela sensação de estar flutuando.

– Eu estou bem.

Os olhos dela eram da cor de *sherry*, e, se uísque envelhecido gerasse algum som, seria exatamente como a voz dela.

– Eu teria ligado de novo para dizer que não havia motivo para enviar a polícia, mas Roger tinha tirado o telefone de mim e fiquei com medo...

– De sair do banheiro – disse Dodge, terminando a frase quando ela hesitou.

Ela abaixou a cabeça de novo e aplicou mais uma vez a compressa.

– Como é seu nome?

– Caroline King.

– Ele é seu marido?

– Namorado.

– De quem é essa casa?

– Minha. Quero dizer, sou a locatária.

– Ele mora aqui também?

– Não.

– Ele paga o aluguel?

Ela levantou a cabeça rapidamente e Dodge percebeu que estava ofendida com a insinuação.

– Não. Sou eu que pago.

Ele ficou feliz de saber disso e não se desculpou por ter perguntado. Em vez disso, apontou para o rosto dela.

– Importa-se se eu der uma olhada?

Ela afastou a toalha. A pele em volta do olho estava vermelha e começando a inchar.

– Vamos levá-la para o pronto-socorro.

– Não há necessidade disso. Pode deixar.

– Tudo bem, mas vamos pôr um pouco de gelo aí.

Ele chegou para o lado.

Ela passou por ele, seguiu pelo corredor e chegou à sala de estar, onde o namorado violento estava sentado num sofá, sendo interrogado por Gonzales. Ao vê-la, o cara ficou de pé de um pulo.

– Está vendo isso, Caroline? – ele berrou para ela. – Está gostando de me ver humilhado?

– Muito bem, sr. Campton. Acalme-se.

– Não me diga o que fazer. – Ele empurrou Gonzales com as duas mãos. – Sabe quem eu sou?

– Perfeitamente.

Antes de o homem poder reagir, Gonzales o fez girar e o empurrou de cara no sofá. Em segundos, as mãos dele estavam algemadas às costas.

– Você é o cara que está indo para a cadeia.

O homem algemado começou a gritar uma ladainha de impropérios para Gonzales. Inabalado pelos insultos a ele e à sua linhagem, Gonzales perguntou para Dodge:

– Tudo bem com ela? Precisamos de uma ambulância?

– Acho que não. Apenas faça esse cara calar a boca.

Caroline tinha saído apressada da sala. Dodge a seguiu e a encontrou numa cozinha compacta, onde ela apoiara as mãos sobre o aparador para se firmar.

– Ele vai ser preso?

– Sim, senhora.

– Vai para a cadeia?

– Ah, vai – disse Dodge, gostando da ideia.

Ela se virou para ele.

– Isso vai dar encrenca. A família dele tem dinheiro. Muito dinheiro mesmo. E um batalhão de advogados.

Dodge não deu a mínima atenção para isso.

– Tem gelo aqui?

Sem esperar que ela respondesse, ele abriu o congelador no alto da geladeira e tirou uma cuba de gelo. Jogou os cubos sobre uma toalha de papel que achou dobrada no aparador. Torceu as pontas da toalha para prender os cubos dentro e entregou a bolsa de gelo improvisada para ela.

Ela a pegou e apertou contra o olho.

– Obrigada.

– De nada.

Ele puxou uma cadeira de baixo da mesa de jantar e ficou parado de pé ao lado até ela se sentar. Então sentou-se na outra. Tirou um pequeno bloco espiral e uma caneta do bolso da camisa do uniforme. Escreveu o nome dela.

– Como é o nome dele?

Ela hesitou um pouco, depois disse, baixinho:

– Roger Campton.

Dodge escreveu o nome e botou um ponto de interrogação ao lado, imaginando por que soava tão familiar. Ela pareceu ler sua mente.

– Ele é da família das Indústrias Campton.

Merda... Bem que ela disse: *muito dinheiro mesmo*.

Aquela cozinha, aquela casa, o próprio bairro, eram tipicamente classe média. Tudo muito bem cuidado, mas nada opulento. A expressão confusa dele deve ter revelado seus pensamentos de novo.

– Você deve estar imaginando como Roger e eu nos conhecemos – ela disse.

Ele meneou a cabeça sem dizer nada.

– Ele se apresentou a mim numa festa de Natal na casa dos pais dele no ano passado.

Dodge ergueu as sobrancelhas.

– Você era convidada deles?

– Eu servia o bufê. Estava trabalhando nos feriados de fim de ano. Era um emprego temporário.

Isso revelou várias coisas sobre ela para Dodge. Era uma mulher solteira que trabalhava e recebia um salário insuficiente, por isso precisava de bicos para pagar as contas. Ela se sustentava sozinha e não tinha muito orgulho de admitir isso. A beleza e o corpo esbelto chamaram a atenção do menino rico, nada surpreendente nisso. E também não era surpresa que ela quisesse namorar um herdeiro da Campton, toda aquela grana, e o que ela representava.

Naquele momento, representava um olho roxo, o que fazia as entranhas de Dodge se revirarem de ódio. Por que uma mulher, que parecia ser autossuficiente, suportava isso?

– Ele já fez isso antes? – perguntou Dodge.

– Nunca.

– Nunca com a senhora, ou nunca com ninguém?

– Nunca comigo. Não sei nada sobre outras pessoas.

Dodge escreveu uma observação para verificar aquilo mais tarde.

– O que provocou essa atitude dele?

Ela ergueu os ombros e, mais uma vez, Dodge notou quão delicada era sua constituição.

– Estávamos tendo uma discussão comum, diferença de opinião, e ele ficou furioso. Nunca o vi assim antes. – Ela umedeceu os lábios com a língua. – Mas ele tem sofrido muita pressão ultimamente.

– Que tipo de pressão?

– Negócios. Ele e o pai andam discordando. Roger leva isso muito a sério.

– O que fez, ou disse, para que ele a estapeasse?

– Disse alguma coisa no sentido de que o pai dele tinha mais experiência e que talvez, nesse caso específico, Roger devesse dar-lhe o benefício da dúvida.

– Ficou do lado do pai contra ele.

Ela abaixou a cabeça e olhou para a toalha da mesa.

– Acho que foi isso que pareceu para o Roger.

– Não invente desculpas para ele ter batido na senhora.

– Não.

– Vai continuar com ele?

Ela levantou a cabeça e olhou surpresa para ele.

– Claro que vou.

Dodge ficou olhando para ela e não disse nada.

Ela lambeu os lábios.

– Tenho certeza de que isso foi um incidente isolado. Roger perdeu a paciência. Exagerou. Podia ter acontecido com qualquer um sob estresse.

Ele balançou a cabeça com convicção.

– A maioria das pessoas é estressada, de um jeito ou de outro. Elas não batem, no entanto. Só alguém com temperamento violento faz isso.

Ela pôs a compressa de gelo na mesa. Os cubos estavam derretendo, a toalha já pingava. Ela se levantou.

– Meu rosto está bem melhor. O gelo ajudou. Vou ficar bem. Não quero tomar o seu tempo.

Dodge guardou o bloco e a caneta no bolso relutantemente e a seguiu de volta para a sala. Pelas janelas, eles viram Gonzales abaixar a cabeça de Campton sem gentileza nenhuma e botá-lo no banco de trás da radiopatrulha.

– Ele vai ser acusado de crime? – ela perguntou.

– Vai ser acusado de atacar um policial – respondeu Dodge. – O que vai resultar dessa acusação depende de mim e do policial Gonzales. – Ele fez uma pausa e então acrescentou: – A senhora tem coisa melhor contra ele. Pode dar queixa de ataque violento. Insisto para que faça isso.

– Prometo pensar.

Ela evitou os olhos dele ao dizer isso, e Dodge concluiu que era uma promessa vazia.

– Obrigada por atenderem tão depressa – ela disse.

– Não precisa me agradecer. Estamos aqui para isso.

– Eu sei, mas obrigada mesmo assim.

Ela deu um sorriso trêmulo e soube que, assim que saísse dali, ela ia começar a chorar. Mas conseguia segurar.

– Boa-noite, policial... – Ela balançou um pouco a cabeça. – Desculpe.

– Hanley. Dodge Hanley. Boa-noite, srta. King.

Ele inclinou a cabeça para o carro da polícia, onde Roger Campton soltava fogo pelas ventas no banco de trás.

– Ele só vai sair amanhã de manhã, talvez mais tarde. Vamos preparar a papelada bem devagar. Mas mantenha as portas trancadas de qualquer jeito.

– Farei isso.

Ele hesitou quando chegou à porta e ficou olhando para ela alguns segundos, mas não conseguiu pensar em nada mais para dizer, depois de tudo que já havia dito. Não tinha uma desculpa válida para ficar mais tempo ali, então balançou a cabeça em sinal de adeus e virou para a radiopatrulha.

– Bem, o que eu estava pensando – dizia Gonzales – é que devíamos ser voluntários.

Dodge, que estava distraído, focalizou de novo o parceiro. O turno deles tinha terminado meia hora mais cedo. Agora estavam sentados de frente um para o outro em um cubículo no Denny, onde tomavam o café da manhã antes de ir para casa.

– O quê?

– Você não estava prestando atenção, não é?

Gonzales usou o cabo do garfo para mexer o açúcar no café, depois lambeu antes de botar no prato de *huevos rancheros*.

– Você continua pensando naquela zinha.

– Que zinha?

O parceiro deu risada.

– Não se finja de morto. A baixinha? A ruiva?

Dodge espetou com raiva um pedaço de batata e enfiou na boca.

– Ela não era nenhuma zinha.

Gonzales sorriu de orelha a orelha.

– É, está mesmo sensível quanto a ela.

– Pare com isso.

Gonzales sacudiu os ombros de bom humor e retomou o assunto de onde tinha parado.

– Eu estava dizendo que nós devíamos nos oferecer como voluntários para aquela força-tarefa que estão organizando para pegar o ladrão de bancos.

Ele abocanhou um morango e mastigou vigorosamente.

– O que você acha?

– Você leu meus pensamentos.

– Ah, é?

Dodge pensava nisso havia dias, desde que ouviu falar da força-tarefa. Por mais de um ano, um ladrão armado atacava os bancos da região. No último assalto, um segurança foi alvejado. Ele ainda estava se recuperando de um ferimento sério. Todos temiam que, se o culpado não fosse pego, alguém acabasse morrendo. O criminoso ficava mais ousado a cada assalto, e agora os assaltos tinham um tom de zombaria, como se ele curtisse a fama, estivesse se divertindo muito, debochando da polícia enquanto isso.

Trabalhando com diversas agências da lei e da ordem, inclusive o FBI, a polícia de Houston tinha resolvido pegá-lo. Tinham uma lista de possíveis suspeitos composta por criminosos condenados por roubos semelhantes, que cumpriram suas sentenças ou estavam em liberdade condicional, mas não havia nenhuma prova que associasse qualquer um deles aos crimes atuais. O ladrão podia ser um deles ou um bandido novo e esperto em sua estreia no crime.

Resumindo, as autoridades não tinham nada mesmo. Daí a força-tarefa.

Mal a tinta secou no seu diploma da Texas Tech, Dodge entrou para a polícia de Houston. Seu objetivo era chegar a detetive na Homicídios o mais rápido possível. Ele tinha a habilidade inata para resolver crimes. Só precisava cumprir seus deveres hierárquicos, tornar-se veterano e se distinguir.

Andava pensando que aquela força-tarefa podia ser sua oportunidade de provar que era um pouco melhor do que o resto. Se conseguisse um dos postos mais cobiçados e impressionasse seus superiores, o caminho para o seu objetivo seria abreviado.

– Botei meu nome na folha de assinaturas ontem à tarde.

Gonzales ficou decepcionado.

– Botou? Oh.

Dodge sorriu para ele.

– Botei o seu lá também.

Gonzales ficou radiante.

– Bom. Ótimo. Nós dois vamos ficar mais bonitos sem esse uniforme.

– Calma. Muitos policiais querem entrar na força-tarefa. Ainda não fomos escolhidos.

– Mas vamos ser. Você, com certeza.

– Por que eu com certeza?

– Devem ter trabalho *infiltrado.* – Gonzales mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo. – Essa é a sua especialidade, parceiro.

Dodge cortou seu bife malpassado.

– Boatos.

Gonzales olhou para ele como se dissesse: sei bem que não são.

– Todas aquelas fofocas sobre mim? Tudo besteira – disse Dodge.

Gonzales empurrou o prato vazio para o lado e se inclinou sobre a mesa.

– E aquele assassinato múltiplo na boate de striptease no mês passado?

– O que é que tem?

– Não existe a história de que, enquanto os detetives interrogavam as supostas testemunhas oculares, você levou a dona da boate para os fundos do prédio para ter uma conversa a dois com ela?

– Eu estava de folga. Passei ali por acaso. E tive sorte.

– Sorte? – Gonzales zombou. – Sei. Em vinte minutos, ela entregou o atirador. Você levou os detetives direto para onde ela disse que ele estava escondido. Essa história não é verdade?

Dodge pegou a xícara de café.

– Eu não a levei para os fundos do prédio.

– Mas fez com que ela o entregasse.

– Não foi difícil. – Ele sorriu de orelha a orelha. – Ainda mais depois que eu a convenci de que um cara como aquele não era bom para ela, que tinha coisa muito melhor.

Gonzales deu risada e balançou a cabeça, num gesto de admiração.

– Você não disse que a solução da maior parte dos mistérios pode ser encontrada embaixo da saia de uma mulher?

– Eu nunca disse isso.

– Todos dizem que foi você.

– Conversa de vestiário.

Mas o sorriso malicioso de Dodge entregou a mentira.

Terminaram a refeição, dividiram a conta, pagaram e saíram. Quando se separaram do lado de fora do restaurante, Gonzales disse:

– Faz com que eu me sinta um pouco melhor saber que existe uma mulher que você não pode ter. Aquela ruiva não vai desistir de um cara super-rico, mesmo que bata nela de vez em quando, por um policial de rua. Vai ter de viver sem essa, Dodge.

E acabou que Gonzales tinha razão. Quando Dodge se apresentou no plantão aquela noite, soube que Roger Campton saíra da cadeia antes do meio-dia. Os advogados dele – plural mesmo – ameaçaram com um processo por maus-tratos policiais, e a srta. Caroline King não quis prestar queixa. Os advogados chegaram a dizer que ela se arrependeu de ter chamado a polícia, que foi tudo um lastimável mal-entendido, uma tempestade em copo d'água. Et cetera.

Dodge achou que ia terminar assim, mas não gostou e não ia deixar por isso mesmo.

Depois do seu turno, disse a Gonzales que não queria tomar café da manhã e foi direto para a casa dela. Estava estacionado na frente da casa quando ela saiu para pegar o jornal. Ele desceu do carro e foi atrás dela.

– Srta. King?

Ela protegeu os olhos do sol e olhou para ele desconfiada.

– Sou o policial Hanley.

Ela estava de short e camiseta, descalça. Comparados com o tamanho 44 dele, os pés dela pareciam de criança.

– Ah, oi. Não o reconheci sem a farda.

– Estou saindo do meu turno e pensei em passar aqui antes de ir para casa, para ver como estão as coisas.

– Eu estou bem.

– Está com o olho roxo.

Ela tocou no lado do olho.

– Não é surpresa. Minha pele é tão branca que fico roxa se olharem muito para mim.

– Ele fez mais do que olhar muito.

A frase saiu antes de Dodge poder se conter, e ele pareceu mais bruto e perigoso do que o cara que tinha dado o tapa nela. Mas não se desculpou pelo que disse.

Ela ficou constrangida, até apreensiva.

– Eu não dei queixa.

– Eu sei. Já verifiquei.

– Roger ficou arrasado com o comportamento dele. Tinha brigado aos berros com o pai e descontou a raiva em mim. Os dois já pediram desculpas. Roger jurou que isso nunca mais vai acontecer. Eu acredito que não vai.

Dodge não acreditava, mas não disse isso para ela.

– Então está tudo bem?

– Está tudo ótimo.

Ele ficou lá parado, sem jeito, procurando alguma coisa para dizer para prolongar a conversa, mas não encontrou nada.

– Eu tenho de... – Ela apontou para trás, para a porta da casa, que tinha deixado aberta. – Vou me atrasar para o trabalho.

– Ah, claro, desculpe. Eu só passei aqui... a senhora sabe, para saber como estavam as coisas.

– Agradeço o interesse, policial Hanley. Obrigada.

– De nada.

– Até logo.

– Até logo.

Ele ficou lá até ela entrar e fechar a porta.

Dodge e Gonzales foram entrevistados separadamente para a força-tarefa. Dodge foi aceito. Gonzales, não.

– Ei, Dodge, não se preocupe com isso, cara.

– Se o meu parceiro não serve para a força-tarefa deles, eles que se fodam.

O vocabulário dele estava tão rude quanto seu humor desde aquela manhã em que foi à casa de Caroline King e ouviu ela mesma dizer que estava tudo ótimo com Roger Campton.

Seu humor ficou tão ruim que as pessoas começaram a evitá-lo. Até Doris, a funcionária do turno da noite da loja de conveniência, percebeu que não estava disposto a brincadeiras sobre a saída para dançar. As conversas que tiveram recentemente no caixa foram extraordinariamente secas.

Mas Gonzales parecia imune à fúria do parceiro. Reagiu à opinião de Dodge sobre a força-tarefa dizendo:

– Olha, parceiro, aprecio muito esse seu nível de lealdade, mas não estrague tudo para você mesmo. Você queria entrar para essa força-tarefa e conseguiu. Vá em frente, que eu ficarei orgulhoso.

Dodge continuou a resmungar e protestar, mas Gonzales não aceitava que ele deixasse aquela oportunidade passar.

– Você tem dois anos a mais de serviço do que eu. Vai chegar a minha vez – disse o policial mais jovem, com convicção. – Mostre para eles. Faça bonito.

Ele deu um tapa nas costas de Dodge e já ia se afastar mas parou, estalou os dedos e deu meia-volta.

– Quase ia esquecendo. Você viu o jornal de domingo? A sua namorada e o riquinho oficializaram a coisa. Estão noivos.

CAPÍTULO 5

Os fregueses da casa de chá rosa e branco não pronunciavam aquela palavra em público com muita frequência. Quando Dodge falou, Caroline ficou chocada e muda. Isso não costumava acontecer, mas fazia trinta anos que ela não o via. Seus ouvidos ficaram sensíveis.

Ele usou a palavra especificamente para chocá-la. Estava cansado daqueles rodeios todos sobre o envolvimento da filha deles no tiroteio, e às vezes uma terapia de choque era a única maneira de fazer as pessoas darem informações que preferiam não revelar.

– Conte para mim, Caroline.

Ela pigarreou.

– Eu acho, tenho *medo* de que Oren Starks pretenda fazer exatamente o que disse quando ameaçou matar Berry.

– Ele não é só um debiloide falando da boca para fora?

– Pelo contrário, Berry diz que ele é brilhante.

– Pessoas brilhantes enlouquecem toda hora – comentou Dodge. – Ficam furiosas, com ciúme dos concorrentes, dizem coisas que não queriam dizer. Eu mato você! Raramente chegam às vias de fato, Caroline. Se todas as pessoas que dizem "vou matar"...

– Está bem – ela retrucou irritada. – Entendi o que quer dizer.

Ele esperou. Ela não falou mais nada. Ele olhou para trás. Restavam apenas eles dois na casa de chá. A garçonete não tinha voltado desde que serviu o pedido deles.

– É a última vez que vou perguntar. O que é que você sabe e não me contou?

– Nada. Eu juro.

– Muito bem, então conte-me do que *suspeita.*

Ela se empertigou.

– Esse é um termo da polícia.

– Um termo que provocou em você uma reação defensiva. E isso indica que eu acertei na mosca.

– Você é tão inteligente assim?

Ele socou a mesa de leve, mas com força suficiente para fazer a louça tilintar.

– Você deve achar que sim, senão não teria ligado para mim no meio da noite e pedido para eu largar tudo e correr para cá, coisa que fui suficientemente burro para fazer e que já começo a lamentar.

Os olhos dela faiscaram de raiva de novo. Ele tinha o dom de deixá-la com raiva. Com a voz tensa, ela disse:

– Berry é muito parecida comigo em muitas coisas.

– Que lindo. O mundo inteiro deve agradecer por isso. Qual é o problema?

– O problema é que... – ela titubeou e depois disse a única coisa que sabia que faria com que ele ficasse. – Ela é até mais parecida com você.

Berry estava encostada na parede do corredor do hospital, olhando para a frente, quando viu Ski Nyland pelo canto do olho.

Ele estava conversando com uma enfermeira no balcão principal. A enfermeira inclinou a cabeça na direção de Berry. Ele se virou, encarou Berry, agradeceu, distraído, a enfermeira e foi na direção dela.

Toda vez que ele olhava para ela, Berry se sentia exposta, sendo analisada. O que aqueles olhos cinza penetrantes estavam vendo, o que estavam procurando? Pondo-se na defensiva, ela tomou a iniciativa do bate-bola.

Assim que ele chegou perto, ela perguntou:

– Algum progresso?

– Como o quê?

– Alguém viu Oren?

– Não, senhora. Pelo menos, não há registro de que alguém o tenha visto.

Ela percebeu o tom debochado e ficou irritada.

– Por que faz isso?

– O quê?

– Não me leva a sério.

Ele não negou. Na verdade, pareceu que ia responder, mas mudou de ideia e apontou para a porta fechada no corredor.

– Pedi que me avisassem assim que passassem Lofland da sala de recuperação para um quarto normal.

– Acabaram de trazê-lo.

Ela chamou a atenção dele para o suporte de placa vazio na porta.

– Ainda nem tiveram tempo de botar o cartão com o nome dele.

– Já conversou com ele?

– Ainda não. Uma enfermeira está ajudando-o a se instalar.

– Onde está a mulher dele?

– O nome dela é Amanda. Ela está lá dentro também.

– Vamos bater um papo.

Não foi uma sugestão, nem um convite, foi uma ordem. Mas Berry achou melhor não criar problema. Ele a levou até uma sala de espera na metade do corredor. Quando ela entrou, observou que ele conhecia o hospital muito bem.

– Minha mãe ficou internada aqui duas semanas. Eu estava cochilando aqui nessa sala na noite em que ela morreu.

Berry parou e se virou de frente para ele.

– Sinto muito – ela disse sinceramente.

– Obrigado.

Berry ficou olhando para ele, à espera de alguma elaboração na história. Não veio. Ele indicou um sofá que provou ser duro e desconfortável como parecia. Mas era a maior peça de mobília na sala, e ela ficou imaginando se tinha sido ali que ele cochilara aquela noite.

Ele percebeu que ela o olhava.

– O que foi?

– Nada.

– Estava dizendo alguma coisa.

– Só que... fico triste por você.

– Triste?

– Nem consigo imaginar a vida sem a minha mãe. Você e a sua eram íntimos?

– Éramos. Ela era maravilhosa. Mas estava sofrendo.

Ele tossiu na mão fechada, um gesto tímido e desnecessário. Por um momento, seus olhos perderam aquele brilho duro, e Berry ficou imaginando se não havia uma pessoa sensível atrás deles, afinal, se realmente havia espaço para sentimentos naquele olhar frio. Talvez ele não fosse tão durão como queria que todos acreditassem.

Ele arrastou uma cadeira no carpete fino e se sentou de frente para ela. Abriu bem os joelhos para evitar encostar nos de Berry, e ela ficou ainda mais pensativa. Ele estava sendo apenas educado, ou aquela precaução voluntária significava uma vulnerabilidade?

O que, obviamente, era bobagem pensar. Ele tinha todas as vantagens ali. Por que relutaria em tocar nela, mesmo que acidentalmente?

– Antes de entrevistar Lofland, queria fazer algumas perguntas sobre Oren Starks.

Aquele momento pessoal tinha passado e ele voltou a cumprir sua função. Como devia ser.

– Dr. Carlisle insistiria para estar presente – ela disse.

– Ligue para ele, se quiser, mas não há necessidade. O que eu tenho para perguntar são coisas sobre o histórico do Starks. Sobre o caráter dele. Seus hábitos. Esse tipo de coisas.

Berry pensou e depois disse:

– Está bem. Terei prazer de responder às suas perguntas, se puder. Tenho certeza de que o Ben será igualmente prestativo quando for falar com ele.

– Ele não tem escolha. Ele é testemunha material. Preciso ouvir a versão dele do que aconteceu.

– A versão dele? Acha que eu estou mentindo?

Ele se manteve inabalável.

– Acho que duas pessoas podem ver o mesmo acontecimento de perspectivas diferentes.

– Argumento bem diplomático.

Ele deu de ombros.

– Lofland pode trazer nova luz, dar algumas ideias de para onde Starks pode ter ido.

– Ele pode estar a quilômetros daqui a essa altura.

– Pode. Mas, se estiver ferido, talvez não consiga viajar. Pode estar deitado agora, em algum lugar da região, próximo daqui.

– Alguém pode estar lhe dando abrigo.

– Como amigos? Família? Conte para mim, srta. Malone. Conhece algum?

– Sinceramente, não.

– Bem, nós também não. A polícia de Houston está nos ajudando nesse aspecto, e não descobriram nada. Ele não está trabalhando em lugar nenhum. Desde que foi demitido da Delray, tem vivido do seguro-desemprego.

"Seu único parente conhecido é a mãe, que já é idosa. Está numa clínica para pacientes com Alzheimer, já está lá há alguns anos, e no estágio final da doença. Sob todos os critérios, na prática ela já... se foi."

Ele fez um gesto indicando que toda a lucidez da mulher tinha ido para o espaço.

– Os vizinhos dizem que Starks é um homem solitário. Não dá festas. Ninguém se lembra de amigos indo à casa dele. Quando perguntam se ele tinha algum outro interesse, como algum clube de ginástica, algum passatempo óbvio como golfe, se era filiado a alguma igreja... Os vizinhos não sabem dizer. Só dizem que ele era muito fechado.

Ele examinou Berry lentamente, de cima a baixo, o tipo de olhar que toda mulher reconhece.

– Parece que você é a única paixão dele.

A sugestão por trás do seu tom de voz era perturbadora.

– Isso não é verdade. Hoje mais cedo comentei sobre algumas paixões dele.

– Certo. Quebra-cabeças, jogos, resolver problemas. Segundo os policiais que vasculharam a casa dele, a lista dos sites favoritos no computador dele tinha esse tipo de coisa. Ele visita sempre quadros de mensagens e blogs, mas nunca publica nada. – Ele a examinou novamente, do mesmo jeito. – De qualquer modo, duvido que trocaria você por labirintos complicados.

– Pode ser uma questão de grau – ela disse friamente.

– Pode ser. – Passaram dois segundos, e ele continuou: – Ele agora está sendo procurado em todo o sudeste do Texas e Louisiana. Estamos investigando hotéis, mas duvido que se hospedasse em algum. Normalmente exigem cartão de crédito para registrar qualquer hóspede. Nenhum dos cartões dele foi usado desde a semana passada. Nenhuma retirada em caixa eletrônico

desde que sacou duzentos dólares três dias atrás, numa agência bancária em Houston.

– Ele sabe muito bem que não pode deixar um rastro tão fácil de seguir.

– Foi o que pensei – ele disse e meneou a cabeça. – Mas verificamos de qualquer maneira. Estamos varrendo motéis, cabanas para alugar, coisas assim. O que me preocupa – acrescentou, franzindo a testa – é que há muito lugar por aqui para se esconder.

– Você mencionou isso esta manhã.

– Se ele estiver escondido numa floresta em algum lugar...

– Numa floresta? – Berry deu risada. – Precisaria estar louco.

– Você disse que ele estava.

– Eu disse que estava descontrolado.

– Não é a mesma coisa?

– Não.

– Qual é a diferença?

– Constância. Loucura é um estado, um modo de ser. Descontrole é uma reação.

– Pegá-la com Lofland fez Starks perder o controle.

– Ele não me "pegou" com o Ben. Ele me pegou no chuveiro, sozinha.

– Certo. Quando cheguei lá você ainda estava molhada.

Ele olhou fixamente para ela alguns segundos.

– Você disse para o delegado Drummond que só tinha visto Starks doido desse jeito uma vez antes. Como foi isso?

– No início do verão. Logo antes de eu me mudar para Merritt.

– Starks pirou com você, e isso foi a última gota?

– Exatamente. Fiquei assustada.

– Você acha que ele está cada vez mais psicótico?

– Não tenho ideia. Não sou psiquiatra. O que posso dizer é que, normalmente, Oren *não* é um louco varrido.

Ele apoiou a bota de um pé no joelho da outra perna e cruzou os braços sobre o peito largo.

– Descreva para mim como ele é. Normalmente.

– Bem, uma coisa que sei de que ele não gosta é de vida ao ar livre. Não consigo vê-lo se escondendo num camping bem protegido, menos ainda numa

floresta. Pode riscar isso da sua lista.

– Tudo bem. Para onde pensa que ele fugiria?

Berry abaixou a cabeça e esfregou a testa.

– Eu não sei, policial Nyland.

– Pode me chamar de Ski.

Ela olhou meio de lado para ele, mas não comentou o assunto dos nomes.

– Oren é meticuloso. Organizado.

– Obsessivo-compulsivo?

– Quase isso – disse ela, meneando a cabeça, meio distraída. – Costumava provocá-lo comentando que a mesa dele era a mais limpa de toda Delray. Tudo no lugar. A cabeça dele também funciona assim, meticulosamente.

– Dê um exemplo.

– Por exemplo, num debate sobre algum projeto, eu pulava de um ponto para outro, mas Oren não passava do ponto A para o ponto B antes de rever, discutir e aprovar cem por cento o ponto A. Ele voltava para alguma coisa dez vezes até ficar satisfeito.

– O que você está me dizendo é que ele volta sempre ao ponto, até acertar.

– É – ela disse com voz rouca –, até me matar.

– Vou fazer todo o possível para impedir que isso aconteça.

– Obrigada.

– Não tem ideia alguma de onde ele possa estar escondido?

– Nenhuma.

– Está bem. – Ele botou o pé no chão e inclinou o corpo para frente. – Você disse que Starks deixou outras funcionárias da Delray constrangidas, que não foi só você.

– Isso mesmo.

Nyland tirou um bloquinho e uma caneta do bolso do paletó esporte e pediu para ela dar o nome de algumas. Anotou os nomes enquanto ela enumerava.

– Especialmente a Sally Buckland – disse Berry. – Ela pediu as contas da Delray no início do ano. Oren teve muita influência nessa decisão.

– Tem certeza disso?

– Absoluta. Ele ficou terrivelmente apaixonado por ela. Ela não quis nada com ele e fez de tudo para evitá-lo, mas ele não desistia. Ela reclamou para

mim diversas vezes que ele não aceitava um não como resposta.

– Não a respeito de quê?

– Qualquer coisa. A situação ficou tão ruim, que começou a afetar o trabalho, por isso intercedi em nome dela. Disse para Oren que Sally não estava interessada, que ele estava perdendo tempo com ela.

– Como é que ele reagiu?

Ela deu um sorriso triste.

– Ele concentrou sua atenção em mim.

– Houve algum momento em que você tenha se interessado por ele?

– Romanticamente? Meu Deus, não!

Ele arqueou uma sobrancelha desbotada pelo sol.

– De jeito algum! – Berry deu uma risadinha. – Quando o vir, vai entender. Ele não é nem de longe o meu tipo.

– E qual é o seu tipo?

A pergunta dele acabou com o divertimento de Berry, porque a primeira palavra que veio à cabeça dela foi: *você*. Ela se espantou e ficou muito abalada com isso. Porque, se não fosse o fato de ele estar investigando um crime no qual ela estava envolvida e de parecer que desconfiava dela além do que um policial normalmente desconfia de todos, seria capaz de considerar Nyland atraente. Sua postura imponente, a aparência física impecável, até aqueles malditos olhos cinzentos eram sedutores.

Mas ele parecia querer dar-lhe uma rasteira, pegá-la numa mentira, e, por isso, não gostava dele. Endireitou as costas e respondeu:

– Oren era meu colega de trabalho. Inteligente, eu diria até superdotado. Mas tornou-se um fã rejeitado que me perseguia e que, na noite passada, jurou me matar. Ele disse que tinha de fazer isso.

Nyland examinou Berry mais um pouco, guardou o bloco e a caneta no bolso de novo e se levantou.

– Talvez Lofland já esteja instalado agora.

Quando Ski entrou no quarto do hospital ninguém ficou feliz de vê-lo. A enfermeira, que disse que o paciente ainda estava fraco demais e pediu que Ski não demorasse muito. A sra. Lofland, que foi educada quando ele se

apresentou só porque tinha de ser. E o paciente, que parecia o menos satisfeito de todos com o fato de Ski estar ali.

Ben Lofland, recém-saído da sala de recuperação cirúrgica, estava ligado a vários fios e tubos e parecia muito mal. A bala de Oren Starks tinha atravessado o homem, fez um buraco de entrada e outro de saída, mas, como por um milagre, só danificou moderadamente os tecidos na sua passagem. Não atingiu nenhum órgão, nem o intestino. O pior do ferimento tinha sido a quantidade de sangue que ele perdeu. Ou Lofland estava vivendo direito, ou tinha a sorte do próprio diabo.

Ski apostava na segunda hipótese.

O estado dele estava longe de ser crítico, mas ele impressionou Ski como um chorão. Assim que cumpriram as formalidades e depois da enfermeira sair do quarto, ele disse:

– Não estou mesmo disposto a isso agora.

– Serei breve – disse Ski.

– Por que precisa conversar com o Ben? Ela não contou o que aconteceu?

Ski se virou para Amanda Lofland, que reforçou a ênfase no pronome *ela*, fazendo com que parecesse alguma coisa que cheira mal.

– A srta. Malone deu uma declaração detalhada na noite passada, e outra vez esta manhã. Mas pode nos ajudar a pegar Starks...

– Vocês ainda não o pegaram?

Ski não gostou da insinuação de incompetência que sublinhou a pergunta de Lofland.

– A srta. Malone não viu o veículo dele. Estava ocupada, procurando evitar que o senhor morresse de hemorragia no chão do quarto dela.

Ski sabia que tinha sido a menção do quarto de Berry Malone, e não a dor, que motivou a careta do cara. Lofland olhou preocupado para a mulher dele, abraçada a ela mesma, como se a qualquer momento pudesse explodir.

Sem precisar de qualquer outro incentivo de Ski, Lofland falou:

– Ouvi a Berry gritar. Ouvi a voz dos dois. Corri...

– O senhor estava dormindo?

Ski tirou o bloco de notas e a caneta do bolso.

– O quê?

– Os gritos dela o acordaram?

– É, não. Eu ainda não tinha dormido.

Ele olhou de novo para a mulher, que tinha ido para a janela e espiava as chaminés de ventilação no telhado entre as frestas da persiana.

– O senhor ainda estava acordado – afirmou Ski.

– Certo.

– Mas não tinha ouvido Starks entrar na casa.

– Não.

– Barulho de motor de carro? Motor de barco?

– Acha que ele chegou de barco?

– É possível. Estamos verificando isso.

– Eu não ouvi nenhum motor de barco.

– Nada?

– Não.

– Está bem.

Lofland parou para ver se Ski ia perguntar alguma outra coisa e, como o policial não fez isso, continuou:

– Atravessei correndo a passagem ao lado da escada para o outro lado da casa.

Ele olhou mais uma vez para a mulher, como se quisesse se certificar de que ela estava ouvindo e entendendo a distância que havia entre os dois quartos.

– Quando cheguei ao quarto da Berry, corri para o banheiro. Era de lá que vinham as vozes. Oren estava parado na frente da banheira, de costas para mim. Ele deve ter-me ouvido entrar. Deu meia-volta e atirou em mim.

– Ele disse alguma coisa antes?

– Não. – Lofland fez uma careta como se não se sentisse bem. – Quer me dar um pouco de água, por favor?

Amanda foi até a cama. Serviu água de uma jarra num copo plástico, se debruçou sobre ele e botou o canudo na boca do marido. Depois de beber, ele tocou na mão da mulher e olhou para ela.

– Obrigado, querida.

Ela deu um sorriso morno para ele, pôs o copo na mesa de cabeceira e retomou seu estudo do equipamento de ventilação pela janela.

– Ele simplesmente deu meia-volta, viu o senhor de cueca e apertou o gatilho – disse Ski.

– É. Ele parecia completamente desequilibrado.

– Por que acha que ele estava assim? Ciúme de vocês dois estarem juntos na casa do lago?

– Eu não sei o motivo do estado mental precário do Oren, delegado.

Ski não gostou do jeito como Lofland falava. Para evitar derrubar o sujeito dissimulado da cama, ele releu algumas folhas do bloco de notas.

– O que aconteceu depois que Starks atirou no senhor?

– Não sei dizer. Eu apaguei.

– A srta. Malone diz que o senhor estava consciente até o socorro chegar.

– Eu estava? Se estava, não me lembro. Devo ter entrado em choque. Nem me lembro de ter sentido alguma dor, até recobrar a consciência na sala de recuperação esta manhã. Não sabia onde eu estava. Fiquei apavorado de tão desorientado. A enfermeira contou que eu tinha levado um tiro e passado por uma cirurgia. Então as coisas começaram a voltar, mas, entre Oren disparar aquela arma e eu acordar na sala de recuperação, está tudo apagado.

– O senhor conhece bem Starks?

– Só como colega de trabalho.

– Não o viu mais desde que foi demitido?

– Não.

– Vocês dois já saíram juntos alguma vez? Uma cerveja depois do trabalho?

Lofland balançou a cabeça.

– Nunca estive com ele socialmente.

– Sra. Lofland?

Quando Ski disse seu nome, ela pulou e se aproximou rapidamente.

– Quais são as suas impressões sobre Oren Starks?

– Não tenho nenhuma.

– A senhora nunca esteve com ele?

– Bem, estive. Ben nos apresentou num evento da firma.

– A senhora só o viu essa vez?

– Uma ou duas vezes. Não me lembro.

– Nada nele chamou sua atenção?

– Foram apresentações casuais, delegado. Insignificantes. Se eu soubesse que um dia ele ia tentar matar o meu marido, teria prestado mais atenção.

Na opinião de Ski, aqueles dois se mereciam. Um mais detestável do que o outro. Ele voltou a se concentrar em Ben.

– O senhor e Starks se davam bem no trabalho?

– Ele constrangia algumas pessoas, mas eu nunca tive problemas com ele.

– E a srta. Malone?

– O senhor não chamaria assédio de problema?

Mais uma vez, aquele tom de espertinho irritou Ski. Sentiu vontade de dar um puxão no cateter que esvaziava a bexiga de Lofland para ver o efeito que produziria naquele sarcasmo, mas conformou-se com um olhar frio e furioso.

Lofland entendeu o recado. O riso debochado desapareceu.

– Berry me contou que Oren a estava perseguindo.

– Quando?

– Quando ela contou? A primeira vez que soube foi quando ela resolveu passar o verão aqui em Merritt. Fiquei naturalmente surpreso.

– Por quê?

– Berry é viciada em trabalho. Raramente tira férias. É a primeira a chegar ao escritório de manhã e a última a sair à noite. Mas Oren tinha se tornado uma verdadeira praga, ela disse. Queria desaparecer por um ou dois meses, com a esperança de que ele perdesse o interesse. Ela está trabalhando na casa do lago. Chama a casa de anexo.

– E isso funcionava?

– Não tão bem como quando estamos os dois no escritório. Temos trabalhado em equipe, quase que exclusivamente para uma campanha de um cliente importante.

Ele olhou rapidamente para a esposa.

– Cento e sessenta quilômetros não é tão conveniente como salas contíguas – observou Ski.

– Não é mesmo. A distância gerou alguns problemas de eficiência. Aqui no interior, a conexão da internet não é cem por cento confiável, especialmente lá perto do lago. Mas até que está dando certo. E, se ajudasse a afastar Oren, eu estava disposto a encarar algumas inconveniências e atrasos.

– Hum.

Ski fingiu pensar sobre aquilo, deu a impressão de que era importante. Então disse:

– O senhor trouxe material de trabalho para ela ontem.

Os ombros de Amanda Lofland subiram e desceram num longo suspiro.

Lofland procurou uma posição mais confortável no leito do hospital.

– Falta muito, delegado?

– Não muito. O senhor trouxe trabalho para cá ontem.

– Tínhamos de dar uns toques finais na nossa proposta antes de apresentá-la para o cliente semana que vem. Os esboços não estavam saindo muito bem nos PDFs. Berry pediu para eu instalá-los aqui, para ela poder ver exatamente o que o cliente veria. Ela precisava assinar dois outros elementos que tinham sido acrescentados. Então foi necessária a viagem para cá.

– Quem sabia que o senhor vinha?

– Bem, a Amanda.

– Além dela. As pessoas da Delray.

– Tive de informar às pessoas no escritório que ia passar o dia inteiro fora, por isso contei para algumas.

– Três, quatro?

Evidentemente impaciente, ele respondeu:

– A recepcionista que atende ao telefone no nosso departamento. Meu supervisor imediato e a assistente dele. Posso dar os nomes, se quiser.

– Fora esses, mais ninguém sabia?

– Não, a menos que um deles tivesse contado.

– Eles contariam para Oren Starks que o senhor ia passar o dia com Berry?

– Duvido que algum deles mantivesse contato com Oren, mas, se quiser mesmo saber, terá de perguntar para eles.

Ski sorriu.

– Já perguntei. – Antes de Lofland poder reagir a isso, Ski perguntou: – A que horas chegou ontem de manhã?

– Mais ou menos às dez e meia. Tratamos logo da proposta e trabalhamos o dia inteiro.

Ski folheou o bloco de notas e disse, como quem não quer nada:

– Vocês dois mergulharam na piscina?

Lofland olhou rapidamente para a mulher que continuava à janela, de costas para o quarto.

– Quando terminamos o trabalho demos algumas braçadas para refrescar, tirar a ferrugem.

– O senhor levou seu calção de banho?

A pergunta de Ski pegou Lofland desprevenido.

– É... não. Tinha um short de ginástica no carro.

– Muito conveniente.

Lofland não disse nada, Ski continuou:

– Imagino que o short esteja em algum canto da casa?

– Deixei-o pendurado num suporte de toalha no banheiro de hóspedes.

– Tudo bem.

Ski deixou o comentário reverberar alguns segundos, como se avaliasse seu significado, quando, na realidade, ele tinha encontrado o short no banheiro de hóspedes, exatamente como Lofland havia descrito. Só queria abalá-lo na frente da mulher, para ver o que saía do choque. Sem precisar, consultou de novo seu bloco de notas.

– O senhor e a srta. Malone grelharam bifes no jantar.

– Não tínhamos parado para almoçar. Estávamos com fome.

– Ficou tarde e o senhor resolveu passar a noite lá mesmo.

– Só depois de consultar Amanda – Lofland se apressou em dizer. – Quando Berry e eu terminamos de jantar e eu a ajudei a lavar os pratos, já tinha escurecido e só escurece mesmo às nove e meia, ou mais tarde. Foi aí que eu liguei para casa.

– Eram onze horas e três minutos – disse Amanda, ainda de costas para eles.

Lofland pareceu enjoado e disse para Ski:

– Não me dei conta de que já era tão tarde. Mas, pela hora, Amanda disse que preferia que eu não voltasse para Houston.

Ski meneou a cabeça.

– Provavelmente o melhor mesmo.

– Certo. Eu só chegaria em casa por volta de uma hora da madrugada.

– E não devia dirigir depois de beber.

Amanda se virou de repente e olhou para o marido. Ele olhou para ela e de novo para Ski, constrangido e aborrecido ao mesmo tempo.

– Berry e eu bebemos vinho tinto com nossos bifes.

– E cerveja.

Lofland mordeu o lábio inferior.

– Tomei duas enquanto os bifes não ficavam prontos.

– E a srta. Malone?

– Ela me acompanhou, bebeu uma.

– Ah.

Ski olhou para as costas muito retas de Amanda antes de se dirigir de novo ao marido dela.

– Vocês jantaram na sala de estar?

– Não, na sala de jantar.

Ski olhou longamente para o homem, para ele saber que tinha visto taças de vinho na mesa de centro da sala de estar, diante de um sofá que parecia superconfortável. Resolveu deixar Lofland explicar o significado daquela pergunta para a mulher dele.

Ski fechou o bloco de notas e o guardou de volta no bolso, junto com a caneta.

– Acho que por ora é tudo.

– Ótimo – disse Lofland. – Estou me sentindo péssimo e gostaria de dormir.

Ski deixou os dois com a promessa de não perturbar o descanso dele, a menos que fosse absolutamente necessário, e de mantê-los atualizados sobre a caçada de Oren Starks. Ao sair do quarto, encontrou uma enfermeira que entrava com o equipamento de flebotomia. Ski segurou a porta para ela passar e saiu para o corredor, onde Berry Malone continuava de sentinela ao lado da porta.

– Eles devem precisar de um minuto para tirar sangue – ele disse.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Como ele está?

– Melhor do que morto, que poderia estar.

Berry ficou com raiva.

– Você está fazendo isso de novo.

– Perdão?

– Você lança esses pequenos comentários tipo editoriais, a maior parte maliciosa, quando uma afirmação simples funcionaria muito melhor.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça jeans, mas lembrou que aquela posição deixava à mostra o coldre do revólver que estava preso ao cinto, por isso, abaixou os braços ao lado do corpo.

– Seu amigo sem dúvida não está muito confortável, mas o cirurgião, com quem falei por telefone quando estava vindo para cá, disse que o ferimento está limpo e que ele vai ficar bom. Com direito de se vangloriar no vestiário masculino.

A enfermeira apareceu. Com alguns tubos de sangue na bandeja, indicando que sua missão estava cumprida, mas, mesmo assim, Berry parecia hesitar para entrar no quarto.

– Como está o humor do Ben? Ele deve me odiar.

– Por que ele a odiaria?

– Por obrigá-lo a vir até aqui para ser alvejado! E a pobre Amanda.

– Ele diz que ligou para ela.

– E ligou.

– Ela deu-lhe permissão para passar a noite aqui.

– Já era tarde.

– *Isso* ela sabia.

Observando a reação de Berry, Ski continuou:

– O que ela não sabia era da *happy hour* e do vinho.

Berry levantou as mãos.

– Você vai se escandalizar porque nós bebemos um pouco?

– Não. Só estava pensando...

– O quê?

– Que tipo de vinho tinto harmoniza com o trabalho?

Com paciência exagerada, Berry respondeu:

– O vinho só apareceu na hora do jantar, e Cabernet harmoniza muito bem com bifes de filé mignon.

– Quando foi que você vestiu aquele robe?

Ela ficou olhando para ele e balançou a cabeça, confusa.

– O quê?

Ski deu um passo para ficar mais perto dela.

– Quando eu cheguei lá, você estava usando só um robe.

Um robe de algum tecido macio e fino, que grudava em seu corpo molhado e depois parecia se dissolver quando ele a segurava. A imagem era forte, vívida e completamente fora de esquadro. Assim como a raiva irracional com a qual ele perguntou:

– Em que momento você vestiu aquele robe? Quando tirou seu traje de banho molhado? Era só isso que estava usando quando jantou com Lofland?

Ele estava mais perto dela, desnecessariamente perto. Por quê? Para intimidá-la e fazer com que desse uma resposta verdadeira? Ou por um motivo que não tinha relação nenhuma com aquela investigação?

Amanda Lofland escolheu aquele momento para sair do quarto do marido, e seu desprazer ao ver Berry ali ficou óbvio no olhar furioso.

Ski se apressou em se afastar e deixou um espaço adequado entre Berry e ele.

– Oi, Amanda – disse Berry.

Ski achou que o tom arrependido e simpático soou sincero.

– Como está o Ben? – perguntou.

– Dormindo.

A resposta lacônica de Amanda combinava com a raiva que emanava dela. Ski notou que ela estava de punhos cerrados ao lado do corpo.

– Nem sei dizer como eu sinto – disse Berry. – Preferia que Oren tivesse atirado em mim, em vez de...

A risada amarga de Amanda fez Berry parar de falar.

– Ah, eu duvido muito.

– É verdade. – A voz de Berry falhou. – Eu jamais pensaria que Oren fosse capaz de fazer uma coisa dessas.

A outra mulher não deve ter ouvido isso. Seus olhos estavam semicerrados de ódio.

– Você tinha de provar, não é?

– Provar o quê?

– Que bastava estalar os dedos e Ben viria correndo.

– Do que você está falando?

– Você não suporta a ideia de que ele está muito feliz casado *comigo*, por isso o atraiu para cá para...

– Amanda, o que...

– Odiei a ideia de ele passar um dia aqui com você. Mas fingi que não me incomodava. Afinal de contas, era para trabalhar.

– E *foi* para trabalhar. Nosso prazo para entregar aquela campanha é segunda-feira. Temos de cumprir esse prazo.

– Exatamente. Por isso, que tipo de megera eu seria se dissesse "não, você não pode ir"? Que tipo de esposa eu seria, que não confio no meu marido?

– Você *pode* confiar nele. Ben te adora. Ele ligou para você diversas vezes durante o dia. Eu ouvi.

– Ah, é. Ele ligava de vez em quando para me garantir que vocês dois estavam trabalhando muito.

– E estávamos mesmo.

– Entre mergulhos na piscina e garrafas de vinho.

Berry gemeu.

– Não foi assim. Por favor, Amanda, não faça isso.

Ela estendeu as mãos para a outra mulher, mas Amanda Lofland se encolheu.

– Não toque em mim. E fique longe do meu marido!

Ela deu uma volta e passou rapidamente pelos dois, só que acabou colidindo cegamente com um casal que estava a poucos metros deles e tinha ouvido tudo.

Ski só notou os dois naquele instante. Caroline King olhava fixamente para a filha, desalentada. Foi mais difícil para Ski definir a expressão do homem com jeito de durão que estava com ela, mas os olhos fundos dele também se fixavam em Berry.

CAPÍTULO 6

Ainda bem que Dodge não teve de dizer nada imediatamente, porque não poderia, nem se sua vida dependesse disso.

Ele conhecia o mundo e desconfiava dele. Praticamente nada o afetava. Era um homem empedernido quanto à crueldade que uma pessoa era capaz de impor a outra. Ah, quando via imagens de bebês famintos na África, ou guerreiros americanos feitos em pedaços em nome do deus de algum fanático, ficava comovido, mas era mais raiva do que pena. O sentimento de pena tinha pouco espaço no coração de um cínico de carteirinha. E o mesmo se aplicava a todas as emoções mais suaves.

Ele achou que tinha se preparado para ver a filha. Afinal de contas, não a conhecia. Ele nunca a teve em sua vida, não formaram nenhum laço estreito para depois serem separados de repente. Ele não tinha fotografias dos dois juntos. Não tinha formado lembranças com ela como as que tinha com Caroline.

Ele e a filha não tinham nada em comum, a não ser o sangue. Ele imaginou que, quando a conhecesse, talvez ficasse um pouco nervoso, talvez transpirasse nas palmas das mãos, mas isso seria o limite da sua reação, que também duraria pouco.

Então, estava completamente desprevenido para a profunda reação física que teve quando Caroline e ele dobraram a esquina no fim do corredor do hospital, e Caroline disse:

– Lá está ela.

Assim que avistou a jovem magra de cabelo castanho, foi como se todas as células do seu corpo levassem um tapa do fator de reconhecimento instintivo, como se cada uma adotasse a posição de sentido e declarasse, eu *a* conheço.

O coração dele quase parou. Mal controlou o impulso de apertar o peito enquanto lutava para respirar. O barulho do ar passando encheu seus ouvidos. Ele ficou tonto e sem coordenação, a ponto de quase ter de se segurar em Caroline para recuperar o equilíbrio.

Mais surpreendente ainda do que essas reações físicas foi a emocional. Uma pontada aguda nas entranhas, uma contração em volta do coração, algo varando sua alma, tudo doloroso e muito intenso.

Aquela linda jovem que tinha o colorido de Caroline era sangue do seu sangue, filha dele. Era avassalador ver o milagre da existência dela... pela segunda vez. Mas, na primeira, ele era jovem demais, burro demais, apaixonado demais pela mãe dela, para saber dar valor ao milagre que era aquela criança.

Junto com essas reações emocionais e viscerais, surgiu uma outra ainda mais surpreendente, mas igualmente explosiva. De repente, ele era Conan, o Bárbaro, proprietário e protetor até não poder mais. Que Deus tivesse misericórdia de quem pusesse as mãos na filha dele. Ele estraçalharia o pescoço dessa pessoa com os dentes.

Sim, com todos esses impulsos novos explodindo de forma caótica dentro dele, era bom que não tivesse de falar nada naquele momento. Mas Deus, ou quem quer que estivesse no comando e dirigindo aquele show, ofereceu alguma piedade e deixou que ele sobrevivesse os minutos seguintes sem ter de passar por bobo.

Ele conseguiu prosseguir pelo corredor ao lado de Caroline, com o passo relativamente normal para um homem cujos joelhos pareciam ter se dissolvido. Porque estava eufórico de ver Berry, mas Caroline tinha admitido que nem ela poderia prever a reação de Berry quando fosse apresentada a ele.

Dodge imaginou que ela podia estar tão nervosa quanto ele. Ou então ia cuspir na cara dele, ou se recusar a falar com ele, ou ficar melodramática e vociferar, ou gritar e desmaiar. Mas o que quer que ela fizesse, seja lá como for que reagisse, ele teria de aceitar. Não esperava o melhor, ele merecia o pior e estava preparado para qualquer coisa.

Mas a apresentação tão esperada não era iminente, afinal, porque Berry estava ocupada com outra coisa. Dodge e Caroline já estavam bastante perto para poder ouvir a conversa entre ela e a mulher loura, cujas belas feições estavam distorcidas pela raiva.

– Ah, é. Ele ligava de vez em quando para me garantir que vocês dois estavam trabalhando muito.

– E estávamos mesmo.

– Entre mergulhos na piscina e garrafas de vinho.

Berry gemeu.

– Não foi assim. Por favor, Amanda, não faça isso.

O gesto de amizade foi recusado. Depois de dizer para Berry não encostar nela e para ficar longe do marido, a loura deu um encontrão num cara grandalhão com botas de vaqueiro e bateu em Dodge e em Caroline. Resmungou um pedido de desculpas e se afastou aos tropeços.

Dodge pôs a mão embaixo do cotovelo de Caroline.

– Ela quase derrubou você. Está tudo bem?

Distraída, Caroline assentiu com a cabeça e foi rapidamente para o lado da filha.

– Meu Deus, Berry. O que foi aquilo?

– Ah, mãe, essa situação só está piorando.

Caroline puxou a filha para o lado e as duas começaram a conversar em voz baixa. Excluídos da conversa confidencial entre mãe e filha, Dodge e o quase vaqueiro se encararam. O vaqueiro acabou falando primeiro.

– Ski Nyland.

Dodge apertou a mão grande estendida para ele.

– O subdelegado.

– Isso mesmo.

Ele tinha olhos cinzentos e calmos e a postura pragmática que Caroline descrevera.

– Já ouvi falar de você – disse Dodge.

– Muito bem – disse Ski e acrescentou: – Quem é você?

Naquelas circunstâncias, Dodge não se ofendeu com a franqueza direta e respondeu do mesmo modo:

– Amigo da família.

Olhou para trás, na direção que a loura tinha seguido, mas a mulher já tinha desaparecido. Virou-se de novo para Nyland e perguntou:

– Era a mulher do Ben Lofland?

O delegado fez que sim com a cabeça.

– E não é uma mulher feliz – o celular dele chilreou. – Com licença.

Ele deu as costas para Dodge para atender a ligação.

Berry e Caroline ainda estavam conversando baixinho e deixaram Dodge por conta própria. Ele resolveu procurar a infeliz mulher do Lofland, que parecia precisar desesperadamente de alguém com quem conversar.

E, sem mais nem menos, ele percebeu que estava envolvido. Comprometido. Era a filha dele, problema dele, uma briga dele.

Meia hora depois, o celular de Dodge tocou. Uma ligação de Caroline. Assim que ele atendeu, ela perguntou:

– Para onde você foi?

– Saí para fumar.

– Nós estamos saindo.

– Você contou para Berry...

– Não.

Ele digeriu a resposta e depois disse:

– Estarei no meu carro.

Os dois desligaram. Dodge foi andando pelos caminhos paisagísticos do campus do hospital até o estacionamento onde Caroline e ele deixaram seus carros em vagas vizinhas. Ele terminou de fumar, entrou no carro e ligou o motor para poder ligar o ar-condicionado.

Atlanta podia ter seus dias úmidos, mas, *merda*... o ar desse lugar parecia um cobertor molhado. Grudava no cabelo, nas roupas, na pele. A densidade congestionava as vias nasais e os tubos dos brônquios. A umidade inclemente foi um motivo para Dodge não ter lamentado abandonar as planícies costeiras do Texas trinta anos antes. O único motivo.

Ele estava observando a porta de saída quando as duas mulheres apareceram. Berry era uma cabeça inteira mais alta do que Caroline, mas tinha braços e pernas mais esguios e se movia com a mesma graça da mãe. Quando elas chegaram perto dos carros, Caroline se abaixou e disse através da janela do carona do carro dele que estava aberta:

– Venha atrás de mim.

Ele fez que sim com a cabeça e olhou para Berry atrás dela. Ela abriu a porta do lado do carona do carro de Caroline, abaixou um pouco os óculos escuros e olhou curiosa para ele por cima do teto do carro. Depois de um longo momento em que o coração de Dodge parecia uma britadeira, ela arrumou os óculos e entrou no carro.

O sistema cardíaco de Dodge levou alguns minutos para voltar ao normal, mas ele continuou a imaginar o que Caroline tinha dito sobre ele para a filha. Que explicação ela devia ter dado para aquela súbita presença dele na vida delas?

Bem, não importava, porque não ia demorar muito para ele saber.

Do estacionamento do hospital, o trajeto até a casa do lago levou dezessete minutos. Três desses minutos foram gastos nos sinais da rua Bowie, o fluxo principal pelo centro de Merritt.

Logo depois do estádio de futebol da escola secundária na periferia da cidade, Caroline pegou a Lake Road, cujo nome era perfeito, porque, oito quilômetros depois da entrada, chegaram a uma parada com três vias e o lago diretamente à frente, separado da estrada por uma loja de iscas que era também de conveniência, um cais de pesca e uma rampa pública para barcos. As extensões do T à esquerda e à direita eram estradinhas estreitas por dentro de uma floresta composta principalmente de pinheiros.

Caroline virou para a esquerda. A estrada seguiu as curvas do lago. As poucas casas pelas quais passaram eram luxuosas pelo que Dodge pôde ver, atrás de jardins e muros extravagantes. Algumas dessas casas e lotes à beira do lago estavam à venda. *Caroline King Imobiliária*, diziam as placas. O nome dela estava escrito com letras brancas cursivas sobre um fundo verde-escuro. Tinha uma pequena coroa dourada em cima do K maiúsculo.

A casa dela ficava a uns cem metros da estrada, numa clareira que tinham aberto na floresta em volta. Pinheiros e carvalhos davam lugar aos ciprestes perto da água. O lago manso refletia o sol feito um espelho. Um pequeno cais avançava sobre ele, mas Dodge não viu nenhum barco.

A própria casa era surpreendentemente modesta, não era imponente como algumas pelas quais passaram. As paredes externas, de madeira, eram pintadas de cinza claro, com persianas brancas nas janelas e colunas da varanda também brancas. Havia um jardim na frente e nos fundos, onde a grama St. Augustine cedia mansamente ao solo da floresta no perímetro da clareira. Canteiros de flores bem cuidados formavam espaços com cores vivas, as plantas bem-arrumadas sob mantos de galhos de pinho.

Ele parou seu carro alugado ao lado do de Caroline, desligou o motor e desceu. Mais uma vez, sentiu que não podia contar com nenhuma firmeza nos

joelhos.

Caroline disse animada:

– Vamos lá para dentro nos apresentar, para sair desse sol. Berry e eu ficamos cheias de sardas.

Ele já ia dizer, *eu sei*. Tinha passado uma noite inteira tentando beijar cada uma das sardas de Caroline. Mas ainda sem a menor ideia do que ela dissera a Berry sobre ele... certamente não isso... ele não falou nada e seguiu as duas para os degraus da porta dos fundos que dava diretamente na cozinha.

Assim que entraram, Caroline disse:

– Espero que não se importe de entrar pelos fundos, sr. Hanley. Somos bastante informais por aqui e raramente usamos a porta da frente.

Ela pareceu meio ofegante, como quando apertou a mão dele na Casa de Chá da Mabel.

– Berry, este é Dodge Hanley.

Berry tirou os óculos escuros, deixou-os com a bolsa na mesa da cozinha e se aproximou para apertar a mão dele.

– Oi.

Ele apertou a mão dela, primeira vez que encostava na filha.

– Oi.

Passou alguns segundos sem conseguir articular mais nada. Então gaguejou:

– Pode me chamar de Dodge.

Ainda com a voz animada demais, Caroline disse:

– Que tal um chá gelado?

Berry ainda estava examinando Dodge, avaliando. Distraída, ela respondeu:

– Boa ideia.

Dodge disse.

– Ótimo.

Caroline sugeriu que fossem para a sala de estar e se instalassem lá enquanto ela preparava o chá.

– Por aqui – disse Berry e desapareceu pela porta aberta.

Dodge olhou para Caroline, franzindo a testa, confuso.

– Pode ir. Está tudo bem – ela sussurrou.

Ele seguiu a jovem e, quando chegou à sala de estar, ela foi direto ao ponto.

– Minha mãe disse que você é investigador particular.

Então Caroline tinha resolvido dizer a verdade, até certo ponto. A verdade era sempre útil quando tínhamos de mentir.

– Isso mesmo.

– Nunca conheci um antes.

– Não é como na televisão.

– É diferente em quê?

– Bem, eu nunca tive de pular de um prédio alto para evitar levar um tiro, nem fui encurralado por um bandido num beco escuro. Em geral, eu caço papéis, não pessoas.

Ela sorriu como se não soubesse se acreditava nele ou não.

– Você é de Atlanta?

– Estou morando lá agora. Trabalho para um advogado. Advogado de defesa. O melhor. Ou pior – ele acrescentou. – Depende de que lado você está.

– Ele é durão?

– O mais durão de todos. Ouvi um assistente da promotoria acusar Derek de espalhar vidro moído nos cereais dele todas as manhãs.

Ela sorriu de novo, mas logo franziu a testa. Foi até um interruptor de parede e ligou o ventilador de teto.

– Minha mãe chamou faxineiros profissionais que vieram aqui esta manhã. Sinto o cheiro do produto que eles usaram. Você também sente?

– Não. Meu olfato não funciona direito. Cigarro demais.

– Eu experimentei quando estava no ensino médio. Um cigarro só, aliás. Mas minha mãe me pegou. Naquela época, eu tinha certeza de que ela tinha superpoderes, olhos na parte de trás da cabeça, audição amplificada. De qualquer modo, papai e ela fizeram um escândalo, me deixaram de castigo duas semanas e, o que foi pior, tiraram meu celular por um mês. Nunca mais acendi nenhum.

Ele sorriu, mas uma flecha atravessou seu coração quando ela mencionou "papai".

– Ótimo. Isso é ótimo. É um péssimo hábito.

Berry sustentou o olhar dele por um bom tempo, depois indicou uma cadeira de balanço.

– Desculpe. Estou esquecendo a boa educação hoje. Sente-se.

Ela se sentou numa ponta do sofá na hora em que Caroline entrou com três copos altos de chá gelado numa bandeja. Ela pôs a bandeja na mesa de centro.

Berry olhou para a bandeja e murmurou:

– Nossos copos de vinho.

Dodge pegou o copo de chá que Caroline deu para ele. Havia um açucareiro e colheres na bandeja, mas Caroline não lhe ofereceu porque sabia que, embora Dodge preferisse seu café com duas colheres de açúcar, bebia o chá sem adoçar. Ele imaginou se Berry notara isso. Mas ela nem viu, ainda olhava pensativa para a bandeja.

– O que foi, querida? – perguntou Caroline, pondo açúcar em um copo antes de dar para a filha.

Berry pegou o copo, bebeu um gole e então foi como se saísse de um transe temporário.

– Nada.

Ela olhou para Dodge, que estava tentando ficar parado na cadeira de balanço, porque, cada vez que se mexia, o assento de vime estalava ruidosamente. Parecia mais um gemido.

Berry botou o copo na bandeja, esfregou as mãos para secar a condensação, olhou para Caroline e falou com ele de novo:

– Não entendi por que minha mãe o contratou.

– Eu já disse por quê – respondeu Caroline. – O sr. Hanley é altamente recomendado.

– Foi o que você disse, mãe. Que ficou sabendo dele por um amigo seu em Houston, para quem ele trabalhou. – Berry se virou de novo para Dodge e disse: – Mas eu não sei o que poderá fazer por mim. Por nós.

– Eu também não sei o que posso fazer. Mas, de acordo com o que a sua mãe me contou, e com o que vi naquela cena no hospital, não há dúvida de que você está encrencada.

– Sr. Hanley... – disse Caroline.

– Olha, parem de me chamar de sr. Hanley, está bem?

Caroline parou de falar diante do tom duro de Dodge.

Se tinha soado mais irritado do que pretendia, ele sentia muito, mas aquela história de Caroline chamá-lo de sr. Hanley o incomodava demais. E era

ridículo ela não usar seu primeiro nome, especialmente levando em conta que...

Não, era melhor não levar nada *daquilo* em consideração.

– Desculpe – disse Caroline. – Se prefere ser chamado pelo seu primeiro nome...

– Eu insisto, Caroline.

– Tudo bem, Dodge.

– Então, eu sou Berry.

A filha deles parecia se divertir e não entender muito bem aquela discussão por causa do nome. Olhou para os dois e se concentrou em Caroline.

– Mas você estava dizendo, mãe...?

– Eu estava dizendo que *Dodge* tem anos de experiência com investigações criminais. Achei que seria útil ter alguém com essa visão e capacidade do nosso lado.

– Para fazer o quê? – perguntou Berry.

– Para começo de conversa, encontrar esse babaca que ameaçou a sua vida – Dodge comentou. – Desculpe a linguagem.

Berry fez um gesto impaciente que queria dizer, *esqueça isso*.

– Preciso encontrar esse cara antes que ele cumpra a ameaça de matá-la – ele disse.

– Isso não cabe às autoridades?

Dodge bufou com ar de deboche.

– Wild Bill Hickok?

Ela abafou uma risada.

– Quer dizer o subdelegado Nyland?

– Eu gosto dele – disse Caroline com firmeza.

Berry se virou surpresa para a mãe.

– Pensei que só o tinha conhecido ontem à noite.

– E foi mesmo. Mas gostei do que vi.

A pontada de ciúme que Dodge sentiu foi despropositada, mas inegável. O que é que Caroline tinha gostado tanto quando viu o alto e forte subdelegado Nyland? A cara bronzeada e o cabelo grisalho? Os ombros largos e a barriga inexistente? A boca reta e a covinha no queixo?

– Nyland deve ser um homem de confiança – resmungou ele. – Bastante competente. Mas eu não confio nas autoridades como você, Berry. Encontrei fugitivos enquanto os caras com os distintivos ainda estavam tentando organizar o grupo de busca. Eu não preciso perder tempo com burocracia. Não tenho de obter permissão dos caras que são muito mais burros do que eu. Não tenho de obedecer a regras com medo de ser expulso se a situação azedar.

Berry olhou para Caroline, que segurou a mão dela e a apertou entre as suas.

– Dodge pode ficar atento a tudo, aos menores detalhes. E nos manter informadas. Eu não quero que nada nos pegue de surpresa, especialmente a reaparição de Oren Starks.

– Eu gostaria de evitar isso também – Berry disse e depois perguntou para Dodge: – Você não precisa ter uma licença no estado em que está trabalhando?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Pode ser. Provavelmente sim.

Ela deu risada.

– Não se importa com isso?

– Vocês se importam?

Ela olhou para Caroline, que se enrolou.

– Nós... bem... Dodge e eu não tivemos tempo de conversar todos os detalhes desse... é... envolvimento dele.

Dodge intercedeu.

– Eu me apresentei ao Nyland como amigo da família. Não sou nada oficial.

– Até sua conta vencer – disse Berry secamente. – Quanto cobra para ficar com a orelha grudada no chão?

– Um preço justo. Não vou esfolá-las. Isso eu prometo. E, desde que eu não receba um adiantamento, podemos dizer sinceramente para Nyland, ou para qualquer pessoa que pergunte, que eu opero extraoficialmente.

Era óbvio que Berry ainda estava apreensiva.

– É um arranjo estranho. *Mas* essa situação também é estranha, pelo menos para mim e mamãe. Acho que não fará mal ter alguém trabalhando para nós nos bastidores.

– Eu acho que Dodge será uma tremenda ajuda – disse Caroline.

– Dr. Carlisle já sabe dele? – Berry perguntou para a mãe.

– Vou informar ao nosso advogado no momento oportuno.

Berry levantou-se e começou a andar pela sala.

– Não entendo a necessidade de um advogado. Eu não fiz nada de errado.

– Mais motivo ainda para ter um advogado – disse Dodge. – Sempre que Nyland quiser falar com você, não diga uma palavra sem o seu advogado presente.

– Eu já fiz isso.

Caroline perguntou:

– Quando foi isso, Berry?

– No hospital, antes de vocês chegarem. Eu conversei com ele.

– Sobre o quê?

– Sobre as características do Oren. Qualquer coisa que pudesse dar uma pista para o subdelegado Nyland. Uma conversa totalmente inofensiva.

Dodge não tinha tanta certeza.

– Não faça mais isso. Combinado? Meu chefe recomendaria a mesma coisa.

– Claro que recomendaria. É assim que ele ganha a vida.

– É verdade. E é uma vida excelente. Mas eu confiaria a minha a ele. Muita gente já fez isso.

– Gente culpada.

– Gente inocente também – ele retrucou calmamente. – Inclusive a mulher com quem ele acabou se casando.

Caroline chegou para frente.

– Ele se casou com uma cliente? Deve ser uma história interessante.

Dodge virou para ela.

– É. A história de uma mulher encrencada e do cara que foi salvá-la. Uma história muito antiquada. Rapaz conhece moça e, sem mais nem menos, ele fica perdido.

– O rapaz perdeu a moça? – perguntou Berry.

– Não – disse Dodge. – Para sorte de Derek e Julie, a história deles teve um final feliz.

Ele olhou fixamente para Caroline e a atmosfera ficou tensa alguns segundos. Ela desviou o olhar primeiro.

Dodge ficou sem jeito, mudou de posição na cadeira que rangia e chamou a atenção de Berry para a bandeja na mesa de centro com um gesto.

– Tive a impressão de que isso avivou alguma lembrança há pouco. Você falou dos copos de vinho.

Ela se sentou de novo na ponta do sofá, sobre as pernas dobradas.

– Depois do jantar, Ben e eu resolvemos dividir o que sobrava do vinho na garrafa. Então, antes de subir, nos sentamos aqui para beber. Nyland deve ter visto os copos de vinho na mesa e concluiu, precipitada e equivocadamente, o que isso sugeria.

– Uma festinha regada a vinho? – disse Dodge.

– É, alguma coisa assim. – Uma ruga vertical apareceu entre as sobrancelhas dela. – Vai ver ele vasculhou o lixo para contar as cervejas e garrafas de vinho que nós consumimos.

– Foi essa *happy hour* que provocou a fúria da sra. Lofland – observou Dodge.

As duas olharam para ele sem entender.

– Eu conversei com ela.

– Você conversou com ela?

– Quando?

As duas perguntaram ao mesmo tempo. Dodge explicou:

– Foi depois daquela cena horrível do lado de fora do quarto do marido dela. Vocês duas estavam conversando num canto.

Nyland atendeu um telefonema. Pensei em procurar a senhora, para ver o que havia com ela. Ela estava na cantina do hospital, sentada sozinha, bebendo uma Coca. E estava chorando. Fui até ela, disse que não pude deixar de notar que estava aborrecida e perguntei se podia ajudar em alguma coisa.

Ele contou a conversa que teve com a mulher de Ben para as duas, quase palavra por palavra. Explicou muita coisa, foi bastante elucidativa e, em grande parte, perturbadora.

Quando Dodge terminou de contar o que os dois tinham dito, nem Caroline nem Berry quiseram encará-lo. A corrente fina que pendia do ventilador de teto tilintava no suporte de metal. Era possível ouvir a respiração de Dodge, o ar entrando e saindo de seus pulmões sobrecarregados. O assento de vime da cadeira de balanço estalou de novo, embora ele pudesse jurar que

não tinha movido um músculo sequer. Esses ruídos só enfatizaram o silêncio das duas mulheres.

Dodge acabou perguntando sem rodeios.

– É verdade, Berry?

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele franziu a testa e olhou para Caroline, que, por sua vez, olhava fixamente para as mãos, cruzando e descruzando os dedos no colo. Ele pigarreou e ficou de pé.

– Preciso fumar um cigarro.

Dodge já estava quase saindo da sala, quando Berry disse baixinho, de cabeça baixa:

– Quando você voltar, eu vou explicar.

– Isso seria muito útil.

– O que eu não entendo...

– Sim?

– Você já conhecia Amanda Lofland?

– Nunca vi aquela mulher até ouvi-la dizer para você ficar longe do marido dela.

– No entanto, em meia hora ela abriu seu coração com você. Como conseguiu conquistar a confiança dela tão rápido?

Caroline respondeu em voz baixa:

– Essa é a especialidade dele.

CAPÍTULO 7

Houston, Texas, 1978

A força-tarefa foi um fiasco.

Pelo menos, na opinião de Dodge. Trabalhar nela não foi nenhum desafio, como ele esperava, nem excitante, como suas fantasias inventaram. Ele ficou contente de não ter de usar o uniforme e de escapar do turno da noite, mas, até o momento, seus deveres na força-tarefa não tinham passado da presença obrigatória em reuniões lideradas por idiotas egoístas que não tinham nada de construtivo nem informativo para dizer.

O grupo de policiais de elite e de agentes do FBI se encontrava diariamente no que chamavam de quartel-general. Mesmo em termos eufemísticos, esse nome pomposo não correspondia ao lugar. As salas anônimas ficavam no andar térreo de um discreto prédio comercial nos arredores do centro da cidade. Num bairro em que todos os prédios caíam aos pedaços, aquele era o pior de todos. A única vantagem era o aluguel barato.

Ali eles se encontravam para repassar testemunhos oculares dos assaltos, para assistir a vídeos dos roubos feitos pelas câmeras de segurança dos bancos, para se atualizar sobre os progressos individuais no rastro de pistas e para discutir estratégias.

A premissa de que era um grupo de elite só podia ser piada. Eles repassavam os testemunhos e assistiam aos vídeos até saber tudo de cor. Não tinham nenhuma pista e, quanto ao que fazer para dar prosseguimento à investigação, ninguém, especialmente os homens no comando, tinha a mínima ideia. Essas reuniões supostamente de alto nível costumavam terminar com trocas festivas de histórias de pescador.

Todos contavam piadas sobre sexo. Falavam muito de carros. Discutiam e apostavam em eventos esportivos. Bebiam litros de café de elevada octanagem e se enchiam de salgadinhos calóricos. Os que fumavam mantinham a sala enfumaçada. Eles se xingavam, falavam das roupas, dos carros, das

universidades, das mulheres, das mães e dos cachorros uns dos outros. Faziam concurso de peidos. Falavam sem parar sobre mulheres, com quem tinham transado e com quem gostariam de transar.

O que não faziam era capturar o ladrão de bancos.

No fim do segundo mês, até as piadinhas sujas tinham perdido a validade, para não falar dos salgadinhos. Os pavios estavam encurtando, especialmente os dos oficiais da polícia de Houston que sentiam o bafo da crítica dos seus superiores e o desprezo dos agentes do FBI.

Para tratar desses problemas, convocaram uma reunião exclusiva para os oficiais da polícia de Houston.

– Até o chefe está sendo trucidado pelo prefeito. Ele quer esse cara preso antes de sair candidato à reeleição.

O capitão da polícia que presidia essa assembleia para reavivar os ânimos não conseguia ver os próprios sapatos por causa da barriga proeminente. Conforme ele ia discursando, o desprezo de Dodge aumentava. Ficava imaginando quantos anos fazia que aquele gordo tinha participado de uma perseguição, rastreado um criminoso, feito uma prisão. Ele tinha a audácia de maltratar os subordinados, embora Dodge só o tivesse visto se destacar em juntar moedas para a máquina que vendia cigarros e contar as piadas mais estúpidas.

Como não tinham nenhuma ideia, os membros da força-tarefa discutiam a viabilidade dos suspeitos baseados unicamente em seus perfis criminais, não porque qualquer um deles pudesse ser posto perto de um dos bancos durante um assalto.

Um desses suspeitos tinha sido preso por dirigir embriagado no fim de semana anterior.

– Ele está preso por violação da condicional. Por isso, se for o nosso homem, não vai assaltar nenhum banco tão cedo – disse o capitão.

– De qualquer modo, não acho que ele seja o nosso ladrão – observou um oficial. – Ele é um valentão. Besta. Cabeça quente. Não tem a frieza necessária para planejar e executar esses assaltos.

– No último, o cara inclinou a câmera de segurança – disse outro policial.

– E daí?

– E daí, que se esse cara é metido, isso não parece uma coisa que ele faria? O nosso ladrão de bancos é muito metido a besta. Fica se pavoneando.

– Atrás de um disfarce.

– É, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Começaram a debater o assunto. Dodge, que concordava com o primeiro policial, não tinha nada para acrescentar, por isso, se desligou da discussão e tentou, sem sucesso, controlar os bocejos.

Então alguém chamou.

– Hanley!

Dodge despertou e endireitou as costas.

– Sim, senhor?

– Até onde você chegou com a namorada do Madison?

Tommy Ray Madison, um dos suspeitos, estava também sob liberdade condicional, tendo cumprido sua sentença pelo assalto à mão armada a uma lanchonete. Ele tinha também um assalto a banco frustrado em sua ficha. Madison se encaixava na descrição de altura e peso do criminoso não identificado.

– No sentido que o senhor pretende, não cheguei nem à primeira base – respondeu Dodge..

– Primeira base? – zombou outro policial. – Admita que você deu um fora.

Dodge confirmou e balançou a cabeça, desanimado.

– Não consegui nada, capitão.

– Como pode? Você é considerado o Romeu do departamento.

– A química está fora da jogada. A dama está grávida.

– Ah, bem... De quem? Madison?

Dodge levantou o polegar, confirmando.

– De quatro meses. Ela e Tommy Ray estão apaixonados. Ele está se comportando, é apaixonado por ela, ama o bebê que vem aí e quer se casar.

– Você disse que ela era uma mulher inteligente.

– É o que eu acho.

– Madison é um maldito criminoso! – berrou o capitão. – Ela caiu naquela besteirada de corações e flores?

Dodge sacudiu os ombros.

– Está aí, isso é o amor. Além do mais, ela diz que Tommy Ray encontrou Jesus na prisão.

– Jesus estava em Huntsville? – brincou outro policial.

– Sempre no último lugar em que procuramos – disse outro.

O capitão interrompeu a reação de risos e perguntou para Dodge:

– Quem ela pensa que você é?

– Ninguém além de um freguês habitual que sempre pede o combo *fajita*. Ela traz minha Corona sem que eu tenha de pedir. Com dois limões. Dou uma boa gorjeta e sou um bom ouvinte.

– Vocês conversam muito?

– Tudo que eu consigo sem deixá-la desconfiada. Fico por lá até quase a hora de fechar. Quando os fregueses começam a rarear, ela vem bater papo comigo à minha mesa. Acho que conquistei a confiança dela.

– Que história você contou?

– Que não tenho para onde ir, que detesto passar as noites no meu apartamento vazio, onde moro sozinho porque minha mulher teve um caso com outro cara e ele se mudou para a nossa casa.

– Estou quase engasgando de tanta emoção – um policial fingiu soluçar.

– Está parecendo uma música sertaneja tristíssima.

O capitão fez cara feia para as interrupções e se virou de novo para Dodge.

– Qual é a sua avaliação?

Dodge andava pensando muito em Tommy Ray Madison e na namorada dele. Apesar da sua avaliação sincera não ser nada do que os policiais presentes quisessem ouvir, foi o que ele respondeu:

– Ela é uma boa moça. Boa demais para o Madison, mas quem consegue explicar o amor? E talvez ele tenha mesmo encontrado Jesus e seja agora um outro homem. Por outro lado, se Tommy Ray estava assaltando bancos, ou mesmo se ela suspeitasse de que ele tinha violado a liberdade condicional, acho que ela o deixaria, com ou sem o bebê. Acho que ela o denunciaria para o bem dele. Ela dá muito valor à integridade, por isso, não acredito que o protegeria se ele fosse o nosso criminoso.

– Ele não é o nosso homem. É isso que você está dizendo.

– Não tenho certeza absoluta disso, capitão, mas ele realmente não está no topo da minha lista.

Os outros membros da força-tarefa, sem brincadeira alguma agora, pararam para assimilar isso, e Dodge se sentiu lisonjeado de ver que davam tanta importância à sua opinião. O capitão passou a mão no rosto, arrumou as dobras de gordura.

– Continue o que está fazendo. Fique de olho em qualquer mudança no relacionamento deles.

Dodge não precisava dessa orientação, mas meneou a cabeça como se dissesse, que *boa ideia, capitão. Vou fazer isso.*

– E a outra, a garota do Albright?

Franklin Albright era outro que gozava de liberdade condicional, mas, fora isso, Tommy Ray Madison e ele tinham pouca coisa em comum. Albright era mais perigoso, mais perverso e Dodge tinha quase certeza de que jamais tinha procurado Jesus, menos ainda encontrado e passado a segui-lo.

Dodge franziu a testa e respondeu à pergunta do capitão.

– O nome dela é Crystal, e essa é mais difícil.

– Por quê?

– Acesso. Albright é do tipo ciumento. Vigia a moça com olhos de lince. Dá carona para ela até o trabalho toda manhã, a pega no fim do expediente. Ela não sai se ele não estiver junto, nem mesmo até a esquina. Os supermercados costumam ser bons para esbarrar acidentalmente em alguém e iniciar uma conversa, mas Albright está sempre lá com ela. Ele a isolou dos amigos e da família. Entende o problema? Não tive nenhuma oportunidade de chegar perto da moça, menos ainda de tornar-me seu confidente.

O capitão coçou o queixo pensativo.

– Onde é que ela trabalha?

– E agora aquele gordo safado me botou para trabalhar na empresa dela.

Gonzales riu tão de repente que engasgou com seu suco de laranja. Depois de se recuperar, deu um espirro.

– Você está brincando.

– Juro por Deus. Ele convocou a reunião, fez algumas ligações. Doze horas depois, eu me apresentei para o meu primeiro turno no departamento de manutenção e limpeza.

– Caramba...

– Tenho um balde, um esfregão, uma vassoura, uma camisa com o meu nome bordado no bolso. Dá para acreditar? Mas tenho acesso ao prédio inteiro. Fico andando por lá, vou para todo canto e ninguém acha nada de mais. Pelo menos, não fico preso num lugar só o dia inteiro.

Ele podia trabalhar na linha de montagem da fábrica de pneus, fazendo pneus radiais com anéis de aço em vez de trocar lâmpadas fluorescentes queimadas e esvaziar cinzeiros. No final das contas, era péssimo.

– Zelador, hein? – Gonzales mal conseguia conter o riso. – Quem sabe? Você pode resolver mudar de profissão.

– À merda com isso, e vá à merda você.

Dodge temperou seus ovos com uma dose generosa de Tabasco. Os dois tinham marcado de se encontrar para tomar o café da manhã entre o fim do plantão noturno de Gonzales e a hora em que Dodge tinha de marcar ponto no seu novo emprego diário.

– Já conheceu seu alvo? – perguntou Gonzales.

– Trocamos olhares. Ela é funcionária da seção de contabilidade, que cuida da folha de pagamento.

– Como ela é?

Dodge sorriu de orelha a orelha.

– Digamos que não vai ser uma missão ruim.

– Peitos?

– Dois – Dodge disse e riu da expressão de Gonzales. – Tamanho 40, no mínimo. Pernas boas também.

Gonzales encarou Dodge com um misto de admiração e de inveja.

– E você está sendo pago para dar em cima dela.

Dodge olhou em volta.

– Essa não é a minha missão oficial, entenda isso. – Ele fez cara de preocupação. – A polícia de Houston não apoiaria um policial que usasse...

– Poupe-me – disse Gonzales.

Ele se debruçou sobre a mesa e sussurrou:

– Nós dois sabemos que é isso que eles querem que você faça. – Ele enfiou um naco de uma pilha de três panquecas com xarope na boca. – Sua vida é mágica, meu amigo.

– Não esqueça que o namorado dela é um criminoso perverso. Pelo que ouvi dizer, ele seria capaz de cortar minha garganta por olhar para os peitos dela. Só por pensar em olhar para os peitos dela.

– Cara mau, é?

– Muito mau. Uma série de assaltos à mão armada. Dois arrombamentos. Uma acusação de estupro foi anulada no pré-julgamento para ele virar informante lá dentro. Foi suspeito de uma facada fatal no chuveiro do presídio, mas não encontraram a arma e, se houve alguma testemunha, ficou assustada demais para se apresentar. – Dodge meneou a cabeça com tristeza e disse: – Ele é mau.

Gonzales franziu a testa, preocupado.

– Consiga a informação dessa senhora. Pegue o ladrão, ganhe uma medalha, vire detetive. Mas não morra nesse processo, está bem?

– Farei o possível.

Mais que isso, Dodge não podia contar sobre seu trabalho disfarçado, nem mesmo para seu confiável antigo parceiro. Gonzales entendia isso, é claro, por isso, quando Dodge perguntou sobre o novo parceiro dele, mudou de assunto de boa vontade.

– Nós nos damos bem. Nem preciso dizer que ele não é você.

– Está com saudade de mim? – provocou Dodge.

– Não. Claro que não. Quando eu disse que ele não era você, quis dizer que ele é *melhor* do que você. Mas a Doris do 7-Eleven está sofrendo. Agora não dá mais as roscas e os picolés de graça.

Acabaram de comer e pagaram a conta. Quando chegaram ao estacionamento, Gonzales parou e olhou para a rodovia onde os veículos avançavam a torturantes oito quilômetros por hora. Então, ele examinou as nuvens que chegavam do Golfo. Olhou para praticamente tudo em volta, menos para Dodge, que percebeu que Gonzales estava muito indeciso.

– O que está pensando, parceiro?

– Nada de mais. – Ele olhou para Dodge e para longe de novo. – Só que... Olha, isso não é da minha conta, está certo? E provavelmente nem tem importância para você, de qualquer modo.

– Mas?

Ele finalmente encarou Dodge.

– Anteontem à noite meu parceiro e eu atendemos a outro pedido de socorro na Shadydale.

Ele observou Dodge desconfiado, para ver se ele lembrava o nome da rua.

Dodge lembrou, é claro. Tinham se passado dois meses desde que foi lá ajudar Caroline King, mas parecia ontem. O corpo dele inteiro começou a zumbir de ódio, de medo.

– Ele a machucou?

– Não. Não deu em nada. Na verdade, quem ligou foi a vizinha do lado. Disse que ouviu barulho, gritos, xingamentos. Campton já tinha ido embora quando nós chegamos. Eu conversei com a srta. King. Ela estava envergonhada. Detestando ter incomodado a vizinha. Mas, dessa vez, Campton não bateu nela.

Gonzales titubeou antes de continuar.

– Eu não sabia se você ainda... você sabe.

Ele sacudiu os ombros.

– Eu só mencionei isso porque... Sabe a noite em que você e eu fomos lá? Tive a impressão de que você ficou realmente interessado no bem-estar daquela mulher.

Dodge cerrou os dentes e não disse nada.

– Eles continuam noivos – continuou Gonzales. – Eu perguntei. E, de qualquer maneira, é difícil ignorar o brilhante no dedo dela.

Dodge fez que sim com a cabeça.

Gonzales manifestou arrependimento com uma espécie de gemido.

– Droga, eu saí da linha. Não devia ter dito nada.

– Não, estou contente que tenha contado, Jimmy. Obrigado por isso.

Então Gonzales perguntou, preocupado com outra coisa:

– Você não vai fazer nenhuma burrice, vai?

Dodge deu um sorriso forçado.

– Eu? Claro que não. Preciso me tornar detetive. Não faria nada para prejudicar esse meu objetivo.

Meia hora depois, ele se apresentou para o trabalho na fábrica de pneus. Na hora do almoço, viu Crystal no refeitório e fez questão de sorrir para ela. Ela retribuiu o sorriso, depois virou a cabeça timidamente e não olhou mais para ele.

Ao terminar o turno, Dodge bateu o ponto, foi procurar Roger Campton e, quando o encontrou, deu-lhe uma baita surra. Ele, pelo menos, tentou.

Já tinha escurecido, mas Dodge teria feito a mesma coisa à luz do dia. Alcançou Campton no estacionamento da academia exclusiva da qual era membro. O cabelo dele estava molhado do chuveiro recente e ele cheirava a Irish Spring. Dodge chegou por trás, deu-lhe uma gravata e socou seu rim direito.

Campton deixou cair a bolsa de ginástica. Com a pressão do braço de Dodge na laringe, os únicos sons que foi capaz de produzir foram guturais e ininteligíveis. Depois que Dodge desfechou vários socos fortes, os joelhos de Campton cederam. Dodge o fez girar, socou a cara dele com a base da palma da mão e sentiu o nariz do outro afundar com um barulho de cascalho pisado e o jorro de sangue e muco.

Fez Campton recuar até o seu Mercedes e o dobrou de costas sobre o capô reluzente. Pôs a mão sob o queixo de Campton para mantê-lo reto e socou repetidamente a barriga e as costelas do milionário com o ímpeto de um bate-estaca.

Quando finalmente o soltou e recuou, Campton deslizou pela lateral do seu carro brilhante e desmoronou feito uma pilha de roupa suja na calçada. Dodge chutou as costelas dele e, por puro desdém, os testículos também. O homem berrou e desmaiou.

Dodge se apoiou em um joelho e agarrou uma mecha do cabelo dele. Estapeou a cara ensanguentada até Campton acordar.

– Está me ouvindo?

– Não me mate – choramingou Campton.

Graças ao nariz amassado, aquele miado soou quase cômico.

– Esta noite não. Mas quero que preste atenção, seu merda filho da mãe. Por causa do dinheiro do papaizinho, você deve achar que pode fazer qualquer coisa que quiser e se safar impune. Até agora você conseguiu. Mas estou lhe dizendo que, se machucar Caroline King de novo, mesmo que só um pouco, você morre. Está me entendendo?

Ele afrouxou a pegada no cabelo de Campton para que o homem pudesse mover a cabeça, indicando que compreendia.

– Não vai esquecer o que eu disse, vai, Roger?

Campton balançou a cabeça.

– Porque, se esquecer, se levantar a mão para ela amanhã, ou na semana que vem, ou daqui a dez anos, eu mato você. Entendeu?

Roger Campton tinha desmaiado de novo, e, dessa vez, quando Dodge o soltou, deixou-o onde estava, lamentando profundamente não ter justificativa para matar o filho da mãe ali mesmo, naquela hora.

Era hora do lusco-fusco e havia uma névoa no ar. O pôr do sol tinha contribuído pouco para aliviar Houston do calor escaldante. Dodge estava sentado num banco de concreto, à sombra, num pátio ao ar livre de um conjunto comercial formado por quatro prédios quadrados de vidro, cada um com seis andares. Ele esperava, como tinham pedido, nervoso como uma prostituta na igreja, imaginando por que ela marcara aquele encontro, torcendo que nem louco para ser alguma coisa boa para ele.

Ela saiu da porta giratória do Prédio Dois cinco minutos depois da hora marcada. A essa altura, as costas da camisa dele já tinham grudado na pele e rios de suor escorriam pelas suas costelas. Ela se aproximou, ele levantou e rezou para o seu desodorante não o trair, desejou ter chupado mais uma bala de menta extraforte.

Ela estava de calça preta e uma blusa creme sem mangas. Os tons rosados do entardecer faziam o cabelo dela parecer cobre derretido. Os braços eram incrivelmente esguios e as sandálias sem salto não a deixavam mais alta.

Mas a miudez era incongruente com o passo determinado e, quando ela chegou bastante perto para ele poder ver sua expressão, a esperança de que aquele encontro seria bom para ele se desfez imediatamente.

Cada fio de cabelo ruivo na cabeça dela se eriçou quando ela quis saber, sem nenhum preâmbulo:

– Foi você?

Dodge nem fingiu que não sabia do que ela estava falando, mas não ia admitir agressão e espancamento. Ele apontou para o banco.

– Não, obrigada – ela disse, muito tensa. – Prefiro ficar de pé. E insisto em saber se foi você que deu uma surra em Roger e quase o matou. Ele ficará no hospital pelo menos uma semana. Podia ter morrido.

– Foi o que Jimmy Gonzales me contou.

O antigo parceiro tinha ligado para o seu pager na noite anterior, mas Dodge não tinha podido retornar a ligação até aquela manhã. Gonzales contou que Roger Campton tinha sido hospitalizado com ferimentos sérios que sofreu em um ataque por um assaltante não identificado.

Houve um longo silêncio entre os dois.

Dodge finalmente perguntou se foi um assalto, e Gonzales disse que a carteira de Campton ainda estava com ele quando foi encontrado, cartões de crédito e algumas notas de cem dólares intactas.

Gonzales não perguntou se Dodge era o responsável pelo ato porque não queria confirmar suas suspeitas. Gonzales era um policial honestíssimo. Dodge sabia que ele estava se torturando com a própria cumplicidade, que consistia apenas de ter informado Dodge sobre o último chamado para a polícia daquele endereço na Shadydale. Mas isso bastaria para torturar um homem com a integridade de Gonzales.

Dodge odiava ter posto seu parceiro e amigo naquela posição tão comprometedora, porque também tinha certeza de que Gonzales nunca ia dedurá-lo por menos do que assassinato a sangue-frio.

Então Gonzales lançou uma bomba:

– Ela quer vê-lo.

Ele disse para Dodge o lugar e a hora do encontro.

Então lá estava ele, e lá estava Caroline King, olhando furiosa para ele, acusando-o.

– Você não precisou que o policial Gonzales contasse nada sobre o Roger, não é? Você sabia, porque foi você que o atacou.

– Por que não nos sentamos um pouco?

Dodge apontou de novo para o banco, e dessa vez ela se sentou. Ele se sentou ao lado dela, mas manteve a maior distância possível. Não pôde deixar de notar o solitário na sua mão esquerda. A pedra era do tamanho de um farol. Imaginou que milhares de mulheres suportariam uma surra de vez em quando em troca de um brilhante como aquele.

Mas não podia acreditar que *essa* mulher faria isso. Ela parecia forte demais, inteligente demais. E ele imaginou que qualidade oculta Roger Campton devia

ter para valer aqueles quilates. Será que o pinto dele era mágico? Ou será que era o patrimônio que atraía Caroline King?

Ele abafou o ressentimento que sentia pelos dois e disse:

– Gonzales me disse que você estava muito aborrecida quando ligou para ele.

– Você não ficaria aborrecido se alguém de quem você gosta levasse uma surra dessas?

– É – ele disse baixinho –, ficaria.

Ela virou a cabeça e os olhos deles se encontraram. Dodge percebeu que ela entendeu o recado por trás da observação dele. Depois de um tempo, ela se virou para o lado e ficou olhando sem ver o prédio de onde tinha saído.

– Você trabalha aí? – ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

– Eu trabalho com o assessor da receita municipal no centro. Tenho aulas aqui três noites por semana.

– Aulas de quê?

– Corretagem de imóveis. Estou estudando para obter minha carteira. Temos um intervalo às sete horas. Por isso, pedi para o policial Gonzales dar o recado para você vir me encontrar aqui. Ele disse que ia tentar.

– Por que não ligou para mim diretamente?

– Não sabia o seu telefone. O policial Gonzales me deu o dele na outra noite, quando...

Ela não disse mais nada. Dodge completou a frase para ela.

– Na outra noite, quando Gonzales atendeu a um novo chamado de violência doméstica na sua casa.

– Não aconteceu nada. Minha vizinha exagerou. Foi uma briga aos gritos. Só isso.

– Dessa vez.

Ele estava com a mão direita apoiada na coxa direita. Ela olhou para baixo, para as articulações incriminadoras, inchadas e machucadas. Depois olhou para a mão esquerda dele, que ainda tinha arranhões visíveis. Antes de Campton desmoronar, ele tentou inutilmente desprender o braço de Dodge do seu pescoço. Os arranhões rasgaram a pele de Dodge no antebraço e nas costas da

mão. Dodge não procurou esconder essas provas dela. Queria que soubesse que a briga foi violentíssima.

– Você não devia ter feito isso – ela reclamou em voz baixa. – Você nem o conhece. Nem a mim. Você é um policial. – Ela levantou a cabeça e procurou os olhos dele. – Por que fez isso?

Ele ficou um tempo sem dizer nada, então virou a mesa e fez outra pergunta.

– Por que acha que fui eu?

– Eu não acho, eu sei. Desde que soube do ataque, soube também que tinha sido você.

– Por que pensa que fui eu?

Ele perguntou porque sabia que ela encontraria a resposta para a pergunta dela na resposta que desse a ele. Ela soube imediatamente que ele era o culpado porque tinha visto o jeito com que ele olhava para ela. Apesar do mau gosto para noivos, ela não era burra. Nem cega. Nem surda.

Na noite do primeiro incidente, quando ficaram sozinhos na cozinha, ela deve ter percebido que a preocupação e o cuidado dele iam além dos de um simples policial. Qualquer dúvida que pudesse restar da natureza do seu interesse seria desfeita na manhã em que ele apareceu na casa dela de novo para ver como estava.

E, neste exato momento, ela provavelmente sabia que ele estava louco para tocar no cabelo dela, para beijar sua boca, segurar o corpo pequeno nos braços e apertá-la contra o peito até sentir seu coração bater. Ele desejou que ela entendesse a intensidade do que sentia por ela, mas deve ter ido longe demais, porque ela se levantou rapidamente.

– Já passou dos limites, sr. Hanley. Não tem nada de se meter na minha vida. A sua responsabilidade comigo terminou quando cumpriu seu dever de policial aquela única noite. Eu vou me casar com Roger.

Dodge também ficou de pé.

– Vai se arrepender.

– Se se meter de novo na nossa vida, terei de dar queixa. E, quanto a esse ataque violento, prometa-me que jamais fará algo assim de novo.

Dodge não disse nada. De jeito algum lhe faria uma promessa que contradissesse a que ele já tinha feito ao Campton, de matá-lo se ele a

machucasse.

– Muito bem. Está avisado.

Ela se virou para ele com aquele olhar fulminante pela última vez, deu meia-volta e foi andando para o prédio. Depois de dar apenas alguns passos, ela parou e se virou para ele novamente.

– O policial Gonzales me disse que foi nomeado para uma força-tarefa especial.

– É verdade.

– É um caso perigoso?

– Não tão perigoso como esse em que está se metendo.

Ela parecia prestes a responder, mas deve ter mudado de ideia.

– Cuide-se.

Então afastou-se dele.

Quando voltou para o carro, Dodge verificou seu pager, foi de carro até o telefone público mais próximo e fez uma ligação para a linha direta da força-tarefa. Atenderam logo.

– Aqui é o Hanley. Alguém aí ligou para mim?

– Onde você se meteu? O capitão está quase tendo um ataque. Já ligou para o seu pager pelo menos dez vezes.

– Estou com o intestino ruim. Começou essa tarde. Não saio do banheiro desde que bati o ponto na fábrica de pneus.

– Sinto muito. Venha pra cá. E quero dizer: abra as asas e voe.

– O que houve?

– Nosso cara entrou tranquilamente num banco logo antes de fechar, pegou cerca de trinta mil e pegou um guarda.

– Pegou como refém?

– Não. Pegou matando-o.

CAPÍTULO 8

– Srta. Buckland?

– Sim?

A voz era tão fraca que Ski mal estava conseguindo ouvir no celular. Tampou o outro ouvido com o indicador.

– Sally Buckland?

– Sim. Aqui é... Eu sou Sally Buckland.

– Meu nome é Ski Nyland. Sou subdelegado do município de Merritt.

Ela não disse nada e ele continuou tateando.

– Tivemos um incidente aqui à noite passada, srta. Buckland, que envolveu pessoas que a senhora conhece.

– Oren e Berry. Eu ouvi no noticiário.

Ski não ficou surpreso de saber que a mídia de Houston já tinha levantado a história dos tiros. Dúzias de incidentes como aquele deviam ter ocorrido na noite passada, mas Caroline King tinha sido uma corretora importante no mercado imobiliário da região de Houston antes de se mudar para Merritt. O nome dela merecia destaque. E ele achou isso bom. Graças à cobertura da mídia, milhões de pessoas estariam de sobreaviso em relação a Oren Starks.

Ele confirmou com a srta. Buckland que Starks e Berry Malone foram seus colegas de trabalho na Delray Marketing e que ela também conhecia a vítima do disparo, Ben Lofland.

– Disseram que o estado de Ben é grave.

– Isso já foi superado – Ski contou para ela. – Ele vai ficar bem.

Dois policiais entraram na sala da equipe com sacos do Whataburger. Outros atacaram o lanche como um bando de coiotes famintos. Ski cobriu o celular com a mão e berrou para eles calarem a boca. Seu estômago roncou e ele lembrou que não tinha feito uma refeição decente o dia inteiro.

Voltou ao telefone e disse:

– Poderia responder a algumas perguntas, srta. Buckland?

– Não.

A rispidez da resposta pegou Ski de surpresa.

– Prometo não tomar muito o seu tempo.

– Por que ligou para mim?

– Porque estou concluindo uma investigação e a senhorita conhece as três pessoas envolvidas. Oren Starks fez ameaças sérias e ainda está foragido. Agradeceria muito qualquer coisa que a senhorita pudesse dizer.

Ela ficou em silêncio tanto tempo que Ski teve de instigá-la.

– Srta. Buckland?

– Sinto muito, mas não sei de nada.

Outro policial se aproximou de Ski e ofereceu um hambúrguer com queijo derretido escorrendo, mas, por mais que lhe desse água na boca, Ski fez sinal de que não queria.

– A srta. Malone alegou que Oren Starks atirou no sr. Lofland.

Sally Buckland não respondeu.

– Quando a senhorita trabalhava na Delray Marketing, percebeu alguma hostilidade entre o sr. Starks e o sr. Lofland?

– Não.

– Nenhuma má vontade, em momento algum?

– Não.

– Muito bem. E...

– Isso realmente não é da minha conta.

Ela parecia estranhamente incomodada. Segundo a experiência de Ski, as pessoas, principalmente as que não tinham nada a esconder, ficavam contentes de serem procuradas pelas autoridades. Em geral, estufavam o peito se achando importantes e gostavam da chance de descarregar informações, mesmo quando não tinham nada a ver com o caso.

– Só mais algumas perguntas, srta. Buckland, por favor.

– Mas eu não sei de nada a respeito disso. Saí da Delray meses atrás e não vi mais essas pessoas desde então.

– A senhorita saiu da Delray por causa de Oren Starks?

– Quem disse isso para o senhor?

– Saiu, ou não saiu?

– Isso é ridículo.

– Starks não influenciou na sua decisão de sair da empresa?

– É claro que não.

Ski queria eliminar qualquer confusão sobre aquele ponto.

– Oren Starks insistia em ter um caso amoroso com a senhorita?

– Céus, não.

– A senhorita largou seu emprego para evitar o assédio indesejado dele?

A srta. Buckland não respondeu, mas Ski ouviu sua respiração.

– Srta. Buckland?

– Nada disso é verdade. Se Berry fez o senhor acreditar que Oren persegue as mulheres, ela mentiu. Agora eu tenho de desligar.

E ela desligou antes de Ski tentar impedi-la.

– Saiu-se muito bem, Sally. Levando em conta a situação tensa e o seu extremo nervosismo, você falou excepcionalmente bem e disse exatamente o que eu queria que o subdelegado ouvisse. Obrigado.

Oren Starks cobriu a mão dela, que ainda agarrava com força o fone do telefone fixo.

– Largue, Sally – ele disse, com uma risada melíflua. – Parece que se agarra a esse fone como se fosse a sua vida.

Ela soltou o telefone e virou os olhos, sem mexer a cabeça, para a esquerda, para poder vê-lo do lado em que ele apertava o cano de uma pistola em sua têmpora.

– Eu fiz o que você disse para eu fazer, Oren.

– E eu agradeci.

– Então você vai embora agora?

Ele sorriu fingindo tristeza.

– Não, temo que não.

– Mas você disse...

– O que eu disse foi que iria embora depois que você fizesse o que eu pedisse.

– E eu fiz.

– Mas ainda não acabou, Sally.

Ele passou a ponta do cano da arma na linha do maxilar dela e subiu de novo para a têmpora. Ela gemeu de medo e ele sentiu um enorme prazer.

– Quando enganou aquele subdelegado, você compensou um pouco da sua maldade comigo. Mas não toda. Você e eu ainda estamos longe do empate.

– Como é que... Como você sabia que ele ia ligar para mim?

– Ninguém precisa ser um gênio para concluir isso, Sally. É o manual da investigação criminal. A primeira coisa que um investigador, nesse caso o subdelegado, ia querer saber era por que eu atirei no Ben Lofland ontem à noite. Berry deve ter dito para ele que eu sou um pretendente rejeitado. Ele tinha de perguntar se havia alguém para confirmar isso, e ela daria... o *seu* nome.

Ele bateu com a pistola na cabeça dela para enfatizar cada palavra. Na última, apertou o cano com força na maçã do rosto de Sally.

– Naturalmente o subdelegado ia seguir o protocolo e verificar a história dela. Como é mesmo o nome dele?

– Ny-Nyland – gaguejou Sally. – Acho que foi isso que ele disse.

Starks sacudiu os ombros com indiferença.

– Mas isso não tem importância mesmo. O que importa é que você contradisse as alegações da Berry, e ela terá muito que explicar.

– Apesar do que eu disse, esse subdelegado pode achar que ela está dizendo a verdade. Talvez eu não o tenha despistado de fato.

– Ah, eu acho que despistou sim. Soou muito convincente para mim, Sally.

– Mas os investigadores nunca aceitam as coisas como elas parecem ser à primeira vista. Ele pode ter percebido o nervosismo na minha voz. Pode até estar agora mesmo...

– Sally, Sally, você está alimentando esperanças...

– Alimentando esperanças?

– De que será salva. – Ele deu um sorriso triste. – Pode acreditar que a Operações Especiais do município de Merritt tem mais o que fazer hoje do que perder tempo com essa coisa insignificante que você é.

O lábio inferior de Sally começou a tremer. Starks o alisou com o dedo indicador. Quando encostou nela, Sally se encolheu.

– Pare com isso!

Ele passou o dedo com mais força. Apesar de estar no comando da situação, ele se enfureceu com a rejeição de Sally. Como tinha coragem de fazer careta quando ele encostava nela?

Era ele que tinha o poder agora. Coisa que ela entendeu assim que entrou em casa carregando uma sacola de compras. Ao vê-lo parado na cozinha, ela gritou assustada, deixou cair as compras no chão e tropeçou nelas, na pressa de escapar.

Ele a pegou e agarrou firme. Para aquietá-la, garantiu que não lhe faria mal algum. Mas é claro que ela sabia o que acontecera em Merritt, por isso, o significado daquela emboscada ficou imediatamente claro. Ela se debateu histérica até ele apertar o cano da arma em sua cabeça. Assim, Sally ficou bem mais dócil, mas continuou a balbuciar, a perguntar o que ele queria com ela.

Starks disse que iam esperar que algum policial telefonasse, ou aparecesse à porta dela, para fazer perguntas sobre ele. Enquanto aguardavam por essa situação inevitável, ele lhe ensinou como responder às perguntas que iam fazer.

Prometeu que, se ela atendesse a esse pedido, viveria. Se não, ele a mataria com um tiro na cabeça. Ela devia ter acreditado nele, porque respondeu às perguntas do subdelegado como se lesse um script escrito pelo próprio Oren.

Mas, agora que tinham resolvido a questão do telefonema esperado, ela parecia ainda mais apavorada com ele do que antes. Provavelmente porque as perguntas do subdelegado a fizeram se lembrar do modo horrível com que tinha tratado Oren. Ela rejeitou seu carinho e, para piorar mais ainda, contribuiu para que ele fosse mandado embora do emprego que adorava e para o qual tinha tanta habilidade.

Então não era de admirar que ela tremesse de medo.

Ele deu uma pancadinha com o cano do revólver em sua têmpora para fazê-la se lembrar de que seu destino dependia totalmente dele.

– O... O que mais quer que eu faça, Oren?

– Não me lembro de você ter gaguejado assim antes, Sally. Não gaguejou nem um pouco quando rejeitou meus repetidos convites para jantar. Nem quando devolveu minhas rosas do Dia dos Namorados. Estava bastante articulada quando contou para seus colegas de trabalho que não me suportava.

– Eu nunca...

Ele bateu com força no lado da cabeça de Sally com o cano da arma. O grito que ela deu, de choque e de dor, foi melhor do que bobagens de amor sussurradas ao pé do ouvido.

– Não piore sua rejeição cruel mentindo assim sobre ela, Sally. Não insulte a minha inteligência.

Agora Sally estava chorando para valer. O rosto dela, que ele sempre achou bonito, estava feio, as feições deformadas de dor e de medo, ranho saindo do nariz, lágrimas escorrendo pela face.

– Por favor, Oren.

– Por favor o quê, Sally? – ele perguntou com voz sedosa.

– Não me machuque, por favor.

– Mas você me machucou. Você me prejudicou, pessoal e profissionalmente.

– Jamais pretendi magoar você.

A voz dela falhou nas duas últimas palavras. Ela tremia como se estivesse paralisada.

– Ora, Sally – ele disse com voz suave. – Não precisa se desesperar. Eu não disse que não faria mal algum se você fizesse tudo que eu pedisse?

– Disse.

– Não prometi que não ia machucá-la se desacreditasse a Berry?

– Prometeu.

– Então. Até aqui, eu cumpri minhas promessas, não cumpri?

Ela fez que sim com a cabeça.

Ainda apertando a pistola na cabeça de Sally, ele a agarrou pelo braço e a fez se virar.

– Infelizmente uma conversa com o subdelegado não serve de reparação. Por isso, nós vamos para o quarto.

Ela parou de andar.

– Para quê?

– Use a sua imaginação.

Sally soluçou.

– Por favor, Oren. Eu sinto muito. Por tudo, eu sinto muito. Não me machuque. Faço qualquer coisa...

Ele deu risada.

– Ah, eu estou contando com isso.

Quando Ski apertava o *redial* para falar com Sally Buckland, ele ouviu o toque de uma ligação. A ligação de fora tinha preferência. Ele apertou o botão.

– Nyland.

– É o Andy.

– O que houve?

– Sabe o vendedor da noite na loja de iscas?

– Na parada do entroncamento da Lake Road?

Mais cedo naquele dia, Ski tinha interrogado o homem, que afirmava não ter visto ou ouvido nada fora do comum na noite anterior. Ski perguntou com impaciência.

– O que tem ele?

– Ele assiste sempre à TV em seus longos turnos. Já viu todos os episódios de *Law & Order*. Reprises na TV a cabo também. Você sabe que eles passam vários episódios seguidos todas as noites?

– Sei. Tudo bem.

– Ele não perde um. Presta atenção em como os policiais desvendam o caso. Por isso, ele andou fazendo umas investigações amadoras hoje.

Ai, meu Deus. Ski passou os dedos no cabelo e desejou não ter recusado o cheeseburger. Tinha a sensação de que o estômago estava mordendo a sua coluna. Andy não tinha parado de falar.

– Ele pegou os recibos das vendas de ontem à noite...

– Eu examinei todos eles. Nenhum dos cartões de crédito pertencia a Starks, e ele não se encaixava na descrição de ninguém que pagou em dinheiro.

– É, mas esse cara examinou *de novo* todos os recibos, para ver se não tinha deixado passar alguma coisa. É um dia calmo, ele diz. E então ele viu um cara que comprou gasolina para seu próprio barco tarde da noite, perto da hora dos disparos. E *aquele* cara, o cara do barco, se lembra de ter visto um *outro* cara enquanto estava enchendo a lata de gasolina. Disse que ele entrou no banheiro masculino, e esse cara acha que ele tinha um ferimento na perna.

CAPÍTULO 9

– Permita-me.

Dodge acendeu seu isqueiro descartável.

– Obrigada.

A mulher sorriu com o cigarro entre os lábios e se inclinou para a frente para encostar a ponta na chama. Deu algumas tragadas enquanto Dodge acendia o dele. Soprou a fumaça.

– As coisas chegam a um ponto muito triste quando não se pode mais fumar em um bar.

Dodge suspirou.

– Também acho.

Ele estava flertando com ela enquanto bebia uma cerveja lentamente, para ter tempo de avaliar bem o lugar e a clientela. Depois de estudar todos os fregueses que tinham chegado para o *happy hour*, decidiu que a mulher que servia as bebidas devia ser a melhor jogada.

Ela devia ter quarenta e alguma coisa, e exibia cada um desses anos de vida. O rosto tinha passado por tempos difíceis e decepções muito duras, e, nos olhos dela, ele viu uma triste resignação. Mas tinha também um sorriso naturalmente simpático e era generosa com ele. Todos que entravam, tanto homens como mulheres, a cumprimentavam pelo nome, e parecia que ela conhecia os drinques preferidos e tudo o mais a respeito deles. Dodge ouviu quando ela perguntou sobre um novo emprego, uma viagem de pescaria, pais idosos, um filho com problemas e um cavalo manco.

Quando ela passou o atendimento no bar para um homem mais jovem para poder descansar um pouco, Dodge a seguiu pelo corredor curto dos banheiros e saiu por uma porta dos fundos.

Agora que tinham terminado de fumar, ela levantou o cabelo da nuca e o segurou preso para cima, criando uma pose provocante e fazendo um convite declarado para Dodge aproveitar a vista, que não era nada má.

– Meu nome é Grace.

– Dodge.

– Oi, Dodge.

– Oi, Grace.

Trocaram sorrisos. Ela abaixou o braço e deixou o cabelo cair.

– Se você morasse em Merritt, eu saberia.

– Atlanta.

– Texas?

– Georgia.

– Está brincando? Está bem longe de casa, então. O que você faz lá?

– Um pouco disso, um pouco daquilo...

Ela deu um sorriso que dizia: *estou entendendo*.

– Cheio de mistérios.

– Eu? Que nada, madame.

Ela deu risada.

– O que veio fazer aqui no sudeste do Texas?

Ele inventou uma história de talvez ter de mudar para Houston.

– Meu irmão está me pressionando para ser sócio dele num negócio. É uma boa oportunidade e nada me prende a Atlanta, por isso, estou pensando seriamente em vir. Mas eu não suporto ficar na cidade, nem meu irmão, aliás, o tempo todo. Imaginei que se mudasse mesmo para cá, ia precisar de um refúgio. Nada de mais. Só um lugar para onde eu possa escapar nos fins de semana. Pescar um pouco. Comungar com a natureza.

O sorriso dele seria capaz de derreter manteiga.

– Esta cidade aqui parece um bom lugar para me reanimar.

– Bem, você tem razão nisso. A população aqui triplica praticamente todos os fins de semana, mas especialmente na primavera e no verão.

– Como vai o mercado das casas de campo? Está favorecendo vendedores, ou compradores?

– Não tenho a menor ideia – disse Grace com a risada dos fumantes.

Ela deixou cair a guimba de cigarro na calçada e amassou-a com a ponta do sapato.

– Eu não posso pagar minha primeira casa, que dirá a segunda.

– Vi uma porção de placas À Venda por aqui. Verdes. Com uma coroinha.

– Caroline King. Ela é a maior corretora de imóveis por aqui.

Ele acendeu o segundo cigarro dela.

– A maior parece muita areia para o meu caminhão.

Grace soprou a fumaça e balançou a cabeça.

– Ela negocia as grandes, as pequenas, qualquer coisa. E é simpática também.

– Você já fez negócios com ela?

– Podia ser, se eu ganhasse na loteria – ela deu uma risada de deboche. – Mas eu a conheço e já conversamos. Ela vem ao bar de vez em quando. Às vezes com clientes, para beber uma taça de vinho enquanto conversam sobre o contrato. Poucas semanas atrás, ela trouxe uma mulher mais jovem que apresentou como filha. Ouvi dizer que a filha dela estava na casa da mãe para passar o verão, mas foi a primeira vez que a vi na cidade. A casa da sra. King fica lá no lago. Tiveram uma encrenca lá ontem à noite.

– Encrenca?

– Alguém levou um tiro.

Dodge fingiu engasgar com a fumaça.

– *Tiro?*

– Um cara com quem a filha dela trabalha. Aquela coisa de triângulo amoroso, é o que andam dizendo.

– Uau! Pensei que fosse uma cidadezinha pacata.

– Temos nossos escândalos, pode acreditar – ela disse, rolando os olhos nas órbitas. – Mas eu quase caí dura quando soube dessa história com a sra. King. Nem ela, nem a filha fazem esse tipo.

– Que tipo é esse?

– Tipo problema com homens. Mas eu acho que serve para provar que nunca se sabe o que acontece atrás das portas fechadas.

– Isso não é letra de uma música?

Ela deu um sorriso largo para ele, satisfeita.

– Você gosta de música country?

Depois que Dodge acabou de fumar seu primeiro cigarro e acendeu outro, os dois já tinham esgotado o assunto música country, pelo menos tudo que ele sabia. Ele franziu a testa e procurou direcionar a conversa para Caroline de novo.

– Eu acho que essa corretora de imóveis vai estar ocupada demais para aceitar novos clientes, levando em conta a encrenca em que se meteu a filha dela.

– Eu não sei. Você pode tentar, a sra. King é uma profissional como poucas. Ouvi dizer que ganhava muito bem com imóveis residenciais em Houston. Ela se mudou para Merritt para se aposentar.

– Quando foi isso?

– Poucos anos atrás. Dois, ou três.

– A aposentadoria não deu certo?

Grace deu risada.

– Acho que não. Mal tinha acabado de se instalar aqui e logo se associou a um empreiteiro e...

– Se associou? – Ele moveu as sobrancelhas para cima e para baixo. – Aquelas coisas de portas fechadas?

Grace cutucou o braço dele e, ao fazer isso, o cotovelo de Dodge encostou no seu seio farto.

– A sra. King é pelo menos vinte anos mais velha do que o empreiteiro.

– Isso está na moda, não é? Mulher mais velha com homem mais novo?

– Pode ser. Mas ele tem uma mulher maravilhosa e três filhos perfeitos. A sociedade dele com a sra. King era estritamente profissional. Ele deu as casas do projeto dele para ela vender. A sra. King vendeu tudo em tempo recorde.

Grace sacudiu os ombros e deixou cair a bituca do seu segundo cigarro no asfalto.

– Ela resolveu que aposentadoria não era com ela. Ainda não, pelo menos. Ficou ainda mais rica com todas as construções que temos por aqui.

– Ela deve ser muito sagaz.

Grace assentiu com a cabeça.

– E está sempre se aprimorando. Ela merece o meu respeito e o de todos aqui. Nunca ouvi ninguém falar mal dela. É claro que haverá muita fofoca sobre o que aconteceu na casa dela ontem à noite. – Ela olhou para o relógio de pulso. – Vão pensar que você me sequestrou.

Havia uma pontinha de esperança no sorriso que ela deu para ele quando virou para entrar no bar.

Dodge deu a última tragada no cigarro, jogou-o fora e seguiu Grace. Ela estava sendo tão generosa com as informações que ele se sentiu obrigado a comprar mais uma cerveja, mas não terminou de beber e fez sinal para ela trazer a conta.

– Quanto tempo vai ficar na cidade, Dodge?

Ele respondeu com a verdade nua e crua.

– Eu não sei.

– Apareça aqui de novo.

– Vou aparecer.

– Você é casado?

– Ultimamente não.

Ela deu risada.

– Você está mentindo?

– Não.

Ela passou para ele um pequeno cartão sobre o balcão.

– Enquanto estiver aqui, se precisar de qualquer coisa, orientação, recomendação de restaurantes, um lugar para fumar... Ligue para mim.

Antes de entrar no bar, Dodge tinha estacionado na Bowie Street. Escolheu uma vaga que tinha uma árvore copada bem ao lado do parquímetro. A sombra ajudou. Mesmo assim, o interior do carro alugado parecia um forno quando ele entrou. Ligou o motor para poder ativar o ar-condicionado.

Acendeu um cigarro, depois tirou do bolso do paletó um celular cor–de-rosa bem fino. Era o celular de Amanda Lofland. O celular que ela por descuido deixou na mesa enquanto eles estavam profundamente concentrados na conversa. O celular que Dodge surrupiou quando secava os olhos lacrimosos dela com um lenço de papel encharcado.

A maior parte das investigações de crimes seguia o dinheiro primeiro. Dodge Hanley foi atrás da mulher desprezada.

Tocou no ícone do celular que acessava a lista de chamadas recentes e examinou tudo. Todas as ligações para ela no dia anterior e à noite tinham partido de um único número. Dodge ligou para esse número e foi atendido por uma mensagem animada: “Oi, aqui é o Ben, deixe o seu recado.”

Então, o casal manteve contato na véspera, enquanto Ben estava com Berry. De certa forma, isso foi uma decepção, já que praticamente derrubava a teoria de Dodge de procurar os possíveis suspeitos entre as mulheres ciumentas, primeiro.

Mas talvez não. Podia ser que Lofland tivesse feito todas aquelas ligações para a mulher para compensar o fato de estar traindo-a, em seu coração, se não com o pênis.

Em todo caso, Dodge ainda considerava que valia a pena observar Amanda Lofland.

O segundo passo foi examinar o menu do telefone e entrar na lista de contatos dela.

Obedecendo ao protocolo, Dodge entrou na casa pela porta dos fundos. Caroline estava ao fogão, mexendo o que havia dentro de uma panela.

– Ótimo. Você voltou – ela disse. – O jantar está quase pronto.

– O que vai ser?

– Espaguete com molho de carne.

– Uma das suas especialidades.

Ela olhou preocupada para a porta que dava para o resto da casa.

– Cuidado para não falar esse tipo de coisa. Como saberia que é uma das minhas especialidades?

– Mais ou menos como você sabe que eu bebo chá sem açúcar.

Ela pensou um pouco e disse, mortificada:

– Hoje à tarde.

– Hã-hã.

– É muito difícil mudar os hábitos.

– E por isso nos metemos em encrencas.

O cartão branco com o número do telefone de Grace de repente pareceu um carvão em brasa dentro do bolso da camisa dele.

– Precisa de ajuda?

– Não, obrigada.

– Posso botar a mesa. Acho que me lembro de que lado fica o garfo.

– Já está posta. Quer beber alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

– Bebi uma cerveja na cidade.

Caroline já ia perguntar onde, mas, antes de poder fazer aquela pergunta a que ele talvez não quisesse responder, Dodge perguntou:

– Onde está a Berry?

– A última vez que eu a vi, ainda estava dormindo.

Os dois ainda não tinham conversado sobre o que ele soube pela conversa que teve com Amanda Lofland na cantina do hospital. Depois de contar para Caroline e Berry, ele tinha saído para fumar um cigarro. Quando voltou, Caroline sugeriu que Berry contasse o que tinha acontecido naquela noite e mostrasse onde tudo tinha se passado. Na realidade, ele já ia sugerir isso mesmo.

Na hora seguinte, eles foram de cômodo em cômodo enquanto Berry relatava, cronologicamente e com detalhes, exatamente o que tinha ocorrido. No banheiro, a cortina do chuveiro já estava no lugar. Tinham tirado o tapete encharcado de sangue do quarto e o substituído por outro para cobrir a mancha que penetrara na madeira. Apesar dessas medidas para ocultar o cenário, o quarto continuava dando a sensação de um local onde algo traumático acontecera.

Dodge tinha ajoelhado onde Berry mostrou que Ben Lofland caíra. Afastou o segundo tapete para examinar a mancha de sangue. Depois, foi até o banheiro. Quando chegou perto da banheira, deu meia-volta e avaliou a distância até a mancha.

– Starks estava parado aqui quando disparou a arma?

Berry fez que sim com a cabeça.

– Um metro e meio, dois no máximo. Lofland tem sorte de ainda estar vivo.

– Oren deve atirar muito mal.

– Deve sim.

Na saleta que dava para a escada, Dodge inspecionou os buracos na parede das balas que Nyland, ou alguém da Operações Especiais, tinha removido. Então Dodge fez Berry mostrar exatamente onde Starks tinha ido parar depois da queda escada abaixo, e a posição em que estava quando começou a atirar a esmo com sua pistola.

Ele se deitou de costas no chão e reconstituiu os movimentos do outro enquanto Berry se abaixava atrás da balaustrada no andar de cima, como fizera na noite anterior. Caroline ficou ali com eles, observando tudo, apertando as mãos nos cotovelos e esfregando os braços.

– Não acredito que você esteve tão perto de morrer com um tiro – ela disse, com a voz lacrimejante.

Dodge também ficou abalado de pensar que Berry tinha escapado das balas por um triz. Se não tivesse, a ligação de Caroline para ele na noite anterior seria completamente diferente. Ou talvez ela nem se incomodasse de avisá-lo. Não valia a pena pensar nisso agora.

Depois de contar tudo, Berry disse a eles que estava exausta e perguntou se podiam adiar aquela conversa sobre Lofland e ela para depois de um descanso.

– É o bode na sala. Eu sei que precisa ser explicado, mas será que dá para esperar até eu tirar uma soneca?

Caroline e ele ficaram observando quando ela subiu a escada cansada. Ao chegar à saleta lá em cima, Berry entrou no quarto de hóspedes e Dodge imaginou que devia ser porque o quarto dela tornava as horríveis lembranças vívidas demais para suportar.

Assim que teve certeza de que a filha não ia ouvir, Caroline se virou para Dodge em postura defensiva.

– O que Amanda Lofland contou para você não tem nada a ver com o que aconteceu aqui ontem à noite.

– Eu não disse que tinha.

– Você insinuou.

– Nada disso.

– Sei como funciona a sua cabeça, Dodge. Você é cético por natureza. Por que se dispõe a acreditar na Amanda Lofland e não no próprio sangue?

Com medo de que seu tom de voz irado chegasse ao andar de cima e atravessasse a porta do quarto de hóspedes, Dodge empurrou Caroline pela sala de estar e a levou para a cozinha. Assim que entraram e Dodge fechou a porta, ele foi para cima dela.

– Você brada essa ligação de sangue toda vez que quer me convencer e me fazer lembrar de que eu devia ter uma lealdade cega com a Berry agora. Mas

você não gostava nada de ela ser sangue do meu sangue no dia em que ela nasceu.

– E você me recrimina por isso?

– Não, Caroline, nunca recriminei. Você tinha esse direito. Eu errei. Admiti que errei.

– Não foi o bastante.

– Sei muito bem disso.

Caroline tentou encará-lo, mas falhou, e ele sentiu uma certa satisfação quando ela desviou o olhar primeiro. Depois de um tempo, ele disse baixinho:

– Eu acho que você deve se preparar.

– Para quê?

– Para o caso de Berry não ter sido tão franca com você como você pensa.

Na hora em que ela devia dizer qualquer coisa, Dodge cortou o ar com a mão.

– É isso que a assusta, não é, Caroline? Você disse isso na casa de chá.

– Eu disse...

– Perguntei qual era o problema e você respondeu que Berry é muito como eu. Você sabia que esse seria o único motivo que me faria ficar. Porque nós dois sabemos que os genes que ela herdou de mim podem não ser nada bonitos quando se manifestarem. Se ela se meteu numa encrenca, vou ajudá-la a sair dessa, mas o processo pode ser desagradável, para dizer o mínimo.

Dito isso, ele foi para a porta.

– Para onde você vai?

– Eu vou à cidade.

– Para quê?

– Preciso de um lugar para ficar. Depois de arranjar um quarto e guardar minhas coisas, quero xeretar por aí, ver se descubro o que andam dizendo.

– Vai ficar lá quanto tempo?

– Não sei.

– Volte a tempo para jantar.

Ele parou antes de chegar à porta e olhou para ela. Caroline parecia ansiosa, como se temesse que, apesar do que ele tinha dito, talvez não voltasse. Dodge ficou tentado a perguntar se ela se importava com isso, se ele ia voltar ou não, e se a resposta fosse sim, até que ponto.

Mas a única coisa que ele disse foi:

– Se alguma coisa acontecer, você tem o número do meu celular.

Agora ele estava lá de volta e ela não tinha ligado durante sua ausência, portanto ele concluiu que não houvesse nada de novo para contar.

Enquanto Dodge estava fora, Caroline tinha trocado de roupa, vestido uma calça branca que batia nos tornozelos e uma camiseta amarela, através da qual ele podia ver o desenho do sutiã. Ela sempre achou os seios pequenos demais. Ele achava que eram perfeitos e perfeitamente sensíveis.

– Você encontrou um quarto?

Ele desviou o olhar do peito dela e entrou em território mais neutro.

– Hum... encontrei. Cypress Lodge.

– Tem outros melhores. Conheço umas casas que os proprietários alugam quando não estão usando. Eu devia ter lembrado de reservar uma para você antes, mas é que estive... Ando avoada. Mas eu podia ligar para o escritório e...

– A pousada está ótima. Meus padrões não são tão altos assim. O quarto tem todos os confortos de casa. Aliás, é alguns pontos melhor do que onde moro em Atlanta.

Ela pegou um pouco do molho do espaguete com a ponta de uma colher de pau, soprou, experimentou, apoiou a colher no suporte de cerâmica perto do fogão e tornou a tampar a panela fumegante. Foi até a pequena mesa, se sentou e apontou para Dodge a cadeira na frente dela. Ele se sentou.

– O sr. Mitchell não paga bem?

– Muito bem. Muitíssimo mais do que eu valho. – Ele fez uma pausa e depois acrescentou: – Mas nem de longe o que você ganha vendendo casas.

– Eu tenho tido sorte.

– Você trabalha à beça.

Ela concordou, dando um pequeno sorriso.

– Tenho trabalhado além do horário normal, sim. Mas adoro esse trabalho.

– Ficou rica com ele. Em Houston, e depois aqui.

Ela cruzou os braços e olhou para ele, desconfiada.

– Com quem andou conversando? Não, espere. Aonde foi beber sua cerveja?

– Um lugar na Bowie Street.

– Chat and Chill?

Ele tossiu na mão fechada e disse, evasivo:

– Acho que era isso.

– Grace. Você obteve essa informação da Grace. – Ela o encarou e perguntou suavemente: – Que preço teve de pagar por isso?

– Duas cervejas e dois cigarros.

Ela sorriu de novo, mas, dessa vez, com a expressão triste.

– Nada mudou.

– Tudo mudou, Caroline. Há trinta anos, nós estávamos fazendo amor enquanto o molho do espaguete esquentava.

Ele viu na expressão dela que lembrava tão bem quanto ele. Os dois resolveram namorar e esqueceram o que havia no fogão, até que o cheiro dos tomates carbonizados alertou-os do potencial perigo. Ele disse para ela se segurar e, de alguma forma, conseguiu levantar os dois juntos da cama. Então ele a carregou até a cozinha e, logo depois de apagar o fogo no fogão, os dois recomeçaram ali mesmo.

Caroline ficou vermelha e não pôde mais encará-lo.

– Nós éramos jovens.

– E meio loucos. Loucos de amor.

– Não faça isso, Dodge.

O sussurro dela tinha um desesperado toque de súplica.

– Não faça o quê? Não falar sobre isso? Não lembrar? Não consigo parar de lembrar. Aquele dia em que o molho do espaguete queimou foi uma das nossas trepadas mais divertidas.

Tinha sido uma mistura de riso e tesão. Ele ficou de pau duro só de pensar como foi.

Quanto a Caroline, ela apoiou os cotovelos na mesa e cobriu o rosto com as mãos. Ele não sabia se ela estava escondendo a vergonha ou o prazer. Lágrimas, talvez. Mas, quando ela finalmente abaixou as mãos, não havia lágrimas nos olhos e sua expressão era fleumática, não dava a ele a menor pista das suas emoções.

– Se esse advogado paga tão bem – disse ela –, por que mora num lugar menos atraente do que o seu quarto na Cypress Lodge?

– Porque um buraco como o meu requer menos responsabilidades e porque eu tenho despesas que me restringem, apesar dos cheques e bônus polpudos.

Ela olhou confusa para ele e Dodge apalpou o bolso da camisa onde estava o maço de cigarro, desejando ter coragem de acender um.

– Pensão. Duas.

– Você se casou duas vezes?

– A primeira foi para provar para mim mesmo que eu podia.

– Podia o quê?

– Esquecer você. O segundo divórcio provou que eu não podia.

Ela olhou nos olhos dele um tempo, depois se levantou apressada e foi para a pia do outro lado da cozinha, abriu a torneira e a fechou imediatamente.

– Pare de falar essas coisas.

– Então me processe.

Ela deu meia-volta e a raiva cintilou em seus olhos.

– Não seja engraçadinho, Dodge. Você não pode descartar essa crise com uma de suas frases feitas. Essa situação...

– É uma merda – ele disse, ficou de pé e foi para perto dela. – É isso que essa situação faz. Está envergonhada?

– Envergonhada?

– Por que não contou para Berry quem eu sou?

– Por que não contou *você* mesmo?

Isso fez Dodge parar. Não conseguiu pensar em uma resposta, nem se sua vida dependesse disso.

– *Merda*.

O silêncio longo e tenso se estendeu entre eles. Caroline acabou dizendo, baixinho:

– Eu não devia tê-lo chamado. Você nunca devia ter me dado o seu número.

Alguns anos antes, numa noite em que estava especialmente embriagado, sozinho, cheio de culpa e revoltado, Dodge escreveu o número do celular dele num cartão-postal, com uma palavra: processe-me. Sua frase de efeito, disse ela. E ele achava que era mesmo, porque sabia que, quando ela lesse aquilo, saberia imediatamente de quem era aquele número de celular. O cartão-postal tinha uma foto da casa de Margaret Mitchell, de modo que Caroline também ficaria sabendo que era de Atlanta.

Foi um alento para seu velho e palpitante coração saber que ela não havia posto o cartão-postal na fragmentadora de papel do escritório, nem rasgado em pedacinhos e lançado aos quatro ventos.

– Ninguém a obrigou a guardar o número do meu telefone, Caroline. Eu nem sabia se você tinha recebido, até receber a sua ligação ontem à noite. Quando enviei o cartão-postal pelo correio, eu nem sabia se você ainda trabalhava naquela firma. Enderecei a Caroline King, mas não tinha ideia se você estava usando o seu nome, ou o dele.

– Mantive o meu.

– Por quê?

– Por motivos profissionais.

– O que ele achou disso?

– Não se opôs.

O coração de Dodge parecia um maldito torno, mas tinha de perguntar, precisava saber.

– Por que se casou com ele?

– Dodge...

– Conte para mim. Por quê?

– Porque eu quis!

– Por despeito a mim?

– Não se superestime.

– Você o amava?

– Sim.

– Você o amava.

– *Sim!*

– Depois de mim, depois de *nós*, foi assim tão fácil...

Ele parou de falar quando o olhar dela de repente se fixou num ponto atrás dele. Dodge se virou para trás. Berry estava parada na porta, olhando de um para outro.

– O que está acontecendo aqui?

Caroline foi a primeira a falar.

– Ocorre que o nosso hóspede insiste em discutir o tempo que o espaguete deve ficar cozinhando.

Ela sorriu para Dodge, que se esforçou para sorrir também. Ou tentou. Caroline prosseguiu na farsa.

– Em todo caso, não vai demorar. Se quiser se lavar, Dodge, tem um toalete ali...

Ela apontou e ele resmungou.

– É, claro, obrigado.

Dodge pediu licença, passou por Berry e saiu da cozinha cheia de vapor.

Durante o jantar, Caroline conduziu a conversa. Ele acompanhou da melhor maneira que pôde, procurou não errar, tendo em mente que Berry estava silenciosa, mas observando tudo com muita atenção. Ela o observava, mesmo quando fingia estar distraída.

Fisicamente, Berry era parecida com Caroline, graças a Deus. Mas era filha dele também. Se tivesse herdado alguma de suas habilidades de dedução, aquela farsa não ia durar muito. Concluiu que Caroline e ele talvez estivessem se esforçando demais para agir com naturalidade, e que esse esforço transparecia. Ou talvez ele estivesse só sendo paranoico.

Caroline insistiu para que ele falasse de alguns dos casos interessantes em que tinha trabalhado. Ele deu para as duas um relato mais detalhado do romance de Derek e Julie Mitchell.

– Não foi convencional – ele disse. – Longe disso. O que havia em jogo era importante demais para ambos, mas eles realmente se apaixonaram loucamente um pelo outro, e foi só isso que ela escreveu. Agora, com o bebê a caminho, eles estão definitivamente um grude. Derek, ex-boa-vida, está domesticado. Usa guardanapos de tecido com franjas, caramba! Eu acusei Julie de tê-lo emasculado, mas acho que ela é muito parcial em relação ao saco dele.

Berry explodiu numa gargalhada. Caroline piscou chocada e depois também riu. O som da risada das duas fez a garganta dele apertar de emoção.

Mas o espectro da conversa que ele teve com Amanda Lofland foi servido como prato principal na mesa de jantar. Dominava tudo, de tão grande. Dodge ficou contente quando o jantar finalmente terminou e ele pôde pedir licença para ir fumar lá fora.

Quando estava saindo, disse para Berry:

– Um cigarro só. Depois temos de conversar sobre você e o Lofland.

CAPÍTULO 10

Ski estava quase em cima do homem, quando ele deu meia-volta com a arma na mão e apontou diretamente para a cabeça de Ski.

– Ôa!

– *Filho da puta!*

Dodge abaixou a arma e olhou furioso para o subdelegado.

– Quase atirei em você.

– Teria sido ruim para nós dois.

– Pior para você.

Dodge guardou o revólver no coldre que tinha na parte de trás da cintura.

– Você tem licença para portar uma pistola escondida? – perguntou Ski.

– Na Georgia.

– Mas aqui é o Texas.

Dodge deu de ombros.

– A Georgia não tem reciprocidade com o estado da estrela solitária?

– Você nem se deu ao trabalho de verificar?

– Não. Não tem?

– Tem.

– Então, qual é o problema?

Ski afastou um arbusto e cobriu a distância entre ele e o toco de árvore onde Dodge estava sentado quando chegou por trás dele. A mata estava barulhenta com o coro de insetos sopranos e os baixos dos sapos-boi à beira do lago, ruídos que tinham ajudado a disfarçar o som da aproximação de Ski pela floresta.

Fazia calor naquela noite, não havia nenhuma brisa. As árvores em volta estavam impávidas e imóveis. A luz que saía das janelas da casa de Caroline compunham a iluminação fraca do ambiente. Os dois homens podiam se ver, mas quase nada além disso.

Dodge voltou a se sentar no toco e acendeu um cigarro. Examinou Ski de alto a baixo enquanto balançava o palito de fósforo para apagar o fogo.

– Você é índio, ou o quê? Um daqueles *coushatta* aqui dessas redondezas?

– E eu pareço um índio?

– Não escutei nada, até você chegar a poucos metros de mim. Mal tive tempo para sacar minha pistola.

Ski se acocorou sob um pinheiro, se sentou nos calcanhares da bota e encostou no tronco áspero da árvore.

– Exército. Forças Especiais. Missões secretas.

– Você é bom nisso.

– Se eu fosse bom, teria cortado sua garganta antes que percebesse que eu estava aqui.

– Achou que podia ser o Starks voltando à cena do crime?

Ski balançou a cabeça.

– Senti o cheiro do seu cigarro. Ele não fuma.

Dodge estudou o rapaz.

– Por que largou o exército?

– Fui ferido.

– No Iraque?

– Afeganistão. Antes de virar moda – disse Ski secamente. – Levei um tiro. Passei meses me recuperando. Quando recebi alta do hospital, minha missão tinha praticamente acabado. Não me reapresentei.

Dodge continuou fumando e não disse nada. Por motivos que Ski não saberia explicar, ele desejava conquistar a aprovação daquele homem. Senão isso, pelo menos aliviar o desprezo com que Dodge Hanley o tratava.

– Eu já tinha o diploma, mas voltei para a Universidade do Texas, fiz cursos de criminologia e trouxe minha especialização para a minha cidade natal.

– Por que essa cidadezinha insignificante? Por que não um departamento na capital?

– Gosto de esquiar.

Dodge ficou perdido.

– Não entendi.

– Esqui na água. Barcos. Pesca. Caminhadas. As cidades grandes não oferecem essas coisas.

Dodge pigarreou.

– Ou talvez você seja preguiçoso e não tenha ambição.

– Já me disseram isso.

Ski respondeu com franqueza, sem se desculpar, nem contra-argumentar.

Dodge ficou olhando para o subdelegado quando apagou o cigarro no toco de árvore.

– Você gosta de esquiar. Foi assim que ganhou seu apelido?

Ski pegou um pedaço da casca do pinheiro e balançou na palma da mão.

– Numa noite de verão, acho que no último ano do ensino fundamental, uns amigos e eu compramos algumas garrafas de uísque vagabundo e saímos escondidos no barco a motor do pai de um dos carinhas. Eu aceitei um desafio. Quebrei o braço, algumas costelas e a clavícula. A partir daí, começaram a me chamar de Ski.

– Qual foi o desafio?

– Esquiar quinhentos metros na sola dos pés e de olhos vendados.

Dodge soltou uma risada.

– Meu Deus.

– Eu talvez estivesse bastante sóbrio para conseguir, mas o cara que dirigia a lancha estava no bagaço. Ele me levou diretamente para um banco de areia e para um bosque de ciprestes.

Ski deu uma risadinha ao lembrar da brincadeira temerária, depois ficou sério e assumiu de novo sua postura profissional.

– Agora, se pego alguém dirigindo um barco e bebendo, levo para a cadeia. Sem trégua, sem desculpa.

Dodge acendeu outro cigarro.

Ski falou depois de um tempo:

– Quem é você? E não me diga que é um amigo da família, porque está na cara que é da polícia.

– Ex-policial. Atualmente trabalho como investigador para uma firma de advocacia em Atlanta.

– Muito bem.

– O quê?

– O que está fazendo aqui?

– Um trabalho por conta própria.

– Você veio ajudar a sra. King com uma pressa danada.

– Fiz uns trabalhos para um dos amigos dela em Houston, anos atrás. Ela me recomendou.

– Simplesmente largou tudo e pegou um avião para cá?

– Soube que Caroline King tem muita grana e preciso dessa renda extra. Tenho duas ex-mulheres gananciosas e vampirescas.

Ski ficou imaginando o que tinha feito para que Dodge Hanley pensasse que ele era tão burro a ponto de engolir aquela besteirada. Avaliou se devia revelar o que havia descoberto depois de algumas ligações investigativas aquela manhã, mas resolveu entrar na brincadeira por um tempo e fingiu ser tão ignorante quanto o toco no qual Dodge estava sentado.

– Além de fumar – disse Ski –, o que mais estava fazendo aqui fora?

Dodge soprou a fumaça do cigarro para longe de Ski e apontou para o lago.

– Achei que Starks pudesse ter chegado de barco. Mas xeretei no cais e na praia e não vi nenhuma prova disso.

Dodge olhou de novo para Ski, meio de lado.

– Nada de tão concreto como aquelas marcas de pneu que você encontrou.

Ski sorriu desconfiado.

– Quem você torturou?

– Não houve necessidade de afogamento algum. É só parar um tempo num bar da cidade para ouvir coisas. Nunca conheci um atendente de bar que não vazasse como um cano enferrujado.

Ski examinou por um bom tempo o homem mais velho, então tomou uma decisão, se levantou e inclinou a cabeça para a floresta.

– Quer caminhar um pouco?

Dodge ficou de pé.

– Vá na frente.

– Apague o cigarro. Não quero que incendeie a nossa floresta.

Dodge encheu o pulmão de fumaça com uma demorada tragada e resmungou uma série de palavrões mal-humorados quando soprou. Apagou o cigarro e seguiu atrás de Ski, que abria caminho entre os arbustos, empurrando galhos de árvores e evitando habilmente os obstáculos naturais, refazendo o caminho por onde tinha chegado, só que sem se preocupar com o barulho que fazia.

– Deixei a minha lanterna ali adiante. Você está enxergando direito?

– Não se preocupe comigo – resmungou Dodge.

Ski se abaixou para escapar de um galho de árvore e torceu para Dodge vê-lo a tempo de fazer a mesma coisa. Não tinha planejado compartilhar qualquer dado do caso, mas acabou suscitando a opinião do ex-policial.

– Sabe a parada das três ruas onde termina a Lake Road? Aquela loja de iscas?

– O que tem ela?

– Conversei com um cara que estava lá por volta da meia-noite de ontem, comprando gasolina.

O orgulho impediu de contar para o investigador veterano que quem de fato descobriu o pescador foi um civil.

– Meio tarde para comprar gasolina.

– Ele estava preparando o barco dele para zarpar hoje bem cedo. Queria deixar isso pronto logo, para voltar para o lago ao raiar do dia.

– Esse é um dos motivos de eu nunca ter pescado. Começa cedo demais.

– Então – continuou Ski –, o cara está na bomba, enchendo a lata de gasolina, quando um outro para um Toyota ao lado do prédio. A hora coincide mais ou menos com a ligação da srta. Malone para o 911.

– O veículo veio desta direção?

– Veio.

– O pescador tem certeza de que era um Toyota?

– Absoluta. A filha dele tem um igual. Ele disse que o motorista desceu do carro e entrou trôpego no banheiro dos homens.

– A entrada é por fora?

– Isso.

– Trôpego?

– Ele mostrou para mim. Parecia que o homem estava mancando. Quando encheu a lata de gasolina, o pescador achou que devia ir dar uma espiada no cara. Então, foi até o banheiro masculino, bateu na porta e disse para o cara lá dentro que tinha notado que ele estava mancando e perguntou se estava tudo bem, se ele precisava de alguma ajuda. O cara berrou atrás da porta fechada...

– Ele não abriu a porta?

– Não. Ele disse para o pescador que estava tudo bem. Que só estava ali dando uma mijada. Com essas palavras. O pescador é evangélico fanático e não

quis mais ouvir, abro aspas, “aquele tipo de linguagem imunda”.

– Parece um cara divertidíssimo.

Ski parou para pegar a lanterna no oco da árvore onde a tinha deixado. Acendeu-a e se virou para olhar para Dodge, que o seguia de perto, mas com dificuldade. O homem mais velho bufava.

– Está tudo bem?

– Esse meu sapato é de cidade.

O chiado que mais parecia uma gaita de fole enguiçada não era culpa do sapato.

– Você precisa parar de fumar.

– Continue andando.

Ski virou o facho da lanterna para o chão, e assim ficou bem mais fácil seguir a trilha.

– O pescador seguiu seu caminho e não pensou mais nisso.

– Nem quando soube que houve tiros nas redondezas mais ou menos àquela hora da noite?

– Ele passou o dia inteiro no lago. Só soube do acontecido quando chegou em casa esta tarde, e aí já estávamos entrando em contato com ele.

– Ele descreveu o cara?

– Ele pôde dar uma boa olhada, porque tem uma luz bem na porta do banheiro. Altura, peso e idade conferem com os de Oren Starks. Cabelo rareando na testa. O cara usava calça cáqui e uma camisa de golfe escura. A srta. Malone disse que Starks estava de calça cáqui e camisa de golfe azul-marinho.

– Ninguém influenciou o pescador? Ele não ouviu esta descrição na televisão, ou da mulher dele quando chegou em casa da pescaria?

– Ele disse que não, e eu acho que esse cara não mentiria.

Dodge pigarreou e cuspiu o catarro no chão.

– Porra, claro que não. Se acha pecado falar a palavra “mijada”.

Ski deu uma risadinha.

– Além disso, eu mostrei para ele uma foto de Starks, enviada por fax, que recebi dos registros da firma de marketing. O pescador disse que tinha noventa e cinco por cento de certeza de que era esse o cara.

– Por que não cem por cento?

– Porque estava escuro, e ele a uns vinte metros de distância – Ski apontou para frente. – É logo aí em frente.

A luz da lanterna iluminou a fita amarela que tinham esticado em volta de uma pequena área que parecia ser um beco sem saída de uma trilha tomada pelo mato.

– Eu aposto – disse Ski – que, quando estavam construindo a casa, a equipe saía da estrada com seus carros e estacionava aqui, onde havia sombra, para evitar atravancar a área na frente da casa.

"Quando a casa ficou pronta, a trilha e a clareira foram tomadas pelo mato, pelo desuso", ele iluminou as marcas de pneu na terra. "Recentes. E não foram feitas por equipamento pesado. Descobri isso aqui logo depois do nascer do sol hoje, trouxe um homem para cá imediatamente. Olha, ele não é nenhum especialista, mas fez um molde muito bom."

– Sorte que não choveu ontem à noite.

Ski fez que sim com a cabeça.

– Estou apressando o resultado da equiparação das marcas, mas aposto que são de um Toyota padrão.

– Encontrou mais alguma coisa além das marcas?

– Pegadas apagadas – Ski iluminou o chão com a lanterna. – Infelizmente nada que pudéssemos moldar.

– Papel de bala, tampa de garrafa, pedaço de tecido?

– Não. Examinei pessoalmente a área duas vezes e pedi que outros dois subdelegados fizessem o mesmo. Nada. Mas, para quem sabe o que procurar, Starks deixou um rastro bem claro até a casa.

Ele mostrou para Dodge um galho fininho que tinha se quebrado recentemente e pendia do tronco de uma árvore, além de uma parte da grama que estava amassada.

– A srta. Malone disse que ele não era homem de viver ao ar livre.

Dodge estudou os diversos galhos quebrados que Ski iluminou.

– Ele não tem a sua habilidade de batedor, disso tenho certeza.

O homem mais velho estava pensativo, mordendo a bochecha por dentro, indicando para Ski que tinha outras ideias na cabeça. Ski perguntou:

– Está pensando em quê?

– Por que ele parou na loja de isca e foi ao banheiro, arriscando ser visto?

– Entendo. Parece descuidado demais para o indivíduo controlado que a srta. Malone descreveu, não é? Mas ela também disse que Starks estava descontrolado ontem à noite. Tinha acabado de alvejar alguém. Não devia estar raciocinando direito. Ou talvez estivesse, *sim*, sendo ele mesmo, superorganizado e metódico, e foi ao banheiro para avaliar o ferimento da perna.

– Em outras palavras – disse Dodge –, você não tem a mínima ideia.

Ski teve a classe de sorrir.

– Estou aberto a sugestões.

– Quem é que pode saber por que as pessoas fazem as coisas? Eu não sei. O fato é que Starks parou lá. Ele foi visto. O que conclui disso, subdelegado?

– Prova de que realmente esteve aqui na noite passada.

Dodge semicerrou os olhos.

– Você duvidava disso?

Ski sacudiu os ombros.

– Confirma o testemunho da srta. Malone e de Lofland. Explica por que nenhum dos dois ouviu o carro chegando ou partindo.

– Muito bem.

– Assim que tiver a confirmação da identidade dessas marcas de pneus, saberemos a marca e o modelo do carro, aí posso dar um alerta geral para ele. Não há nenhum Toyota registrado em nome de Oren Starks, mas a srta. Malone disse que ele era esperto demais para vir no carro dele.

– Mas suficientemente burro para deixar marcas recentes de pneu.

Dodge estava pensando em voz alta, mas, quando Ski fez sinal para elaborar, ele disse:

– Esse cara é supostamente um gênio, não é?

Seguindo essa linha de pensamento, Ski disse:

– Ser inteligente não faz de ninguém necessariamente um bom criminoso.

– Não, mas ajuda.

Dodge apontou para as marcas de pneu incriminadoras.

– Isso é pura burrice.

– Burrice sim, como fugir da cena do crime e ir direto para um lugar onde ficaria exposto.

– É, esse tipo de burrice – disse Dodge. – Será que o pescador piedoso pegou o número da placa do Toyota?

– Não tivemos tanta sorte assim. E ele também não soube definir a cor exata do carro. A única coisa que me garantiu foi que era "escura".

– Vocês vão incomodar muitos motoristas inocentes de Toyota que serão interceptados.

– Não dá para evitar isso.

Ski esperou um segundo e, então, perguntou:

– Já viu tudo que queria?

– Talvez eu volte para dar mais uma espiada. Se não for problema.

– Está pedindo a minha permissão?

– Não exatamente.

– Foi o que pensei.

Ski seguiu a fita de isolamento até o outro lado da clareira, depois caminhou pela trilha coberta de mato até chegarem a uma estrada. O SUV dele estava parado com duas rodas na vala lateral. Ele abriu a porta do carona e pegou uma garrafa de água dentro do carro. Deu-a para Dodge, que agradeceu, a destampou e bebeu.

– Precisa de um minuto para recuperar o fôlego? – perguntou Ski.

Dodge botou a tampa na garrafa e a jogou dentro do SUV.

– Qualquer dia da semana, filho, eu ainda posso com você.

– Não numa luta justa.

– Não entro em briga justa. Esse "justa" acaba nos matando. Não aprendeu nada no exército?

Os dois homens se mediram como tinham feito na primeira vez em que se viram no corredor do hospital. E finalmente Dodge chegou a uma conclusão. Remexeu nos bolsos da calça, tirou alguma coisa, pegou a mão de Ski e bateu com o objeto na palma da mão do subdelegado.

– O celular de Amanda Lofland.

Ski olhou para o celular na mão dele, depois de novo para os olhos implacáveis do investigador particular.

– Eu achei. Na cantina do hospital.

– Não tem uma seção de achados e perdidos no hospital? – perguntou Ski.

– Eu procurei. Não encontrei. Estava com pressa.

– Então precisou ligar o telefone para saber de quem era.

Dodge moveu os ombros um pouco, sem nenhuma indicação de arrependimento.

– Vou providenciar para que seja devolvido à sra. Lofland.

– Tenho certeza de que ela vai agradecer.

Eles se encararam demoradamente outra vez, então Ski fez sinal para Dodge entrar no SUV. Ele deu a volta pela frente do carro, e Ski ouviu os palavrões quando o sapato da cidade tentava se equilibrar no íngreme barranco da vala.

Quando passaram pelo carro parado no final da ruazinha que dava na casa, Dodge observou.

– Notei aquele carro ali esta tarde. É segurança?

– Reserva nosso. Temos uma dúzia de homens e mulheres que não podemos manter na folha de pagamento, mas usamos essas pessoas nas emergências. Tem um outro vigiando o cais.

– Esbarrei nele mais cedo – disse Dodge. – Ele me examinou de cabo a rabo.

Ski sorriu e pensou: *aposto que examinou mesmo*. Ele disse:

– Não quero correr nenhum risco se Starks resolver voltar para cumprir a ameaça de matar a srta. Malone.

– Tenho certeza disso. A mãe dela é figura importante na cidade. Se alguma coisa acontecesse com a filha de Caroline King, seu chefe te daria um pé na bunda.

Ski olhou sério para ele.

– Não é legal dizer isso.

– Então me processe. – E continuou: – Tudo bem, tudo bem, foi um comentário infeliz.

Depois de um tempo, Dodge perguntou:

– E a polícia municipal? Eles ajudam vocês em alguma coisa?

– Em operações pequenas. Em geral, eles apartam as brigas nos jogos colegiais de futebol americano e organizam o desfile do 4 de Julho.

– Foi o que imaginei.

– Nós aqui da delegacia somos os principais mantenedores da ordem. Cabe a nós...

– Cabe a você.

Ski deu de ombros.

– Cabe a mim encontrar Starks.

– Bem, ele não está na Cypress Lodge. Já verifiquei.

– Obrigado – disse Ski secamente. – Vou tirar da minha lista.

Ski continuou depois de uma breve pausa.

– Pensei que você ia se hospedar aqui, na casa da sra. King.

Dodge ficou em silêncio, ignorou a isca de Ski e não disse nada quando se aproximaram da casa. As luzes banhavam a porta da frente no momento em que Caroline passou por ela e saiu para a varanda. Pareceu aliviada ao ver Dodge no banco do carona.

Quando ele desceu do carro, ela disse:

– Já estava começando a pensar que você tinha caído no lago, ou que tinha sido vítima de algum jacaré.

– Vocês têm jacarés?

Ela ficou olhando de Dodge para Ski, que tinha subido os degraus da varanda junto com ele. Era óbvio que ela estava imaginando onde e como os dois tinham se juntado.

– O que está havendo?

– Ainda não tenho Starks sob custódia – disse Ski –, mas há algumas coisas que preciso relatar e tenho mais algumas perguntas a fazer para a srta. Malone.

– Ela está lá dentro.

Caroline levou os dois homens para o hall de entrada e indicou que fossem para a sala de estar.

– Vou chamar a Berry.

Mas antes de Caroline se afastar o bastante para não escutar, o estômago de Ski roncou muito alto e ela parou de repente.

– Desculpe, madame.

Ela sorriu para ele.

– Não precisa se desculpar.

Berry estava terminando de lavar a louça do jantar quando a mãe entrou na cozinha.

– Você já guardou a sobra do espaguete?

– Acabei de pôr na geladeira.

Caroline abriu a geladeira e tirou o pote selado, que deu para Berry.

– Quer fazer o favor de esquentar um prato com isso para o delegado Nyland?

– O quê?

Caroline tirou os talheres da gaveta.

– Ele acabou de chegar junto com Dodge.

Berry espiou pela janela da cozinha os fundos da propriedade, onde o investigador tinha desaparecido quase uma hora antes, dizendo que ela se preparasse para falar da relação dela com Ben quando ele voltasse depois de fumar um cigarro.

– Como foi que isso aconteceu?

– Não tenho a menor ideia. Mas eles estão aqui, e o subdelegado Nyland admitiu que não comeu nada o dia inteiro. O mínimo que podemos fazer é lhe oferecer um jantar.

– O mínimo que podemos fazer? Mãe, ele me detesta.

– Não seja boba. E, quando for lá para dentro, leve a jarra de chá, por favor.

Caroline saiu da cozinha levando os talheres, um jogo americano de mesa e um guardanapo.

Berry ficou olhando para o pote com espaguete que a mãe tinha posto na mão dela, que pareceu estranho como todos os outros elementos perturbadores que tinham caído em cima dela nas últimas vinte e quatro horas.

Um ato violento, totalmente fora do seu mundo de experiências.

Uma investigação criminal, coisa desconhecida para ela.

Um subdelegado evidentemente cético em relação a cada palavra que ela dizia.

Um investigador particular, cuja presença era inexplicável na vida dela.

Berry botou o pote no micro-ondas e acertou o *timer*. Ficou observando a contagem regressiva e pensando, confusa, na decisão da mãe de contratar o serviço de Dodge Hanley, um homem um tanto áspero, para dizer o mínimo. Ele era a antítese dos outros conhecidos de Caroline que costumavam ser empresários, banqueiros, advogados e médicos prósperos, homens cultos e refinados, como tinha sido o pai de Berry.

Além do mais, Caroline, sempre finíssima, parecia não se incomodar com os comentários inadequados de Dodge. Isso, para Berry, era sinal de preocupação. Havia uma única explicação para aquela tolerância de Caroline para com a rudeza dele: ela achava que ele era necessário para elas. Era o tipo de homem que você ia querer guardando suas costas numa briga, então a mãe dela devia estar esperando uma.

Berry também temia uma batalha. Oren não ia desistir. Isso ela sabia. A obsessão que ele tinha por ela fez o mundo de Berry sair do prumo. Ela usou os últimos dois meses para tentar voltar a ter os pés bem plantados no chão. Mas, na noite anterior, acabou virando de cabeça para baixo e agora estava completamente sem controle. Sem o controle *dela*. Ela parecia incapaz de reconquistar o comando.

Mas precisava fazer isso. E, para que isso acontecesse, Berry reconheceu que as coisas ainda iam piorar antes de melhorar.

O micro-ondas apitou. Ela jogou o espaguete num prato, acrescentou duas fatias de pão de alho, botou o prato e a jarra com o chá gelado numa bandeja e carregou para a sala de jantar, onde os três estavam sentados à mesa. Caroline havia posto um jogo americano na frente do subdelegado, que se levantou quando Berry chegou.

– Espero que não tenha lhe dado trabalho.

– Nenhum trabalho.

Ela serviu o prato de comida e pôs a jarra de chá na mesa. Nyland só se sentou depois de Berry.

Ele não tocou em nada até Caroline dizer:

– Não deixe esfriar.

Nyland botou o guardanapo no colo, pegou o garfo e começou a comer.

Ele era uma *presença* marcante. Na sala de jantar em semicírculo, parecia excepcionalmente grande e não só por causa do seu tamanho. Ele era dominante de formas mais intrínsecas também. Berry tinha consciência de cada piscada, todos os movimentos. Ficava sem ar diante dele. Mas parecia ser a única afetada.

Enquanto ele comia, Dodge, com a permissão de Ski, contou que Oren tinha ido para a casa a pé, partindo do lugar escondido onde deixara o carro,

perto da estrada principal, e relatou a suposta parada no banheiro da loja de iscas.

– Assim eu me sinto um pouco melhor por não ter conseguido pegar o número da placa do carro dele – disse Berry.

– Não poderia, nem se quisesse – disse a mãe dela.

Dodge perguntou se Oren já tinha dirigido um Toyota.

– Eu não sei. Nunca prestei atenção no carro dele.

– Nunca foi com ele a lugar algum? – perguntou Ski.

Ela hesitou e olhou para Dodge.

– Podemos esperar até amanhã, quando o dr. Carlisle puder se reunir conosco?

Antes de Dodge responder, Ski disse:

– Eu só quero informações sobre Starks. Você não é suspeita de nada.

Dodge concentrou o olhar nele quando punha espaguete na boca.

– Muito bem, subdelegado, vá em frente. Mas tome cuidado. Berry, se você se sentir pouco à vontade para responder a alguma pergunta, não responda.

Ski olhou para Berry e deixou as sobrancelhas erguidas repetirem a pergunta que ele fez porque estava de boca cheia.

– Eu nunca fui de carro para lugar algum com Oren – respondeu Berry.

Ski a encarou alguns segundos, depois limpou a boca com o guardanapo.

– Obrigado. Estava delicioso.

Não havia nem um pedacinho no prato. Ele usou o pão para raspar o resto do molho. Como o agradecimento foi para ela, Berry disse:

– De nada. Mas a única coisa que fiz foi esquentar o prato. Foi minha mãe que fez. Sou péssima cozinheira.

Ele sorriu para a mãe dela.

– Ainda bem que o meu estômago roncou na sua frente.

Caroline retribuiu o sorriso com simpatia.

Dodge se remexeu na cadeira, botou a mão sobre o bolso da camisa onde guardava o maço de cigarro, depois cruzou os braços sobre o peito, com cara de mau humor e irritado com alguma coisa.

Ski empurrou o prato para o lado e apoiou os braços na beirada da mesa. Virou para Berry.

– Conversei com algumas das suas colegas cujos nomes me deu.

– Elas contaram da paquera imprópria do Oren?

– Foi mais uma paquera *inadequada*. Provocações que não davam em nada, constrangimentos em situações sociais, esse tipo de coisa. Elas o descreveram mais como um incômodo do que um crápula.

– Mas ele é um *crápula* – disse ela, com teimosia. – Inteligente. Chega a ser um gênio. Mas como ser humano, o fator repulsa dele não consta dos gráficos. Ele não foi tão persistente com as outras como foi comigo e com Sally Buckland. Conversou com ela?

– Conversei.

– E aí?

Ele olhou para Dodge e para Caroline antes de virar para ela de novo.

– Talvez devêssemos esperar o seu advogado mesmo.

Aparentemente, aquela afirmação parecia ser em benefício dela. Mas também tinha o sentido velado de um desafio, do qual Berry não podia recuar.

– Faça as suas perguntas.

– Berry.

– Está tudo bem, Dodge.

– Não está nada bem, é idiotice.

Berry ignorou Dodge e encarou o olhar fixo de Ski.

– E então?

– Sally Buckland me disse claramente que Starks não teve absolutamente nada a ver com o pedido de demissão dela para a Delray, e que insinuar tal coisa era ridículo. Ela também disse que, se você o chamou de criminoso, estava mentindo.

Berry bufou lentamente entre os lábios abertos de espanto.

– Por que Sally diria uma coisa dessas? – Ela levantou a voz e perguntou de novo: – Por que ela diria uma coisa dessas?

– Berry...

– Não, mãe – disse ela, interrompendo Caroline. – Tem alguma coisa muito errada aqui.

Berry arrastou a cadeira para trás, se levantou, deu a volta e se apoiou no encosto, olhando para os três.

– Eu estou dizendo que Oren tornou o ambiente de trabalho de Sally tão horroroso que ela pediu demissão. Ele redirecionou a atenção para mim. Não

tenho a menor ideia de por que Sally nega isso agora, mas estou falando a verdade.

– Acredito em você, Berry – disse-lhe a mãe. – O fato é que ninguém aqui contradisse você. Por isso, faça o favor de sentar-se e vamos conversar sobre isso.

– Obrigada, mas prefiro ficar de pé. E quero mesmo conversar sobre isso.

Berry olhou furiosa para Ski, desejando, pelo menos uma vez, ser capaz de perturbar aquele olhar sombrio e firme.

– Bem, e o que mais?

– Você foi à festa de Natal da firma com o Starks?

Ela abaixou a cabeça até o queixo encostar no peito. Sentiu a incredulidade da mãe, a silenciosa reprovação de Dodge, a condenação do subdelegado. Então levantou a cabeça e jogou o cabelo para trás numa pequena exibição de desafio.

– Sim, eu concordei em ser o par de Oren na festa de Natal. Achei que, se saísse com ele pelo menos uma vez, ele ia parar de me infernizar. A festa me pareceu uma alternativa segura para estar sozinha com ele uma noite inteira. Estaríamos cercados de pessoas que conhecíamos.

"Eu aceitei o convite dele com a condição de que nos encontrássemos lá, em vez de ele me pegar em casa. Fui para lá no meu carro e voltei para casa da mesma forma. Sozinha. Eu contei a verdade sobre o carro de Oren, subdelegado. Nunca fui de carro com ele para lugar algum."

– E a festa?

– Oren fez questão de deixar claro para todos que éramos um par aquela noite. Não saiu do meu lado a noite inteira. Ficou em cima de mim, tratou-me com intimidade, ficava encostando em mim o tempo todo. Só de lembrar fico enojada.

"Suportei essa perseguição dele com a esperança de que, depois de se gabar de ter saído comigo uma vez, ele ficaria satisfeito e iria embora. Mas não funcionou desse jeito."

Ela parou de falar e olhou para o vazio um pouco antes de se concentrar no subdelegado e de continuar:

– No último dia de expediente antes dos feriados do Natal, Oren recebeu o aviso de que tinha sido demitido. Ele me procurou para consolá-lo, como se eu

fosse sua namorada, amiga, defensora.

Ela fez outra pausa e olhou para cada um deles separadamente.

– Foi aí que a perseguição começou.

Querendo estourar todas as bolhas de uma vez, Berry olhou para Dodge.

– Durante seu tête-à-tête com Amanda Lofland esta tarde, ela soltou os cachorros sobre mim e Ben.

Dodge fez que sim com a cabeça, insatisfeito.

Berry encarou o subdelegado e disse:

– Houve um tempo em que Ben e eu tivemos mais do que uma relação de trabalho. – Ela notou que ele não reagiu e acrescentou: – Mas você não parece surpreso de saber disso.

Dodge inclinou um pouco a cabeça.

– A sra. Lofland ligou para mim hoje no final da tarde e disse que talvez fosse bom eu saber que você compareceu à festa de Natal da firma com Oren Starks, e que você e o marido dela foram amantes.

– Ele não era marido dela na época – disse Berry asperamente. – E, até hoje, eu não sabia que Amanda soube disso. Em todo caso, é uma história antiga que não tem nada a ver com nada, especialmente com o que aconteceu aqui na noite passada.

Ela parou de apertar o encosto da cadeira e começou a andar de um lado para outro.

– Ben e eu estávamos trabalhando até tarde uma noite, saímos para beber alguma coisa depois, tivemos vontade de extravasar de alguma forma e uma coisa levou à outra. Como éramos colegas de trabalho, o fato de nos vermos todos os dias no escritório botou um certo tempero no que, sem isso, teria sido uma atração bem fraca.

"Em pouco tempo, nem aquele elemento de malícia bastava para fazer com que valesse a pena. Não queríamos que um romance de mentira estragasse nosso bom relacionamento de trabalho e percebemos que era muita tolice continuar, já que nenhum dos dois estava emocionalmente comprometido com o caso. Então, resolvemos voltar ao que éramos antes, amigos platônicos e colegas de trabalho.

"Foi um impulso que durou menos de um mês. Ele ainda nem tinha conhecido a Amanda. Quando a conheceu, fui uma das primeiras pessoas para

quem ele falou daquela mulher incrível. Fiquei satisfeita por ele. E, quando eles ficaram noivos, dei uma festa para os dois. Mãe, você lembra."

– Você alugou o salão de festas do clube de campo.

Berry fez que sim com a cabeça e olhou para Ski.

– É isso. Esse é o grande e sujo segredo. Até aquele encontro horroroso no hospital, Amanda sempre foi cordial comigo. Talvez a explosão de hoje tenha acontecido porque ela está aborrecida e preocupada com o estado do Ben. Talvez a raiva dela tenha sido uma reação retardada ao trauma de saber que ele havia levado um tiro.

Berry levantou as mãos ao lado do corpo, indefesa.

– Não sei quando Ben contou para ela sobre nós, se foi antes ou depois dos dois casarem, ou se foi esta manhã ao acordar na sala de recuperação e perceber que tinha levado um tiro quando estava só de cueca, na minha casa. *Eu não sei*.

"O que eu sei é que o tempo com o Ben foi curtíssimo e fácil de esquecer. Não aconteceu nada de romântico entre nós desde que terminamos. E certamente não aconteceu nada de adúltero aqui ontem."

Ski se levantou e deu a volta na mesa. Parou bem na frente dela.

– Ontem à noite, quando fui ao quarto de hóspedes, vi que a cama não estava desarrumada.

– Não sei explicar isso. Talvez Ben estivesse sentado na poltrona lendo, ele podia estar no banheiro, ou então... Eu não sei o que ele estava fazendo, porque não o vi depois que subimos, dissemos boa-noite e fomos cada um para o seu quarto.

– A sua cama estava com as cobertas puxadas.

– Nyland, aonde quer chegar com isso? – perguntou Dodge.

Nem ele nem Ski responderam. Berry não sabia por que insistiam tanto nesse ponto, mas queria eliminá-lo porque era um problema entre ela e o subdelegado.

– Eu desarrumei a cama antes de ir tomar uma ducha no banheiro.

– Qual é o problema com as camas? – quis saber Dodge. – Aliás, que diferença faz se Lofland e ela estivessem trepando loucamente? O que é importante é que esse tarado desse Starks...

– Eu sei o que é importante. – Ski interrompeu zangado, mas sem tirar os olhos dos olhos de Berry.

Dodge revidou:

– Então, por que está matraqueando sobre quem dormiu onde?

– O relacionamento dela com Lofland pode ter relação com a motivação de Starks.

– Ela já disse como é a relação deles – argumentou Dodge. – Agora podemos seguir em frente?

Mas parecia que Ski ainda não estava pronto para continuar, nem para ir a lugar algum, até ficar completamente satisfeito com esse detalhe.

– Ben e eu tivemos um caso bobo anos atrás – disse Berry. – *Nada aconteceu* aqui ontem, nem ontem à noite, além do que contei para vocês.

– Bom. Muito bem. Ótimo. Ainda bem que isso ficou esclarecido – disse Dodge. – Nyland, está satisfeito agora?

Ski nem piscou.

Berry respirou fundo.

– Respondendo à pergunta que você fez mais cedo hoje...

– Berry.

– Dodge, sente-se – disse Caroline.

– Ela tem direitos. Não precisa falar mais nada.

– Talvez ela queira.

Berry ouviu os dois, mas só com um ouvido. Ski olhava fixamente para ela e não podia escapar disso.

– Respondendo à pergunta que fez mais cedo, eu estava completamente vestida durante o jantar. Só me despi para entrar no chuveiro. Foi aquela socorrista que sugeriu que era melhor eu me cobrir. Antes daquela mulher chamar a minha atenção para isso, eu nem me dei conta de que ainda estava nua.

CAPÍTULO 11

Essa era a noite de sorte de Davis Coldare.

– Mas não aqui, onde alguém pode passar e nos ver.

Lisa Arnold tirou a mão dele do meio de suas coxas, empurrou-o para longe e se sentou direito, arrumando a camiseta sem manga.

– Aliás, nem no banco de trás do carro. Isso é retrô demais.

Davis, ereto e latejando, o cérebro enevoado de tesão, não conseguiu pensar imediatamente em algum lugar mais adequado para ser apresentado carnalmente a Lisa Arnold, a não ser o carro dele mesmo.

– É... eu não...

– Um motel.

Ela arrumou pudicamente a saia de brim para cobrir a área que Davis estava explorando. Não era território virgem.

– Motel? – ele repetiu como um idiota.

O conceito não foi registrado por causa da confusão sensorial na cabeça dele.

Lisa abriu a porta do carro e desceu.

– Você só tem de dirigir. Eu indico o caminho.

Ela já estava no banco do carona quando as sinapses cerebrais de Davis pegaram no tranco. Ele fez uma careta, vestiu a cueca, segurou a calça jeans com a mão esquerda e passou do banco de trás para o do motorista. Ligou o carro e foi dirigindo pelas pistas do cinema drive-in, que só abria nos meses de verão e que esta noite exibia dois filmes de terror. Como Lisa e ele, a maioria das pessoas nos carros estacionados não tinha ido lá para assistir aos filmes.

Quando a saída do cinema os lançou na estrada, Lisa lhe disse que virasse à esquerda e que não esquecesse de acender o farol. Ela passou o braço por cima do console, enfiou a mão na calça jeans dele e o apertou por cima da cueca.

– Não perca isso até chegarmos lá.

– De jeito algum – arfou ele.

Ela começou a alisá-lo, ele ficou vesgo de prazer e teve dificuldade de focalizar a faixa amarela que dividia a estrada em duas pistas.

– Você tem camisinhas? – perguntou ela.

– Ahn...

– Se não tem, eu tenho. Mas, de agora em diante, é sua responsabilidade trazê-las, está bem?

– Está bem.

Ele concordou, porque concordaria com qualquer coisa, mas, na verdade, tudo que ouviu foi "de agora em diante", que indicava um futuro de encontros sexuais.

– Logo ali à direita – ela disse. – Não sei o nome do lugar, mas tem um guaxinim na placa.

Ele conhecia aquele lugar. O motel decadente estava ali havia muito tempo, até onde a memória dele alcançava, provavelmente muito tempo antes de ele nascer. Tinha passado por ele inúmeras vezes, sem prestar atenção. Nunca poderia imaginar ir para lá com Lisa Arnold, a menina com a má reputação mais promissora do Colégio Merritt.

Parou diante da recepção iluminada, onde havia uma placa vermelha de néon piscando que havia vagas. Um quarto ali podia custar cada centavo que juntara aparando gramados aquela semana, mas ele deu uma olhada para Lisa e concluiu que, mesmo se custasse a renda de duas semanas, valeria a pena para ficar com ela. Os caras que já a conheciam diziam que um boquete era praticamente garantido. Mas, como ela havia insistido em ir para outro lugar, não ficar no banco de trás do carro, talvez planejasse fazer mais do que o seu boquete-padrão. Pensar nas possibilidades fez a cabeça dele girar.

– Você consegue andar com isso?

Ela o apertou de brincadeira e ele gemeu. Se ela o fizesse gozar cedo demais, ele morreria de tristeza e ia matá-la por estragar tudo. Rindo do óbvio desconforto de Davis, Lisa disse:

– Acho que não. Dê-me quarenta dólares.

Lisa o soltou. Ele ergueu o quadril do banco e apoiou os pés no chão do carro para poder enfiar a mão no bolso de trás da calça para pegar a carteira. Tirou duas notas de vinte, que ela pegou da mão dele. Antes de descer do carro, ela se virou para trás e deu-lhe um sorriso malicioso. Foi andando para a

recepção e ele ficou observando sua bunda, mal coberta pela saia e nada coberta pelo fio dental, como tinha descoberto recentemente. Ele grunhiu de desejo.

Havia uma senhora gorda de cabelo crespo e grisalho, com uma tatuagem azul que cobria todo o braço flácido, trabalhando na recepção. Irritada por ter de se afastar da revista que estava folheando, pegou as notas de vinte de Lisa e bateu com uma chave no balcão. A transação levou menos de quinze segundos.

Davis ficou contente por Lisa não ter de assinar um registro, nem nada. Ele ia até o fim com aquilo não importava o que acontecesse, mas era melhor que os pais dele nunca soubessem. Lisa era o tipo de menina que o pai dele, e a mãe também, numa conversa especialmente embaraçosa, sempre dizia para ter cuidado.

Quando Lisa voltou para o carro, sua saia curta subiu pelas coxas e revelou rapidamente o paraíso que o aguardava, afastando da cabeça dele os sermões dos pais sobre bom senso e moralidade. Banidos pela piscadela de Lisa foram os avisos sobre doenças fatais e gravidez indesejada, pois qualquer dessas coisas acabaria com os planos de bolsa de beisebol na universidade e, por extensão, com a vida dele.

– Tudo arranjado – ela disse. – Número oito. Sempre em frente, no final.

Ele teve a impressão de que ela já estivera ali antes.

Davis estacionou na frente do quarto número oito. Lisa desceu do carro. Quando Davis também saiu do carro, pensou que talvez devesse deixá-lo nos fundos do prédio, onde não seria visto da rua. Mas seus pais tinham ido jogar cartas na casa de amigos aquela noite, e eles moravam no outro lado da cidade. Não passariam por ali a caminho de casa.

Ainda segurando a calça jeans com uma das mãos, ele foi aos tropeços até a porta, onde Lisa já estava esperando. Ela lhe deu a chave do quarto.

– Seja cavalheiro.

– Sim, senhora.

Ele pegou a chave e tentou várias vezes enfiar no buraco da fechadura, sem sucesso em todas elas.

Lisa se aproximou e ensanduichou o bíceps dele com seus seios que induziam à fantasia. Ela lambeu o lóbulo da orelha dele e sussurrou:

– Espero que sua mira melhore quando estivermos lá dentro.

Ele enfiou a chave no buraco, girou e destrancou a porta.

– Não se preocupe com a minha mira. Vou acertar o alvo.

– Ooooh. Estamos falando do ponto G?

Ele abriu a porta e entrou no quarto. Tateou a parede para encontrar o interruptor da luz. Quando a luz se acendeu, a última coisa que Davis esperava ver era o homem assustado e desarrumado sentado ao lado da cama.

Berry estava deitada de costas, olhando para o teto do quarto de hóspedes, quando Caroline bateu uma vez na porta e perguntou se podia entrar. Assim que afastou o prendedor da porta, Berry perguntou:

– Ele já foi?

Caroline deu um sorriso cansado para a filha.

– Ele não quis sobremesa nem café. Mas não poderia ficar, nem que quisesse. Recebeu um chamado pelo celular e foi embora. Dodge foi com ele.

– Estão trabalhando juntos agora?

– Não exatamente.

Caroline dobrou uma colcha de chenille e a pôs no braço de uma poltrona, evitando olhar para Berry.

– Dodge quis saber do que se tratava a ligação e, quando Ski respondeu que era oficial, Dodge disse "tudo bem. Não me conte. Pode ser uma surpresa quando eu chegar lá".

"Ski comentou que Dodge não sabia para onde ele estava indo, e Dodge disse que saberia se fosse com ele. Acho que Ski percebeu que era inútil discutir. Dodge subiu no SVU com Ski e lá foram eles."

Berry se empertigou.

– Talvez a ligação tenha sido para dizer que Oren foi capturado.

– Vamos torcer.

Caroline se sentou na beira da cama e segurou a mão da filha. Encostou palma com palma e entrelaçou os dedos.

– Você não está no seu estado normal, Berry.

– Eu?! – exclamou ela. – Tenho pensado a mesma coisa de você.

– Boa tentativa, mas essa tática não funcionou quando você estava na escola e não funciona agora tampouco. Não vai conseguir mudar o assunto dessa

conversa.

– Você andou analisando minhas manipulações?

– Desde que você tinha idade suficiente para usá-las. Mas não tenho certeza se *manipulação* é a palavra correta. Denota algum objetivo perverso. Você nunca foi má, apenas extremamente inteligente.

– Não tão inteligente assim. Você descobriu. E eu pensando que estava sendo muito esperta.

– Você é esperta. – O tom de voz de Caroline mudou, ficou mais suave, mais sério. – Além de inabalável e no comando das suas emoções. Não é do seu feitio reagir sem controle como fez com o Ski.

– Ski? Dodge? Nunca vi você ficar tão íntima de homens que acabou de conhecer. Mas...

– Lá vai você de novo. Não estamos falando de mim. O assunto aqui é *você*.

– Mas... – Berry teimou em continuar – eu acho que você já conhecia Dodge Hanley antes. Não estou tentando desviar a conversa de mim e dos meus problemas. Vamos chegar a eles, prometo.

"Mas primeiro faço questão de ser posta a par de tudo, porque até agora vocês me deixaram de fora."

Ela se deitou de costas de novo e juntou as mãos embaixo da cabeça.

– Estou escutando. Quem é esse cara? Você o conhecia antes de hoje. Eu sei que conhecia. Senão ia detestar os modos e o vocabulário dele.

Caroline suspirou.

– Está bem, eu confesso. Conheci Dodge em Houston alguns anos atrás.

– Como?

– Por intermédio de uma amiga, quando ela o contratou para fazer uma investigação particular. Ela estava constrangida com a ideia toda. Parecia sórdido, inconsistente, o tipo de providência que se toma num filme de segunda. Dodge, por ser Dodge, deixou-a mais apreensiva ainda. Então ela quis que eu o conhecesse e lhe desse minha opinião sincera. Se ele parecia idôneo. Se valia o que cobrava. Esse tipo de coisa. Eu não tinha experiência nesse assunto tampouco, mas ela admirava meu jeito de avaliar as pessoas em geral.

– Que amiga? Eu conheço?

– Conhece, mas não posso dizer quem é.

– Por quê?

– Porque estaria traindo a confiança dela.

– Papai o conheceu também? Estou me referindo ao Dodge.

Caroline deu risada.

– Nossa, claro que não. Dá para imaginar os dois juntos, num mesmo cômodo?

Berry sorriu. O pai dela era um homem magro, não muito alto, mas com tanta classe, que sua modesta estatura passava despercebida. Era elegante e simples, falava bem, era culto e bem-educado. O polo oposto de Dodge Hanley.

– Eu não contei para ninguém, nem mesmo para o Jim, sobre os problemas pelos quais minha amiga estava passando – continuou Caroline. – Era uma situação confusa e humilhante.

– Traição do marido?

– Só posso dizer que ela estava desesperada, senão nem teria procurado um investigador particular.

Berry pensou nas palavras da mãe, depois perguntou baixinho:

– Foi por isso que você o contratou? Considera minha situação atual desesperadora?

– Ainda não. Ele vai ajudar para que não fique desesperadora.

– Ele é um lutador de rua.

– Tenho certeza de que sim.

– Irreverente, não respeita a autoridade e ultrapassa todos os limites.

– Duvido que deixe as regras ficarem em seu caminho.

– Ele não é nada refinado.

– Você devia tê-lo visto na casa de chá da Mabel.

Berry deu risada.

– Você o levou a uma casa de chá?

– Tinha de encontrá-lo em algum lugar.

Caroline pensou um pouco e acrescentou:

– O fato é que ele se comportou com mais segurança e presença de espírito do que era de se esperar.

– Ele é fofo – disse Berry. – Se você gosta de despojado.

– Nunca pensei nele desse jeito.

Berry deu uma cutucada de brincadeira na mãe.

– Ah, deixa disso. Ele é bonitinho. Admita.

– Algumas mulheres podem achá-lo atraente.

Berry deu um sorriso de orelha a orelha com aquela evasão, principalmente porque a mãe se esforçava tanto para ser evasiva.

Depois de um período aceitável de luto pelo pai, Berry tinha encorajado a mãe a começar a namorar, especialmente quando Caroline se mudou para Merritt, onde ninguém conhecia os dois como um casal. A cidade tinha uma vasta população em idade de se aposentar. Havia muitos homens sozinhos disponíveis, com a idade e os meios adequados.

Caroline não quis nem ouvir falar disso.

– Para mim isso já acabou – ela disse quando Berry sugeriu que voltasse a circular. – Tive um bom casamento. Tive o amor da minha vida. Jamais terei outro.

Mas Berry continuou a se agarrar à esperança de que a mãe conheceria um homem que a faria mudar de ideia. Ela era linda e inteligente, simpática e divertida. Tinha muito a oferecer, e Berry detestava pensar que passaria o resto da vida solteira.

– Eu gosto do Dodge – disse Berry agora, quase certa de que a mãe ia contestar essa afirmação definitiva.

Mas ela não contestou. Na realidade, Caroline soou bem animada quando perguntou:

– Gosta mesmo?

– É, gosto. Com todos os defeitos dele. O que eu gosto mais é que ele não inventa desculpas para os defeitos.

– Então fico contente de ter resolvido contratá-lo.

Preocupada, Berry mordeu o lábio.

– O objetivo dele é reduzir os danos. É isso?

– Em parte. A capacidade investigativa dele também pode ser útil para o Ski.

– Se ele usar.

Caroline meneou a cabeça pensativa.

– Homens são muito conscientes da guarda de território. Mas acho que Ski é inteligente demais para recusar ajuda quando, e se, precisar.

Berry tirou uma das mãos de trás da cabeça e apoiou o braço sobre os olhos. Depois de um tempo, ela disse:

– O caso com Ben.

– Você é uma mulher adulta, Berry. Já foi o tempo em que tinha de me dar satisfação dos seus relacionamentos.

– Ah, é? – Berry espiou por baixo do braço. – Não é você que anda me dando umas indiretas nada sutis de que gostaria de ter netos antes de ficar velha e decrépita demais para brincar com eles?

Caroline sorriu.

– Eu ainda desejo ter netos – acrescentou com ênfase. – Mas também entendo que sua carreira é muito importante para você, porque a minha era para mim. Promover uma carreira e cuidar de filhos ao mesmo tempo pode criar conflitos.

– Não descartei a ideia de ter um marido e filhos, mãe. Meu relógio biológico toca toda vez que vejo mulheres da minha idade com um bebê, ou dois, maridos sorrindo com adoração. Gostaria muito de ter isso.

"Mas garanto para você que Ben Lofland não tinha chance de ser um parceiro para toda a vida. Ele e eu passamos algumas noites inofensivas juntos. Nosso caso não vale o caso federal que o subdelegado Nyland fez dele."

– Ele não fez nenhum caso federal.

– Quase.

– Deve haver algum motivo para essa preocupação dele com isso.

– Ele contou o motivo para você. A motivação do Oren.

Caroline deu uma olhada intuitiva para a filha, daquele tipo em que as mães se especializam.

– O que foi? – perguntou Berry.

– Nada. Deixe para lá.

– *O que foi?*

Caroline balançou a cabeça.

– Uma ideia maluca. Provavelmente infundada. Desculpe interromper. O que você estava dizendo?

Exasperada, sabendo que a mãe não estava revelando tudo que pensava naquele momento, Berry procurou lembrar onde tinha parado.

– Eu me recuso a me mortificar por causa daquelas noites com ele.

– O caso seria menos significativo se você tivesse aberto o jogo logo no início.

– Eu sei – admitiu Berry. – Eu devia ter contado tudo, sim.

– Por que não contou?

– Amanda. Eu não sabia se o Ben tinha contado sobre nós para ela, mas imaginava que não. Nesse caso, eu não queria jogar um caso do passado em cima dela, quando já tinha de enfrentar o fato de Ben ter levado um tiro, ter passado por uma cirurgia, e tudo isso. Tive medo de contar para o Ski e dessa revelação provocar um escândalo desnecessário. Fiquei calada para poupar os sentimentos da Amanda e para poupar Ben de ter problemas com a mulher que ele ama e adora. Foi nisso que deram minhas boas intenções. Explodiram na minha cara.

Caroline falou calmamente:

– A partir de agora, recomendo que não esconda nada do Ski.

Berry abaixou o braço e olhou bem nos olhos da mãe.

– Por exemplo, você acha que devo contar para ele que liguei para Oren anteontem?

Caroline olhou consternada para ela.

– Telefonou para ele?

– Quinta à tarde. Oren e eu conversamos alguns minutos.

– Não estou entendendo. Você veio para cá para fugir dele. Por que cargas-d'água telefonou para ele?

– Para me retratar.

– Pelo quê, pelo amor de Deus?

Berry chegou para o lado da cama e pôs os pés no chão. Foi até a janela e espiou o lago, mas só conseguiu ver mesmo o próprio reflexo no vidro da janela.

– Para explicar, preciso voltar no tempo – ela disse. – Você lembra... é claro que lembra – acrescentou com tristeza – ... aquele dia que eu explodi?

Caroline não disse nada. Berry virou a cabeça. A mãe estava de cabeça baixa, olhando para as mãos.

– Você estava aborrecida, Berry. Tinha motivo para estar assim. Não teve intenção de dizer aquilo.

– Não perdoe o imperdoável, mãe. Naquele dia, eu tive intenção sim.

Uma colega tinha recebido uma recomendação de um gerente da contabilidade no dia em que o mesmo gerente havia criticado algum trabalho de Berry e, em seguida, descartou todas as sugestões dela para corrigi-lo.

Ferida e zangada, Berry procurou a mãe no escritório da imobiliária e desabafou sua fúria por meia hora. Disse que a crítica ao seu trabalho tinha sido muito injusta, que a campanha elogiada era sem graça. "O que só serve para mostrar que o gosto desse gerente é horroroso!", exclamou ela naquele dia. "E eu tenho de prestar contas a ele. A minha posição na firma depende da opinião idiota desse palhaço."

Caroline tinha tentado acalmá-la, mas Berry se recusou a ouvir as sensatas observações da mãe. Ignorou o conselho de Caroline para seguir em frente e não deixar que aquele aborrecimento menor se transformasse num impedimento para as realizações dela.

– Você trabalha mais do que qualquer outra pessoa que eu conheço – tinha dito Caroline. – Você é a funcionária mais dedicada que aquela empresa tem. Você é talentosa. Com o tempo, as pessoas certas vão notar isso, e o seu trabalho, assim como a sua paciência, serão recompensados.

Esse estímulo carinhoso só fez Berry ficar mais furiosa. Tinha procurado a mãe em busca de simpatia e, em vez disso, recebeu banalidades. Com raiva, ela debochou.

– Ou então, para chegar ao topo da minha profissão, eu poderia pular toda essa trabalheira e fazer o que você fez: casar com o patrão.

Enquanto dizia essas palavras, Berry sabia que não eram verdadeiras. Caroline tinha trabalhado anos, diligentemente, até mais tarde, nos feriados e em longos fins de semana. O sucesso dela era bem merecido, baseado na intuição e no trabalho duro, não em nepotismo.

Berry também sabia que aquelas palavras magoariam demais a mãe e se arrependeu no momento em que as proferiu. Mas não se desculpou. Em vez disso, saiu pisando duro, deixou a mãe zonza com o ataque inesperado e gratuito, cuja origem era algo mais profundo do que raiva e decepção. Explodindo dessa maneira, Berry revelou um ressentimento antigo com as realizações da mãe.

– Quando cheguei em casa – contou Berry no presente –, Oren estava lá à minha espera. – Ela deu uma risada seca. – Lembro que pensei que eu devia

merecer isso, por ter sido tão mesquinha com você. Ele levou comida chinesa para mim. Chamou minha atenção por trabalhar tanto, tempo demais, por não comer direito e por não cuidar bem de mim.

"Eu não estava a fim de mais sermões gentis assim, menos ainda dele. Então perdi a cabeça. Gritei com ele, disse a ele que pegasse seu frango com cogumelos e desse o fora da minha varanda e da minha vida. Disse que estava cheia, que se ele me importunasse de novo, ia botar a polícia atrás dele.

"No início, ele reagiu choramingando. Como eu podia ser tão cruel assim, partir o coração dele, massacrar sua alegria, destruir seus sonhos? Fiquei alguns minutos ouvindo esse tipo de coisa, então o fiz calar. Disse que ele era uma piada para todos que o conheciam, mas especialmente para as mulheres. Disse que era chato, que era uma praga, que simplesmente *não servia* e que eu não era a única que pensava assim. Disse que ele era uma aberração, que era patético e que eu não suportava vê-lo."

Ela esfregou os olhos e desejou poder esfregar e apagar a lembrança também.

– Eu devo ter atingido algum ponto crucial. Aliás, vários. Porque ele enlouqueceu. Bem diante dos meus olhos, ele se metamorfoseou na personificação de Oren Starks do Mr. Hyde. Fora de uma tela de cinema, eu nunca tinha visto uma transformação tão dramática assim.

"A cara dele ficou toda congestionada e vermelha de fúria, como eu jamais havia visto antes, mãe. Ele berrou: 'Você não pode fazer isso comigo! Eu não mereço *isso*!' Ele jogou a caixa de papelão com comida chinesa na minha porta da frente. A caixa se abriu e esparramou tudo. Ele me xingou de nomes horríveis. Disse coisas terríveis, obscenas. Disse que não se espantava que eu não retribuísse seu afeto quando Ben Lofland estava me comendo."

Ela estremeceu.

– Não consigo nem me forçar a repetir tudo que ele disse, e você não vai querer ouvir. Ele terminou com um tenebroso juramento de que faria com que eu me arrependesse por tê-lo rejeitado. Em linguagem mais elaborada, mas o sentido foi esse.

"Eu entrei em casa e tranquei a porta. Estava com o celular na mão, pronta para discar 911 – tal o meu pavor –, mas ele pegou o carro e foi embora. Fui

para o banheiro e vomitei. Quando acabei e estava lavando o rosto, olhei para o espelho sobre a pia."

Ela fez uma pausa e depois disse, bem devagar:

– Foi então que vi no que havia me transformado. Quase não me reconheci, mãe. Eu era mais monstruosa do que Oren. Tinha sido cruel, disse coisas terríveis para ele, fui horrível com você, a pessoa que amo e respeito mais do que qualquer um na vida. E por quê? Porque estava aborrecida com uma reprimenda que recebi no trabalho.

Ela se virou de frente para Caroline.

– Eu queria ter sucesso a qualquer preço. Fui consumida pela ambição. Perdi todo o bom senso. Estava prejudicando meus relacionamentos com colegas de trabalho, com amigos, com você.

Berry secou as lágrimas do rosto e continuou:

– Naquele dia, Oren me fez temer pela minha vida. Mas eu estava assustada na mesma medida da pessoa em que tinha me transformado. Fiquei acordada aquela noite inteira, com todas as luzes da casa acesas, com medo de que ele voltasse e também com medo de mudar de ideia e não fazer o que tinha resolvido que precisava ser feito. De manhã, já estava com tudo arrumado. Vim para cá com a esperança de encontrar algum equilíbrio na minha vida, encontrar a mim mesma, pois tinha me perdido.

Ela voltou para perto da cama e se sentou ao lado da mãe, que pôs a mão nas costas da filha e começou a massageá-la.

– Eu me orgulho de você.

Berry olhou para ela e soltou uma risada.

– *Orgulho?* Depois do que acabei de contar?

– É difícil ser brutalmente sincera com você mesma assim, e mais difícil ainda tomar atitudes quando olhamos no espelho. – Caroline beijou a testa da filha. – Você ligou para Oren quinta-feira à tarde para pedir perdão pelas coisas que disse para ele naquela tarde?

– Mais ou menos. Eu também disse a ele que Ben e eu estávamos dando os toques finais na campanha que ele estava fazendo quando foi demitido. Que tinha ficado boa. Que ele ia gostar.

– Como ele reagiu a tudo isso?

– Ficou neutro. Eu me surpreendi. Ele não fez ameaças, mas tampouco disse "isso são águas passadas". Quando terminei, ele disse "está bem" e desligou. Lavei as mãos. Achei que estávamos quites. Quero dizer, até ele abrir a cortina do chuveiro.

– Claro que você não contou para ele que Ben e você iam trabalhar juntos aqui na sexta-feira.

– É claro que não. Mas tenho quase certeza de que ele andou vigiando a minha casa, e o escritório. Ele é bastante inteligente para ter concluído que eu devia estar trabalhando em outro lugar. Deve ter seguido Ben quando ele saiu de casa sexta-feira de manhã para vir para cá.

"Talvez Oren tenha ficado o dia inteiro sentado no carro dele perto da estrada onde encontraram aquelas marcas de pneu, deixando o tempo passar, esperando até escurecer, esperando até achar que podia nos pegar juntos na cama."

Ela pôs as mãos na testa e fez uma massagem, apertando a ponta dos dedos com força no couro cabeludo.

– O que me assusta, mãe, o meu medo é que, ao me desculpar com o Oren, sem querer tenha posto Ben na linha do tiro.

– Berry? Querida, acorde.

Berry se virou e ficou deitada de costas, gemendo por ter sido acordada de um sono profundo. Afastou mechas de cabelo do rosto e abriu os olhos. Caroline, só de camisola curta de algodão, estava debruçada sobre ela.

– Que horas são?

– Cinco e quinze.

Berry gemeu. A longa conversa de autoflagelação com a mãe a deixara inquieta demais para dormir. Depois de horas se virando de um lado para outro, ela acabou cedendo e tomando um sonífero qualquer de farmácia. Agora, depois de menos de três horas de sono, a cabeça estava lerda e confusa, por causa da medicação, e os olhos, secos, cheios de areia.

Mas o tom de voz da mãe, a postura dela, denotava urgência.

– Levante-se da cama e vista-se. Dodge acabou de ligar. Disse que devemos ir para lá o quanto antes.

Berry afastou as cobertas.

– Lá onde?

– A sala do delegado.

– Eles prenderam o Oren?

– Dodge disse que vai explicar quando chegarmos lá. – Caroline já estava saindo do quarto. – Encontro você lá embaixo.

Berry vestiu uma calça jeans velha e uma camiseta, escovou os dentes, prendeu o cabelo num rabo de cavalo e em menos de cinco minutos encontrou a mãe na porta dos fundos. Caroline ligou o alarme quando as duas saíram da casa e disse a Berry que iam no carro dela, que ela ia dirigindo.

Quando chegaram ao tribunal, ficaram surpresas de encontrar um subdelegado à espera delas. Ele acenou para Caroline estacionar numa vaga reservada e tocou na aba do chapéu do uniforme quando as duas desceram apressadas.

– Senhoras. Sou o subdelegado Stevens. Ski pediu para eu levá-las direto lá para cima.

Ele as levou para uma entrada no térreo, exclusiva dos funcionários. Digitou um código de segurança num teclado. A porta se destrancou com um barulho alto e metálico. Ele as conduziu para dentro, depois para um elevador, também de uso oficial. Subiram até o terceiro andar.

O elevador abriu diretamente num grande salão da polícia. A primeira pessoa que viram foi Dodge, que parecia também estar à espera delas.

Ele não perdeu tempo com cumprimentos.

– Não gostei de tirá-las da cama. Mas Ski achou que vocês deviam ficar a par disso, e que *você* – ele disse olhando para Berry especificamente – talvez pudesse ajudar.

– Ajudar como? Em quê?

Dodge fechou a cara.

– Oren Starks matou um garoto.

CAPÍTULO 12

Antes que Berry e Caroline pudessem absorver a chocante revelação de Dodge, tiveram sua atenção atraída pelo ruído de um choro alto e descontrolado. Um casal de meia-idade estava sentado em um banco encostado na parede. Um homem mais jovem, com colarinho de religioso, estava abaixado diante deles, falando baixinho, os braços nos ombros dos dois em um abraço grupal.

Por respeito, Dodge falou baixo, mas sua voz vibrou com fúria mal contida.

– Sr. e sra. Coldare. O filho deles, de dezesseis anos, único filho, foi alvejado e morto poucas horas atrás. Por Oren Starks.

Berry foi tomada por tontura e náusea. Já ia cair, mas Dodge a segurou pelo braço.

– Ei, firme aí.

– Sente-se – disse-lhe a mãe.

Berry, olhando para o casal de luto, balançou a cabeça com força.

– Vai passar. Eles perderam o filho hoje.

Do outro lado do salão, Ski saiu de uma sala menor. Os olhos dele e os de Berry se encontraram imediatamente e os dois continuaram se encarando enquanto Ski serpenteava pelo labirinto de mesas. Quando ele chegou perto dela, disse:

– Eu lhe devo um pedido de desculpas.

– Por quê?

– Por não a ter levado a sério como devia. Pensei que houvesse exagero na descrição do Starks, das ameaças dele. Eu estava errado. Desculpe.

Berry abafou uma onda de emoção que teria de analisar depois. Agora não.

– De qualquer modo – continuou ele –, obrigado por vir. Achei que se ouvisse a menina dando seu...

– Menina?

– Não tive tempo de dar os detalhes – Dodge disse para Ski.

Ski meneou a cabeça uma vez.

– Davis Coldare estava com uma amiga quando levou o tiro. Ela está bem. Abalada, mas sem ferimentos. Ela apontou Starks numa série de fotos. Sem dúvida, ela disse.

– Ele escapou de novo?

– O menino caiu morto aos pés da menina. Ela saiu correndo apavorada. Ligou para o 911 da recepção do motel.

– Motel? – perguntou Caroline.

– Daqueles que cobram por hora. – Dodge apertou os lábios com tristeza. – Um casal de garotos excitados à procura de um colchão.

– Quando o socorro chegou – disse Ski –, Oren Starks já estava longe.

– O que provocou o disparo? – perguntou Berry.

– Absolutamente nada.

– Ele simplesmente atirou nesse menino sem motivo algum?

– Lugar errado e hora errada para Davis Coldare – Ski disse num tom tenso e furioso, parecido com o de Dodge.

– Meu Deus – murmurou Caroline.

Berry não conseguia dizer nada.

– Eu pensei que, se você ouvisse o relato da menina – disse Sky para ela –, o nome dela é Lisa Arnold, se acompanhasse enquanto gravamos a declaração dela, talvez pudesse perceber alguma coisa do Starks. Ouvir alguma coisa que nos ajudasse. Não sei. Vale a pena tentar.

– Claro que sim. O que você resolver.

Ski deve ter achado que Berry precisava de ajuda para andar, porque, quando voltaram por onde ele tinha vindo pelo salão da polícia, ficou o tempo todo com a mão nas costas dela, na altura da cintura.

– Pegue café para ela, Andy – disse ele ao passar pelo subdelegado de olhos arregalados que Berry reconheceu ser o que fora à casa do lago na noite do tiro.

– O que quer no seu café? – Ski perguntou para ela.

– Creme. Leite. Qualquer coisa.

– Um pouco daquele meio a meio – ele disse para o policial mais novo. – Sra. King?

– Eu pego o dela. Tenho de sair para fumar de qualquer maneira.

Dodge se afastou do subdelegado.

Ski acompanhou Caroline e Berry até uma pequena sala. Berry sentiu falta do calor da mão dele quando a retirou.

Apontou para uma mesa retangular com pernas marrons de metal e tampo lascado de compensado.

– Sentem-se lá. Se quiserem podem assistir pelo vidro, se não se importarem de ficar de pé. O som será ampliado, e, assim, poderão ouvir de qualquer ponto da sala.

Caroline se sentou à mesa. Berry foi para a janela. Na sala ao lado, sentada a uma mesa idêntica à que havia ali, estava uma menina que devia estar saindo da adolescência. Acompanhando-a, uma mulher mais velha do que ela talvez quinze anos.

– Aquela é a mãe dela?

– Madrasta.

– E o pai?

– Foi embora no ano passado, paradeiro desconhecido. Nenhuma das duas parece feliz de ter de viver com a outra, mas elas não têm opção.

– Onde está a mãe verdadeira?

– Ninguém sabe.

Lisa Arnold tinha um corpo voluptuoso, obviamente enfatizado pela camiseta sem sutiã e pela saia curta. Ela não era a típica americana de face corada e caseira, mas o tipo de menina que era fácil estereotipar do mesmo jeito.

Apesar daquela aparência radical, tinha uma vulnerabilidade incoerente que comoveu Berry. A maquiagem dos olhos era pesada e as lágrimas tinham deixado riscos escuros no rosto até o queixo. Novos riscos estavam se formando agora, enquanto Berry a via soluçar e seu corpo todo tremer, em prantos.

A madrasta estava sentada de braços cruzados olhando para o nada, com ar de tédio, sonolenta, ou chapada, mas definitivamente insensível ao sofrimento da enteada.

A aparência geral das duas, o modo de vestir e a linguagem corporal eram completamente diferentes dos do casal arrasado que rezava com o ministro.

Ski foi ficar ao lado de Berry à janela da sala.

– Você está bem? – ele perguntou em voz baixa.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Como foi que os dois adolescentes esbarraram em Oren?

– Vou deixar que você ouça diretamente da menina.

Dodge e o policial entraram carregando vários copos de isopor com café, sachês individuais de leite e creme e vários adoçantes. Dodge jogou um punhado de palitos para mexer sobre a mesa, depois enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma pilha de guardanapos de papel, que botou na frente de Caroline.

Ela levantou a cabeça e sorriu para ele.

– Obrigada por lembrar.

Ele deu um sorriso torto para ela e grunhiu uma resposta ininteligível.

Ski foi até a porta e a abriu. Olhou para trás, para Berry, e disse:

– Isso não deve demorar muito. Volto assim que terminarmos para saber o que você achou.

Ele saiu. Berry foi até a mesa e preparou seu café. Quando o levou para perto da janela, Ski já estava na sala ao lado, junto com o subdelegado que tinha ido receber Caroline e ela quando as duas chegaram. Ele estava ajustando uma câmera de vídeo em um tripé.

Ski disse alguma coisa para a menina, depois deu-lhe um tapinha no ombro antes de dar a volta na mesa e se sentar de frente para ela. Berry viu quando ele botou a mão embaixo da mesa e, um segundo depois, ouviu o chiado dos alto-falantes sendo ligados.

– Assim que estiver pronta, srta. Arnold – ele disse, com a voz amplificada. – Conte tudo que aconteceu com o máximo de detalhes que conseguir lembrar. Não vou interrompê-la, a menos que precise esclarecer alguma coisa. Tudo bem?

– Tudo bem.

Ela assoou o nariz num lenço de papel, ajeitou-se na cadeira, cruzou as pernas e depois as descruzou.

– Quer que eu olhe para você, ou para a câmera?

– Pode conversar comigo, se for mais confortável para você.

– Claro. Quero dizer, acho que sim. Por onde quer que eu comece?

– Que tipo de relacionamento tinha com Davis Coldare?

– Eu só o conheci esta semana. Eu o via no colégio, mas não tínhamos aulas juntos, nada disso. Nunca conversamos, sabe, nem nada. Fui ao jogo de

beisebol na noite de segunda-feira passada. Ele joga. Quero dizer, jogava.

Ela deu um soluço de emoção.

– Esqueci em que posição ele jogava. Segunda base, eu acho. De qualquer modo, depois do jogo fomos em bando para o lago. Davis e eu ficamos juntos e, sabe como é, namoramos um pouco. Ele era gentil. Perguntou se podíamos sair hoje à noite.

– Vocês foram assistir a um filme no drive-in.

Ela meneou a cabeça.

– Comece a contar de quando saíram de lá.

Ela fungou.

– Bem, as coisas esquentaram, sabe como é?

Ski assentiu com a cabeça.

– Então resolvemos ir para aquele motel onde podíamos, sabe como é, ter mais conforto.

Ski meneou a cabeça.

– Quando chegamos lá, eu fui à recepção e dei para a velha senhora fulana de tal o dinheiro, ela me deu a chave do quarto número oito. Fomos de carro até lá, descemos do carro e, quando chegamos à porta, dei a chave para Davis e disse: "Seja um cavalheiro." Eu quis dizer, sabe como é, para ele pelo menos abrir a porta para mim.

– Hã-hã.

– Mas ele não conseguia enfiar a chave na fechadura porque estava segurando a calça jeans com uma das mãos. Estava aberta, sabe?

Ski fez que sim com a cabeça de novo.

A madrasta resfolegou e revirou os olhos. A menina olhou para ela com ódio.

– Ah é, como se você fosse muito pura.

Antes de a madrasta poder pensar numa resposta, Ski disse:

– Continue, srta. Arnold, por favor.

Ele pediu em voz baixa, mas com a firmeza da autoridade que impediu uma discussão entre as duas.

A menina concentrou a atenção nele.

– Então... então, Davis teve problema para destrancar a porta. Mas depois conseguiu. Ele empurrou a porta, entrou e acendeu a luz. E lá estava aquele

cara, de pé ao lado da cama, parecendo tão surpreso de nos ver como nós de vê-lo ali. Esperávamos que o quarto estivesse vago, sabe?

Ski meneou a cabeça.

– Então, ele simplesmente... simplesmente... – O lábio inferior da menina começou a tremer e uma nova onda de lágrimas inundou seus olhos. – Atirou.

– Ele pegou a arma em algum lugar?

Ela balançou a cabeça.

– Já estava com ela.

– Ele falou alguma coisa antes de atirar?

Ela balançou a cabeça de novo. Estava com a garganta apertada de emoção.

Ski inclinou o corpo para a frente sobre a mesa.

– Precisa parar um pouco, srta. Arnold?

– Jesus – sibilou a madrasta. – Diga logo para o homem o que aconteceu para podermos dar o fora daqui. Quer fazer isso, por favor?

Ski a ignorou e perguntou gentilmente outra vez para a menina se precisava de um tempo para se recompor.

Ela disse que não, que estava bem. Ele empurrou para perto dela uma caixa de lenço de papel na mesa. Ela tirou um, assoou o nariz e secou os olhos.

Quando se acalmou um pouco, Ski recomeçou:

– Ele não falou com vocês?

– Não.

– Você pôde vê-lo bem?

– Pude. Davis acendeu a luz e lá estava ele, de frente para a porta, a menos de dois metros de nós.

– Você me disse mais cedo que ele estava completamente vestido.

– De calça cáqui e uma camisa azul-escura.

– Encontramos um par de sapatos de homem no chão, ao lado da cama.

– Não notei os pés dele. Mas o cabelo estava todo despenteado. Notei que estava todo em pé. E os olhos estavam meio, sabe como é, esbugalhados. Como se ele talvez estivesse dormindo, assustou-se com o barulho que fizemos e pulou da cama de repente. Então, quando Davis entrou, ele apertou o gatilho.

– Num impulso? Uma reação involuntária?

– É. Isso mesmo.

– Não deixe que eu ponha palavras na sua boca, srta. Arnold.

– Não estou deixando. Pareceu exatamente isso.

– E tem certeza de que era esse homem?

Ski abriu um envelope pardo que tinha levado e tirou de dentro uma ampliação da foto de Oren da ficha funcional da Delray Marketing. A menina meneou a cabeça vigorosamente.

– Absoluta.

Ski guardou a foto no envelope.

– Depois que ele atirou em Davis, o que aconteceu?

Ela começou outra vez a chorar, para valer.

– Eu não sei – gemeu. – Nem esperei para ver se Davis estava bem. Dei meia-volta e corri. Corri para a recepção, onde aquela porca continuava vendo aquela revista idiota. Berrei para ela ligar para o 911. Disse para ela que Davis tinha sido baleado. A porca gorda disse: "Não quero saber de problemas."

Lisa Arnold falou com uma voz que era obviamente uma imitação da dona do motel.

– Eu disse para ela levantar a merda da bunda... – Ela olhou para a câmera de vídeo no alto e de novo para Ski. – Desculpe.

– Tudo bem. Continue.

– Bem, eu disse para ela levantar o rabo e pegar o telefone. Mas ela simplesmente cruzou os braços gordos em cima da enorme barriga. Por isso, eu peguei o fone do aparelho em cima da mesa e liguei eu mesma. Nem percebi na hora, mas tinha deixado minha bolsa cair quando a arma disparou. Não tinha mais o meu celular.

– O tempo entre a sua chamada para o 911 e a chegada do primeiro socorro foi de menos de cinco minutos – Ski disse.

– Cinco minutos? Tem certeza? Pareceu uma eternidade.

– O que ficou fazendo nesse tempo?

O queixo dela começou a tremer, e então o rosto inteiro desmoronou. Ela soluçou com a cara no lenço de papel.

– Eu devia ter voltado para ver como o Davis estava. Mas fiquei apavorada demais. Não sabia onde aquele maníaco estava nem o que estava fazendo. Tive medo que ele viesse atrás de mim.

"Então me encolhi atrás do balcão lá na recepção do motel. Aquela velha bruxa ficava dizendo o tempo todo que, se fechassem o motel por minha causa,

ela mesma me mataria. Eu berrava para ela *calar a boca*, para apenas ficar calada, mas ela implicou comigo até aquele policial chegar."

– Você não viu o homem outra vez?

– Não.

– O carro dele? Em que direção foi?

– Não vi.

Ela secou o rosto e respirou fundo, ainda trêmula, para se acalmar.

– Acho que vocês já conhecem todo o resto.

– Podemos ir agora? – perguntou a madrasta.

Ski lançou um olhar para ela que seria capaz de azedar leite e depois disse para Lisa:

– Obrigado, srta. Arnold.

– Não me agradeça. Eu me sinto péssima por ter deixado o Davis lá.

– Vamos ter de esperar o relatório oficial do médico-legista, mas eu já vi muitos ferimentos a bala. Tive a impressão de que a bala foi disparada diretamente no coração dele. Se foi esse o caso, ele morreu na mesma hora. – Suavemente ele acrescentou: – Não havia nada que você pudesse ter feito por ele.

Ski acompanhou a srta. Arnold e a madrasta até o lado de fora. Encarregou um subdelegado para escoltá-las até a casa delas e para ficar lá de guarda até segunda ordem. Tinha medo de que Oren Starks resolvesse ir atrás da testemunha ocular do assassinato de Davis Coldare. Ele já tinha dito a todos na delegacia que não divulgassem o nome de Lisa Arnold.

Como a Operações Especiais do município de Merritt não tinha uma unidade de cena do crime, usaram a dos Texas Rangers mais próxima. Ski ligou para o guarda que tinha ido investigar o quarto do motel e pediu uma atualização da situação. O guarda informou que terminara seu trabalho lá e que estava guardando o equipamento.

– Vou mandar um homem para ficar aí de guarda nesse quarto – disse Ski. – Não confio na dona do motel, ela é capaz de ignorar a fita de isolamento da área e entrar no local do crime. A ficha dela tem o comprimento do meu braço.

Eu já prendi essa mulher duas vezes por tráfico de drogas. Ela é fã de drogas com tarja preta.

O guarda deu uma risadinha.

– É, ela usou um vocabulário todo especial reclamando que eu estava desarrumando o seu maravilhoso motel.

– Informe o que descobrir.

– Claro que sim, Ski.

Quando ele finalmente conseguiu voltar ao grupo na sala de interrogatório, o ambiente estava pesado. Os copos de café vazios. Caroline e Dodge o cumprimentaram de cara fechada. Berry estava sentada à mesa, olhando para a colherinha de mexer o café que revirava mecanicamente entre os dedos. Ski puxou uma cadeira e se sentou de frente para ela.

– Aquele menino morreu por minha causa – ela disse em voz baixa.

– Ele morreu porque Oren Starks atirou no coração dele.

Ela largou a colherinha do café, apoiou os cotovelos na beirada da mesa e escondeu o rosto com as mãos.

– Nunca mais vou me esquecer do som do choro dos pais dele. E a culpa é minha, a culpa é minha.

– Como é que a culpa é sua?

Ela não disse nada.

Caroline olhava fixamente para a filha, com compaixão e apoio silencioso.

Dodge então pigarreou ruidosamente e disse:

– Ela... bem... ela acha que a culpa é dela porque...

– Eu liguei para ele.

Ski se virou para Berry.

– O quê?

Berry deu um suspiro trêmulo e endireitou os ombros.

– Eu liguei para o Oren.

CAPÍTULO 13

Ski ficou olhando para ela um tempo, depois para Caroline, que evitou encará-lo de propósito. Ele se virou para Dodge, que resmungou algo ininteligível e bateu no bolso à procura do cigarro.

– Do que ela está falando? – Ski perguntou a Dodge. – Ela ligou para Starks?

– Elas me contaram quando você estava... – Ele apontou para a porta para indicar que fora quando Ski saiu da pequena sala, depois, com a ajuda da taquigrafia verbal de ex-policial, explicou a natureza da conversa que Caroline e Berry tinham contado para ele.

Ski assimilou a história, procurou a lógica por trás daquela atitude de Berry e não encontrou nada. Queria perguntar a ela em que diabos estava pensando, mas achou melhor conter sua incredulidade e suavizar um pouco o discurso.

– Essa ligação. Foi para um telefone fixo, ou celular?

– Telefone fixo – ela respondeu. – Por quê?

– Nós esperávamos poder localizá-lo usando o GPS para rastrear o sinal do seu celular. Mas o telefone precisa estar ligado. Toda vez que ligamos para o número dele, ouvimos uma gravação dizendo que estava desligado.

– Ele saberia muito bem que não devia deixar o celular ligado.

– Certo.

Ski fez uma pausa e então fez a pergunta para a qual realmente queria uma resposta.

– Por que você achou que era necessário se desculpar?

– Dodge acabou de contar.

– Quero ouvir de você.

– Eu tinha dito coisas horríveis para ele. Disse que ele era patético. Que era uma aberração.

– Mas ele *é* uma aberração – disse Ski.

– Eu sei, mas, se eu não tivesse sido tão cruel com ele naquele dia, ele não...

– Você não é responsável pelos atos dele.

Berry não discordou disso, mas também não se convenceu.

– Eu queria acertar as contas. Estava tentando ser gentil.

Ski olhou mais uma vez para Caroline, para avaliar a reação dela, mas Caroline desviou o olhar. A opinião de Dodge, por outro lado, ficou muito clara. Ele ergueu os ombros e olhou para Ski como se dissesse: *Mulheres... São assim mesmo...*

Quando Ski se concentrou de novo em Berry, ela estava com o olhar vazio para um ponto no centro do peito dele.

– Jamais teria imaginado que um pedido de desculpas poderia ter consequências tão terríveis.

Ela levantou a cabeça e seus olhos encontraram os dele.

A culpa e o sofrimento que Ski viu nos olhos dela fizeram alguma coisa se contorcer dentro dele. Ele sentiu sua dor, desejou poder aliviar, desejou não conhecer aquela sensação.

– Se Oren estava disposto a se vingar – continuou ela –, por que não atirou em mim? Por que não eu, em vez do Ben? Por que matar aquele menino inocente?

Ela parecia tão atormentada que Ski não teve coragem de dizer o que estava pensando, que ela devia ter pensado melhor antes de ser gentil com um homem que a perseguiu sem piedade. Ele imaginava que agora Berry já sabia disso, melhor do que todos naquela sala. Seria uma crueldade desnecessária sublinhar isso.

Mudando de assunto, Ski perguntou:

– Você concluiu alguma coisa do que a srta. Arnold nos contou?

– Nada que possa ajudar. Concordo que parece que Oren estava dormindo, provavelmente com a pistola na mão. Acordou assustado com o barulho que os dois fizeram. Acabou atirando num ato reflexo.

– A mira dele melhorou muito desde que acertou Lofland – observou Dodge.

– Por que ele não errou o tiro naquele menino? – Berry perguntou retoricamente, abalada.

Todos iam perguntar isso por muito tempo e jamais teriam uma resposta satisfatória.

Depois de um tempo em silêncio, pensativo, Ski continuou:

– Foram encontradas marcas de pneu atrás do motel que combinam com as que encontramos perto da casa do lago. Ele estacionou no meio do mato fechado. O carro não era visível da estrada, nem da rua atrás do motel.

– Depois disso, ele vai abandonar o carro assim que puder – disse Dodge.

Ski meneou a cabeça, concordando.

– Nesse meio-tempo, todos os policiais do estado estão de olho em um Toyota daquele ano e modelo. Mas ainda não temos a cor definida, nem o número da placa. Vocês me ouviram dizendo para Lisa Arnold que encontramos um par de sapatos no quarto. Starks deve tê-lo largado lá quando fugiu. Temos pegadas indo para lá e mais pegadas saindo de lá.

"Ele usou uma toalha, um sabonete, por isso podemos pegar o DNA e testar, se um dia o pegarmos. Podemos pô-lo naquele quarto do motel, o que é bom se ele for a julgamento. Mas temos de pegá-lo primeiro, e ele está deixando pouquíssimas pistas. Não tinha mais nada dele no quarto."

– Ele levou a arma – disse Dodge.

– Ele levou a arma – Ski repetiu preocupado. – Mas nada de embalagens de comida, nenhuma lata de bebida vazia, nenhuma peça de roupa. Não havia nada nas latas de lixo. Nenhum recibo de compra. Nenhum mapa, nenhum folheto. Nada que pudesse nos indicar qualquer direção.

Ski hesitou e depois acrescentou:

– A bala ainda está no corpo. Quando for removida, vamos comparar com as que encontramos na casa do lago e em Ben Lofland. Temos de supor que ele continua com a arma.

Ninguém disse nada por um bom tempo.

Então Caroline falou:

– Eu pensava que os motéis e albergues tinham sido revistados. Esqueceram esse motel?

Ski balançou a cabeça.

– Verificaram, mas eliminaram. Starks não tinha se registrado. Ele arrombou a janela do banheiro nos fundos do prédio e invadiu o quarto por ali.

– Quanto tempo fazia que ele estava lá? – perguntou Berry.

– Não temos como saber – respondeu Ski. – Limparam o quarto três dias atrás, pelo menos foi o que a proprietária disse. E, desde então, não fora

alugado. Starks pode ter ido para lá direto da loja de iscas na sexta-feira à noite e ficado lá ontem o dia inteiro. Talvez só tenha chegado depois de escurecer, na noite de ontem. Tudo é palpite. Ele precisava de um abrigo, um lugar para descansar. Está com a perna machucada.

Ski explicou que as pegadas denunciaram isso.

– Uma é mais profunda do que a outra. Ele está favorecendo a perna direita. Precisava de um lugar para dormir e se arriscou no quarto que estava vago, pelo menos na noite passada.

– E que não ficou vago. – A voz de Berry era quase inaudível.

Ela cruzou os braços, apertou os cotovelos e Ski notou que estava arrepiada. Ela murmurou:

– Não suporto pensar no que os pais daquele menino estão passando.

– Eles estão vivendo um inferno horroroso, e você tem razão, Berry, não dá nem para pensar.

Caroline se levantou e pegou sua bolsa.

– O que aconteceu com o filho deles ainda pode acontecer com você. Oren Starks sabe que, se for pego, pode ser julgado e condenado por matar Davis Coldare, baseado no testemunho daquela menina. Ele vai botar a culpa desse azar em você e, dessa forma, ele passa a ser uma ameaça ainda maior do que era antes.

Dodge também se levantou.

– Eu concordo.

– Então estamos todos no mesmo barco – disse Ski. – Vou duplicar o número de homens vigiando a casa do lago.

– Vou me mudar para lá – disse Dodge.

Caroline olhou bem para ele.

Para ela, Dodge disse:

– Vou ficar no quarto em que Lofland levou o tiro. Ninguém mais quer dormir lá. – Ele se virou para Ski. – É melhor me nomear um dos seus subdelegados.

– Há um treinamento que é pré-requisito.

– Considere-me treinado.

– Não posso, Dodge. Estou confiando em você para...

– Não confie em que eu vá fazer nada além de matar aquele filho da mãe, se ele aparecer. Ele subiu demais a aposta esta noite. Se eu puser os olhos nele, está frito.

Oficialmente Ski não podia sancionar Dodge como vigilante. Mas foi ele que teve de dar a notícia para os Coldare, de que o filho deles estava morto. Ele os acompanhou pessoalmente até o necrotério para identificar o corpo do menino. O crime de sexta à noite na casa do lago tinha sido um tiroteio vingativo, um ato de ciúme, uma vendeta pessoal que, no início, ele tinha achado insignificante.

Mas agora Oren Starks tinha matado um menino inocente, a sangue-frio. Starks teria seus direitos garantidos pela lei, mas Ski não podia sentir piedade do homem. No fundo, secretamente, ele torcia, assim como Dodge, para ter uma oportunidade de apagar o assassino.

Quando Dodge e Caroline se preparavam para ir embora, ela lembrou que o carro dele tinha ficado na casa do lago.

– Você vai ter de voltar de carona comigo e com a Berry. Paramos na Cypress Lodge no caminho para você pegar as suas coisas.

– Vocês dois cuidem disso – disse Ski. – Eu levo a Berry para casa.

Já dentro do seu carro e a caminho, Ski disse:

– Eu queria conversar com você sobre Sally Buckland.

Berry estava com as costas muito retas no banco do carona, olhando fixamente para a frente, pensando se ele tinha percebido que começara a chamá-la pelo primeiro nome. Mais uma formalidade deixada para trás. E pareceu um acordo tácito de que não precisavam mais de Harris Carlisle. Quando saíram do tribunal e seguiram caminhos diferentes, Dodge não preveniu Berry sobre conversar com Ski sozinha. Com o tiro fatal em Davis Coldare, o culpado era óbvio.

Ela não reagiu ao que Ski disse, então ele perguntou se o ar frio estava bom.

– Está ótimo. O que tem a Sally?

– Como é ela? Como pessoa.

– Bonita, mas de uma forma modesta, como personagem de um livro. A bibliotecária com possibilidades distintas.

– Estou fazendo uma imagem mental. Quais são as características dela?

– De caráter?

Querendo aliviar a dor de cabeça, Berry puxou o elástico do rabo de cavalo e balançou a cabeça para soltar o cabelo. Além da dor de cabeça, estava exausta. Por não ter dormido bastante depois de tomar o calmante, parecia estar de ressaca e se sentia letárgica. Os olhos ardiam pela falta de sono e a recente ameaça de choro. O sol estava nascendo, mas não serviu para animá-la. Ao contrário, o nascer do sol parecia um deboche.

Ski estava falando.

– A srta. Buckland é extrovertida e falante? Tímida? Como é?

– Está mais para introvertida, mas não especialmente tímida. Ela é muito correta. Vive querendo agradar. Por isso, foi um conflito muito grande para ela decepcionar Oren.

– Ela é fofoqueira?

– Nunca soube disso.

– Mentirosa?

– Também não.

– Invejosa? Maldosa?

– Não que eu saiba.

– Então, por que ela insistiria em me dizer que você estava mentindo sobre Oren Starks? Agora não há dúvida de que tudo que você disse sobre ele é verdade. O fato é que você até o subestimou.

– Infelizmente – ela sussurrou.

– Não se penalize por isso.

– Não consigo evitar. Eu não devia ter ligado para ele.

Ski deixou isso um pouco de lado, e Berry achou bom. Ele tinha todo o direito de esfregar na cara dela que aquela atitude tinha sido péssima.

Voltando ao assunto, Ski perguntou:

– Se a experiência de Sally Buckland com Starks foi parecida com a sua, por que ela me diria exatamente o oposto? E é isso que realmente me deixa confuso. Ela disse que você estava mentindo antes mesmo de eu mencionar a palavra *perseguição*. Ela contradisse a acusação antes de eu mencioná-la.

– Sinto muito – disse Berry com sinceridade. – Não faço ideia da razão para Sally mentir, porque isso não se parece nada com ela. Talvez para evitar se

envolver? Eu não sei. Mas o que *sei* com certeza é que ela saiu da Delray por causa do Oren.

– O que nos traz de volta à pergunta: por que ela mentiria sobre isso?

Frustrado, Ski passou a mão no cabelo.

– Toda a conversa que tive com ela foi...

– O quê?

– Incoerente. Não me pergunte como, porque eu não sei. Simplesmente foi. Pedi para um policial do município de Harris ir até a casa dela, fazer algumas perguntas e tentar decifrá-la, mas ela não estava em casa. Tentei ligar para ela de novo várias vezes. Ninguém atendeu. Você sabe onde ela está trabalhando agora?

– Da última vez que ouvi dizer, ela estava trabalhando em casa, como autônoma.

– Bem, quero falar com ela de novo, na primeira oportunidade que tiver.

– Você andou ocupado.

– Estive rodando em círculos sem nada de concreto para mostrar, a não ser um menino morto que era a luz da vida dos pais.

Insistir para ele se livrar daquela sensação de culpa era inútil. Ela sentia a mesma coisa.

– Como Dodge disse, Oren jogou alto demais esta noite. Tem de estar sentindo mais pressão.

– Espero que esteja. Os criminosos estressados ficam descuidados, cometem erros. Aposto que vai abandonar aquele carro logo, se já não o largou. A menos que tenha outro, vai precisar roubar um. Vou ficar de olho nos registros de veículos roubados. E também no transporte público. Ou... – disse ele com um sorriso triste – podemos ter sorte, aquele Toyota será avistado por um patrulheiro estadual nos próximos cinco minutos e Starks descerá do carro com as mãos para cima.

– Eu não apostaria nisso.

– Nem eu.

Berry examinou o perfil de Ski um tempo e notou a fadiga em sua expressão.

– Você está trabalhando além da conta nesse caso.

– É essa a minha função.

– O que a sua mulher acha desses plantões até mais tarde?

Ele virou a cabeça e olhou para ela.

Berry apressou-se em dizer:

– Só perguntei porque parece que você não parou um minuto desde que eu liguei para o 911.

– Só vou para casa para tomar uma ducha e me barbear até termos Oren Starks em nossa custódia.

– Onde você mora?

– No lago. Eu tenho um barco.

– Você mora perto da minha mãe?

Ele deu uma risadinha.

– Quem dera. Aquele é um bairro de aluguéis altos. A minha casa tem a metade do tamanho. Talvez até menos. O terreno ocupa apenas três quartos de um acre. É bom, discreto, mas nada que se aproxime da sua propriedade.

– Não é minha. É da minha mãe.

– É a mesma coisa.

Ele acenou para o policial da reserva quando entrou na estradinha particular. Chegaram à casa e ele estacionou nos fundos.

Berry abriu a porta do carro.

– Obrigada pela carona.

Ela poderia muito bem ter ido com a mãe e Dodge. Não tinha respondido a muitas perguntas. Ski não fez muitas, e tudo que perguntou podia ter perguntado pelo telefone.

Ele desceu do carro junto com ela.

– Não precisa ir comigo até a porta – disse Berry.

– Vou me sentir melhor de deixá-la sozinha se examinar a casa.

– Não ficarei sozinha muito tempo. Minha mãe e Dodge devem estar chegando aí.

Ela olhou para o lago e viu outro policial parado perto do píer.

– E com os dois guardas...

– Vou me sentir melhor se eu verificar.

Para que discutir? Ela deu meia-volta e foi para os degraus da entrada, pegou a chave debaixo de um vaso de tinhorão rosa.

– Isso não é nada seguro.

– O alarme está ligado.

Ela subiu os degraus, destrancou a porta e a empurrou para abrir. O alarme disparou.

– Está vendo?

Berry apertou o código para desligar o alarme.

Ele estendeu o braço por cima dela e apertou o botão de status no teclado. A telinha mostrou que não tinha havido nenhuma interrupção no sistema desde que ligaram o alarme.

– Todas as portas e janelas têm pontos de contato?

– Acho que sim.

– Detectores de vidro quebrado e de movimento?

– Suponho que sejam. Minha mãe costuma ficar aqui sozinha, por isso sempre foi cautelosa.

– Muito bem.

Berry deixou a bolsa na mesa da cozinha.

– Quer um café?

– Obrigado, mas não tenho tempo para isso. Preciso ir. Você devia dormir um pouco. Teve duas noites tumultuadas.

– Eu quero tirar um cochilo, sim. Mais tarde vou ao hospital ver o Ben.

Ski semicerrou um pouco os olhos.

Na mesma hora, Berry entrou na defensiva.

– Não o vejo desde que foi levado embora daqui numa maca. Ontem fiquei do lado de fora do quarto dele por causa daquela cena horrorosa com a Amanda. Mas tenho o direito de ir lá para ver o meu amigo.

– Tenho certeza de que o seu "amigo" vai gostar da visita. A mulher dele, não.

Berry notou a ênfase que ele deu à palavra *amigo*.

– Ela não deve gostar mesmo. Porque ela, como você, não consegue tirar da cabeça que eu estava nua quando Ben foi alvejado. Diante de todo o resto, não é meio infantil e ridículo se agarrar a isso?

Ela passou por ele e foi para a porta que dava para o interior da casa. Virou a cabeça e disse por cima do ombro:

– Você conhece a saída.

Antes de Berry dar dois passos, ele agarrou o ombro dela e a fez se virar, puxando-a para perto dele.

– Eu não tenho mulher – ele disse em voz baixa. – E não consigo tirar da cabeça que você estava nua porque eu *vi* você nua.

Então ele a beijou, com força e paixão, enfiando a língua na boca de Berry. Mas o beijo só durou poucos segundos. Ele a afastou de repente, com determinação.

O peito de Ski inchou quando ele respirou fundo e depois soltou o ar bufando. Os olhos dele dançaram pela cozinha, parando de vez em quando, para só depois encontrar os dela de novo. Com voz rouca, ele disse:

– Você podia ter jogado o manual na minha cara por causa disso.

A respiração de Berry também estava curta, arfando um pouco. Ela olhou para ele alguns segundos, depois estendeu as mãos e trançou os dedos na nuca dele.

– Para o diabo com o manual.

Berry puxou a cabeça dele para baixo com a mesma força que ele usou quando a puxou para ele segundos antes. Apertou a boca na dele e, depois de brevíssima hesitação da parte dele, recomeçaram o beijo, mais quente e mais faminto do que antes. Era isso que os dois estavam ensaiando o tempo todo. A hostilidade mútua tinha sido o mecanismo de defesa usado por ambos, numa tentativa infrutífera de autoengano. Foi assim desde o início.

Ele passou um braço pela cintura dela, botou a outra mão na nádega e, com os dois braços, puxou-a para cima, contra o corpo dele, até Berry ficar na ponta dos pés e ele se encaixar no vão das suas coxas, e, meu Deus, ele estava duro e rijo, e era muito gostoso. Na mesma hora, o corpo dela esquentou, cheio de desejo, e, quando ela inclinou o quadril para aprofundar o contato, um meio gemido e meio rosnado soou na garganta dele.

O beijo ficou mais intenso. Era aquele beijo que temos sorte de dar uma vez na vida inteira. Aquele beijo que desafia as regras, que abole a consciência, que é exclusivamente sexual. Aquele beijo que nos faz sentir vibrantes e vivos e definitivamente condenados. Aquele beijo que diz: *eu morro se não transar com você.*

Ela achou que ele faria.

Ele achou que *ela* faria.

E talvez tivessem feito.

Se não ouvissem o carro chegando.

O motor foi desligado. Portas batendo. Ski e ela se separaram e se afastaram. Ela achou que talvez devesse arrumar a blusa, alisar o cabelo dele, mas não tiveram tempo porque Caroline e Dodge já estavam entrando pela porta dos fundos.

Caroline estava dizendo alguma coisa que morreu nos seus lábios quando passou da porta e parou de estalo, com os olhos dardejando de Berry para Ski.

Ela parou tão de repente que Dodge trombou nas costas dela e amassou um saco de compras entre os dois. Ele deve ter percebido a atmosfera carregada de energia, e foi sua vez de ficar olhando de Berry para Ski sem parar.

Diplomata com sempre, Caroline ignorou o mal-estar do momento. Com naturalidade, ela disse:

– Paramos no supermercado no caminho e compramos umas coisas para o café da manhã. Espero que fique para tomar café conosco, Ski.

– Obrigado, mas não posso.

Sem dizer mais nada, nem olhar para trás, ele passou pelo meio dos dois e foi embora.

Caroline e Dodge se viraram para observar aquela retirada apressada e depois para Berry de novo. Se tivessem pontos de interrogação pintados na cara, não pareceriam mais curiosos.

Berry recuou e saiu pela porta que dava para o resto da casa.

– Não estou com fome.

CAPÍTULO 14

Houston, Texas, 1978

O assassinato do guarda do banco foi a principal manchete por vários dias, e a mídia ainda alimentava aquilo. A vítima tinha apenas vinte e quatro anos de idade. Tinha sido uma execução. Ele estava caído, sangrando, já mortalmente ferido, quando o bandido parou o tempo suficiente para atirar na cabeça dele antes de sair do banco com o seu butim embaixo do braço.

O guarda ia casar dali a poucas semanas com sua namorada de colégio. Foi enterrado com o terno que seria o do casamento. A noiva e os pais dele estavam inconsoláveis. Na filmagem, o testemunho deles era de partir o coração. O rapaz foi elogiado por ex-professores que disseram que era o aluno mais notável que tiveram o privilégio de ensinar. O chefe de escoteiros falou da responsabilidade e da consideração que ele tinha com os outros. A igreja que ele frequentava promoveu um culto em sua homenagem, e não havia um olho seco na multidão que compareceu.

A competência dos que tentavam pegar o assaltante que se tornou assassino estava sendo questionada pela imprensa, assim como pelos detentores de cargos na prefeitura, que queriam manter suas posições de eleitos, e por provocadores que se arrastavam debaixo das pedras toda vez que surgia oportunidade de atacar a polícia de Houston.

A cobertura negativa da mídia deixava todos na força-tarefa de mau humor. Em vez de reforçar a sua determinação e se irmanar ainda mais, a surra pública erodia a segurança e o moral, desfazia a trama da camaradagem deles. As críticas de uns aos outros ficaram violentas e provocaram atrito entre eles, entre os grupos, entre os supervisores e os subordinados.

Todos eles queriam pegar o culpado com uma manobra policial espetacular, para forçar seus críticos a engolir tudo até morrerem engasgados. Mas cada policial também tinha seu objetivo próprio, interesse individual, um motivo de

vida ou morte para querer brilhar. Em nenhum desses níveis, o fracasso era uma opção, por isso, evidentemente, os egos se enfrentavam.

As coisas ficaram tão feias, a tensão cresceu a tal ponto nas reuniões deles que Dodge começou a torcer para chegar logo a hora do seu turno na fábrica de pneus. Lá, pelo menos, ele tinha um certo alívio daquela pressão constante, das implicâncias e provocações. Desde que esvaziasse todas as latas de lixo num tempo razoável, ninguém da fábrica se metia com ele.

Ainda assim, precisava comparecer às reuniões da força-tarefa, que tinham se tornado competições de quem grita mais. Na mais recente, ele foi lembrado, aos gritos, da sua missão pelo capitão, com a cara toda vermelha, que tinha acabado de sair de um pega para capar em que o seu traseiro considerável tinha sido o prato principal.

Ele bateu, cuspiu e socou a mesa por cinco minutos inteiros, citando todas as tentativas fracassadas de Dodge de estabelecer um relacionamento com a namorada de Franklin Albright, Crystal. E finalizou aquele sermão com uma ordem direta.

– Agora volte para aquela porra de fábrica. Pegue ela de qualquer jeito, estupre, eu não me importo, Hanley, desde que traga alguma coisa para podermos ir atrás desse filho da mãe, ou então riscá-lo definitvamente da nossa lista de suspeitos!

Com esse encargo específico, Dodge redobrou os esforços para seduzir Crystal. Aos poucos, começou a obter resultados e vitórias cada vez mais significativas para relatar ao seu supervisor.

– Fui à sala do departamento pessoal ontem, fingindo que queria perguntar sobre os impostos que descontavam do meu salário. Crystal e eu já tínhamos nos olhado algumas vezes antes, mas, dessa vez, conversamos mesmo e ela sabe o meu nome.

"Calculo meu horário de almoço para coincidir com o dela. Segunda-feira, ela ficou sem troco, então ofereci para comprar um saco de Fritos na máquina para ela e, depois de muito charme e piscar de olhos, ela acabou deixando. Na terça, ela pagou de volta. Não, eu não passei uma cantada", ele disse, lançando um olhar depreciativo para o policial que perguntou. "Não quero me fazer passar por um conquistador barato e fazer com que ela fuja de mim. Caramba. Mas essa pergunta burra explica por que você não consegue uma namorada.

"Quando Crystal saiu para seu intervalo à tarde, fiquei de bobeira no corredor, perto do banheiro das mulheres, mexendo numa tomada. Quando ela saiu do banheiro, parou para conversar, perguntou se eu queria saber mais alguma coisa sobre o meu salário e disse que, se eu quisesse, era só ir ao departamento pessoal, que ela me ajudaria. E eu considerei isso um convite. Vou aparecer lá amanhã.

"A amiga da Crystal, com quem ela costuma almoçar, parou de trabalhar para ter um bebê. Então, eu me insinuei para ocupar o lugar dela à mesa onde as duas sempre se sentavam, e Crystal não se opôs. Tentei levar a conversa para assuntos pessoais, falando da gravidez da amiga e perguntando se Crystal tinha filhos, ela disse que não, mas que gostaria de ter um dia. Só que precisava se casar antes, que isso não ia acontecer tão cedo, e eu perguntei por que não, e ela disse que era porque o seu namorado não era do tipo casadouro. Foi a primeira vez que ela mencionou o Franklin.

"Hoje Crystal me contou que Franklin é um cara ótimo. É verdade, ela disse, com ênfase. Só que ele, às vezes, é temperamental. No passado, ele se meteu em encrenca com a polícia, por isso, os pais dela não confiam nem gostam dele, disseram que, enquanto ficasse com ele, não queriam saber dela. Ela fica meio magoada com isso, mas ama o Franklin, então é isso.

"Ontem à noite, ela e o Franklin brigaram. Ele a acusou de dar bola para um vendedor da Radio Shack, o que ela jura que não fez. O que podia fazer se o cara a comia com os olhos? Eu disse que o pobre cara não devia conseguir se controlar, ela deu risada e um tapa na minha mão. Bem, sim, isso pode ser classificado de flerte, paquera. Mas, nesse estágio, um pequeno flerte não faz mal. Vocês sabem *alguma coisa* sobre as mulheres?

"Ela queria que Franklin não fosse tão ciumento. Por exemplo, se ele soubesse que nós almoçamos juntos todos os dias, não ia gostar. *Não mesmo.* Ele nunca entenderia que somos apenas amigos, ela disse. E eu disse: 'Nós somos só isso? Só amigos?' Ela ficou sem graça. Enrubesceu um pouco. Fez aquele negócio com os cílios de novo. Juro por Deus, eles são duros e pretos como as pernas de uma barata morta. Onde é que eu estava? Ah, sim. Eu acho que estou progredindo bem. Um sinal certo é que as saias dela estão ficando mais curtas e as blusas, mais decotadas. É, eu tenho de admitir, a vista faria vocês babarem.

“Hoje ela botou a mão na minha coxa. Não, eu não estou mentindo, seu cara de bunda. Só fez isso para me convencer do que estava falando, mas mesmo assim conta. Até onde? Use a sua imaginação. Alto o suficiente para fazer minhas bolas formigarem. Não, nada sobre o Franklin hoje, exceto que ela disse que talvez não fosse uma boa ideia se ele nos visse saindo da fábrica juntos no fim do nosso expediente.

“Isso pode ser um avanço importante, de modo que todos prestem atenção. Não, eu não cheguei à segunda base. Meu Deus, o que é isso? Você é do jardim de infância? Estão prestando atenção agora? Muito bem. Crystal contou que o Franklin costuma ir pescar no Lago Falcon. Ele encontra o primo dele lá. Algum de vocês ignorantões conhece a geografia do Texas? O Lago Falcon fica bem na fronteira com o México, onde o primo dele, bem... foi morar.

“Então, o que eu estou pensando é... Bingo, capitão. Franklin rouba um banco, depois vai de carro até o Lago Falcon, provavelmente pega um barco e entrega o produto do roubo para o primo no velho México, onde a grana é lavada. O dinheiro entra de novo nos EUA brilhando de tão limpo.

“Tudo que eu tenho de fazer é arrancar de Crystal onde foi a pescaria mais recente do Franklin e ver se corresponde com a data do último roubo. Se coincidir, Franklin sobe muitos pontos na lista de suspeitos. Como vou conseguir essa informação da Crystal? Bem que vocês gostariam de saber...”

Caroline fazia muita força para ficar acordada. Já estava ali havia duas horas e meia, mas, faltando apenas trinta minutos, temia que não fosse conseguir sem adormecer de tanto tédio.

Estava quase cabeceando quando um carro parou junto ao meio-fio. Um homem desceu e foi até a casa. Através do vidro da segunda porta, a silhueta dele parecia enorme e ela teve uma pontada de apreensão, como sempre acontecia quando mostrava uma casa para um homem sozinho.

Ele abriu a porta e entrou no hall.

Quando ela reconheceu Dodge Hanley, seu coração deu um pulo diferente. Ficou espantada e confusa com aquela reação. Fazia dois meses que tinha dito para ele não interferir na sua vida, e avisou que, se insistisse, as consequências

seriam sérias. Ela achou que nunca mais o veria. Mas lá estava ele, e aquela excitação involuntária foi desconcertante.

Caroline ficou de pé.

– Oi – ele disse.

– Oi.

Ela estava sentada numa cadeira dobrável, diante de uma mesa de jogo. Coberta por uma toalha dourada, servia de mesa de recepção. Espalhados em cima dela, havia folhetos descrevendo a casa que estava à venda e uma boa quantidade de cartões de visita. Caroline ficou contente de a mesa estar entre ela e o policial, que estava à paisana, de paletó esporte e calça social.

– O que você está fazendo aqui?

Ele levantou a folha de jornal dobrada que tinha levado e apontou para a seção de classificados de imóveis.

– Casa aberta à visitação. Domingo. Das duas às cinco. Tem uma foto desta casa, dá o endereço e está na sua lista de corretora da Imobiliária Jim Malone.

– Eu sei o que diz no anúncio. Fiz a revisão antes de mandar para os classificados. Isso não explica o que você está fazendo aqui.

– A casa está aberta à visitação.

A obtusidade dele tinha um charme sem lógica nenhuma, e Caroline teve vontade de sorrir. Em vez disso, ela cruzou os braços sobre a barriga, onde ainda sentia um certo tremor, e perguntou formalmente:

– O senhor está procurando uma casa para comprar, sr. Hanley?

– Talvez. – Ele examinou lentamente o hall de entrada. – O que tem essa casa de especial? Por favor, não me diga que esse papel de parede é o que ela tem de melhor.

Caroline conseguiu continuar séria, mas com dificuldade.

– Tem um belo quintal. Cercado.

– Cerca de madeira?

– Tela de arame.

Ele franziu a testa.

– Árvores grandes, nativas – continuou ela. – Muita sombra. E, com uma pequena reforma, o pátio...

– Reforma?

– Uma reforma mínima faria com que pudesse ser... bem... usado de novo.

– Hum.

Ele olhou para a sala ao lado, para um divã de brocado turquesa.

– Mobília feia.

– A mobília não está incluída.

– Sorte nossa.

– Com nova pintura, papel de parede e os móveis, a casa vai ficar completamente diferente. Precisa ter imaginação.

– Uma *senhora* imaginação.

Sabendo que era uma brincadeira, ela continuou desempenhando seu papel.

– Tem três quartos, um embaixo, dois em cima. Duas lareiras, uma na sala de visitas e uma na sala de estar, onde, antes, era a garagem. Os proprietários a converteram em sala quando a casa sofreu uma reforma geral.

Ele olhou para cima, para uma rachadura no teto.

– Quando foi aquilo?

– Mil novecentos e cinquenta e dois.

Dodge ergueu as sobrancelhas e ela não pôde mais conter o riso de deboche.

– O lugar é um desastre. Mas é minha primeira experiência.

– Parabéns.

– Obrigada.

Eles sorriram um para o outro, e ele disse:

– Imobiliária Jim Malone. Ele é importante, certo? Há placas dele por toda Houston.

– Tive muita sorte de ter sido contratada pela firma dele.

– Ele é que tem sorte de ter você.

Ela aceitou o cumprimento meneando a cabeça humildemente.

– A firma dele é muito conceituada. Eu sou novata. Tenho muito que aprender.

– Por isso foi sorteada para esta casa?

– Eu me ofereci.

– É muito ambiciosa, srta. King.

– Não quero voltar para assessoria tributária.

– Não posso dizer que a condeno por isso. – Ele sorriu de novo e olhou para os folhetos sobre a mesa. – Já apareceu muita gente?

– Você é o terceiro em quase três horas.

– Teve de ficar aqui sentada esse tempo todo sozinha?

– Bem, tem o gato, mas ele não gostou do primeiro casal que veio, então tive de trancá-lo na despensa.

– Será que ainda aguenta ficar mais... – ele consultou o relógio – vinte e dois minutos?

– Estive contando os minutos e tentando ficar acordada.

Eles trocaram outro sorriso, depois nenhum dos dois disse nada. E o silêncio da casa os cercou. Ela não ficava à vontade com aquele homem e não sabia por quê. Mesmo quando foi entrevistada pelo próprio Jim Malone e teve de persuadi-lo de que faria diferença em sua firma apesar da inexperiência, não ficou tão nervosa como estava agora. Perto de Dodge Hanley, ela ficava inibida, insegura, sem saber o que dizer, para onde olhar.

Podia ser uma reação natural na presença de um policial. Os motoristas costumavam pisar no freio automaticamente quando avistavam um radar, mesmo quando não estavam acima do limite de velocidade. Talvez fosse a autoridade que vinha com a profissão de Dodge que a intimidava.

Ou talvez ela ainda estivesse constrangida pelo modo como ele a viu quando se conheceram, com o efeito do tapa de Roger evidente, a marca recente no rosto, o impacto emocional daquilo também exposto. Ela foi incapaz de esconder a humilhação naquela noite, e agora também.

Aquele desconforto todo podia não ter nada a ver com *ela*, e sim com *ele*. Os traços marcantes, postura imponente, uma total masculinidade insinuada na tendência latente de violência que ela sabia que seria brutal. Afinal, tinha visto o resultado dela. Roger ficou hospitalizado dez dias depois da surra que levou.

Mas ela não temia pela própria segurança. Dodge Hanley não representava nenhuma ameaça para ela, nem indiretamente. Na verdade, o comportamento dele era de proteção, quase piegas de tão cavalheiresco. Ela sentiu uma atração gravitacional para isso, inteiramente feminina.

Era aquela reação instintiva a ele que provocava as borboletas no estômago. Perto dele, tinha a sensação de estar se equilibrando na ponta dos pés, na extremidade de um trampolim muito alto. Alternava de excitação para terror.

Todo o tempo em que ela ficou pensando nisso, os dois ficaram olhando fixamente um para o outro. Caroline sentiu necessidade de preencher o silêncio

denso e perguntou:

– Você ainda está na força-tarefa?

– Eles ainda não me expulsaram.

– Então o crime continua sem solução?

– Estamos trabalhando nisso.

– É trabalho perigoso?

– Mamão com açúcar.

– Eu duvido.

Outro silêncio se prolongou e Caroline ficou olhando para a teia de aranha no canto logo acima da cabeça dele, Dodge olhando para o seu rosto. Ela quase podia sentir os olhos dele tocando em cada traço.

– Como vai o seu parceiro?

– Gonzales.

– Certo, policial Gonzales. Ele está bem?

– Está. Acho que ele gosta do novo parceiro mais do que gostava de mim, e isso me magoa um pouco.

– Duvido disso também.

– O quê? Que ele goste mais do novo parceiro, ou que isso possa ferir meus sentimentos?

– Que ele goste mais do novo parceiro.

Ele deu de ombros.

– Talvez Gonzales esteja apenas querendo provocar ciúmes.

Os dois sorriram. O sorriso dele acabou primeiro.

– Mas eu tenho sentimentos e posso ficar magoado.

– Você não seria humano se não tivesse isso.

– Ah, eu sou humano. Humano de verdade. Muito humano.

Ele olhou para baixo, para a mão direita de Caroline, com aquela aliança de noivado que nos últimos segundos tinha assumido o peso de uma âncora.

– Como vão os planos de casamento?

O sorriso que ela deu pareceu artificial.

– Ótimos. Em andamento. São muitos detalhes para providenciar.

– Muitas festas.

– É. Tem havido algumas.

– Duas semanas atrás, vi sua foto na coluna social do *Chronicle*.

– Você lê a coluna social?

– Não costumava, não. Comecei a dar uma espiada poucos meses atrás. Também nunca li a seção de classificados imobiliários de domingo. Agora não perco uma.

Ele deixou essas afirmações ecoando alguns segundos e só depois continuou:

– Mas essa foto tinha você e Campton de pé, juntos, embaixo daquelas... – ele mexeu os dedos sobre a cabeça – daquelas coisas penduradas nas árvores.

– Lanternas japonesas.

– É. Parecia um lugar muito bacana. O artigo dizia que o governador estava lá.

– Os pais do Roger são amigos dele e da mulher dele.

– Hum. Eles estarão no casamento?

– Estão na lista de convidados.

– Quem vai estar lá do seu lado? A sua família?

– Eu não tenho família. Nenhum irmão, nem irmã. Meus pais já morreram.

– Ah, sinto muito.

– Não precisa. Eu fui temporã. Eles tinham desistido de ter um filho. Fui uma surpresa da menopausa.

– Uma ótima surpresa, aposto.

Ela sorriu com tristeza.

– Minha mãe e meu pai ficaram muito felizes de me ter e eu tive sorte de tê-los. Eram assalariados de classe média e tinham orgulho disso. Minha mãe era uma dama, meu pai, um cavalheiro. Ambos muito éticos no trabalho. Amavam a Deus, ao país e a mim. Viveram o tempo normal da nossa expectativa de vida, mas eu era muito jovem quando os perdi. Ser órfã não tem graça nenhuma.

– Tem suas vantagens.

Ela olhou para ele confusa e surpresa.

Ele rolou os ombros como se o paletó tivesse ficado muito apertado de repente.

– Minha mãe era legal. Morreu quando eu estava na sétima série. Meu pai e eu não nos dávamos muito bem, por isso, apenas procurávamos ficar fora do caminho um do outro até eu ter idade suficiente para sair de casa.

– Quantos anos tinha?

– Dezessete. Dois dias depois de terminar o ensino médio, fui embora. Nem esperei o segundo semestre, me matriculei na Texas Tech naquele verão mesmo.

– Seu pai deve ter ficado orgulhoso disso.

– Não. Quando contei a ele que queria ser policial, ele deu risada e disse que eu tinha mais jeito para ser criminoso.

– Tenho certeza de que ele mudou de ideia quando você se formou na polícia.

– Ele não viveu para ver isso. Morreu ainda pensando que eu não seria grande coisa.

Caroline não conseguiu pensar em nada para dizer que não soasse banal, por isso, ficou calada.

– E, então, quem é que vai entrar com você na igreja? – Dodge perguntou.

– O padrinho do Roger.

– Prático.

– Hã-hã.

– O vestido já está pronto?

– A última prova foi na semana passada.

– Bonito?

– Eu acho.

– Tenho certeza de que você será uma visão.

– Espero que meu noivo ache isso.

– Ele teria de ser cego para não achar.

A conversa acabou aí, e Caroline ficou pensando que o hall de entrada parecia ter encolhido enquanto eles conversavam. O ar estava mais denso, a velha casa, com mais cheiro de mofo. E, embora nenhum dos dois tivesse se mexido, ele parecia mais próximo. Ela ficou mais feliz ainda de ter a mesa de jogo entre ela e aquele homem que a deixava nervosa.

Caroline olhou para o relógio.

– Está quase na hora. Posso começar a levantar acampamento agora.

– Sinto muito não ter tido nenhum comprador.

– Eu também. Vou insistir para os proprietários ficarem mais agressivos.

– Mais agressivos?

– Abaixarem o preço.

Ele abafou uma risada.

Ela esperava que ele se despedisse, desejasse boa sorte e fosse embora. Mas ele ficou lá parado. Ela fez um gesto com a mão e disse:

– Bom...

– Eu espero e saio com você. O gato pode estar realmente aborrecido a essa altura.

Ela libertou o gato da despensa. Ele estava de mau humor por ter ficado preso, mas não agressivo. Caroline apagou todas as luzes. Tirou a toalha de cima da mesa de jogo. Dodge insistiu em dobrar a cadeira e a mesa e levar tudo para o carro dela, para ela guardar na mala. Botou no bolso um dos cartões dela. E então ficaram os dois se olhando, parados na calçada.

Sem jeito, Caroline ficou mexendo nas chaves do carro.

– Obrigada pela visita.

– De nada.

– Foi bom ter companhia. A conversa fez a última hora passar mais depressa.

– Pelo menos, consegui impedir que você dormisse.

– E se mudar de ideia quanto a casa...

– Pode deixar que eu aviso.

Ela sorriu.

Dodge esperou um segundo e disse:

– Quer tomar um café ou qualquer outra coisa?

– Obrigada, mas não posso. Roger está me esperando.

– Ah. Não vai querer deixar o Roger esperando.

A amargura por trás daquelas palavras foi clara e fez Caroline responder:

– Ele tem sido muito carinhoso.

– Ótimo. Isso é ótimo.

– Quando você e o policial Gonzales foram até a minha casa, aquilo foi um incidente isolado.

– Você já disse isso. Um monte de vezes.

– Ora, é verdade. Roger lamenta aquela noite. Profundamente. Jurou nunca mais levantar a mão para mim.

– Mas um noivo não devia ter de jurar uma coisa como essa, não acha?

– O arrependimento dele é sincero.

Dodge continuou com um ar de ceticismo e Caroline sentiu necessidade de convencê-lo.

– Roger acha que a surra na frente da academia dele foi um assalto ao acaso que foi interrompido, e eu nunca disse a ele que não foi.

Dodge não dava a mínima se Campton sabia que tinha sido ele o autor da surra, só que preferia que o departamento de polícia não ficasse sabendo. Mas concluiu que o próprio Campton o protegia e que nenhuma autoridade ficaria sabendo. Mesmo se o babaca espancador de mulher adivinhasse, ou ficasse sabendo por outras fontes quaisquer a identidade do homem que pulou em cima dele, não faria uma queixa formal contra Dodge, pois sabia que, se fizesse isso, os maus-tratos que dispensou a Caroline se tornariam públicos. E o milionário também não ia desafiá-lo privadamente, porque homens que batem em mulheres costumam ser covardes.

Era bom para os dois esquecer o assunto. Mas, por uma espécie de crueldade, Dodge tinha vontade de esfregar isso na cara do filho da mãe.

– Ele lembra que o atacante murmurou alguma coisa para ele – continuou Caroline. – Mas estava quase inconsciente e não consegue lembrar o que o homem disse.

Dodge ficou ainda mais incrédulo.

– Ele acha que tem sorte de estar vivo.

– E tem mesmo – disse Dodge friamente.

– Desde essa surra e da dolorosa recuperação, ele anda extremamente gentil. Acho que o susto o fez reorganizar suas prioridades. De qualquer modo, ele voltou a ser o Roger que eu conheci no início. Ele não para de me paparicar. É charmoso e consciencioso. Eu me apaixonei por ele de novo.

Dodge não disse nada, mas seu olhar virou pedra.

– Você está baseando a má opinião que faz dele naquele único incidente – ela disse. – Você nunca viu o verdadeiro Roger. Na noite em que me deu o tapa, ele não era ele.

– Não?

– Não. Se pudesse vê-lo agora, se pudesse comparar os dois, entenderia isso. Nunca o vi agindo daquela maneira antes, e certamente não depois que você o espancou.

– Então ele mudou de pele por causa do meu ataque, porque vislumbrou a morte? É isso que você acha?

– É.

– Besteira. O leopardo nunca perde suas pintas. Meu velho tinha razão sobre mim. Eu sou um policial, e muito bom policial, principalmente porque penso como um criminoso. Tenho impulsos criminosos. Meu pai sabia isso lá atrás, e agora estou correspondendo. As pessoas moldam seus comportamentos para se encaixar na sociedade em que vivem. Elas se integram porque precisam. Mas o que elas são por dentro não muda nunca.

"Então, se Campton voltou a ser bonzinho e carinhoso, não foi porque viu a luz e fez uma conversão pentecostal. Ele está mentindo quando diz que não se lembra do que quem o *atacou* lhe disse naquela noite. Se está fingindo ser todo amorosinho, é porque tem medo de que eu cumpra a minha promessa de matá-lo se ele machucar você de novo."

O rosto dela ficou quente de raiva.

– Eu vou me casar com ele.

– Porque o ama?

– Sim! Muito.

Ele chegou mais perto, forçou-a a inclinar a cabeça mais para trás, para poder ver o rosto dele.

– Sabe o que eu acho?

– Não me importo com o que você acha.

– Eu acho que você vai até o fim com esse casamento não por estar tão apaixonada assim, mas porque é obstinada. Você não quer que questionem a capacidade de julgamento de Caroline King. Não quer demonstrar que está errada.

– Você não sabe de nada a meu respeito.

– Eu sei uma coisa. – Ele chegou mais perto ainda. – Sei que só penso em você o tempo todo.

As palavras dele foram como um soco num lugar baixo e profundo do corpo dela. Ficou sem ar. Seu coração disparou. Ela teve vontade de dar aquele salto do trampolim alto.

Ficou com medo de que ele a beijasse. Teve medo também de que não o fizesse.

Ele não a beijou.

Depois de incontáveis momentos tensos, ela deu meia-volta, foi para a porta do motorista do carro, abriu-a e entrou. Ele não tentou impedi-la quando ela foi embora.

Era a terceira vez que ela o deixava lá parado, vendo a sua partida. A primeira vez, ela entrou na casa dela, emocionada com a preocupação do policial. A segunda vez, voltou para a aula de corretores imobiliários dentro do prédio, aborrecida com a surra que ele deu em Roger, mas reconhecendo que a preocupação de Dodge não era estritamente profissional.

Dessa vez, não foi bem uma retirada, mas uma fuga mesmo. Dele, sim. Mas também dela mesma e do erro colossal que ia cometer se ficasse.

Na manhã seguinte, Dodge chegou à fábrica de pneus emburrado, amaldiçoando o trânsito da hora do rush, xingando todos os andares que teria de esfregar aquele dia, amaldiçoando ele mesmo por estragar tudo na visita que fez a Caroline King.

As coisas estavam indo muito bem. Ele até ousaria dizer que achava que ela ficara feliz ao vê-lo, e não só porque tinha uma tarde de domingo desperdiçada pela frente, sentada lá sozinha naquela casa feia e vazia, e a companhia de qualquer pessoa era melhor do que nenhuma.

Mas aí ele teve de soltar o verbo sobre o noivo dela. Ela levantou em defesa do Campton como deveria, já que pretende se casar com o cara.

Mas que droga, Dodge sabia que estava certo. Por mais miúda que fosse, Caroline King era forte como o aço. Ele sentiu isso assim que a conheceu, quando tudo doía, por dentro e por fora, mas ela era orgulhosa e obstinada demais para chorar na frente dele. Perder os pais numa idade relativamente jovem certamente a obrigou a saber impor sua vontade. Ou talvez ela tenha nascido com aquela força toda, e as circunstâncias da vida só a reforçaram.

Seja como for, o que importa é que ela era cabeça dura e que em grande parte era por isso que ia até o fim com o casamento com Roger Campton.

Dodge se recusou a aceitar que ela amasse o rico e belo filho da mãe.

Mais uma vez, ela estava furiosa como uma vespa quando o deixou. Ele se recriminou por ser um maldito idiota. Por que é que ele conseguia convencer

qualquer outra mulher a tirar a roupa, a lhe dar informações, mas não conseguia se comunicar com a única mulher com quem mais queria se comunicar na vida? Quando estava com ela, sua fluência desaparecia.

Ele foi para casa, bebeu seis garrafinhas de cerveja, dormiu mal porque teve de levantar toda hora para mijar por causa da cerveja e chegou à fábrica de pneus muito irritado. Certamente foi por isso que, quando viu Crystal ao lado de um caminhão com pneus gigantescos e para-lamas quase obscenos, concentradíssima numa conversa com seu namorado criminoso, ele fez seu caminho pelo estacionamento na direção deles.

Praticamente exibindo um convite gravado para um confronto, ele chegou por trás dela e disse:

– Oi, Crystal.

Ela deu meia-volta feito um coelho apavorado pego pelos faróis do carro, só que seus olhos estavam inchados e vermelhos de chorar. Os cílios não ficavam tão cheios de pontas quando molhados.

– Ah, oi – disse ela, nervosa. – Esse é... é... esse é Franklin. Meu namorado.

Albright olhou para Dodge de cima a baixo.

– Legal o uniforme.

Ele chegou para frente e leu o nome de faz de conta bordado com letras vermelhas no bolso esquerdo superior.

– Marvin – ele disse e deu um sorriso debochado ao pronunciar o nome.

Dodge ignorou-o e falou com Crystal.

– Por que está chorando? Posso ajudar?

Franklin Albright deu um empurrão no ombro de Dodge.

– Você pode ajudar cuidando da sua própria vida de merda.

Dodge, que estava louco para puxar uma briga quando chegou, sentiu vontade de pular em cima do ex-presidiário, mas se contentou em afastar a mão do outro do seu ombro.

– Cuidado com a língua na frente de uma dama.

– Tudo bem – disse rapidamente Crystal. – Eu não estava chorando. Estou com alergia. Um descongestionante deve resolver isso.

Ela olhou preocupada para o namorado, depois apontou o portão de entrada da fábrica para Dodge com um movimento de cabeça.

– Não vá se atrasar para o trabalho por minha causa.

– Você tem um descongestionante? Porque será um prazer ir pegar para você.

– Tenho uma caixa na gaveta da minha mesa, obrigada. Se você se atrasar, eles vão te mandar embora.

– É, deve saber, srta. Folha de Pagamento – ele disse com uma voz provocante.

Ela deu um sorriso trêmulo. Franklin Albright estava praticamente rosnando.

Dodge o examinou de alto a baixo, procurando parecer um maluco tentando parecer durão, depois, foi andando tranquilo para o portão e deu uma última olhada para ele por cima do ombro antes de entrar na fábrica pensando "hihihi".

– E é claro – disse ele para os outros membros da força-tarefa na reunião daquela noite – que o velho Franklin estava à minha espera quando terminou meu turno. Ele me abordou assim que passei pelo portão.

– Defina *abordou* – disse o capitão.

– Ele me agarrou pelos ombros e me fez recuar até a cerca. Eu reagi, mas não muito. Não queria que ele soubesse que eu podia derrubá-lo ali mesmo, se quisesse.

– O que ele disse?

– Disse para eu me manter longe da Crystal.

– O que você disse?

– Eu disse que faria o que eu bem quisesse.

– Então o que ele disse?

– Ele disse que eu podia fazer isso, é claro. Se quisesse que ele arrancasse a minha cabeça e a fizesse de penico.

– Franklin tem muito jeito com as palavras, não tem? – brincou um dos outros policiais.

– Você descobriu por que ela estava chorando?

– No almoço, ela disse que mencionou o assunto do casamento outra vez, e que Franklin disse não, de jeito nenhum. Eu fui simpático, disse que ele não era só feio, era burro também.

– Como foi que ela reagiu?

– Deu risada. Ela me acha engraçado, doce e corajoso porque enfrento o Franklin. Mas me avisou que eu não devia abanar a capa vermelha para ele. Disse que ele é pavio curto e que tem uma faca. Eu disse que não tinha medo dele. – Dodge sacudiu os ombros com resignação. – Sou o herói dela.

– Mas acabou com o seu disfarce.

– Porque banquei Sir Galahad? Acho que não.

– Mas agora Albright está de olho em você.

– Como um idiota completo que tem planos para Crystal. Agora, se ele souber das minhas conversas com ela, vai achar que só estou tentando conquistar a garota dele. Se eu estivesse bisbilhotando sem motivo aparente, *isso* sim faria a tela do radar dele piscar e aí ele suspeitaria de mim.

– Então, como ficaram as coisas? – perguntou o capitão.

– É, você não explicou como sua cara ficou amassada desse jeito – observou outro policial.

– Franklin pensou que tínhamos nos entendido. Ele cutucou meu peito e disse: "Você não vai mais conversar com a Crystal, certo, Marvin?" E eu disse: "Claro, tudo bem, porque posso trepar com ela sem falar nada."

– Cara...

– Você está brincando.

– Dodge, não acredito.

– Você pediu isso.

– É claro que eu pedi – disse Dodge para o grupo.

Ele teria dado um largo sorriso, mas o lábio cortado doía quando sorria. O olho estava da cor de uma berinjela, inchado, quase fechado.

– Vou aparecer no trabalho amanhã com a obra de Franklin na cara, e Crystal pedirá desculpas de tanto remorso que vai sentir. Mas, por dentro dos peitos grandes, seu coraçãozinho vai palpitar só de pensar que eu enfrentei o Franklin grandalhão e mau, por ela. Terei conquistado seu coração e sua lealdade.

– Mas ele vai contar o que você falou sobre trepar com ela.

– E eu vou negar. Vou fingir ficar abalado e ofendido porque ela chegou a *pensar* que eu diria tal coisa. Meus sentimentos por ela são nobres e puros.

– Vou vomitar – um do grupo comentou bem alto.

– Por que acha que ela acreditará em você, e não no Franklin? – perguntou o capitão.

Apesar do lábio cortado, Dodge espalhou o sorriso de orelha a orelha pela sala.

– Porque é o que ela quer.

Então, ele se lembrou de Caroline King e o sorriso largo se desfez. Quase como se falasse sozinho, ele disse:

– Mesmo quando a maldade está olhando fixamente para uma mulher, ela quer acreditar que o seu homem é bom.

CAPÍTULO 15

Quais eram as chances de isso acontecer?

Essa era a pergunta que Oren fazia, quase a vida inteira. Sempre que o destino passava a perna nele, o que acontecia com injusta frequência, ele se perguntava qual era a chance de isso acontecer, o que quer que fosse "isso" em cada situação específica.

Obviamente a chance de a merda acontecer com Oren Starks era bem grande, porque o azar não parava de aumentar.

A noite de sexta-feira foi um fiasco. O "incidente da casa no lago", como chamavam na mídia, foi um fracasso pessoal desastroso, mas, para quem observasse de fora, o resultado absurdo devia parecer quase risível. Foi como uma farsa de péssima qualidade, com nada menos que o vilão caindo da escada na hora de sair de cena.

Dados seus elementos cômicos, o tiro em Ben Lofland talvez pudesse ser descartado como uma rixa entre ex-colegas de trabalho. Ninguém morreu. O estado de Lofland nem era tão sério. Teria de passar por algumas desagradáveis ramificações legais, mas, no fim das contas, o incidente seria esquecido rapidamente.

Mas agora... *Agora*, Oren Starks era procurado por ter matado com um tiro um menino de dezesseis anos. Que era outra história, completamente diferente.

Quais eram as chances?

Esconder-se num quarto de um motel de má reputação pareceu uma boa ideia na hora. Afinal, as chances eram de um para oito de que o quarto número oito continuasse vago. Havia outros sete à escolha, pelo amor de Deus!

Mas não, aquele quarto, especificamente, foi dado para Davis Coldare e sua companheira.

Quais eram as chances daquele garoto Coldare vir a ser um aluno exemplar, excelente jogador de beisebol, amado filho, amigo e colega? Se alguém tinha de entrar por aquela porta do quarto do motel, por que não podia ser um viciado

em drogas, um ladrão, um pedófilo? Se fosse assim, Oren Starks talvez tivesse sido elevado à condição de herói, por livrar a comunidade de uma ameaça.

Em vez disso, brigadas de cidadãos e policiais do estado estavam à procura do cruel matador de um menino de ouro.

Quais eram as chances de que a jovem anônima que testemunhou o disparo continuasse suficientemente equilibrada para identificar o atirador mais tarde? Foi dito que ela apontou, sem dúvida nenhuma, a foto de Oren Starks em um grupo de fotos. Para piorar as coisas mais ainda, foi aquela maldita foto de funcionário da Delray Marketing, que ele sempre detestou! A fotografia na carteira de motorista era melhor do que aquela. Na foto da ficha de emprego, a testa parecia grande demais, os olhos juntos demais, o queixo, indefinido e fraco.

Quais eram as chances de ele ser obrigado a enfrentar um desastre que foi completamente imprevisto e para o qual ele não tinha nenhum plano de emergência?

As chances de tudo isso acontecer eram tão remotas quanto as do pescoço de Mike Reader quebrar quando Oren o empurrou do carrossel. O verão em que Oren completou nove anos de idade foi muito quente em Beaumont, Texas. As temperaturas extremas, que bateram recordes, mantinham a maior parte das crianças dentro de casa na metade do dia. Por isso, Oren e Mike Reader estavam sozinhos no parquinho naquela tarde fatídica.

Quando Oren largou a bicicleta, ele se aproximou do outro menino com cuidado e admiração. Mike era um valentão com quinze quilos a mais do que Oren e uma cabeça mais alto. Mas, apesar de toda a desconfiança, Oren achou bom aquele encontro ao acaso, pois considerou uma boa ocasião de causar uma boa impressão para o colega tão popular. Se Mike e Oren fizessem amizade nas férias de verão, quando chegasse o outono e as aulas recomeçassem, Oren seria aceito no grande grupo de amigos de Mike.

Mas Mike só ficou contente de ver Oren ali no parquinho porque assim teria alguém para atormentar. Convidou Oren para andar com ele no carrossel. Oren subiu, muito satisfeito. Mas Mike desceu na mesma hora, segurou uma das barras de metal, partiu em disparada pela trilha gasta em volta do brinquedo e empurrou o carrossel cada vez mais rápido, até a paisagem virar um borrão para Oren, que se agarrava e choramingava de pavor.

Mike pulou no carrossel de novo e começou a zombar de Oren. Debochou dele por não ter pai, e, quando Oren berrou para ele que o pai tinha morrido, o garoto deu risada, zombou dele e disse que ele era filhinho da mamãe. Chamou Oren de bicha, viado, fresco, de mulherzinha, disse que ele devia mijar feito menina, como a mãe dele, sentado. Oren balbuciava que não, mas Mike Reader persistiu e começou a cantarolar os desaforos. Fez uma musiquinha com eles.

A ladainha cruel silenciou quando Oren reuniu toda a sua força, largou a barra que tinha abraçado e deu um empurrão no peito de Mike com as duas mãos espalmadas. Mike foi pego de surpresa pelo corajoso revide de Oren, caiu de costas do carrossel que girava a toda e se estabacou na terra compacta e dura. Oren ouviu o barulho, como de um galho quebrando sobre o joelho de alguém.

Oren continuou no carrossel, avistando Mike Reader a cada volta, girando, girando, até parar por completo. Só então ele desceu e foi até o menino deitado inerte na terra. A bexiga e o intestino de Mike se esvaziaram na hora da morte, e Oren considerou isso justiça poética, levando em conta a natureza daqueles deboches recentes.

Oren teve vontade de ficar ali com o corpo imóvel do menino e tripudiar, mas tirou rapidamente a camisa e usou-a para limpar quaisquer impressões digitais que suas mãos pudessem ter deixado no carrossel. Passou também sobre as pegadas que as solas do tênis dele tinham deixado na terra. Satisfeito de ter eliminado qualquer prova de que estivera ali, montou em sua bicicleta e pedalou até em casa o mais depressa que pôde, antes que alguém o visse, sempre pela calçada, para não deixar marcas de pneu.

Até hoje, todos acreditam que a morte de Mike Reader foi um trágico acidente de infância.

Desde aquela tarde de verão, Oren teve vontade de matar todas as outras pessoas da sua vida que o ameaçavam com crueldade. Desejou dar a qualquer um que o perseguisse o destino merecido que Mike Reader recebera. Mas sempre se convenceu do contrário, porque a maioria dos que o ofendiam não valia o risco de ser pego por isso.

Mas a traição de Berry Malone pertencia a uma classe exclusiva. Portanto, o revide devia ser à altura.

Ele tinha jurado que a mataria, e era o que ia fazer. Seu plano original, porém, dera errado e agora, se não fosse realmente esperto, seria preso por ter atirado naquele garoto Coldare e Berry continuaria vivendo impunemente. O que era inadmissível e inaceitável.

Havia um aspecto positivo naquela catástrofe: Oren Starks estava acostumado a enfrentar o azar porque tinha muita prática nisso. Por exemplo, ele sabia evitar o pânico. Ficar nervoso com alguma coisa que deu errado era o caminho certo para expor a própria culpa.

No dia em que Mike Reader morreu, Oren voltou para casa, assistiu à televisão, jantou gurjão de peixe à milanesa e macarrão com queijo, tomou banho, comportou-se normalmente e ninguém, nem mesmo a própria mãe, jamais desconfiou de que ele tivesse provocado a tragédia que ocorreu apenas a dois quarteirões da sua casa. Quando ouviu as sirenes do carro da polícia e da ambulância berrando no bairro, a única reação que teve foi aumentar o volume da televisão.

O menino Coldare estava morto e ia permanecer morto. Oren não tinha escolha além de aceitar e cuidar disso. Precisava manter a calma. Não podia agir precipitadamente. Resolver problemas era o seu forte. Quanto mais complicado o quebra-cabeça, mais ele gostava. Era preciso paciência e engenhosidade para sair de um labirinto intrincado.

Havia uma saída daquela lambança toda. Ele só precisava encontrá-la.

É claro que, se acontecesse o pior, ele já tinha preparada uma solução secreta e infalível. No momento, porém, estava encarando um muro inesperado. Seu único recurso era recuar. Aceitou com amargura que, para ter sucesso, é preciso fazer sacrifícios.

Para isso, não era absolutamente necessário que Ben Lofland morresse.

O homem tinha levado o maior susto da vida dele e ficou parecendo um idiota por ter sido pego sem calças, literalmente. Embora esse não fosse o castigo severo que Lofland merecia, Oren resolveu que era bastante satisfatório.

Mas Berry tinha de morrer. Não havia nenhuma outra opção. Ele não se satisfaria com nada menos que a morte para ela.

Mas como executar isso? Todos em volta dela estavam em alerta máximo. O nome e a cara de Oren tinham sido largamente divulgados. Qualquer homem que se parecesse remotamente com ele seria preso imediatamente, se não

alvejado na mesma hora por algum vigilante com dedos nervosos no gatilho. Nesse caso, ficar escondido era uma providência aceitável.

Mas estar escondido era improdutivo, francamente entediante. E o pior efeito de se esconder e não agir de maneira nenhuma era que Berry continuava viva. Por outro lado, se o vissem...

Pensando nisso, a solução veio à cabeça de repente.

Criar confusão. Sim, sim! Ele ia confundi-los. Com inteligência, bom senso de oportunidade e um pouco de sorte... Afinal, não estava merecendo um pouco? Berry e os que a protegiam em breve estariam coçando a cabeça, tentando fazer sentido do impossível.

Esse prospecto encheu Oren de alegria.

CAPÍTULO 16

Beijar Berry.

O mundo estava indo para o inferno – o canto de Ski Nyland era o da pista expressa – e ele não conseguia se concentrar em como diminuir a marcha daquela descida porque só pensava em beijar Berry. Acotovelando-se para a primeira fila em sua cabeça, vinham os pensamentos de como aquele corpo comprido e magro se encaixou bem no dele, que delícia era o gosto da sua boca e outros, muito mais excitantes.

Não podia alimentar essas ideias, assim como não podia sair para ir pescar hoje, ou recuperar duas noites sem dormir.

Da casa do lago de Caroline, ele foi, em seu carro, direto para casa. Fez a barba, tomou uma chuveirada de água fria e, quando já estava de roupa limpa, a cafeteira produzira um bule cheio. Derramou o café numa garrafa térmica com um bico para beber na tampa. Passou uma grossa camada de manteiga de amendoim numa fatia de pão dormido, que dobrou ao meio, e a comeu enquanto saía de casa e voltava para o seu SUV. O café estava gostoso e ácido, tão quente que ele queimou a língua.

Sua língua, que tinha se misturado com a de Berry.

O trabalho no caso serviria para absorver o choque de todas as sensações eróticas que o dominavam. Ele duvidava de que desaparecessem, mas, se conseguisse se concentrar em pegar Oren Starks, poderia evitar que essas ideias fossem tão perturbadoras como foram lá na cozinha de Caroline King.

E, de qualquer modo, preocupações pessoais pareciam obscenamente egoístas hoje, com o assassino do menino Coldare andando por aí à solta.

No caminho para o motel, onde pretendia mais uma vez apertar a proprietária, ligou para a casa do delegado Drummond. A sra. Drummond atendeu e disse para Ski que o xerife estava no banho, mas que lhe daria o recado assim que pudesse.

Ele ligou para a delegacia. Andy estava atendendo ao telefone. Ski lhe disse para onde estava indo e pediu que fosse notificado imediatamente se alguém

aparecesse com alguma novidade.

Quando terminou de tomar todo o café da garrafa térmica, seu celular tocou. Ele atendeu sem verificar quem era.

– Bom-dia, delegado Drummond.

– Não é o delegado, Ski. É o Stevens. Achei o carro.

A placa do motel com o guaxinim estava à vista, mas Ski deu meia-volta tão imediatamente que chegou a sair fumaça dos pneus no asfalto. Estava a oito quilômetros do lugar onde o subdelegado Stevens tinha encontrado o Toyota vinho. Ski percorreu a distância com as luzes da dianteira e sobre a capota piscando. Era domingo de manhã, por isso não havia muitos outros veículos na estrada, o que o ajudou a chegar em questão de minutos.

O outro subdelegado estava esperando parado na frente da porta do motorista do Toyota. Quando Ski desceu do seu SUV, perguntou logo para ele:

– Tem certeza de que não há nenhuma pegada?

– Nenhuma desse lado, Ski, senão eu não estaria aqui.

O subdelegado, quinze anos mais velho do que Ski, era um sujeito boa-praça e, apesar da diferença de idade, parecia não ter se ofendido quando Ski insistiu diversas vezes para ele evitar destruir pegadas ou qualquer prova comprometedora, na breve conversa que tiveram ao celular.

– Desejaria poder dizer a você que tinha encontrado o cara dormindo ao volante – disse Stevens quando Ski chegou onde ele estava.

– Eu também gostaria.

– Eu gostaria de pegar de jeito esse filho da mãe.

– Entre na fila.

Ski apoiou as mãos nos joelhos e se abaixou para espiar dentro do carro pela janela do motorista. Não viu nada, nem nos bancos da frente, nem no de trás, e nada tampouco no chão do carro. A chave estava na ignição. Starks não planejava voltar.

– Como é que ele desceu do carro sem deixar pegadas?

– Pelo outro lado – disse Stevens.

Ski deu a volta pela frente para evitar pisar nas marcas de pneu gravadas na terra fofa do acostamento atrás do carro, que Stevens teve o bom senso de não desmanchar quando chegou com sua viatura policial. Iam precisar daquelas

marcas para comparar com as que tinham encontrado perto da casa do lago e do motel.

Ski analisou as pegadas. Starks tinha deixado uma completa do pé direito quando desceu do carro; em seguida, uma do esquerdo também inteira, só que um pouco mais funda e mais nítida, depois uma pegada parcial do pé direito no lugar em que entrou no mato alto.

Dali, a trilha ficava realmente mais obscura. Starks teve inúmeras opções de locais onde poderia se esconder e direções que poderia tomar. Bem à frente, havia um campo aberto de uns cinquenta metros que era propriedade da ferrovia. Seguia ao longo dos trilhos nas duas direções até onde a vista alcançava.

Do outro lado dos trilhos, havia uma área aberta semelhante que dava numa zona industrial na periferia do centro de Merritt. Tinha vários galpões, uma empresa de transporte e carga rodoviária, um centro de distribuição de produtos de papel, uma fábrica de luvas de trabalho.

Para Ski, mais preocupantes do que as empresas que operavam diariamente eram os prédios abandonados das que tinham falido. Muitas construções grandes, de vários andares, em diversos estados de abandono, ofereciam nichos e vãos onde um homem podia se esconder. Além dessa área industrial, havia o campus de uma escola e um parque municipal com uma piscina pública e campos de atletismo para futebol e beisebol.

Davis Coldare tinha participado do seu último jogo naquele campo na última segunda-feira à noite.

Ski xingou, usou uma frase especialmente suja que aprendera no exército. Stevens ficou quieto ali do lado, sabiamente não disse nada, só mudava o pedaço de tabaco que mascava de um lado para o outro da boca.

Atrás dos dois, do outro lado da rua onde estava o Toyota abandonado, havia uma fileira de casas. Basicamente beirando um bairro de classe baixa, de operários, as casas, cujos donos eram trabalhadores que deram duro para pagar suas contas, tinham setenta anos de idade, na melhor das hipóteses. Na frente de uma delas, havia um caminhão de transportar toras de madeira estacionado.

– Já falou com algum dos moradores? – perguntou Ski.

Stevens balançou a cabeça.

– Eu não quis sair de perto do carro, podia chegar alguém e estragar as marcas. Mas não apareceu ninguém desde que cheguei aqui.

A essa altura, mais três subdelegados estavam chegando ao local. Quando se aproximaram, Ski avisou que tomassem cuidado com onde pisavam, para não corromper a cena.

– Eu mato qualquer um de vocês que estrague qualquer vestígio de prova.

A ameaça de Ski era brincadeira só em parte.

Ele encarregou um deles de verificar as casas porta a porta, para perguntar se alguém tinha visto o homem que deixou o Toyota estacionado naquela rua. Se alguém tivesse alguma informação, deveria reportá-la imediatamente a Ski.

Então, ele foi para o meio da rua, botou as mãos na cintura e deu uma volta de trezentos e sessenta graus lentamente para supervisionar a região toda, com a esperança de ver alguma coisa que lhe desse uma pista do rumo de Starks quando saiu mancando do carro. Estaria ele agora a quilômetros de distância, ou perto? Era possível que estivesse observando Ski do seu esconderijo, talvez através das janelas embaçadas de um dos galpões vazios.

Ski se perguntou se Starks teria abandonado o carro ali por alguma razão específica, mas duvidava disso. Não havia mais nenhuma marca de pneus indicando que alguém tivesse parado ali para lhe dar uma carona. Ski concluiu que ele devia ter chegado tão longe do motel assim porque fora ali que lhe veio à mente todo o impacto do que fizera. Temia que alguém tivesse visto seu carro, possivelmente alguém passando de carro pelo motel quando o tiro fatal foi disparado. Talvez ele achasse que Lisa Arnold tinha visto para que lado foi quando fugiu da cena do crime.

Seja o que for que Starks tenha pensado, e só Deus podia saber, ele raciocinou corretamente que tinha de abandonar o carro e se arriscar a pé. Provavelmente achou que aquele ponto fosse tão bom como qualquer outro. Não havia postes de luz naquela parte da cidade. Era uma rua transitada apenas pelas famílias que nela moravam, e um bairro que não devia ter vigilantes de crimes.

Starks tinha se afastado do carro só de meias. Isso era uma vantagem para Ski.

Ele se virou para Stevens.

– Você é o melhor dactiloscopista do departamento. Pegue tudo que puder do carro. Passe um pente-fino nele.

– Claro, Ski – disse Stevens, e foi até o carro pegar o kit de impressões digitais.

Para os outros policiais, Ski disse:

– Vou chamar mais reservas, mas começamos sem eles. Acompanhem a trilha de Starks pelo campo até onde der. Vejam se conseguem encontrá-la de novo no outro lado dos trilhos. Comecem pelo térreo de todos aqueles prédios abandonados e subam até o último andar de cada um deles. Procurem qualquer coisa mexida ou modificada recentemente. Quero que vasculhem cada centímetro. Se alguém encontrar alguma coisa, não encoste. Chamem-me imediatamente. Digam isso para os outros quando eles chegarem.

Eles menearam a cabeça.

– Andy está ao telefone hoje. Vou dizer a ele que descubra os proprietários daquelas empresas e obtenha permissão para vocês entrarem. Quero que verifiquem qualquer sinal de arrombamento, sistemas de alarme adulterados, qualquer coisa e tudo que for fora do comum. O mesmo se aplica ao campus da escola. Quero atualizações frequentes. Qualquer coisa que virem, ouvirem ou descobrirem, quero saber imediatamente. *Qualquer coisa,* entenderam?

– Certo, Ski. Para onde você vai?

– Vou falar com o chefe.

O telefone dele tinha tocado duas vezes, mas ele ignorou, pois sabia que devia ser o delegado Drummond retornando sua chamada. Agora ele estava apertando o botão para discar o número da casa do delegado. Drummond atendeu ao primeiro toque.

– Ski?

– Bom-dia, senhor. Preciso de um minuto do seu tempo.

– É sobre o menino Coldare? O avô dele e eu nos conhecemos do Rotary. Foi uma coisa terrível. Trágica. Você tem certeza de que foi o Starks?

– Sim, senhor. Tenho uma identificação positiva. Posso chegar à sua casa em cinco minutos.

– Estamos querendo chegar a tempo para assistir ao culto das onze horas.

– Prometo que não vou demorar.

Ski desligou o celular e não deu tempo ao chefe de argumentar. Quando chegou à casa do xerife, a sra. Drummond já estava sentada no banco da frente do Lincoln Town Car, com o motor ligado. O delegado esperava no fim da entrada da casa, com sua roupa domingueira, Bíblia numa das mãos, chapéu Stetson na outra.

Ski pôs a marcha em ponto morto, mas deixou o motor do SUV ligado quando desceu.

– Desculpe tomar o seu tempo, senhor, mas vou direto ao assunto.

– Não precisa se desculpar, Ski. Starks atirou em um bom garoto a sangue-frio. Isso vai muito além de ferir um homem num confronto de um triângulo amoroso. Do que você precisa?

– Da sua autorização.

– Para quê?

– Cães.

– Oi, você é o Andy, certo?

Dodge, que tinha trocado nomes com o jovem subdelegado na noite anterior, entrou com passos largos na sala da delegacia e foi até a mesa em que Andy se encontrava. A sorte estava com ele. Andy era a única pessoa ali e, como tinha visto Dodge junto com Ski na véspera, não questionou sua entrada como se fosse o dono do lugar.

Dodge botou uma caixa branca sobre a mesa.

– Do que eu gosto das cidades pequenas é que sempre existe uma loja de roscas que faz os doces fresquinhos todas as manhãs.

– O Donut Hole – disse Andy.

– Sirva-se.

– Obrigado.

O subdelegado abriu a tampa, animado, e examinou a seleção.

– Não me agradeça. Não foi ideia minha. Ski me pediu para vir pegar aquela prova do Starks que ele obteve ontem à noite. Como você está preso aqui e todo mundo está lá fora, ele achou que você merecia um presentinho.

Andy franziu a testa e lambeu a cobertura de morango nos dedos.

– Acabei de falar com o Ski. Ele não disse nada sobre...

– De quando é aquele café?

Andy olhou para a máquina de café manchada que ficava sobre uma mesa encostada na parede oposta.

– Hum... Uma ou duas horas atrás, eu acho.

Dodge sorriu de orelha a orelha.

– Então deve estar perfeito.

Com um sonho recheado de geleia na boca, ele foi até a cafeteira e encheu um copo de isopor, depois acrescentou dois saquinhos de açúcar. Olhou para Andy, que não tinha saído do lugar, e perguntou:

– Pegou aquele negócio para mim?

Andy ficou meio indeciso.

– Ski está a caminho do motel para interrogar a proprietária de novo.

– Isso mesmo. Ele quer confrontá-la com aquela prova.

– Ele... Sinto muito, sr. Hanley, mas quando conversei com Ski... só dois minutos antes da sua chegada... ele...

– Ele não falou nada sobre isso no telefone, não foi?

– Não, por isso...

– Ufa, que bom – disse Dodge, fingindo estar enormemente aliviado. – O cara tem tanta coisa na cabeça... Achei que talvez tivesse deixado escapar.

– Escapar? Do Ski?

– Você sabe, dar com a língua nos dentes. Cansado do jeito como ele está... Acho que não dorme desde a noite de sexta-feira... Podia ter esquecido que estava mantendo aquela prova em latência.

– Latência?

– Você sabe, da mídia.

– Mídia?

– Da rádio, meu filho. Por onde você andou? Ski fez a rádio local transmitir boletins sobre Oren Starks a cada dez minutos, mais ou menos.

– Eu sei disso, mas...

– Bem, a mídia pode ser útil para nós, sem dúvida. Bota o povão em alerta. Mas não queremos que a prova que temos contra Starks seja divulgada para todos os caipiras do Texas Oriental, não é?

– Não senhor, mas...

– E Starks também está ouvindo o rádio. Pode apostar nisso, meu filho. Ski não quer que ele saiba da mercadoria que conseguimos ontem à noite.

Os olhos do jovem brilharam.

– Para, quando o prendermos, podermos usar aquelas fotos da srta. Malone para encurralá-lo.

Dodge ficou com o estômago apertado. Precisou de toda a habilidade de ator que tinha para parecer feliz quando bateu no ombro do subdelegado e disse, todo animado:

– Isso aí.

Enfiou o resto do doce na boca e checou a hora no relógio de pulso.

– Ski me deu pouco tempo.

Andy se levantou, desapareceu numa sala que era um cubículo e saiu segundos depois com um saco com fecho zip e um envelope pardo dentro.

– Tem de assinar...

Dodge tirou o saco plástico da mão dele.

– Ski disse para não ficar cheio de formalidades. Não há tempo para isso hoje.

Dodge agradeceu e tratou de dar o fora dali, com as provas no saco embaixo do braço.

A soneca desejada não funcionou como Berry esperava.

Ela saíra da cena do beijo com a mesma covardia de Ski, fugiu da cozinha e deixou Dodge e a mãe sem explicar nada. Lá em cima, tomou uma ducha, entrou nua embaixo das cobertas, fechou os olhos que ardiam muito e forçou a cabeça a desligar e permitir que seu corpo adormecesse.

Mas nem a cabeça nem o corpo cooperaram. Os pensamentos sobre Ski Nyland continuaram. Imagens dos dois em cenários sexuais passavam pela sua mente, deixavam seu corpo irrequieto, aliás, febril em lugares impossíveis de ignorar, lugares em que ela queria sentir os olhos, as mãos e a boca dele.

Levando em conta a tragédia que acontecera na véspera, aquele tesão parecia especialmente impróprio. Revoltada com ela mesma, afastou as cobertas, levantou-se da cama e se vestiu.

Quando desceu, encontrou a mãe sentada à mesa de jantar com sua lista de imóveis, fazendo anotações, o celular ao lado.

– Você está trabalhando? – perguntou Berry.

Caroline tirou os óculos de leitura.

– Hoje é domingo. As pessoas visitam casas à venda aos domingos. Já deleguei visitas agendadas para outros corretores, mas estou verificando só para ter certeza de que as minhas bases estão cobertas.

– Você devia tentar dormir um pouco.

– Perda de tempo.

– Bom, eu sei – admitiu Berry com tristeza. – Onde está o Dodge?

– Não tenho ideia. Ele disse que não tinha tempo para tomar o café da manhã, que precisava seguir um palpite. Saiu quase tão de repente quanto o Ski.

– Humm...

Berry torceu para o assunto Ski morrer ali. Mas a mãe era intuitiva demais.

– O que aconteceu entre vocês dois? – ela perguntou. – Quando Dodge e eu entramos, quase deu para sentir o cheiro de ozônio. Vocês estavam no meio de uma discussão, ou de alguma outra coisa?

Bem nesse momento, o celular da mãe tocou e salvou Berry de ter de responder. Caroline verificou a identidade de quem estava ligando.

– É do meu escritório.

– Atenda. Estou de saída.

– Para onde você vai?

– É domingo. Dia da expiação.

Vinte minutos depois de sair da casa do lago, Berry estava parada na frente do quarto de Ben Lofland no hospital. Tinha se preparado para qualquer coisa que resultasse daquela visita e bateu de leve na porta. Amanda Lofland abriu. Ao ver Berry, adotou uma expressão petulante e hostil.

Berry não lhe deu oportunidade de falar primeiro.

– Eu gostaria de ver o Ben.

– Para quê?

– Para pedir desculpas por ele ter levado um tiro.

Espantada com aquela admissão aberta, Amanda olhou para Berry desconfiada, mas chegou para o lado e deixou-a entrar no quarto. Ben estava

acordado, meio recostado com travesseiros nas costas.

Berry sorriu quando se aproximou da cama.

– Você está com uma aparência muito melhor do que quando o vi pela última vez.

– Eu me sinto pior – resmungou. – Estava inconsciente quando você me viu pela última vez e não sentia nada.

Amanda foi ficar do outro lado da cama, de frente para Berry, com uma expressão amarga.

Berry perguntou para Ben.

– Está doendo muito?

– Só quando eu respiro.

– Os remédios não ajudam?

– Digamos que detesto ficar sem eles.

– Eu tremo só de pensar que poderia ter tido muito pior – disse ela, baixinho.

– É. Isso já passou pela minha cabeça... nossa... também.

Ben segurou a mão de Amanda e a apertou. Marido e mulher sorriram um para o outro, mas o sorriso de Amanda foi um pouco tenso.

– Eu me culpo por ter subestimado o estado mental do Oren – disse Berry.

– Quem podia imaginar que ele faria uma loucura dessas?

– Eu fui avisada – admitiu Berry. – Já tinha visto Oren perder completamente a cabeça.

– Antes de sexta à noite?

– Foi. Mas uma vez só. Achei que tinha sido um incidente isolado, uma reação explosiva. É óbvio que calculei mal. – Ela respirou fundo. – Por isso, não achei que fosse problema ligar para ele.

O rosto pálido de Ben registrou surpresa.

– Você ligou para ele? Quando?

– Quinta-feira à tarde.

Ainda boquiaberto, Ben disse:

– Você enlouqueceu?

– Foi um erro. Agora eu vejo, mas tinha dito coisas para ele que lamentava e queria me desculpar por isso. Também achei que ele devia saber que o projeto

no qual tinha trabalhado estava sendo finalizado e que estava tudo bem. Achei que nós... *Que eu* devia isso a ele.

Ben molhou os lábios. Olhou diversas vezes de Berry para a mulher e acabou parando em Berry.

– Gostaria que você tivesse me consultado antes.

– Eu também gostaria. Se tivesse feito isso, talvez você me convencesse a não ligar para ele e nada disso teria acontecido.

– Não estou acreditando – resmungou Amanda. – Isso é *muito* culpa sua.

Berry já tinha reconhecido, mas se defendeu diante da sentença de Amanda.

– Pensei que Oren fosse me agradecer por ter ligado, e que a história acabaria aí. Mas parece que a única coisa da conversa que ele ouviu foi que Ben e eu íamos passar o dia juntos. Eu sinto muito, muito mesmo.

– Você tem muitos motivos para sentir muito.

– É verdade, Amanda. Mas adultério não é um deles. Não há nada além de amizade entre mim e o Ben há muito tempo, desde antes de ele te conhecer.

– Já contei isso para ela – disse Ben. – Ela acredita em mim.

Berry registrou isso, então enfrentou o furioso olhar de condenação da outra mulher e disse:

– Mas você não acredita em *mim*?

– Eu acredito que o Ben foi fiel a mim e aos seus votos do casamento. Mas não acredito que o chamou só pensando na campanha. Você deixou Houston, a sua rotina diária no escritório, o seu trabalho que, segundo consta, é a sua vida. Deixou seus amigos, sua vida social e veio aqui para o interior.

"Na semana passada, ficou entediada e inquieta, por isso inventou um motivo para Ben vir para cá e passar o dia, depois a noite com você. Sabia que ele viria porque aquela campanha é muito importante para a carreira de vocês dois. Mas eu acho que foi apenas a isca que você usou para atraí-lo para cá. Você precisava se divertir, de uma distração, uma quebra na mesmice da vida no campo. Você precisava de sexo, e escolheu meu marido para dar isso a você."

– Você está enganada – disse Berry enfaticamente. – Eu não atraí Ben para a casa do lago com nenhum objetivo lascivo. – Ela parou de falar alguns segundos, depois acrescentou: – Talvez alguns meses atrás eu fizesse isso.

A admissão chocou o casal. Até Berry ficou chocada, mas continuou:

– Antes de vir para Merritt, se considerasse que me beneficiaria profissionalmente, ou que era conveniente ir para a cama com o Ben, seria muito provável que inventasse um jeito de fazer isso.

Ben continuava olhando fixamente para ela, boquiaberto. Amanda parecia despeitada e irada ao mesmo tempo.

– Então você admite.

– Eu admito que as minhas prioridades eram fora de propósito – disse Berry. – Para galgar os degraus na Delray, eu estava fazendo coisas das quais não gostava. A ponto de não suportar mais a mim mesma. Saí de Houston para evitar o Oren, sim. Mas também vim para cá para ter um novo ponto de vista. Sou ambiciosa como sempre fui. Ainda quero chegar ao topo do meu ofício. Só que não estou mais disposta a vender a alma por isso.

Ela olhou bem, um longo tempo, para Ben, e ele evitou encará-la, olhando para a tenda da coberta formada pelos seus próprios dedos dos pés no pé do leito do hospital.

Nenhum dos Lofland tinha aceitado o pedido de desculpas, pelo menos não em voz alta. Os dois, especialmente Amanda, provavelmente continuariam a alimentar um ressentimento contra ela, e Berry não podia condená-los por isso. Ben tinha quase perdido a vida.

Mas, a menos que rastejasse, ela não podia fazer mais nada para remediar aquilo, e não ia se humilhar mais ainda para aqueles dois, que eram mal-educados demais para aceitar seu pedido de desculpas.

– Eu vou para Houston esta noite, para estar no escritório bem cedo amanhã e apresentar a campanha na data marcada.

Amanda estremeceu.

– Sem o Ben?

– Ele receberá o mesmo crédito.

– Ah, sei.

– Vou garantir isso, Amanda. Prometo.

A mulher desfez o valor da promessa de Berry com uma fungada barulhenta.

Berry olhou para Ben.

– Vou defender o seu direito, Ben. Você receberá o mesmo crédito.

Ele meneou a cabeça.

– Claro. Obrigado.

Berry esperava um resultado melhor. Estava desapontada com o clima do fim da visita, mas tinha falado o que queria. O casal continuou mudo de animosidade. Sem dizer mais nada, Berry saiu do quarto.

Lá fora, no corredor, uma funcionária do hospital, de rede no cabelo e luvas verdes, empurrava um carrinho de metal barulhento com pilhas de bandejas de almoço. Ela alcançou Berry.

– É a srta. Malone, não é?

– Sou.

– Seu amigo vai ficar bom.

– É, parece que está melhorando.

Ela apressou o passo, mas a empregada a acompanhou.

– Uma pena aquele menino Coldare. Meu filho jogava beisebol com ele.

– Foi trágico.

– Aquele cara que atirou nele... – Ela estalou a língua. – Precisam pegá-lo. E rápido.

– Concordo plenamente.

Berry chegou ao elevador e apertou o botão para descer.

A mulher passou por ela com o carrinho barulhento.

– A recompensa deve ajudar.

Berry olhou para ela confusa.

– Espere. Tem uma recompensa? Desde quando?

Por cima do ombro, indo embora, a mulher disse:

– Ouvi no rádio uma meia hora atrás. Sua mãe empenhou o dinheiro.

CAPÍTULO 17

– Dinheiro jogado fora, se quer a minha opinião.

– Bem, eu não quero.

A resposta calma de Caroline serviu para deixar Dodge mais nervoso, como se isso fosse possível. Toda vez que ele acendia um cigarro, ela franzia a testa, desaprovando em silêncio, o que privava Dodge do prazer de fumar e criava uma drástica carência na sua necessidade mínima diária de nicotina. Ele calculou que devia estar pelo menos um quarto abaixo. Seu organismo desejava demais. A pele coçava de dentro para fora. O fator urina estava alto.

Mas eles estavam no carro dela, portanto, mesmo que ele quisesse contestar as objeções de Caroline e fumar, não podia. Assim que chegassem ao destino, ele fumaria um até o filtro e, se não gostasse, ela que se danasse.

Dodge se ofereceu para dirigir porque isso pelo menos mantinha suas mãos ocupadas.

– Tem só um Walmart na cidade?

– Sim. Precisa que eu te oriente?

– Não. Eu o vi ontem.

– Antes ou depois do papo com a Grace?

Dodge gostava de saber que aquela conversa com a atendente do bar ainda irritava Caroline, mas não deu trela, só um sorrisinho malicioso para ela.

– Vinte e cinco mil? – disse ele, referindo-se à recompensa que ela havia oferecido na delegacia. – Vão acabar fazendo com que todos os caipiras míopes do sudeste do Texas brinquem de Sou Espião com Oren Starks.

– Tenho certeza de que Ski terá seu pessoal treinado filtrando os trotes que chegarem pela linha da denúncia.

– Se é que vai dar em alguma coisa... – ele disse baixinho. – A força-tarefa instalou uma linha especial para obter informações sobre o ladrão de bancos. Sabe o que conseguiram?

– Relatos de um submarino russo no canal de carga, visões de OVNIs, a Segunda Vinda do Messias, uma matilha de lobos hidrófobos em disparada

pelo setor médico e uma mulher que ligava todas as noites oferecendo sexo de graça para quem se interessasse.

– Já lhe contei isso?

– Trinta e um anos atrás você cantava essa ladainha sempre que ficava frustrado com o caso.

– Então você deve ter ouvido um monte de vezes.

– Pelo menos mil.

– Hum.

– Tenho certeza de que Ski espera receber ligações de muitos doidos – ela disse –, mas pode também receber alguma pista útil. Além disso, oferecer a recompensa fez com que me sentisse bem em contribuir para a captura de Oren Starks, em vez de ficar sentada e não fazer nada.

Dodge resmungou alguma coisa.

Caroline olhou para ele.

– O quê?

– Nada.

– Você falou alguma coisa sobre dinheiro. O que foi?

– Eu disse que você não vai sentir falta desses trocados.

– Você falou mais do que isso.

– Deixei de fora as imprecações.

– Por que usou imprecações?

– Prefere que eu repita todas elas para você?

– Por que usou palavrões em relação ao meu dinheiro?

Ele reconheceu aquele tom de voz dela. Caroline não ia abandonar o assunto, e tudo bem com ele, porque o status financeiro dela o estava consumindo e achava mesmo melhor desabafar de uma vez suas queixas.

– Você não reconheceria um problema financeiro se ele mordesse seu traseiro, porque nunca teve um. – Dodge notou a expressão de zanga de Caroline e continuou, com malícia: – E então, teve?

– Eu tive sorte.

– E que sorte! Suficiente para se casar com o patrão rico e bem- sucedido.

Como estava se sentindo especialmente irascível, foi adiante e, no mesmo instante, soube que tinha avançado demais.

– Não ouse me criticar por ter me casado com o Jim – disse Caroline, com frieza.

– Não critiquei.

– Não com tantas palavras, mas ficou implícito.

– Você está ouvindo coisas implícitas que não existem porque é sensível demais no que diz respeito ao seu casamento.

– Não tenho motivo algum para ser sensível demais sobre esse assunto.

– Não?

– Não. Tive um bom casamento que durou vinte e seis anos. Até o dia em que Jim morreu, éramos felizes juntos.

– Parabéns.

Ela não deixou de notar o sarcasmo de Dodge.

– Você queria que eu fosse infeliz?

Dodge elevou a voz e disse:

– Eu queria que você fosse feliz *comigo*.

– E eu não fui por quê? De quem foi a culpa? – ela disparou de volta.

Ele xingou. Ambos ficaram calados por um tempo, então ele perguntou:

– Como foi que o Malone morreu?

Ela levou tanto tempo para responder que ele achou que ia se recusar. Mas finalmente ela disse:

– Ele teve um derrame. Sentado à mesa do escritório dele. Entrou em coma. Morreu dois dias depois sem acordar, o que, na verdade, foi uma bênção. O neurologista me disse que Jim sofreu danos cerebrais muito extensos.

Dodge ficou em silêncio, um silêncio pesado.

– Então você o amava.

– Sim, Dodge, eu o amava. Eu o amava principalmente porque ele me amava e amava Berry. Berry tinha quase um ano quando Jim me pediu em casamento. Tinha sido um solteiro convicto por quarenta anos, mas estava disposto a aceitar uma esposa e um bebê.

– Ele queria você. E você tinha um bebê.

Dodge deu uma sacudida de ombros muito eloquente.

– Ele não considerou Berry um sacrifício que tinha de fazer para se casar comigo. Ele a aceitou sem explicação, nem qualificação. Ele a amava muito e a criou como filha. E isso foi bom, porque ele e eu nunca tivemos filhos nossos.

– Por que não?

– Por nada. Apenas não tivemos. Nunca aconteceu. Não deixamos que isso se tornasse um problema. Estávamos muito envolvidos na expansão do negócio. Trabalhávamos muito. E estávamos satisfeitos com a filha que tínhamos.

A falta de nicotina ou aquela conversa sobre outro homem amar e criar a filha dele estava fazendo o peito de Dodge doer. Mas ele não conseguia parar de articular as perguntas que o infernizaram por três décadas.

– Que tipo de criança a Berry era? Ela era feliz?

Caroline olhou para ele e sorriu.

– Muito. Completamente. Ela era exuberante. Inteligente. Precoce. Atlética. Competitiva. Teimosa, às vezes, mas nada malcriada.

– Teimosa como você.

– Perspicaz como você.

– Tinha o seu temperamento brigão de ruiva?

– Eu não tenho temperamento brigão de ruiva.

Ele deu risada com aquela resposta desaforada, e Caroline também acabou rindo. A risada dele foi a primeira a acabar.

– Você chegou a contar para ela algum dia?

– O quê?

– Será que preciso soletrar, Caroline?

Ela desviou o olhar e espiou pelo para-brisa. Estava fazendo aquela coisa com as mãos, cruzando e descruzando os dedos, um hábito que ele conhecia bem. Caroline fazia isso sempre que estava organizando seus pensamentos, especialmente os perturbadores.

– Sim, eu contei para ela. Jim a tinha adotado e lhe dado seu próprio nome, mas achei que ela devia saber que não era seu pai biológico. Não queria que isso virasse um grande e misterioso segredo espreitando nossas vidas, só esperando para atacar e prejudicar a nossa relação.

Bateu fundo em Dodge ser lembrado de que tinha assinado a concessão de todos os direitos paternos sobre a filha. Foi um procedimento cirúrgico, feito pelos advogados. Na época, ele estava com raiva e achou que não tinha muita escolha.

Não podia evitar imaginar o que teria acontecido se criasse confusão. Será que o resultado teria sido diferente caso tivesse se recusado a ceder a criação da filha para outro homem?

Mas agora, como há trinta anos, ele não via nenhum benefício em uma queda de braço, que só teria atrasado o inevitável e gerado mais hostilidade e mágoa para todos os envolvidos, especialmente para Caroline e Berry.

– Quando Berry já tinha idade suficiente para saber de onde vinham os bebês – continuou Caroline –, contei a ela que Jim não era o homem que tinha plantado a semente na minha barriga. Alguma coisa parecida – ela disse, com um sorriso calmo. – Mas lhe garanti que Jim era o papai dela. Ela aceitou.

Dodge freou num sinal vermelho, tocou no bolso da camisa onde o maço de cigarros o cumprimentou, ajeitou o traseiro com mais conforto no banco do motorista e resmungou imprecações contra o motorista na sua frente que não quis avançar um pouco no cruzamento para ele poder virar rapidamente à esquerda quando o sinal ficou amarelo, possibilitando uma curva ainda mais rápida antes do sinal ficar vermelho.

Ele pigarreou.

– Ela nunca teve curiosidade de saber quem tinha plantado a semente? Nunca perguntou o que tinha acontecido com o pai verdadeiro, por que ele a tinha abandonado e nunca mais aparecido?

– Ela perguntou só uma vez – disse Caroline. – Estava numa idade em que achei que devia preveni-la sobre as armadilhas de fazer sexo no calor do momento sem usar bom senso ou, se isso falhasse, alguma proteção. E ela perguntou se tinha acontecido isso comigo. Ela queria saber se tinha sido um acidente, uma responsabilidade indesejada da qual um homem tinha fugido.

Caroline olhou diretamente para Dodge, e ele olhou para ela.

– Partiu meu coração ouvir a vulnerabilidade na voz dela quando fez essa pergunta – continuou ela. – Acho que andava obcecada com a ideia de que a sua concepção tinha sido um acidente infeliz. Desejava saber a verdade, mas não tinha perguntado com medo de ver confirmada a sua suposição.

– Meu Deus – gemeu Dodge com tristeza.

– Tirei aquela ideia da cabeça dela. Fiz questão de frisar que foi concebida num momento de felicidade e que nem o pai dela nem eu lamentamos ou nos arrependemos da gravidez. Eu disse que houve problemas entre nós que não

tinham relação com ela, mas que foram bastante sérios para impedir que ficássemos juntos e que você... ele... tinha percebido as vantagens de ela ficar comigo. – Caroline abaixou a cabeça e olhou para as mãos que ainda cruzava e descruzava no colo. – Ela acreditou em mim. Pelo menos, eu acho que sim, porque nunca mais tocou no assunto.

– E agora?

– Agora?

Ele olhou para ela desconfiado.

– Ela é muito inteligente, Caroline. Como é que não teria alguma ideia?

– Talvez tenha. Ela não perguntou isso exatamente, mas me pressionou para obter informações sobre você.

– Então, ela suspeita de que eu não seja apenas uma referência de uma amiga.

– É possível. Mas há uma certa distância entre exprimir curiosidade sobre as suas credenciais e determinar que você é o pai dela. Ela pode ter posto dois e dois juntos, mas ainda não somaram quatro.

Depois de um tempo, Caroline disse baixinho:

– Mas tem uma coisa.

– O quê?

– Mesmo que ela esteja tirando suas conclusões, não vai revelar seu jogo até estar pronta.

– Ela esconde o jogo?

Caroline sorriu para ele.

– Nisso é parecida comigo.

Eles avistaram o Walmart. O imenso estacionamento era um pandemônio quase incontrolável. Alguns carros do departamento do xerife e dos patrulheiros estaduais estavam lá com suas luzes coloridas piscando. Cães corriam em círculos, farejando o chão perto de uma fileira de recipientes de lixo. Os curiosos eram mantidos a distância por policiais de farda de diversas agências, inclusive da polícia municipal de Merritt.

E, no meio dessa confusão, estava Ski Nyland.

Dodge entendeu por que a chamada pelo telefone tinha sido tão abrupta. No momento, ele e alguns outros oficiais estavam reunidos em volta de um cara barrigudo de meia-idade que usava um colete azul da Walmart. Quando

Ski avistou Dodge entrando no estacionamento, afastou-se do grupo e correu ao encontro dele.

– Ele quer conquistar nossa filha – disse Dodge.

– Se estou entendendo as vibrações direito, o sentimento é mútuo – arriscou Caroline.

Logo que os alcançou, Ski perguntou:

– Onde está Berry?

– Ela foi ao hospital visitar o Ben – Caroline respondeu. – Não consegui falar com ela pelo celular.

– Tente de novo. Ela precisa vir para cá.

Ele lembrou depois e acrescentou "por favor", embora Caroline não tivesse dado sinal de que havia percebido sua rispidez. Ela reagiu ao tom de urgência dele, pegou imediatamente seu celular e já estava discando para Berry.

Dodge desceu do carro e acendeu um cigarro.

Ski avançou para ele, rosnando, zangado.

– Que diabos, Dodge?

Dodge fechou o isqueiro e soprou a fumaça para o céu. A raiva do subdelegado não precisou de explicação.

– Tive um palpite e agi de acordo.

– Você adulterou provas.

– Então me processe. E, por falar nisso, eu não *adulterei* nada. Sei como manipular provas.

– Onde está agora?

– Bem guardado. E o que você quer fazer? Arrastar nossa diferença de opinião sobre protocolo e cadeia de provas diante de Deus e todo o mundo? Ou conversar sobre o significado daquelas fotos?

Ski tirou os óculos escuros e secou o suor da testa com a manga da camisa. Olhou para Caroline dentro do carro, ainda falando ao celular. Voltou-se para Dodge e disse em voz baixa:

– O que posso dizer é que foram tiradas com uma teleobjetiva.

– Mas suficientemente perto para meter medo.

Ski meneou a cabeça, concordando muito sério.

– Bastante perto. São um estudo fotográfico completo da vida de Berry aqui. Ele tirou fotos da casa do lago de todos os ângulos. Registrou suas idas e vindas pela cidade toda.

– Com roupas diferentes – disse Dodge. – O que significa que ele a seguiu em diversas ocasiões.

– Ele chegou perto e ficou bem pessoal também.

O maxilar quadrado do subdelegado ficou rígido, e Dodge percebeu que ele pensava na série de fotos tiradas de Berry através da janela do quarto dela, e quando ela pegava sol no cais, ignorando completamente que um homem que tinha jurado matá-la a observava, a violava com requintes de perversidade, de um jeito que fazia o sangue de Dodge ferver.

– Foi descuido dele deixá-las no quarto do motel.

– Ele não deixou – disse Ski. – Eu as encontrei no barril de lixo na beira da estrada atrás do motel, perto de onde tinha escondido o carro.

– Então, mesmo depois de matar o menino, ele teve a presença de espírito de levá-las e tentar se desfazer delas.

– Ele não queria ser pego com algo que pudesse envolvê-lo.

– Filho da mãe cuidadoso.

– Berry contou que ele resolve quebra-cabeças. Que é metódico. Ele não vai parar.

– Quer dizer que nós temos de fazê-lo parar – disse Dodge, jogando fora a guimba do cigarro.

– Ele está a pé. Pelo menos, estava.

– Conte-me tudo.

– Achamos um Toyota vinho abandonado. Só de ver as marcas dos pneus tenho quase certeza de que é o mesmo carro que esteve na casa do lago e atrás do motel. Starks abandonou o carro a pé, descalço.

– Você usou os cães para farejá-lo.

Dodge mencionava o trio de pastores-alemães com suas coleiras, mas mesmo assim rodando em círculos frenéticos, com o focinho colado ao asfalto.

– Um amigo meu do exército tem esses cães farejadores e equipamento de resgate perto de Tyler. Ele ligou para um de seus melhores treinadores e fez com que os cães dele viessem para cá às pressas. Nós tínhamos o sapato de Starks. Os cachorros pegaram o cheiro dele, seguiram ao longo dos trilhos do

trem até atravessar a autoestrada 287 num ponto a quase um quilômetro daqui.

Caroline desceu do carro e foi se juntar a eles.

– Peguei a Berry saindo do hospital. Estará aqui daqui a poucos minutos.

– E depois? – perguntou Dodge, virando-se para Ski. – Depois que Starks chegou aqui.

– Depois, nada. A trilha esfria.

– Merda.

– Nem me fale – resmungou Ski. – Todos os cães correram para aquela área logo ali, perto das caçambas de lixo. Ele pode ter roubado um veículo, coisa de que eu duvido, já que nenhum roubo foi registrado, ou então sequestrou um, ou, ainda, alguém pode ter vindo pegá-lo.

– Você eliminou a possibilidade de ele ter sido sugado por alienígenas do espaço?

Ski fungou.

– Assim, eu pelo menos saberia onde começar a procurar. Do jeito como está, a trilha termina aqui.

Ele apontou para o empregado do Walmart que parecia muito animado com toda a atenção que recebia.

– Gerente da loja. Ele tem Starks em várias câmeras de vídeo de segurança. Bem, tenho quase certeza de que é Starks. Por isso, quero que Berry dê uma olhada.

– Ela está chegando – disse Caroline.

O estacionamento estava apinhado de policiais, representantes da lei e espectadores, incluindo uma van cheia de idosos de uma residência para idosos ali perto, mas Berry avistou o trio que procurava assim que saiu da autoestrada.

Parou o carro perto deles e desceu.

– Obrigado por vir para cá tão rápido – disse Ski.

Berry respondeu com a mesma formalidade.

– Minha mãe disse que Oren esteve aqui.

Ele explicou os fatos mais importantes que tinham acontecido desde a descoberta do carro abandonado.

– Achei que você podia dar uma olhada nos vídeos, para confirmar que é o Starks.

– Claro.

– Vou chamar o gerente e encontro vocês na frente da entrada principal.

Ski se afastou do grupo e foi com seu passo longo até onde estavam os policiais em volta do homem de colete azul.

Quando Dodge, Caroline e Berry estavam indo para a entrada principal da loja, Caroline perguntou como Ben estava.

– Ele está achando ótimos os analgésicos.

Berry não tinha mais nada a dizer sobre o assunto e ficou aliviada porque nenhum dos dois quis saber de detalhes. O ar-condicionado dentro da loja foi uma trégua bem-vinda do calor que fazia no estacionamento. Ski e um subdelegado mais velho, de quem ela lembrava apenas o nome Stevens, chegaram acompanhados pelo gerente que disse, do alto de sua importância:

– Por aqui. – E balançou eficientemente um molho de chaves pendurado no cinto.

Antes de irem atrás do homem, Dodge apontou para a lanchonete da loja, onde havia um homem sentado e curvado em um cubículo. Na frente dele, havia uma mulher com o uniforme de subdelegada do município de Merritt. A postura e a expressão do jovem denotavam tédio e mau humor. A policial parecia zangada e amarga, batia com a caneta no seu caderno de notas em branco.

– Quem é aquele com a policial? – perguntou Dodge.

– O caixa que registrou a compra de Starks. Não conseguimos arrancar muita coisa dele.

– Você se incomoda se eu tentar?

Ski deu de ombros.

– Fique à vontade.

Stevens olhou surpreso para Ski, mas não questionou a decisão dele de dar uma chance a Dodge com a testemunha.

Dodge foi andando tranquilo até o cubículo. Ignorou o jovem e disse alguma coisa para a subdelegada, que se virou para trás e olhou para Ski. Ski fez que sim com a cabeça para ela. Ela sacudiu os ombros, deslizou para fora do

banco do cubículo e saiu da loja pela porta de saída. Dodge ocupou o lugar dela no cubículo, de frente para o homem do outro lado da mesa.

– Pensei que a especialidade dele fossem mulheres – disse Berry.

Caroline deu um pequeno sorriso.

– Ele sabe ser persuasivo com os homens também.

– Preciso voltar lá para fora, então vou deixar vocês com o Stevens – disse Ski.

Ski saiu e o gerente da loja levou Berry, Caroline e Stevens para os fundos, até a sala dele. Ficou com um ar decepcionado quando Berry identificou Oren Starks segundos depois de começar a assistir ao primeiro vídeo de segurança que ele passou.

– É ele. Definitivamente.

No monitor, se via Starks entrando na loja.

– Ele está até usando a mesma roupa.

O vídeo era em preto e branco, mas, apesar da calça e da camisa amassadas, combinavam com as que ele vestia quando foi para a casa do lago.

– E ele está mancando também – observou Berry.

Starks parecia normal, um homem comum sem nenhum aspecto sinistro. Mas vê-lo de novo fez Berry estremecer de nojo e de medo.

– Ninguém notou que ele estava só de meias? – perguntou Caroline.

– A loja fica aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

O subdelegado apontou para o registro digital da hora, na parte de baixo da tela.

– Ele entrou às três e doze da madrugada. Nessa hora, só uma equipe básica cuidava da imensa loja. Havia um punhado de fregueses, mas dá para ver que Starks evita percorrer os corredores em que havia outros compradores.

Oren apressou-se em pegar um par de sapatos esportivos e em efetuar o pagamento. Entrou e saiu da loja em poucos minutos. Caroline perguntou:

– Por que ele não calçou o sapato e simplesmente saiu da loja? Por que se arriscar a ser reconhecido pelo caixa?

– Por que se arriscar a ser pego roubando a loja?

– E não seria jogo para ele – disse Berry.

Os outros olharam para ela.

– Ele sabia que as câmeras de segurança iam registrar seus movimentos. Ele está dizendo para nós: posso ser assassino, mas não sou ladrão.

– Tem certeza de que esse é o nosso homem? – perguntou Stevens.

– Positivo.

– Ski também disse que era ele, mas queria a confirmação de qualquer jeito. Ele é sempre cuidadoso assim.

Saíram em fila da sala do gerente e passaram pelos corredores de mercadorias da loja, em direção à saída. Não havia sinal de Dodge e do jovem na lanchonete, mas, quando saíram da loja, eles o viram conversando em pé com a subdelegada, que falava com ele antes de Dodge assumir. O rapaz parecia muito mais falante, a policial tomava notas sem parar.

– Acho que o seu homem fez o rapaz se abrir – observou Stevens, quando levava Berry e Caroline para onde Ski e Dodge estavam. Dodge deu uma longa tragada num cigarro. Ao chegar mais perto, Berry ouviu quando Dodge disse, soprando fumaça:

– É impressionante como um cara passa a cooperar quando o pau dele está na aposta.

Berry não pôde deixar de sorrir.

– Será que posso perguntar?

Dodge deu um largo sorriso, mas foi uma expressão gelada.

– O caixa. Eu disse para ele que sua agressividade precisava de um reajuste, agora mesmo, senão... Eu me fiz entender de modo que ele acreditasse.

– O que ele disse sobre o Oren?

Dodge estava apagando um cigarro e acendendo outro, por isso Ski respondeu por ele.

– Ele nunca ouviu falar de Oren Starks. Acabou de se mudar para cá, vindo de Fort Worth, para morar com a avó, e tudo a que assiste na televisão é o canal do tempo. Como também não frequentou a escola daqui, não conhecia Davis Coldare. Ele odeia o trabalho dele, odeia o gerente, odeia o expediente, mas precisa do dinheiro.

– Para comprar droga – acrescentou Dodge. – Ele fumou um baseado no intervalo, meia hora antes de Starks aparecer.

– Você arrancou isso dele? – perguntou Ski.

Dodge sacudiu os ombros.

– Como eu disse, nós chegamos a um acordo.

Ski continuou.

– Starks chegou ao balcão com a caixa de sapato. O caixa escaneou o código de barras. Starks pagou em dinheiro. O caixa lhe deu o troco para três notas de vinte e uma de dez. Lembrava-se disso porque todos os outros fregueses pagaram com cartão de crédito. Ele perguntou se Starks queria uma sacola. Starks disse que não e saiu com a caixa, que encontramos junto com a nota em uma daquelas caçambas de lixo. Estou imaginando que foi lá que ele calçou o sapato novo.

"Depois, fez um número de Gasparzinho e desapareceu", disse Dodge, pondo um ponto final.

– Foi só essa a interação dele com o caixa? – perguntou Berry. – O senhor quer uma sacola? Não. Só isso?

– Temo que sim – disse Dodge. – Perguntei se Starks estava agindo estranhamente. Ele disse que não. Perguntei se agia de forma furtiva ou esquisita. Ele me perguntou o que era *furtiva*, então descrevi o comportamento furtivo, e ele disse: "Bem, sim, quero dizer, cara, acho que sim, pode ser." Entenda do jeito que quiser.

Antes de poderem concluir qualquer coisa, o celular de Berry tocou. Ela o tirou da bolsa e tocou no visor.

– Alô.

– Alô, Berry.

O coração dela quase saltou pela boca. Mesmo pelo celular, apesar do barulho no estacionamento, não havia como confundir a voz de Oren.

– Surpresa de ouvir minha voz? – ele perguntou.

Caroline e Dodge estavam se bicando por causa do cigarro dele, mas o olhar cinzento de Ski se fixou nela. Ele percebeu a expressão chocada, fez sinal para os dois ficarem quietos e chegou bem perto de Berry, com um ponto de interrogação nos olhos.

Ela fez que sim com a cabeça, molhou os lábios e disse ao celular:

– Sim, Oren. Estou muito surpresa. Onde você está?

Ele deu risada e aquele som horrível provocou arrepios nos braços dela.

– Você bem que gostaria de saber, não é?

Oren cantarolou alguns acordes de uma canção de boca fechada.

Berry virou o visor do celular para Ski para ele poder ver o número que mostrava. Ski o rabiscou com uma caneta na palma da mão e mostrou para Dodge. Dodge jogou fora o cigarro e correu para um grupo de subdelegados de polícia.

Ski fazia um movimento rotativo com a mão, indicando para Berry que ela devia continuar falando. Mas era difícil para ela seguir uma linha de pensamento com toda aquela comoção acontecendo em volta. Pensou em mudar para fones de ouvido, mas teve medo de que Oren percebesse que os outros estavam ouvindo e desligasse.

– Diga onde você está, Oren, que vou até aí ajudá-lo.

– Ajudar? – Ele descartou a hipótese com um grunhido. – Ah, sei.

– Você precisa de ajuda. Está ferido.

– Falta de jeito minha de cair da escada na sua casa. Perdi a mira, se não, você estaria morta.

Foi difícil ignorar isso, mas Berry ignorou.

– A sua perna está quebrada?

– Não tenho certeza.

Ele respondeu tranquilamente, como se Berry tivesse perguntado se ele achava que ia chover.

– Está roxa. Muito inchada.

– E doendo muito, tenho certeza.

– Nada que não possa contornar com ibuprofeno.

– Você precisa ser examinado. Talvez tenha uma infecção que pode ser fatal.

– Ah, não vou morrer assim vergonhosamente, Berry. E não morro sem levar você junto comigo.

Ela estremeceu. Ski segurou-lhe o braço com força e firmeza e deu ânimo para Berry continuar.

– Raciocine, Oren, por favor. Você está metido numa baita encrenca. Ben vai ficar bom. Mas o menino que você alvejou ontem à noite morreu.

– Aquilo não foi culpa minha.

– É o que nós achamos também.

– Nós? Quer dizer, você e o policial Nyland?

À menção do nome dele, Ski ergueu as sobrancelhas e Berry percebeu que ele podia ouvir a voz de Oren ao telefone.

– Como sabe o nome do subdelegado Nyland?

– Ele é mencionado em todos os noticiários.

– É, bem, ele acha que você não teve intenção de matar o menino Coldare.

Ski meneou a cabeça, aprovando o que Berry tinha dito.

– Ele acha que aquele tiro foi um acidente.

– Ah, aposto que acha.

– Acha, sim. Ele me disse. Quer te dar o benefício da dúvida, Oren, mas você está agindo de forma a parecer culpado. Entregue-se e...

– Ele está com você agora, ouvindo tudo.

– Não está, não. Eu estou sozinha.

– Mentirosa. Tem barulho demais ao fundo.

– Estou numa lanchonete esperando o meu pedido.

– Que lanchonete?

– Que diferença isso faz?

– Qual lanchonete? Eu passei a conhecer Merritt muito bem. Você está no Chicken Shack, ou no The Smokehouse? – Então ele gargalhou. – Nem se dê ao trabalho de responder. O que quer que diga, saberei que não é verdade.

– Oren...

– Cale a boca e preste atenção, Berry. Eu vou matar você. Vou matá-la bem devagar. Vou ficar vendo você morrer e vou adorar isso. Vire-se.

– O quê? – Berry perguntou, com a voz rouca.

– Está uma confusão muito grande aí na Walmart esta manhã. Ora, aposto que uma pessoa pode ficar bem à vista e continuar despercebida.

Ela deu meia-volta e examinou rapidamente cada rosto, à procura do dele.

– *Bu!*

Oren deu aquela sua risadinha aguda, cantarolou mais algumas notas de uma música e o telefone ficou mudo.

Berry deixou a mão que segurava o telefone celular cair ao lado do corpo. Caroline se adiantou e pegou o aparelho antes que a filha o deixasse cair. Ski permaneceu na frente dela, firme como uma coluna, ainda segurando seu braço.

Dodge chegou bufando.

– Pegaram o celular no GPS. De algum modo, Starks voltou para Houston daqui, porque é lá que ele está.

– Não pode ser – disse Berry com a voz fraca.

Dodge olhou para ela, desconfiado. Ski disse para ele:

– Ele sugeriu que podia vê-la, que está aqui.

– Aqui? Nada disso. Só está tentando assustar você.

– Bem, está funcionando. Ele disse que sabia que Ski estava comigo. Disse que estava uma confusão danada aqui no Walmart. Como poderia saber se não estivesse aqui, vendo?

– É fácil de adivinhar – disse Dodge. – A essa altura, ele já deve saber que foi seguido até a loja e que a primeira coisa que iam verificar seriam as câmeras de segurança, para confirmar que ele esteve aqui. Ele está manipulando você.

Dodge se virou de novo para Ski e continuou:

– A localização exata dele não apareceu, mas as coordenadas do GPS foram passadas para a central da polícia de Houston e para a força especial do município de Harris, que já foi acionada atrás dele. Cara, gostaria de ter todos esses brinquedinhos quando eu era policial.

Berry não duvidou de que Ski tivesse registrado tudo que Dodge tinha dito, mas ele continuava olhando fixamente para ela.

– Você foi ótima – ele disse baixo para ela.

Ela sorriu e meneou a cabeça.

– Obrigada.

– Como é que soou a conversa desse filho da mãe?

– Convencido – respondeu Ski.

– O que ele disse?

– Que ia matá-la. Lentamente. Que ia ficar assistindo a ela morrer e que teria muito prazer com isso.

Dodge resmungou uma obscenidade.

– Deu alguma pista de onde estava?

– No estacionamento da Walmart – disse Berry, sem inflexão.

– Ele não está aqui – insistiu Dodge. – Ele ligou de algum lugar em Houston. Havia algum barulho de fundo?

– Não ouvi nada específico. Você ouviu, Berry? – perguntou Ski.

Ela balançou a cabeça.

Ski moveu a mão para o ombro dela, apertou um pouco e repetiu:

– Você foi ótima. – Depois disse para o grupo em geral: – Se ele ligou de Houston...

– E ligou mesmo – disse Dodge enfaticamente.

– Então eu vou para lá. Dodge, você ainda está com a sua pistola?

– O que você acha?

– Você fica com a Berry?

– Eu quero estar lá quando pegarem esse babaca – disse Dodge.

– Eles ainda não o pegaram.

– Quando o pegarem.

– Você ainda espera botar as mãos nele?

– Isso também. *Especialmente* isso.

Ski balançou a cabeça.

– Sinto muito, Dodge. Você não é oficial. Além do mais, se Starks conseguir escapar da captura de novo, confio mais em você com Berry do que em qualquer outra pessoa.

Dodge xingou, olhou para Caroline, depois para Berry.

– Está bem – disse para Ski. – Não vou tirar os olhos dela.

– Obrigado.

– Mas, mesmo assim, vou atirar no filho da mãe se tiver alguma chance. Conheço um excelente advogado de defesa.

Ski deu um sorriso largo, virou-se e foi andando para longe.

– E, Ski, tem mais uma coisa.

Ski parou e virou para trás.

– Sabe aquele número de onde Starks ligou? – disse Dodge.

– Tenho certeza de que a polícia de Houston está verificando de quem é.

– Nem precisa – disse Dodge. – Você não reconhece? É do celular de Sally Buckland.

CAPÍTULO 18

– Não deu em nada – disse Dodge, derramando uma dose de uísque num copo alto e o passando para Berry.

– Não, obrigada.

– Beba uns goles. Para ajudar a se acalmar.

– Não posso beber. Vou para Houston em breve.

Ele botou o copo na mão trêmula de Berry.

– Só dois goles.

Dodge tinha seguido Berry e Caroline na volta para a casa do lago e grudou no para-choque de Berry pelo resto da viagem. Quando chegaram à entrada da estrada que ia dar na casa, ele abaixou a janela do carro e disse ao subdelegado de guarda que, caso visse qualquer pessoa estranha na propriedade, atirasse primeiro e fizesse perguntas depois.

– O que o Ski disse?

– Ele disse para atirar duas vezes – mentiu Dodge. – Passe isso para o seu companheiro lá no cais.

Dentro da casa, satisfeito de ver que a segurança não tinha sido violada, ele perguntou para Caroline se tinha alguma bebida em casa. Ela indicou um armário na sala de estar, ele pegou uma garrafa de uísque e serviu a dose para Berry, que agora bebia conforme ele recomendara.

– Obrigado.

– E a Sally Buckland? – perguntou Caroline.

Dodge suspirou, mas sabia que ela ia insistir até ele dar uma explicação completa.

– Como eu disse, a única conversa que tive com ela não resultou em praticamente nada. Liguei para ela...

– Por que estava ligando para ela?

– Porque achei que talvez pudesse obter mais informações dela do que Ski. Ele é bom, mas os modos de alcova dele precisam de mais treino.

– E os seus já foram aperfeiçoados.

– Mãe, por favor – disse Berry, cansada. – Deixe Dodge contar o que sabe. – E voltou-se para ele. – Como conseguiu os números dos telefones de Sally?

– Vou chegar lá. A questão é que liguei para o celular dela várias vezes. Ninguém atendeu, mas finalmente consegui falar com ela pelo telefone fixo. Ela foi evasiva comigo como tinha sido com o Ski. O tiroteio aqui não era da conta dela, ela não vira nenhuma das pessoas envolvidas desde a saída da Delray Marketing, blá-blá-blá.

– Ela disse que eu estava mentindo quando disse que Oren me perseguia? – quis saber Berry.

– Quase palavra por palavra do que ela disse para o Ski.

– Isso é incompreensível – murmurou Berry.

– Obtive os mesmos rodeios daquela senhora que Ski ouviu. Resolvi deixar passar uma noite, depois tentei falar com ela de novo esta manhã, com a esperança de pegá-la com um humor mais cooperativo. Ninguém atendeu nenhum dos telefones.

– Ela deve ter reconhecido o seu número no identificador de chamadas – disse Berry. – Não queria falar, por isso não atendeu.

– Foi o que eu pensei – disse Dodge. – Então resolvi passar lá hoje para falar com ela cara a cara, ver se entendia melhor qual era a dela, mas vocês sabem como foi o dia de hoje por aqui.

Berry não sabia das fotos que Dodge conseguira enganando o subdelegado para que as entregasse e, por enquanto, ia continuar sem saber. Ski parecia pensar da mesma maneira, senão já teria contado para ela. O telefonema de Oren abalou Berry completamente. Caroline também não parecia nada tranquila. Ski o tinha encarregado de proteger as duas, e incluído nisso estava omitir informação que não fosse absolutamente necessária para as duas. Saber daquelas fotografias só ia servir para aumentar o medo delas.

Dodge continuou o assunto de onde tinha parado.

– Ontem Sally Buckland defendeu Oren Starks. Hoje ele está usando o celular dela.

Berry mordeu o lábio inferior.

– Isso não parece nada bom, não é?

– Nada mesmo.

– Estou preocupada com ela.

– E tem de estar.

– Você acha que ela está em perigo?

Dodge franziu a testa.

– Não era isso que eu ia dizer.

– Você está pensando em alguma coisa – disse Caroline. – O que é?

– Starks e Sally Buckland podem estar juntos.

– Eu me recuso a aceitar isso – disse Berry.

– Então, dê alguma ideia melhor.

– Não sei, Dodge. Mas tenho certeza de que Sally odiava o Oren. Talvez até tivesse tanto medo dele como eu passei a ter.

– Até antagonistas podem se unir contra um inimigo maior – disse Dodge.

– Eu? Eu sou a inimiga?

– Não ponha a carroça na frente dos bois. Estou só examinando algumas ideias. Será que é remotamente possível que os dois tenham se juntado para se vingar de você por alguma coisa?

Berry bebeu mais um gole de uísque. Dodge notou que a mão dela tremia quando levou o copo à boca.

O silêncio se prolongou. Depois de um tempo, Caroline disse:

– Confio no Ski para arrancar algumas respostas da Sally.....Buckland.

– A primeira coisa que ele vai perguntar para ela é sobre Amanda Lofland.

Dodge soltou essa afirmação como um peso morto, de propósito, e observou atentamente a reação de Berry. O espanto dela pareceu autêntico, até para o olhar sagaz dele.

– Amanda e Sally? Qual é a ligação?

– Você não sabe?

– Eu nem sabia que elas se conheciam.

– Mas se conhecem.

– Como é que você sabe?

– Furtei o celular de Amanda Lofland ontem.

– Você *o quê*? – disse Berry. – Por quê?

Ele deu de ombros.

– Curiosidade. Verifiquei os contatos e o histórico de ligações.

– E encontrou o número da Sally Buckland na lista – disse Caroline.

– Isso. Ligações de uma para outra por algumas semanas. A senhora não deve apagar o histórico nunca. Mais tarde, devolvi o celular para o Ski. Se ele fez seu dever de casa, e acho que podemos supor que fez, deve ter visto aquelas mesmas chamadas e imaginado o que as duas senhoras, e mais o Oren Starks, têm em comum. Como é um rapaz astuto, ele concluirá a mesma coisa que eu concluí. – Dodge olhou para Berry. – Você.

Berry não comentou. Em vez disso, abaixou a cabeça e ficou olhando para o uísque no copo.

– Mas o Ski não conversou com você especificamente sobre a Amanda Lofland? – perguntou Caroline.

– Não, mas ele ligou quando eu estava no carro, seguindo vocês para cá. A cabeça dele está seguindo a mesma trilha que a minha. Ele perguntou se eu achava possível que Sally Buckland e Oren estivessem trabalhando juntos, que talvez ela tenha pegado Starks no estacionamento da Walmart.

– O que o fez pensar assim? – perguntou Caroline.

– Ele já tinha informação da polícia de Houston. Os policiais enviados para a casa da Buckland informaram que não tem ninguém lá. A garagem está vazia. Eles emitiram um boletim sobre o carro. O celular dela dá direto na caixa de mensagens. Que não é nenhuma surpresa. Depois de ligar para Berry, Starks não ia deixá-lo ligado de jeito algum.

– E isso me lembra uma outra pergunta – disse Caroline. – Por que ele usou esse celular para ligar para Berry? Por que ligar para ela, aliás?

– Ski e eu também ficamos confusos com isso – admitiu Dodge. – Não faz sentido. Starks devia saber que íamos rastreá-lo assim, só que ele escolheu um lugar excelente para ligar. Adivinhe qual.

Antes de Caroline ou Berry arriscar um palpite, ele disse:

– Minute Maid Park. Ele ligou bem na hora em que o jogo dos Astros estava terminando. A polícia de Houston está vasculhando toda a área, mas ninguém sabe que carro Starks está usando.

– O carro de Sally Buckland? – arriscou Caroline.

– É o melhor palpite. Mas ninguém pode ter absoluta certeza de que ele está nesse carro. E, mesmo se estiver, levaram um tempo para botar o número da placa no circuito, portanto ele pode ter escapado antes de alguém começar a

procurar aquele carro. Para piorar a confusão ainda mais, havia milhares de pessoas saindo do estádio de beisebol. O trânsito estava engarrafado.

Com certa relutância, Dodge reconheceu.

– O filho da mãe não podia ter sido mais esperto.

Berry disse com a voz rouca:

– O que você está querendo dizer é que ele escapou de novo.

– É – disse Dodge, tenso. – É isso que estou dizendo. Mas tenho de acrescentar que sinalizar o lugar onde está para as autoridades parece burrice para um homem em fuga.

– Ele não é burro. Longe disso. Ele usou o celular de Sally por algum motivo. Ele ligou para mim por algum motivo. Nós não sabemos quais são esses motivos, mas eu garanto que tudo que Oren faz é parte do seu plano principal.

Ela deixou o copo com o resto do uísque na mesinha de centro e se levantou.

– Vou subir para arrumar minha mala.

– É melhor terminar esse uísque – disse Dodge –, porque você não vai para Houston esta noite.

Berry levantou um pouco o queixo.

– Vou sim, senhor.

– Não vai não, senhora. Pode tirar o cavalinho da chuva.

– Preciso estar na Delray Marketing amanhã de manhã para fazer a minha apresentação.

– Você avisou isso para o Ski?

– Não sou obrigada a fazer isso.

– Ele vai fazer um escândalo.

– Ele tem o trabalho dele, a carreira dele, e eu tenho a minha. O prazo para essa campanha é amanhã. Eu sou a responsável. Representa um ano inteiro de trabalho. Esse projeto é como um filho para mim. Vou apresentar dentro do prazo.

– Berry, eu sei que esse compromisso é muito importante para você – disse Caroline. – Mas, nessas circunstâncias, todos na Delray, inclusive o cliente, entenderiam se você pedisse um adiamento.

– Você adiaria uma venda importante?

Caroline ia responder de alguma forma, mas parece que mudou de ideia e disse baixinho:

– Provavelmente, não.

– Então, deve entender por que eu tenho de estar lá amanhã. Ben não pode ir. Prometi estar lá por ele. O cliente espera que eu faça essa apresentação e a Delray também.

– Que se dane a Delray, que se dane o Lofland, o cliente e todo o maldito mundo! – exclamou Dodge. – Vocês duas já esqueceram que um doido de pedra ameaçou matá-la, Berry?

– Se eu ficar me escondendo aqui e interromper a minha vida, Oren vence – argumentou Berry. – Eu vou.

Ela saiu da sala e subiu a escada.

Dodge botou as mãos na cintura e olhou desafiador para Caroline.

– Você vai ficar aí parada? Faça alguma coisa. Impeça Berry de ir.

– Como? Eu tentei. Estou aceitando sugestões.

– Eu não sei *como*, apenas faça. Converse com ela.

– É impossível, Dodge.

– Certo. Porque ela é tão cabeça dura quanto você.

Caroline passou por ele e foi para a escada.

– E tão ambiciosa como você.

Berry estava decidida a cumprir seu compromisso na manhã seguinte, e Caroline estava igualmente decidida a não ser deixada para trás. Dodge tinha jurado para Ski que não perderia Berry de vista. Resumo da história: os três iam para Houston.

Dodge apresentou objeções razoáveis e resmungou sobre a longa viagem de carro que os aguardava, mas, no fundo, estava até feliz com ela. A teimosia de Berry lhe serviu como pretexto para ir para onde queria mesmo ir. Ele queria encarar o filho da mãe que estava aterrorizando sua filha. Depois de Starks ser preso e de ir para trás das barras, seria mais difícil para Dodge dizer-lhe quanta sorte ele tinha por estar intacto e respirando.

E, se Dodge tivesse bastante sorte para pegar Starks antes da polícia, o homem não ia viver para ver uma cela de cadeia por dentro.

Ficou decidido que iriam no carro de Caroline, mais espaçoso e mais confortável do que o que ele tinha alugado. Sabendo que não ia poder fumar dentro do carro, fumou tanto quanto pôde enquanto esperava as duas arrumarem a bagagem.

Berry foi a primeira a encontrá-lo do lado de fora. Quando desceu os degraus da porta dos fundos, carregando um grande .....portfólio de couro e uma mala pequena, ela viu as guimbas de cigarro que ele tinha apagado no vaso de caladium.

– Você acha que esses vão te satisfazer até chegarmos lá?

– E eu tenho escolha?

A irritação de Dodge fez Berry sorrir. Juntos, eles guardaram as coisas dela na mala do carro. Ela já ia se sentar no banco de trás, mas hesitou.

– Eu sei que você considera essa sua missão um trabalho de babá. Você prefere mil vezes estar lá no meio da ação. Mas, mesmo assim, estou contente de ter você para me proteger, Dodge.

Ela estendeu a mão e tocou na dele.

– Obrigada.

Ele tinha ridicularizado as pessoas que eram sentimentais demais com os filhos. Achava que eram perfeitas idiotas, chatas e provavelmente mentirosas. Mas, quando Berry sorriu para ele, tocou na mão dele, Dodge compreendeu o alcance absurdo, inexplicável e ilimitado do amor paterno.

Só depois de alguns minutos, recuperou o fôlego e diminuiu o aperto no peito.

Já a caminho, ele tentou falar com Ski, mas a ligação caiu na caixa de mensagens. Deixou um recado, informando resumidamente os planos dos três. Não obteve resposta até estarem na metade do caminho para Houston, parados para descansar num grande posto de gasolina. Dodge montava guarda do lado de fora do banheiro feminino, quando seu celular tocou.

Verificou a identidade de quem estava ligando, suspirou e se preparou para o que já sabia que vinha.

– Juro que tentei.

Ele deixou Ski esbravejar e xingar por trinta segundos e depois disse:

– Ela está determinada a se apresentar naquela reunião amanhã.

Ski bufou e, junto com o bufo, soltou mais uma série de palavrões.

– Quero Berry de volta a Merritt assim que terminar.

– Entendi. O que está acontecendo por aí?

Ski falou alguns minutos, depois perguntou:

– Como está a Berry? Quero dizer, além de ser uma chata de galocha.

– Anormalmente quieta.

– Assustada?

– Sim. E ela nem sabe daquelas fotografias.

– Você não contou para ela nem para Caroline?

– Não.

– Ótimo. – Ele fez uma pausa antes de continuar: – Mandei um policial devolver o celular para Amanda Lofland. Não vamos fingir que você não bisbilhotou tudo.

– Você viu os números da Sally Buckland?

– Difícil não ver.

– Berry nem sabia que as duas mulheres se conheciam.

– Você perguntou?

– Perguntei, e ela ficou muito surpresa de saber que as duas tiveram contato uma com a outra. O que você acha que elas tinham para conversar?

Ski não quis responder. Laconicamente, ele disse:

– Dirija com cuidado.

E desligou.

Caroline e Berry saíram do banheiro, quando Dodge estava guardando o celular no suporte do cinto.

– Quem era? – perguntou Berry.

– Ski.

– Alguma novidade?

– Falamos sobre isso no carro.

Ele esperou até estarem na estrada de novo para passar as atualizações do Ski.

– Ele está na frente da casa de Buckland, aguardando um mandado de busca para entrar, mas hoje é domingo. Eles têm de encontrar um juiz.

Dodge olhou para Berry pelo espelho retrovisor.

– Ele também perguntou que "palavrão apagado" você pensa que está fazendo indo para Houston. Vou te dizer uma coisa, ele não estava nada

contente com isso. Pensava que você estivesse em segurança, no aconchego da casa do lago com seus homens bem armados, inclusive eu, tomando conta de você.

– Eu não precisava da permissão dele.

– Vou comprar um ingresso para assistir quando você disser isso para ele. Mas, enquanto isso não acontece, ele nos proibiu de passar a noite na sua casa. Mesmo com os policiais de Houston de guarda, que ele acha que conseguiria, não fica tranquilo com você onde Starks poderia encontrá-la com muita facilidade.

– Então onde vamos ficar? – perguntou Caroline.

– Ski vai reservar quartos para nós em um hotel. Ele diz que, já que você e o delegado Drummond são amigos tão próximos socialmente, tem certeza de que vai conseguir que ele aprove essa despesa.

Ski não tinha dito nada parecido sobre Caroline e o delegado, mas Dodge jogou isso por ciúme e despeito.

– Assim que Ski reservar os quartos, ele vai nos avisar para onde ir. Vai procurar arranjar um hotel perto da Delray. E Berry, ele quer o seu, é... "traseiro" de volta a Merritt amanhã, assim que sua reunião terminar. Eu prometi levá-la para lá. Sem discussão. Entendido?

– Perfeitamente. E entendo também o cuidado de ficar em um hotel, mas tenho de passar em casa primeiro.

– Para quê?

– Preciso pegar uma roupa.

– O que tem de errado com essa que você está usando?

Ela e Caroline olharam para Dodge como se ele fosse um imbecil.

Resignado, ele disse:

– Cinco minutos no máximo. Combinado?

– Combinado – disse Berry.

– Agora explique como se chega lá.

O trânsito aumentou quando se aproximaram da cidade. Parecia que a metade dos habitantes de Houston estava voltando para a cidade depois de passar o fim de semana fora. Dodge estava louco para fumar e ficou aliviado quando Berry finalmente disse para ele pegar a próxima saída da congestionada autoestrada.

O bairro para o qual ela o orientou era bem cuidado e indicava dinheiro, e, quando ela apontou a casa, ele ficou ainda mais impressionado. Jamais poderia dar à filha qualquer coisa tão grandiosa como a que ela havia comprado por conta própria. É claro que Caroline devia ter intermediado um bom negócio para ela com aquela casa, mas, mesmo assim...

Ele se sentiu humilhado, intimidado e incompetente quando seguiu as duas até a porta da frente. Sentiu necessidade de se autoafirmar, então tirou a arma do coldre nas costas e se adiantou.

– Eu entro primeiro.

– Eu tenho de desligar o alarme.

– Lembre do que aconteceu com Davis Coldare.

Sem discutir, Berry deu-lhe o código, então Caroline e ela aguardaram na varanda enquanto ele entrava, desligava o alarme, seguia seu faro de cômodo em cômodo, acendia todas as lâmpadas e inundava a casa térrea de luz. Satisfeito de ver que Starks não estava na tocaia à espera de Berry, guardou a pistola no coldre e deu sinal para as duas entrarem.

– Fiquem à vontade.

Berry entrou no corredor e foi até o seu quarto.

– Cinco minutos – Dodge disse.

Se a situação fosse diferente, ele gostaria de explorar a casa da filha. Dava para saber muita coisa sobre as pessoas... Coisas que ele gostaria de saber sobre Berry pelo que havia em sua casa, como era mantida, como era arrumada. Aquela breve visão do lugar indicava que, no sentido de arrumação e decoração, Berry era muito mais parecida com Caroline do que com ele.

Dodge já ia comentar isso, quando Berry gritou.

CAPÍTULO 19

Na rua na frente da casa de Berry, veículos de emergência faziam outros carros desviarem. O gramado estava isolado com fita amarela. Curiosos se reuniam em grupos do outro lado do bloqueio, especulando sobre a natureza da emergência.

Ski passou por tudo isso, mostrou sua identidade para o policial fardado que estava de sentinela na porta da frente e que o deixou entrar e disse que o detetive Rodney Allen, da polícia de Houston, esperava por ele.

O subdelegado entrou em um hall que tinha piso de calcário e um pé de fícus bem alto num canto. Normalmente seria uma entrada convidativa. Mas agora, com a descoberta do corpo de Sally Buckland dentro do closet do quarto principal, a casa tinha se transformado em cena de crime, sua acolhedora domesticidade destruída por tudo que a expressão indicava.

O pessoal da Unidade da Cena do Crime e um fotógrafo andavam pela sala de estar. Ao ver Ski, um dos homens de luvas de látex perguntou:

– Está procurando o detetive Allen? – Quando Ski fez que sim com a cabeça, ele inclinou a cabeça. – Na cozinha.

– O que vocês estão fazendo?

– Esperando o médico-legista terminar lá no quarto para podermos entrar.

Ski olhou para um corredor curto do qual vinha o murmúrio de vozes, depois foi na direção em que o homem tinha indicado e achou o caminho para a cozinha. Dodge estava de pé, encostado no aparador de granito. Ao lado dele, havia um negro bem-apessoado, de cabeça raspada e peitorais bem definidos, do tipo atlético.

Alerta, com todos os músculos do seu corpo compacto contraídos, o negro parecia pronto para qualquer coisa.

Dodge parecia pronto para matar alguém.

Caroline e Berry estavam sentadas a um lado de uma mesa retangular com acabamento rústico, que fazia com que parecesse que tinha sido encontrada em

alguma casa de fazenda francesa depois da Primeira Guerra Mundial. Caroline estava com o braço nos ombros de Berry.

Sentado à mesa diante delas, havia outro homem. Quando Ski entrou na cozinha, esse homem se virou para trás e olhou para ele, arrastou a cadeira para trás, se levantou e estendeu a mão direita.

Ele era alto e de meia-idade. A barriguinha era a única coisa macia nele. Tinha olhos de quem já viu tudo no mundo e uma postura calejada de detetive de homicídios de uma cidade grande. Anos vendo o pior das obras da humanidade tinham deixado marcas indeléveis em seu rosto. O aperto de mão era forte e seco, as palmas, duras feito pedra. As rugas brancas de franzir que partiam dos cantos dos olhos muito azuis contrastavam com o seu bronzeado, e Ski concluiu que era perpétuo.

– Rodney Allen.

– Ski Nyland.

– Aquele é o detetive Somerville.

O negro balançou a cabeça lisa para aceitar a apresentação, mas não disse nada.

– Sente-se – disse Allen.

Ski se sentou e Berry olhou para ele só um momento antes de abaixar a cabeça. Para o detetive, ele disse:

– Obrigado por me incluir.

– Ele era o seu homem antes de se tornar nosso. Na verdade, o indivíduo que matou a sra. Buckland foi o mesmo homem que matou o menino em Merritt ontem à noite.

– Oren Starks certamente deve ser uma pessoa que interessa a vocês – disse Ski.

– Pessoa que interessa, uma ova – resmungou Dodge. – É uma porra de um matador de mulher e de criança.

Ele tinha chamado Ski logo depois de comunicar ao 911 a macabra descoberta no closet de Berry. Ski esperava o mandado de um juiz para fazer uma busca na casa de Sally Buckland, que ficava no outro extremo de Houston em relação à casa de Berry. Mesmo com as luzes de emergência piscando no seu SUV e a velocidade com a qual ele dirigia, tinha levado mais de meia hora para chegar lá.

Durante esse tempo, Allen e Somerville chegaram para investigar o aparente homicídio de Sally Buckland. Num interrogatório preliminar, Dodge contou sobre a investigação de Ski em Merritt. Allen não o tinha convidado estritamente por cortesia profissional. O detetive queria informações sobre o suspeito que Ski e ele tinham em comum.

Ski sabia como ser conciso. Recapitulou os tiros na casa do lago na noite de sexta-feira.

– Ele já estava sendo processado por delito grave. Mas, depois da noite passada, é muito mais sério.

– O garoto – disse Allen bruscamente.

– Davis Coldare levou um tiro fatal num motel. Oren Starks foi identificado por uma testemunha ocular. Ele fugiu do local do crime, depois abandonou seu carro a alguns quilômetros de distância e partiu a pé até uma loja do Walmart. Nós o temos nas gravações das câmeras de segurança.

Ski explicou a compra do sapato e o motivo disso.

– Que horas eram quando ele esteve na loja? – perguntou Allen.

Ski disse a ele.

– Só que, de lá, ele desapareceu. Como se tivesse sido abduzido daquele estacionamento, por isso deve ter pegado uma carona e voltado para Houston, possivelmente com a srta. Buckland.

– Por que acha isso?

– Porque ele usou o telefone celular dela para ligar para a srta. Malone esta tarde, por volta das quatro horas. A ligação foi feita perto do Minute Maid Park. A polícia local foi mandada para lá. Mas Starks desligou o telefone, o jogo de beisebol tinha terminado naquela hora, havia muito trânsito e não sabemos que carro ele está usando. Poderia ser o de Sally Buckland, ou não. O rastro dele esfriou de novo – Ski fez uma pausa para respirar. – É nesse ponto que estamos.

– Bem, não foi Sally Buckland que o pegou na Walmart e o trouxe de volta para Houston, porque às três e pouco desta madrugada ela já estava morta havia bastante tempo. O médico-legista acha que ela está morta há pelo menos vinte e quatro horas, provavelmente mais.

A mente de Ski recuou no tempo com a velocidade de um vídeo voltando.

– Falei com ela ao telefone ontem à tarde.

– Eu também – disse Dodge.

– Então ela deve ter sido assassinada logo depois desses telefonemas – disse Allen. – A necrópsia pode ajudar a determinar a hora da morte com mais precisão, mas o cara que está lá dentro agora é muito competente, está no cargo de legista há anos, vê corpos o tempo todo. Ele estimou que ela morreu na tarde de ontem.

Dodge xingou baixinho.

– Ela parecia aflita, nervosa, quando defendeu Starks. Achei que estava do lado dele porque os dois estavam juntos nisso. Agora entendo que ela estava com medo. – Ele encarou Ski. – Starks estava com ela quando eu liguei.

Berry curvou os ombros e apertou os braços contra o corpo.

– Você está adivinhando – disse o detetive de Houston.

– Acho que ele está certo – disse Ski. – A minha conversa com ela foi meio esquisita. Não conseguia entender por que antes, mas agora entendo. Sally Buckland devia estar sendo coagida, ou então falava o que sabia que Starks queria ouvir. Ela estava tentando salvar a própria vida.

– Ela levou um tiro na têmpora esquerda – disse o detetive de Houston. – Praticamente à queima-roupa. Mas não aqui. Ela foi morta em outro lugar, e o corpo foi trazido para cá.

– Como foi que ele conseguiu trazer o corpo para cá sem fazer o alarme da casa disparar?

– Estávamos chegando a esse ponto quando você chegou – disse Allen.

Todos olharam para Berry.

Com a voz fraquinha, ela disse:

– Oren tinha o hábito de estar aqui quando eu chegava em casa do trabalho, ou depois de uma noitada. Eu entrava e desligava o alarme. Ele estava sempre... perto. Cercando. Deve ter visto a sequência de números. Eu ia trocar o código, mas aí me mudei para Merritt e pareceu desnecessário.

– Ele assumiu o risco de ser descoberto ao transportar o corpo até aqui – observou Ski.

– Esse risco valia a pena para ele – disse Berry. – Ele queria que eu encontrasse a Sally. Essa era uma parte do meu castigo.

Depois de um breve silêncio, Allen disse:

– A cena do assassinato nos dará mais pistas para seguir, mas temos de descobri-la primeiro.

– Já descobrimos – disse Somerville, cuja voz de barítono combinava com sua constituição musculosa. Ele mostrou seu celular. – Acabei de receber uma mensagem de texto. Os detetives que estão na casa de Sally Buckland encontraram sangue na cama dela. Muito sangue. O travesseiro encharcado. E também um resíduo que parece sêmen nos lençóis. Que é compatível com o que o médico-legista viu nos restos, dentro e em volta...

– Obrigado, detetive – disse Allen, cortando o relatório macabro do seu subordinado.

Mas já tinha sido dito o bastante para Caroline King empalidecer. Berry apertou os dedos nos olhos. Dodge resmungou baixinho e então falou:

– Preciso fumar. – E ele saiu pela porta dos fundos.

Ski olhava fixamente para o topo da cabeça abaixada de Berry e pensava no que Somerville tinha dito, relacionando com as fotos tiradas de Berry no quarto dela, tomando sol, pensava que ela estava linda e incólume nelas, desprevenida e indefesa. Lutou para manter um distanciamento profissional, mas era impossível. Ele queria caçar Oren Starks, pegá-lo e machucá-lo. Muito.

– Detetive Allen – disse Ski –, quando tiver o resultado da balística da bala que matou a srta. Buckland, gostaria de comparar com a que matou Davis Coldare.

– Você o terá assim que eu o receber.

– Não se esqueça de contar para ele sobre a mensagem – disse Berry.

Ski olhou para ela e depois para Allen.

– Mensagem?

O detetive explicou.

– O corpo estava dentro de um saco de roupa com zíper. Um igual aos que minha mulher usa para guardar seus casacos de inverno. Com o cabide por dentro, um grande gancho em cima.

Ski fez que sim com a cabeça.

– Do lado de fora, havia uma mensagem escrita com sangue que deve ser o da srta. Buckland.

– O que dizia?

Ski tinha feito a pergunta para o detetive Allen, mas foi Berry que respondeu com voz desolada.

– Sally agradece a você.

Logo depois, removeram o corpo de Sally da casa para levá-lo para o necrotério, e a equipe da cena do crime entrou no quarto de Berry para procurar provas. Somerville pediu licença para atender uma ligação e, quando voltou para a cozinha, informou a todos que tinham encontrado o carro de Sally Buckland num edifício-garagem imenso, no famoso bairro médico de Houston.

– O tíquete de entrada estava no console, com carimbo de sete e dezessete da noite de ontem.

– Algumas horas depois da minha conversa com ela – disse Ski.

– Os vídeos de segurança têm esse homem...

Somerville virou o celular para Ski poder ver uma foto tirada do vídeo que tinha sido enviada para o detetive.

A imagem estava granulada e fora de foco, mas não havia dúvida de que o homem ao volante era Oren Starks.

– É ele.

Somerville então mostrou o celular para Berry confirmar a identidade. Ela prendeu os lábios com os dentes e meneou a cabeça.

– Isso foi gravado quando ele entrou no estacionamento – continuou Somerville. – Mas Starks não foi capturado pelas câmeras dentro de nenhum dos prédios do conjunto.

– Ele deve ter deixado outro carro estacionado ali perto – disse Ski. – Supostamente o Toyota vinho.

– O patrulheiro que encontrou o carro – disse Somerville – contou que há marcas de sangue no assento do motorista e na mala do carro. Parece que Starks matou a srta. Buckland na casa dela, trouxe-a para cá no carro dela mesma, foi para o edifício-garagem e o abandonou lá, onde ficaria um tempo sem provocar suspeitas. Pacientes e membros das famílias às vezes passam dias naqueles centros de tratamento.

– Starks trocou de carro dentro da garagem e saiu dirigindo o outro carro – disse Allen.

– Eles não tiram fotos dos carros que saem – explicou o parceiro dele. – O que é uma pena.

Allen notou a testa franzida de Ski.

– O que foi, subdelegado Nyland? Não gostou dessa hipótese?

– Gostei sim. Só que, se for assim, Starks estacionou o carro no edifício-garagem no bairro médico, foi a pé até a casa de Sally Buckland, matou-a lá mesmo e pegou o carro dela. Certo?

– Acho que sim.

– Muito bem. Do bairro médico até a casa dela é uma distância de quanto? Pelo menos uns cinco quilômetros?

Somerville deu uma sacudida negligente de ombros.

– Uma caminhada de trinta minutos.

– Para você e para mim – disse Ski. – Mas não para um homem que está ferido em uma perna.

– Ele me disse que estava preta, roxa e inchada – disse Berry.

– Um homem mancando não teria chamado muita atenção naquele bairro – disse Somerville. – São muitas clínicas de reabilitação. De cirurgias ambulatoriais. Pessoas de muletas, cadeiras de rodas. Um cara mancando não chamaria atenção alguma.

– Imagino que não – disse Ski, não muito convencido. – É uma caminhada e tanto para um homem com uma perna inutilizada.

Ele explicou que Starks tinha andado quase dois quilômetros do Toyota abandonado até a Walmart em Merritt.

– Parte do caminho foi em terreno acidentado e no escuro. Se você está certo, ele fez isso *depois* de andar do bairro médico para a casa de Sally Buckland. E não é só isso. Por que ele trocou de carro? Por que usar o carro da srta. Buckland para trazê-la para cá? Por que não o Toyota?

– Ele não queria que o Toyota fosse visto por nenhum dos vizinhos dela, que mais tarde poderiam identificá-lo – disse Somerville.

A explicação do detetive era vaga, mas lógica, e Ski não tinha uma ideia melhor.

– Quais são os dados sobre aquele Toyota? – perguntou Allen.

– O número de identificação do veículo foi raspado. A placa pertence a um Taurus 2001 azul de Conway, Arkansas. Um dos nossos subdelegados conversou com o proprietário. Ele esteve recentemente em Houston, teve a placa roubada quando estava aqui, mas não tem certeza de quando ou onde o furto aconteceu.

– Starks fazia seu trabalho de base.

– Parece que sim. Mas não foi muito esperto da parte dele voltar para Merritt depois de matar Sally Buckland – disse Ski. – Ele devia saber que todos os patrulheiros e policiais no leste do Texas estariam de olho nele com um mandado de prisão pelos tiros na casa do lago. No entanto, depois de trazer o corpo de Buckland para cá, que parece outra coisa temerária, ele voltou para Merritt e se escondeu num motel decadente. Para quê? – Ele balançou a cabeça frustrado. – Não tem sentido para mim.

– Ele tinha um negócio inacabado em Merritt – disse Berry, baixinho. – Isto é, *tem*. Eu continuo viva.

Caroline abraçou-a com mais força.

– Isso é tudo por ora, detetive?

Encerraram a conversa com Allen e Somerville. Quando se reuniram na porta da frente para trocar informações de contato, Ski notou Berry olhando para o corredor, na direção do quarto dela. Quando ela se virou, tinha lágrimas nos olhos. Ia levar muito tempo, se é que um dia isso ia passar, para poder entrar naquele quarto e abrir a porta do closet sem se lembrar da descoberta horripilante que fez. Oren Starks tinha contaminado a casa dela também.

Caroline e Berry passaram pela porta da frente e então o detetive Allen segurou Ski.

– Mais um segundo, subdelegado, por favor?

– Claro.

– Quem é a figura? – Pela porta aberta, Allen apontou com a cabeça para Dodge.

Dodge estava parado perto da fita amarela da cena do crime, fumando e conversando com um policial fardado de Houston.

– É um investigador particular – respondeu Ski – que trabalha para a sra. King.

– Ele está armado.

– Tem porte da arma.

– Foi o que ele disse.

– Então qual é o problema?

O detetive deu de ombros.

– Eu não sei. Tem algum?

– Não. Ele é legal. Foi policial aqui em Houston. Quando você entrou para a força?

– Oitenta e seis.

– Vocês não se encontraram. Ele saiu em setenta e nove.

– Algum motivo específico?

Ski olhou por cima de Allen e viu Somerville encostado na parede do hall de entrada, ouvindo atentamente ao celular.

– Mandou o seu homem ali verificar?

– É, mandei. – Allen sorriu, mas não um sorriso alegre.

– Dodge teve alguns problemas de insubordinação, mas não foi mandado embora. Ele saiu porque quis.

– Ótimo. O departamento de polícia não precisa de um homem assim.

Ski olhou nos olhos do outro e, com voz firme e fria, disse:

– Tem razão. Precisa de milhares. – Ele deixou a ideia ser absorvida um tempo, depois arrematou: – Com licença.

Quando foi se juntar a Caroline e Berry, Dodge também caminhava para perto deles. Ski percebeu, pela sua expressão, que ele tinha obtido novas informações.

– O que foi?

Dodge olhou ressabiado para as mulheres. Caroline falou:

– Não poupe a nós, mulheres de coração fraco, Dodge. Qual é a novidade?

Ele deu uma última tragada no cigarro e o jogou na sarjeta com um peteleco.

– Aquele policial foi um dos primeiros que atenderam ao chamado. Cara falante.

Dodge olhou para Berry e fez uma pergunta que parecia fora de contexto.

– Sally Buckland tinha namorados?

– Não que eu soubesse. Ela não rejeitou Oren por causa de outro homem. Por quê?

– Porque esse policial me disse que a única coisa que ela usava era uma joia. Uma pulseira com elos de prata.

Berry perdeu a cor.

– Com um berloque em forma de coração.

Dodge olhou duramente para ela, depois para Ski, que respondeu à sua pergunta silenciosa.

– Starks deu para Berry uma pulseira como essa.

Ela não elaborou a resposta. Nem precisava. Todos compreenderam o significado da pulseira. Oren Starks estava obcecado por duas mulheres para quem tinha dado joias idênticas. Ambas o rejeitaram. Uma estava morta.

– Por falar nisso, Berry, você acertou – disse Dodge. – Você temia por ela. Sinto muito ter avaliado errado.

– O mesmo digo eu – enfatizou Ski.

– Nenhum de vocês podia tê-la salvado – ela disse com tristeza. – Ela já estava morta havia muito tempo quando Oren usou o celular dela para ligar para mim.

Antes que alguém dissesse qualquer coisa mais, Caroline interveio:

– Berry tem de ir para a cama. Em que hotel você fez as nossas reservas, Ski?

– Num Sheraton a pouco mais de dois quilômetros da Delray. Hotel muito movimentado. Queria que vocês ficassem num lugar cheio de gente.

Caroline pôs o braço na cintura de Berry e a levou até o carro. Os homens seguiram atrás das duas.

– Eu vou na frente, mas fique próximo – Ski disse para Dodge, que ia dirigir o carro de Caroline.

– Ponha sua luz vermelha no teto. Será mais fácil segui-lo.

– Eu não quero ser seguido. – Ski levantou o queixo.

Dodge olhou na direção que ele indicava e viu o mesmo que Ski tinha visto: uma van do noticiário da televisão tentando abrir caminho entre os veículos de emergência.

CAPÍTULO 20

Caroline não estava esperando que Ski os acompanhasse até o hotel, mas ficou feliz com isso. Estava tão exausta que mal conseguia por um pé diante do outro. Berry parecia pronta para cair. A autoridade de Ski eliminou o tedioso processo do registro no hotel. Depois que ele se apresentou para o gerente, o homem os acompanhou pessoalmente até seus quartos e lá garantiu para Ski que Berry estaria a salvo.

– Elas estão registradas como hóspedes especiais, subdelegado Nyland. Nada de nomes.

– Se alguém encontrá-la aqui, inclusive a mídia, *especialmente* a mídia, vou saber de onde partiu a dica.

O recado foi sutil, mas muito eficaz.

O homem murchou e ficou ainda mais aflito para agradar. Encheu o balde de gelo de cada um dos quartos interligados e reajustou o termostato conforme seus hóspedes queriam. Notou o maço de cigarros no bolso da camisa de Dodge e disse, timidamente:

– Esses são quartos para não fumantes.

Dodge lançou um olhar "vai se catar" e tirou o casaco de propósito, para o homem ver que ele estava armado. O hoteleiro rapidamente desejou a todos uma boa noite e saiu de fininho.

Berry pulou, literalmente, quando seu telefone celular tocou. Todos ficaram tensos quando ela leu a identidade de quem estava ligando.

– Não é ele – ela disse e seus ombros relaxaram de alívio. – Mas eu preciso atender. Com licença.

Berry foi para o banheiro para ter privacidade. Caroline notou que Ski olhou intensamente para a porta fechada do banheiro alguns minutos e só depois se virou para outro lado.

Cada hora que passava desde o momento em que Berry soube da morte de Davis Coldare, Caroline a via cada vez mais retraída. Na viagem para Houston, ela ficou estranhamente calada e contida.

Caroline supôs que aquela dissociação da filha se devia à série de acontecimentos traumáticos. Mas ficou imaginando se não havia mais coisas. Berry tinha direito à privacidade, mas guardar alguma coisa tempo demais costumava ser prejudicial. Caroline questionou quanto tempo devia esperar para estimular Berry a confiar o que obviamente representava uma perturbação para ela.

Ski e Dodge examinaram todas as fechaduras das portas para garantir que eram adequadas, depois saíram para a varanda, oficialmente para verificar o nível de segurança dos quartos intercomunicáveis, mas Caroline ouviu que os dois conversavam cochichando.

Quando eles entraram novamente, ela estava parada com as mãos na cintura e saudou-os, querendo saber sobre o que eles cochichavam.

– Contem para mim. Nem Berry nem eu queremos ser superprotegidas.

– O que quer dizer com isso?

– Você sabe o que significa, Dodge – ela disse irritada. – O que está havendo?

– A mídia já tem a história – disse Ski.

Caroline gemeu.

– Chacais com sede de sangue – disse Dodge.

– Segundo o pessoal da delegacia, o assassinato de Sally .....Buckland foi apenas uma introdução – Ski disse para ela. – Prometeram aos espectadores a história completa no noticiário das dez horas. Exibiram fotos externas da casa de Berry. A van da Unidade da Cena do Crime. Allen e Somerville com cara de paisagem quando deixaram a casa. Tiramos Berry de lá bem a tempo. O repórter que estava em cena disse que ela não...

– Não faria comentário algum. – Berry saiu do banheiro e jogou o celular em cima da cama. – E é claro que isso faz com que pareça que tenho alguma coisa a esconder. Ninguém me *pediu* para comentar, não que eu jamais quisesse comentar *nada*, mas a frase certamente tem uma conotação negativa, não tem?

– Como é que você soube? – perguntou Ski.

Ela apontou para o telefone celular quando se sentou na beira da cama, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto nas mãos.

– Meu Deus, esse pesadelo não termina nunca?

Ski esperou um pouco e depois disse:

– Você é identificada como a filha dos magnatas dos imóveis, e isso é uma citação, Caroline King e o falecido Jim Malone, que lhe dá um certo status de celebridade porque os nomes deles são muito conhecidos. Foram mencionados os tiros na casa do lago.

– Resultado de um triângulo amoroso – ela disse sem levantar a cabeça.

– Supostamente.

Dodge sibilou um palavrão. Caroline se sentou na outra cama de casal. Queria ficar junto com Berry, mas achou melhor se conter.

– O que realmente me deixa p da vida – disse Ski –, desculpe, Caroline... é que o que estão explorando é essa história de triângulo amoroso.

Berry levantou a cabeça e disse, zangada:

– Não houve nenhum triângulo amoroso.

– Eu entendo, Berry – ele disse, num tom parecido com o dela. – O que quero dizer é que o assassinato de Davis Coldare está sendo noticiado como se praticamente não tivesse importância alguma. É só uma nota de rodapé. A mídia está enfatizando como Sally Buckland podia se encaixar num *ménage* sórdido, quando o fator importante é que Oren Starks é um assassino de sangue-frio que continua solto por aí.

Berry murchou um pouco.

– São as chamadas picantes que mantêm os espectadores ligados até as dez. Sexo e escândalo os deixam excitados. Ou não.

Ela jogou a cabeça para trás e usou as duas mãos para afastar o cabelo do rosto. Caroline viu marcas de lágrimas secas na face da filha.

– Certamente o meu chefe na Delray ficou preocupado com o meu envolvimento.

Caroline olhou para o celular largado na cama.

– Era com ele que você estava falando?

Berry fez que sim com a cabeça.

– Os meus dias na Delray acabaram.

– O quê? – Caroline ficou imediatamente de pé. – Ele demitiu você?

– Não seja ridícula, mãe – disse Berry com uma risada amarga. – Se tivessem me demitido por causa disso, eu os processaria e eles sabem disso. No entanto... e trata-se de um enorme "no entanto", a posição da Delray é que a firma leva a saúde mental de cada funcionário muito a sério. Diante da

sucessão de traumas pelos quais passei nesses últimos dias, não seria melhor para mim e, por extensão, para a firma, se eu tirasse uma licença prolongada? Quando eu garanti para o meu chefe que minha saúde mental ficará perfeitamente recuperada assim que Oren estiver sob a custódia da polícia, ele insistiu para que eu desse um tempo para me recuperar desses acontecimentos traumatizantes. Em outras palavras, todos na Delray querem que eu não apareça muito por lá.

– E a sua apresentação amanhã?

– Ah, sim, a minha apresentação. Quanto à minha participação na campanha, de hoje em diante, o cliente nem sonharia em ser uma fonte adicional de estresse nesses momentos difíceis. Por isso, eles resolveram esperar até Ben estar totalmente recuperado desse ferimento para poder apresentar a proposta da campanha, *assim como* para assumir total responsabilidade pela sua implementação.

Caroline estava bufando de raiva.

– Espere um segundo. Você está dizendo que... Se entendi bem, você está sendo considerada mentalmente *incapacitada* para tudo isso, mas Ben Lofland não?

– Parece que é isso, sim. E, se fosse o caso de terem alguma dúvida da força de Ben, emocional e, ou, física, Amanda, numa conversa longa e esclarecedora, esta tarde, por telefone garantiu ao nosso chefe que Ben está pronto para assumir a liderança e seguir em frente com a campanha. Eu imagino que ela tenha me pintado como uma mulher de vermelho que sofre com as estocadas e flechadas da minha própria traição.

– Aquela sem-vergonha!

– Ela estava com as garras de fora mesmo. – Berry deu outra risada seca e triste. – Eu fico pensando. Se Oren tivesse atirado em mim, em vez de no Ben, será que eu seria considerada uma heroína? Ou continuaria a ser vista como a destruidora de lares que teve o que mereceu? Esse é um bom tópico para debate, não acham?

– O que eu acho – disse Dodge – é que seus patrões nesse lugar são verdadeiros babacas medrosos. Vai ser melhor para você se nunca mais puser os pés lá.

– Concordo com você e tenho certeza de que essa foi a reação que a Delray previu e torceu para que eu tivesse – disse Berry. – A preocupação com o meu bem-estar que o chefe manifestou efusivamente era, na realidade, a rede de proteção dele. Ele quer que eu me demita. Só precisa que essa decisão seja minha, de modo que fique com as mãos limpas. Por enquanto, deixo isso em aberto. É bom que eles se preocupem algumas semanas. Mas eu já sei qual vai ser a minha decisão final.

– Na minha opinião – disse Ski –, você é areia demais para o caminhão deles.

Berry levantou o rosto e olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas.

– Obrigada – disse-lhe com a voz rouca.

– De nada.

Os dois ficaram alguns segundos como que esquecidos de que Caroline e Dodge ainda estivessem no quarto, então Ski despertou e voltou ao aqui e agora.

– É melhor eu ir.

– Tem uma cama extra no meu quarto aqui do lado – disse Dodge. – Pode usá-la.

Ski agradeceu, mas recusou a oferta.

– O caso do assassinato de Sally Buckland pertence aos detetives de Houston. Tenho de cuidar do caso do Davis Coldare.

– A última notícia que tivemos do Starks, ele estava aqui em Houston.

– É, Dodge, mas não consigo parar de pensar que...

– O quê?

Ski passou a mão na nuca.

– Oren queria desafiar a mim e a todos que estavam à procura dele. Por isso, ele voltou para cá e fez aquela ligação para Berry hoje. Sabia que chegaríamos até aqui e que íamos caçá-lo. Ele quis provocar confusão para que parecêssemos e nos sentíssemos incompetentes. – Ele deu um sorriso de esguelha. – E conseguiu.

– "Spinning Wheel".

Todos olharam para Berry, que tinha dito isso bem baixinho.

– Blood, Sweat and Tears – disse ela. – "Spinning Wheel". Era essa a música que estava tocando quando nos falamos ao telefone.

– Caramba, você tem razão – disse Ski.

– Ora, esse cara não é uma gracinha? – disse Dodge, depois esqueceu qualquer sinal de humor, sarcástico ou não. – Eu preciso matar esse filho da mãe, preciso mesmo.

– Ele estuprou a Sally, não é verdade? – perguntou Berry, dirigindo a pergunta para Ski.

– Eu não sei nada de penetração – ele disse, evasivo. – Talvez tenha apenas...

Ski deixou a frase inacabada, e Berry achou isso bom.

– Só vou saber quando tiver o relatório da necrópsia do detetive Allen.

Eles ficaram um tempo amuados só de pensar no que aquela jovem podia ter sofrido. Então Caroline disse para Ski:

– Você estava falando da sua teoria para ele ter ligado para Berry.

– É. O que realmente me preocupa é que ele pudesse ter alguma coisa na manga quando nos tirou de Merritt.

– Como o quê, por exemplo? – perguntou Dodge.

– Eu não sei. É por isso que preciso voltar para lá. – Ele olhou para Berry. – Suponho que você voltará amanhã de manhã, não?

– Não tenho mais nenhum lugar para ir.

– Está bem. Vou manter a vigilância na casa do lago. Mas vou fazer parecer que tirei todos de lá. Eles ainda estarão lá quando vocês voltarem. Só que invisíveis.

– Preparando uma armadilha para ele? – perguntou Dodge.

– Oren não vai cair nessa – disse Berry.

– Eu também acho que não – disse Ski –, mas não custa nada manter alguns homens a postos, por via das dúvidas.

Ele recomendou que Dodge permanecesse atento, depois se virou para Berry.

– Você vai ficar bem?

A pergunta foi feita num tom baixo, pessoal e excluiu Caroline e Dodge com eficiência. Berry fez que sim com a cabeça, mas foi um movimento tímido. Os dois ficaram se olhando um tempo que pareceu muito longo, então, sem dizer mais nada, Ski foi com passos largos para a porta e saiu.

Assim que a porta se fechou depois da saída de Ski, Berry ficou de pé de um pulo e atravessou o quarto, apressada. Mas parou quando chegou à porta. Caroline viu quando a filha perdeu aquele ímpeto de energia. Ela se encostou na porta, apertou a testa na madeira, ficou assim alguns segundos e depois trancou e passou a corrente com determinação.

Deu meia-volta e foi direto para o banheiro.

– Vou ficar de molho na banheira um pouco – ela disse.

Berry só saiu depois de quase uma hora, enrolada em uma toalha e com outra na cabeça. Sua pele estava rosada e os olhos vermelhos.

– Você esteve chorando – disse Caroline.

– Eu precisava desabafar. – Ela tirou o turbante de toalha e balançou o cabelo molhado. – Mas não sei por que eu choro. Não quando penso nas últimas horas da Sally. Ela e Davis Coldare são as verdadeiras vítimas, não eu.

Ela abriu o zíper da pequena mala, pegou uma camiseta e um short.

– Esperei para pedir o jantar no quarto – disse Caroline.

– Você devia ter pedido. Não estou com fome. Onde está o Dodge?

– No quarto dele. Ele achou que você e eu precisávamos de algum tempo sozinhas.

Berry tirou a toalha e vestiu a roupa de dormir.

– Mais alguma notícia do Ski?

– Ele ligou para Dodge uns quinze minutos atrás. Nenhuma informação. Ele só queria se certificar de que você estava bem. Não parecia feliz por ter de partir.

– Ele não devia ir dirigindo para Merritt sem dormir. Parecia exausto. Você notou os olhos dele?

– Ele não tira os olhos de você.

Berry virou a cabeça e olhou para Caroline, que acrescentou gentilmente:

– O que eu notei foi *isso*.

Berry se deitou na cama, empilhou dois travesseiros embaixo da cabeça e abraçou outro sobre o peito. Nervosa, ficou mexendo na ponta da fronha.

– Nunca ia dar certo, ele e eu.

– Por quê?

– Por mil motivos diferentes.

– Cite alguns.

– Para você poder derrubá-los?

– Um por um.

Berry olhou para o espaço entre as duas.

– Você gosta da ideia de ele e eu virarmos nós?

– Só se você gostar, Berry. Mas vocês teriam a minha aprovação.

– Não alimente esperanças. Somos tipos completamente diferentes.

– Hã-hã. Ele é homem, você é mulher.

Berry sorriu.

– Você sabe o que eu quero dizer. Nós queremos coisas diferentes.

– Mas vocês não querem um ao outro?

Berry olhou séria de novo e Caroline deu risada.

– Nem precisa responder. Acabou de fazer isso sem dizer nada. E, de qualquer maneira, dá para sentir toda vez que vocês estão perto um do outro.

Ela sorriu afetuosamente para a filha.

– Você e o Ski podem querer coisas diferentes, podem ser tipos diferentes, mas isso tudo não tem muito a ver com atração. Ele está lutando tanto quanto você, mas é óbvio que gosta de você.

Berry se virou para o outro lado e olhou para o teto. Uma lágrima escorreu do canto do olho e deslizou para o cabelo molhado.

– Ele não vai.

– O que quer dizer?

– Agora não, está bem, mãe?

Caroline hesitou e depois disse:

– Está bem.

Tinha convidado a filha a se abrir com ela, mas, se ela não estava pronta para isso, era melhor que as duas tentassem descansar. Caroline pôs a mala na cama, abriu o zíper e tirou a camisola que tinha enfiado ali com pressa, antes de saírem da casa do lago. Que parecia muito tempo atrás, muito mais do que as poucas horas que eram.

Naqueles minutos de correria antes da partida, Berry verificou o que havia no seu portfólio, para garantir que houvesse tudo de que ia precisar para a apresentação, que agora não ia mais acontecer.

Dodge ficou esperando as duas perto do carro, fumando um cigarro atrás do outro, sem saber que Caroline o observava da janela do quarto e imaginava por que o rosto dele, com todo aquele cinismo e sinais de maus-tratos incorrigíveis, era o único rosto no mundo ainda capaz de fazer seu coração palpitar.

Ela podia falar com Berry sobre atração, porque conhecia muito bem a dominadora ferocidade dessa atração. Mesmo quando não tinha sentido algum, quando era simplesmente errada, ficava impotente diante dela.

– Eu sempre pensei que fosse Roger Campton.

Caroline, perdida em seus devaneios, não entendeu imediatamente o que Berry disse. Quando afinal percebeu, ficou momentaneamente sem reação. Recuperou o controle lentamente e apertou a camisola contra o peito, como um escudo.

– Eu pensava que meu pai fosse Roger Campton.

Caroline, pega de surpresa e muda, não disse nada.

– Eu estava no colégio – continuou Berry –, na oitava série para ser mais precisa. Roger Campton morreu naquele acidente de avião no México. Uma das meninas da escola contou que a mãe tinha dito para ela que você tinha sido noiva dele antes de se casar com o papai. E ela perguntou se você estava triste por ele ter morrido.

"Eu nunca ouvi falar de Roger Campton. Nem você nem o papai jamais disseram o nome dele na minha frente. Eu disse para a menina que ela estava enganada. Mas ela insistiu, dizendo que a mãe dela não era mentirosa. Por que ela inventaria uma coisa dessas?

"Então, na manhã seguinte, peguei o jornal do papai e li sobre o acidente de avião. Havia toda a história do Roger Campton, que tinha sido criado em Houston, que entrou para a firma do pai logo depois de se formar na faculdade de administração da SMU. De família rica e influente. Proeminente socialmente. Na foto, vi que era muito bonito.

"Como não era casado quando morreu, teci uma fantasia romântica sobre vocês. Ele ficou tão mal de coração partido quando você se casou com papai em vez dele, que permaneceu solteiro. Mas eu achei que você, sensível do jeito como é, devia ter tido uma ótima razão para escolher meu pai no lugar dele.

"Eu estava feliz com as coisas do jeito como elas eram. Amava o papai de todo o coração. Eu não podia lamentar a morte de um homem que eu nem conhecia. Mesmo assim, fiquei contente de ter desvendado o segredo de quem era realmente meu pai."

Berry ficou pensativa alguns segundos, olhando nos olhos de Caroline, depois disse:

– Mas não foi o Roger Campton, não é, mãe?

Caroline balançou a cabeça.

– Depois que o papai morreu e eu dei força para você voltar a sair, você disse que não estava interessada em sair, nem em ter um relacionamento, nada disso. Você me disse que teve um bom casamento, com um marido maravilhoso. Disse que foi a melhor época da sua vida. Eu imaginei que era o mesmo e único homem. – Berry deu um sorriso triste. – Mas não era.

Caroline se sentou na beira da cama.

– O meu pai biológico foi o amor da sua vida.

Caroline fez que sim com a cabeça.

– Dodge.

As lágrimas transbordaram dos olhos de Caroline e escorreram pelo rosto.

CAPÍTULO 21

Houston, Texas, 1978

Dodge estava à espera de Caroline, quando uma enfermeira a empurrou na cadeira de rodas para sair do hospital. A cadeira de rodas era desnecessária, mas política não negociável do hospital.

O carro dele estava parado em local proibido na frente. Um cartaz de quinze por vinte por dentro do para-brisa tinha o logotipo da polícia gravado e fazia com que o carro parecesse bastante oficial para espantar os vigilantes do estacionamento.

Ele estava encostado na porta do carona, de tornozelos e braços cruzados. Quando a enfermeira passou com a cadeira pela porta automática, ele se afastou do carro e foi andando na direção delas.

Caroline olhou para ele através das lentes escuras dos óculos.

– Eu chamei um táxi.

– Dei dez dólares ao motorista por ter vindo até aqui. Eu vou levá-la para casa.

O tom da voz dele não dava margem para discussão. Ele fez sinal para a enfermeira empurrar a cadeira até o carro dele. Ela ficou meio indecisa e perguntou:

– Srta. King?

E só atendeu a Dodge depois que Caroline fez que sim com a cabeça.

Caroline estava saindo com a roupa que usava quando deu entrada no hospital três dias antes. Não tinha nada nas mãos além da bolsa. Dodge tirou a bolsa do colo dela e a botou no banco de trás do carro, então estendeu a mão e a ajudou a sair da cadeira de rodas. Ela agradeceu à enfermeira pela ajuda. A enfermeira desejou boa sorte e saúde, então se afastou com a cadeira, voltando para o prédio.

Dodge perguntou se Caroline queria se deitar no banco de trás.

– Não, eu vou na frente.

Ela teve a impressão de que ele ia protestar, ainda mais quando notou que os movimentos dela estavam muito emperrados e medrosos, mas Dodge a ajudou a se instalar o mais confortavelmente possível, deu a volta no carro e se sentou atrás da direção. Rodaram três quarteirões sem falar nada.

Quando parou num sinal, ele se virou para ela:

– Como está se sentindo?

– Fraca. Como se tivesse ficado três dias de cama.

– Eles não te deram nada para comer?

– Eu não tinha apetite.

– Não a culpo. – Ele fez uma careta. – Comida de hospital...

– Quando é que você esteve em um hospital?

– Nunca. Mas ouvi dizer.

Ela sorriu, mas com os lábios trêmulos, e ele notou.

– Dói? – perguntou Dodge.

– Não tanto como parece que devia. Está horrível. Uma das enfermeiras sentiu pena de mim, eu acho. Foi ela que comprou esses óculos escuros para mim.

Dodge tentava enxergar através das lentes opacas para poder avaliar o estrago, mas o motorista atrás dele tocou a buzina quando o sinal abriu e ele teve de se concentrar na direção.

– Como é que você descobriu? – ela perguntou.

– Jimmy Gonzales.

– Ele não era um dos policiais que me atenderam.

– Era noite de folga dele. Mas a área é dele. Soube na manhã seguinte. Eu estive fora de contato nos últimos dois dias, por isso, ele só conseguiu me encontrar ontem à noite, bem tarde. Liguei esta manhã para o hospital e soube que iam te dar alta.

– Você não tem de trabalhar hoje?

– Avisei que estou doente.

Rodaram mais um tempo em silêncio, então Caroline perguntou:

– Você foi atrás do Roger?

– Eu queria. E ainda quero. Gostaria de matá-lo.

Os dedos dele apertavam a direção com tanta força, que a pele já estava branca.

– Mas não vou.

Ela não disse nada, esperou que ele continuasse.

Dodge finalmente freou em outro sinal fechado e se virou para ela.

– Eu só não o matei porque você me implorou para não fazer isso. E significa muito mais para mim do que o juramento que fiz para ele na noite em que o espanquei.

Nada mais foi dito até chegarem à casa dela. Ele a ajudou a andar até a porta da frente. Ela entrou. Ele também. No chão da sala de estar, havia um vaso quebrado e rosas murchas. A água tinha deixado uma mancha no tapete. Na parede, um quadro torto. Um abajur de pé caído com a cúpula amassada.

Esses testemunhos mudos da violência de Roger não constrangiam mais Caroline. Deixavam-na furiosa. Mas estava furiosa com ela na mesma medida, por ter dado desculpas para a agressividade dele aquele tempo todo, que foi demais. Como se desafiasse aquilo tudo agora, ela tirou os óculos escuros e mostrou o rosto para Dodge.

Ele cerrou os maxilares e balançou o corpo lentamente para trás e para a frente, como se mal conseguisse conter a ira que o dominava.

– Talvez eu mude de ideia quanto a matá-lo.

– Não o faça. Ele não vale isso.

Dodge ia dizer qualquer coisa, mas não disse.

– Agradeço a carona para casa. Obrigada.

– De nada. Eu espero enquanto você arruma suas coisas.

– Que coisas?

– As suas coisas. O que quiser levar. Você vai ficar um tempo na minha casa. Não é nenhum palácio, mas...

– Do que você está falando? Não posso ir para a sua casa.

– Pode e vai.

– Pode esquecer.

– Pegue suas coisas.

– O que lhe dá o direito de me dar ordens? – ela perguntou, zangada. – O seu distintivo de policial? O fato de ter acertado os defeitos verdadeiros do Roger? Você me acusou de ter ficado com ele por teimosia. Bom, então está bem. Eu reconheço. Eu devia ter terminado esse relacionamento há muito tempo, mas o meu orgulho não deixou. Eu não queria admitir que tinha

cometido um erro tão grande assim sobre o verdadeiro caráter dele. Então *tudo bem*, você estava certo. Mas isso não lhe dá o direito de assumir de onde Roger parou.

Ela se empertigou ao máximo da sua altura e, ainda assim, era bem mais baixa do que ele.

– Fui agredida pela última vez, Dodge. Ninguém vai me dar ordens de novo, ninguém vai me agredir, emocional ou fisicamente, nem de jeito algum.

Ele bufou.

– Olha, quando se trata de me expressar, sou péssimo. Sempre parece que estou sendo agressivo, mesmo quando não estou. E não estou. Eu juro. Estou tentando ser gentil... Amigo. Você precisa de ajuda e estou oferecendo ajuda. Mas não importa como eu falo, nem o quanto você resiste, o fato é que não vou deixá-la aqui sozinha. Fim de papo.

– Isso parece bem violento.

– Então me processe.

Ela sorriu, mas um sorriso trêmulo e breve.

– Estarei perfeitamente a salvo. Roger está preso.

– Ele saiu. Ontem à noite. A família dele pagou a fiança.

– Ele não vai voltar para mim.

– Como sabe?

– Ele disse. Ficou lívido de raiva. Disse que estava tudo acabado.

– Ele vai mudar de ideia, e não quero que você esteja aqui quando isso acontecer. O melhor mesmo é você se mudar. Você é corretora de imóveis. Ponha essa casa no mercado. Encontre uma nova.

Ela riu sem alegria.

– Isso seria justiça poética.

– O que quer dizer?

– Foi isso que provocou a fúria dele. Eu estava animada com um contrato pendente. Se conseguir fechá-lo, será minha maior venda até hoje. Eu estava falando sobre isso e Roger disse que esperava que eu fechasse o contrato antes de ter de sair da firma.

"Pensei que tinha entendido mal, mas então perguntei o que ele queria dizer com aquilo e ele afirmou claramente que eu não seria mais uma 'empregadinha' quando me tornasse a sra. Roger Campton. Que não podíamos

ser uma família com dois provedores. O que as pessoas iam pensar? Que ele não era capaz de sustentar a mulher? Eu teria muita coisa para fazer, ele disse, ficaria muito ocupada cuidando dele. Ele jurou que me manteria ocupada.

"Eu dei risada. Disse que ele tinha perdido o juízo se pensasse por um segundo que fosse que eu planejava largar o trabalho, jogar fora a minha carreira, só porque ia me casar." Ela abriu as mãos ao lado do corpo e acrescentou em tom sarcástico: "Isso não pegou muito bem."

– O filho da mãe quase arrancou seu olho.

A sensação foi que tinha arrancado mesmo. O oftalmologista chamado para atendê-la na emergência do hospital disse mais tarde que ela teve sorte da visão não ter ficado prejudicada com aquele golpe fortíssimo.

– Gonzales me contou que os policiais que atenderam ao seu chamado disseram que você nem conseguia ficar em pé direito – disse Dodge.

– Roger socou minhas costelas também. Pensei que tinham fraturado. Acabou que não estavam quebradas, mas ficou tudo muito dolorido. E ainda dói quando eu me mexo mais rápido, ou quando respiro fundo.

– Meu Deus – murmurou Dodge. – Aquele cara...

Ele botou as mãos na cintura e deu uma volta no meio da sala, novamente parecendo um homem que queria esganar alguém. Quando voltou para perto dela, disse secamente:

– Arrume as suas coisas.

– Está bem. Vou arrumar. Você pode me levar para algum lugar. Mas seja sensato, Dodge. Eu não posso ficar na sua casa.

– Por que não?

– Nós mal nos conhecemos.

Ele fez um gesto de quem descarta o argumento.

– Nós vamos nos conhecer. Se está com medo que eu passe de algum limite...

– Não estou.

– Bem, ótimo. Mas, se estiver, pode falar com Jimmy Gonzales. Se eu encostar em você, ele acaba comigo.

– Eu poderia ir para... para... a casa de alguma amiga.

– O Roger não sabe quem são as suas amigas? Pensa que ele não vai procurá-la na casa de uma delas? Aposto que você não contou para elas que ele

bate em você. Terá de explicar como se machucou. Além disso, você sabe muito bem que esse plano não funciona, senão já teria ligado para alguma amiga e não teria gaguejado quando sugeriu.

– Algum motel que permita uma estada mais prolongada, então.

Ele cruzou os braços e pensou.

– Já fiz muitas prisões nesses lugares. São para vagabundos temporários. Prostitutas. Traficantes. Receptadores.

– Nem todos são infames. Alguns são até muito bons.

– Está bem. Digamos que você vá para um bom, que tenha uma clientela decente. Ia dar muito trabalho.

– Muito trabalho?

– Para mim. Eu ia ter de ficar indo e vindo, verificando como você está várias vezes por dia, para ter certeza de que está tudo bem.

– Eu não precisaria disso.

– Mas eu precisaria. E quem diz que Campton não vai caçá-la até encontrá-la?

– Ele poderia me encontrar na sua casa.

– É, mas teria de me matar para chegar até você. Agora chega. Já perdemos muito tempo discutindo isso. Vá pegar as suas coisas.

Ele morava num apartamento que fazia parte de um conjunto com quatro, e o condomínio tinha dez unidades idênticas. Essas unidades eram ligadas por terreno tratado com paisagismo e caminhos iluminados. Havia uma piscina comum, uma quadra de tênis e um clube para uso dos proprietários. Era um lugar em que moravam profissionais solteiros, não gente que investia tempo, trabalho e dinheiro para criar um lar duradouro.

Antes de sair para o hospital, Dodge tinha esvaziado duas gavetas de uma cômoda e a metade do seu guarda-roupa para ela, muito mais espaço do que Caroline precisava.

– Não vou precisar de roupa para ir trabalhar – ela lhe disse quando ele comentou que estavam levando pouquíssima coisa de casa.

– Ah é, e o seu trabalho?

– Falei com o sr. Malone do leito do hospital um dia depois do incidente. Dei a entender que eu tinha sofrido um problema feminino menor que tinha precisado de uma cirurgia. Ele não quis detalhe algum, e eu sabia que não perguntaria nada. Pedi um mês de folga para ter tempo de me recuperar e ficar forte outra vez. Ele disse que eu podia descansar o tempo que precisasse.

– Você precisa de um *mês*? Seus ferimentos devem ser mais sérios do que me levou a crer.

– Não vou precisar desse tempo todo para me recuperar. Como eu disse a você, fico roxa com facilidade e com hematomas profundos. Isso aqui – ela disse, apontando para o olho – vai levar semanas para desaparecer. Vai passar por uma gama de cores variadas. Para evitar perguntas dos clientes e colegas de trabalho, só quero voltar quando tiver desaparecido completamente.

A explicação dela serviu para aliviar o susto, mas Dodge ficou com um certo ciúme dos termos elogiosos com que ela se referia ao seu mentor, Jim Malone. Ao mesmo tempo, ficou contente por ela não trabalhar para um babaca exigente e impaciente, que fosse sovina com licenças de saúde.

Depois de guardar as coisas, ele a obrigou a comer um pouco de purê de batata, que ele mesmo fez. Ele reconheceu que não era nenhum gourmet, mas disse que não passava fome e que tampouco deixaria que ela passasse, embora ela já estivesse a caminho da desnutrição.

Depois que Caroline comeu tudo que aguentava, tomou um dos seus comprimidos para dor e ele a botou na cama. Ela dormiu dezesseis horas e acordou na manhã seguinte bem na hora em que Dodge estava de saída para a fábrica de pneus.

– Marvin? – ela quis saber, semicerrou os olhos para ler o nome bordado na camisa dele.

Ele franziu o cenho.

– Vai por mim, é melhor não saber.

Ele lhe disse que mantivesse as portas trancadas, que não saísse, ficasse na cama o dia inteiro, se quisesse, e ela prometeu fazer tudo isso. Ele disse que mantivesse o número do pager dele à mão, para chamá-lo, se precisasse de qualquer coisa. Ele disse que ia evitar ligar com medo de incomodá-la em seu descanso, mas, se ligasse, deixaria tocar uma vez e depois ligaria de novo. Assim, ela saberia que era ele.

Apesar de todas essas precauções de segurança, Dodge saiu ressabiado.

Quando terminou o turno na fábrica, ele foi para a reunião diária da força-tarefa. Relatou que ainda não havia amor algum entre ele e Franklin Albright. Albright tinha furado um dos pneus do carro dele.

– Burrice fazer isso, porque meu carro estava no estacionamento de uma fábrica de pneus, pelo amor de Deus.

O pneu foi trocado em poucos minutos.

Não tinha certeza se Albright era o culpado, mas não tinha mais nenhum outro inimigo na fábrica, e Albright lhe dera um sorriso debochado quando pegou Crystal na hora em que Dodge e ela saíram juntos depois do turno deles. E Dodge sabia do carinho que Albright tinha por sua faca.

Fazer o papel de saco de pancada do violento ex-presidiário já estava cansando e ficando sem graça, mas era o papel que tinha assumido no início, então tinha de continuar com ele. Nesse meio-tempo, Crystal ficava cada vez mais carinhosa. Recentemente tinha acariciado a mão dele e disse com tristeza que gostaria de tê-lo conhecido primeiro.

Dodge lhe disse que era uma pena ela não saber alguma coisa sobre Franklin para devolvê-lo à penitenciária por muito e muito tempo, e poupá-la do estresse de ter de terminar com ele para que ele, Marvin, e ela pudessem ficar juntos.

O sorriso falhou e Crystal mudou de assunto rapidamente. A reação dela gerou a suspeita em Dodge de que alguma coisa sobre Albright realmente a deixava nervosa, mas ia demorar muito para contar que ele estava planejando um assalto a banco à mão armada.

Dodge achava que estava marcando passo sem conseguir nada, mas ninguém mais da força-tarefa tinha qualquer contribuição para dar, portanto tinha de manter seu emprego de faxineiro e continuar a cantar Crystal com a esperança de obter alguma coisa sobre Albright que o identificasse como o assaltante deles, ou então que o eliminasse da lista de suspeitos. E, nesse processo, evitar ser assassinado por Franklin Albright, o amante ciumento. Agora, ficar vivo era prioridade número um para Dodge. Ele realmente queria viver.

Com Caroline.

Quando chegou em casa, naquela primeira noite, pegou-a cochilando no sofá. Envergonhada, ela se sentou e ficou apertando as mãos, constrangida, pedindo desculpas pelo cabelo despenteado e pela roupa amassada. Aquela insegurança tímida fez o coração de Dodge dar cambalhotas.

– Como foi o seu dia? – ele perguntou.

– Preguiçoso.

– Perfeito.

Dodge tinha levado para casa uma caixa de sopa cremosa de tomate com manjericão, especialidade de um café onde costumava fazer suas refeições. Sentaram-se à mesa da cozinha e tomaram a sopa com pedaços de uma bisnaga de pão francês nos quais ele passava uma boa quantidade de manteiga.

Quando deu para Caroline o segundo pedaço, ela perguntou:

– Está querendo que eu engorde?

– Estou querendo que chegue ao ponto de eu poder vê-la de perfil.

Depois do jantar, que teve também sorvete de baunilha com calda de chocolate, assistiram a um pouco de televisão, mas, por volta das dez horas, Caroline já estava bocejando.

– Desculpe. Não é a sua companhia, eu juro.

– Não precisa se desculpar, eu também estou exausto.

Como tinha feito na véspera, Caroline inventou uma discussão para devolver-lhe a cama dele e dormir no sofá.

– Eu sou menor. Sou a invasora. Não me importo.

– Mas eu me importo.

Por fim, ele não quis mais ouvir falar de Caroline mudar para o sofá, e ela acabou cedendo. Dodge passou sua segunda noite horrorosa naquela coisa duríssima e implacável, mas curtindo cada minuto daquela tortura insone porque Caroline estava sob o teto dele, no conforto da sua cama.

Aquele primeiro dia estabeleceu o padrão dos dias seguintes. Ela acordava todas as manhãs em tempo de se despedir dele, e estava lá quando ele chegava. Por insistência dela, ele abasteceu a despensa e a geladeira com mais comida do que jamais tiveram. Ela queria ingredientes e temperos à mão para poder preparar o jantar toda noite.

– É o mínimo que eu posso fazer para retribuir a sua hospitalidade.

Ele deixou, com a condição de que ela comesse a metade de tudo que cozinhasse e prometesse que não ia se cansar demais.

Ele viu a mancha em volta do olho dela passar de roxo quase preto para violeta, depois para verde-abacate. Ela recuperou a cor natural do rosto. A constituição miúda ganhava mais contornos a cada dia, até que ela deixou de parecer perigosamente subnutrida.

Caroline resmungava sobre o ócio, mas, para Dodge, parecia muito atarefada. Ela lia diariamente a seção dos classificados dos jornais. Lamentava os imóveis que tinha perdido e criava estratégias para compensar o tempo perdido quando voltasse para a Jim Malone Realty.

Fazia anotações intermináveis num caderno espiral que levara de casa, escrevia as ideias que iam surgindo. A sua ambição não diminuiu com aquele problema temporário. Ao contrário, justamente por causa dele, ela estava ainda mais determinada a ficar famosa. Dodge achava que ela queria se destacar por despeito a Roger Campton e à sua família de intocáveis.

Discutia com Dodge os rumos da carreira que tinha planejado, como se ele pudesse dar valiosos conselhos sobre o modo de atingir os objetivos dela no prazo que ela havia estabelecido. Ele tinha pouca coisa a oferecer, mas parecia que ela não entendia isso. Ele se sentia lisonjeado porque ela pedia sempre sua opinião desqualificada.

Ela era mais culta do que ele. Tinha lido mais livros, ouvido mais sinfonias, comparecido a mais palestras e visitado mais museus. Droga, na vida inteira, Dodge tinha entrado em um museu, e só foi a esse porque soube que tinha uma exposição dedicada inteiramente a pinturas de mulheres nuas.

Caroline estava muito acima dele intelectualmente. Mas a forma de escutar quando ele falava fazia com que Dodge se sentisse mais inteligente, como se ela achasse que tudo que ele dizia valesse a pena ouvir.

– Aposto que você tirava dez em tudo na escola – ele a provocou uma noite.

Ela corou, e isso valeu como uma admissão.

Ele deu risada.

– Eu me formei por um triz.

– Mas você tem bom senso.

– Sabedoria de rua.

– Não subestime a importância disso – ela disse sinceramente. – Na sua área de trabalho, isso é vital para se manter vivo.

Ele não podia contar para ela sua missão atual, mas falou de casos anteriores nos quais tinha trabalhado, alguns divertidos, outros trágicos. Ela parecia fascinada até pelas histórias mais comuns.

Em um dos dias de folga da fábrica de pneus, os dois se aventuraram em uma saída juntos pela primeira vez. Ele a levou ao cinema. Ela ficou de óculos escuros até entrarem na sala de exibição e apagarem as luzes.

Compartilharam uma caixa de pipoca. Às vezes, enfiavam as mãos na caixa ao mesmo tempo e começavam uma competição de tapas. Uma hora, quando ela cruzou as pernas, bateu com o pé na batata da perna dele, mas pediu desculpa e chegou para o lado.

Era um filme sobre dois irmãos, um bom, o outro mau, os dois odiavam o pai tirânico, mas amavam a mesma mulher. Havia uma cena em que os protagonistas faziam amor, um amor sensual, voraz, proibido. Dodge nunca sentiu tanto tesão antes com qualquer cena de filme, e não foi por causa da visão de um par de seios famosos que deviam ter um seguro de um milhão de dólares pelo Lloyd's de Londres. Foi porque estava sentado ao lado de Caroline, que tinha seios pequenos, mas que eram objetos de fantasias que o faziam suar e se agitar todas as noites no maldito sofá.

Ele a desejava. Deus, e como. Mas não encostou nela. Com toda certeza, não durante aquela cena do filme. Por menor que fosse qualquer movimento que fizesse nesse sentido, teria destruído a confiança que Caroline depositara nele. Qualquer pessoa que o conhecesse jamais acreditaria que a relação dos dois era casta, mas tirar vantagem da situação dela seria uma violência ainda pior do que a de Campton.

Dodge não pensava no futuro, quando ela não estaria mais lá para recebê-lo na hora em que chegava em casa do trabalho, quando não ouviria mais aquele cantarolar na cozinha, não sentiria mais o perfume do xampu que ela usava no banheiro. Fingia que aquilo duraria para sempre. Sem contar com sua libido selvagem, confusa e caótica, ele estava perfeitamente satisfeito.

Até o dia em que foi derrubado por uma calamidade burra, sem sentido, desnecessária, que o fez desejar pegar um taco de beisebol e atacar Deus onde ele estivesse.

Aquele dia, depois de dar duro na fábrica de pneus, Dodge ligou para Caroline e disse que ainda ia demorar mais uma hora para chegar em casa. Ele foi para o quartel-general da força-tarefa para a reunião marcada.

Devia ter notado a atmosfera contida do prédio imediatamente quando entrou, mas estava pensando em Caroline e na carne assada que ela disse que esperava por ele. Carne assada era um prato que ele associava a muitas coisas. Era uma lareira e um lar. Permanência.

Aquele sonho de olhos abertos com a carne assada nos jantares futuros estava envolto numa névoa tão rosada que ele não percebeu a cara de enterro dos colegas policiais, até notar que todos evitavam encará-lo.

Dodge perguntou para todos:

– O que foi que eu fiz?

Ninguém disse nada.

– O que está acontecendo?

Silêncio.

– Meu Deus. Houve outro assalto? Mataram mais alguém? *Merda!* Foi o Albright? Que banco? Quando?

Uma alma corajosa interrompeu a fala dele.

– Não é isso, Dodge. É... ahn... é...

– O quê? *O quê?*

– É o Gonzales.

Dodge levou um tempo para trocar as ideias do esperto e misterioso assaltante de banco para seu ex-parceiro e melhor amigo. Mas então fez a conexão instantânea entre o ambiente soturno da sala e o nome do Jimmy.

Seu coração parou de repente, com uma pancada. Ele parou de respirar. Ficou engolindo sem parar, mas a boca estava seca, ele precisou cuspir.

– Houve um acidente – disse um dos colegas. – Gonzales foi... Ele não resistiu.

– Sinto muito, Dodge.

– Ei, cara, eu sinto muito.

– Ossos do ofício, mas... Que merda.

– Qualquer coisa que precisar de mim, Dodge, é só pedir. Está bem?

Ele mal registrou aquelas palavras de consolo murmuradas. Deu as costas para os outros e procurou assimilar o que estavam dizendo. Não conseguiu.

Virou-se para eles de novo.

– Jimmy está *morto*?

Quando confirmaram aquilo, balançando a cabeça consternados, ele começou a hiperventilar.

– Calma aí, Dodge.

– Onde ele está?

– No necrotério. Os pais dele estão lá.

– Eu tenho de...

– Dodge, não pode fazer isso!

Ele correu para a saída, mas foi agarrado por trás e começou a se debater loucamente para se livrar das mãos dos colegas.

– Você não pode socorrer um policial, Dodge.

– Pense bem, cara!

– Vai estragar o seu disfarce.

– Que se foda o disfarce! – berrou ele. – E vocês também. Soltem-me.

Ele continuou a gritar obscenidades, mas, com o tempo, ficou exaurido e compreendeu a sensatez do que os outros policiais estavam dizendo. Parou de lutar e eles o soltaram. Caiu sentado na cadeira mais próxima e ficou lá um tempo enorme, tentando se recuperar, desejando não acreditar no inacreditável. Por fim, levantou a cabeça.

– Você disse que foi um acidente. O que aconteceu?

Um astro do rock tinha chegado de avião ao Hobby Airport para um concerto que daria aquela noite no Astrodome. Gonzales, que queria fazer hora extra, se ofereceu para ir em uma das viaturas policiais que serviam de escolta para a limusine do cantor. A hora da chegada dele tinha vazado. Desde o Hobby Airport, a limusine foi perseguida por paparazzi e carros abarrotados de fãs fanáticos enlouquecidos e abastecidos com drogas.

Gonzales e outro policial estavam no carro que ia logo atrás da limusine. Um dos carros que perseguia o cortejo tentou entrar no meio deles e bateu no para-choque da frente do carro da polícia. Eles corriam muito, e o policial que dirigia perdeu o controle. O carro rodopiou e se chocou com um poste de telefone, uma batida de lado com tanta força que quase foi cortado em dois.

Jimmy Gonzales foi.

Cortado em dois.

O capitão perguntou para Dodge se ele queria conversar com o capelão, um conselheiro, um psicólogo. Dodge disse para ele se foder. Não ficou para a reunião.

Rondou um tempo pela cidade, procurando um lugar para desabafar aquela fúria imensa, mas logo percebeu que dirigir sem destino daquele jeito era um perigo para outros motoristas e seus passageiros inocentes. Qual era o sentido de matar alguém num acidente de automóvel? Ninguém ia gostar da ironia. Menos ainda Jimmy Gonzales, que ia repreendê-lo da pedra fria do necrotério em que repousavam suas duas metades.

Ele acabou numa gaiola de rebatedor de beisebol. Era boa a sensação de ter uma coisa sólida e potencialmente letal nas mãos, dando golpes em algo, tão indefeso como Gonzales estava diante das leis da física e daquele maldito poste telefônico.

Só foi para casa horas depois. Mas então o assado já estava guardado. Os olhos de Caroline estavam cheios de simpatia quando ela o recebeu na porta.

– Apareceu no noticiário das dez. Eu sinto muito, Dodge.

Ele meneou a cabeça e passou por ela para ir para a cozinha. Abriu a geladeira, mas não sabia o que estava procurando, por isso ficou apenas olhando sem ver.

– Quero fazer alguma coisa para ajudá-lo – ela disse, com emoção. – Mas não sei o quê.

Ele bateu a porta da geladeira e os recipientes de vidro tilintaram lá dentro.

– Você não pode fazer nada para ajudar. Eu não posso fazer nada. Não posso nem ir ao enterro dele. Fui proibido de ir. Não posso ir ver os pais dele. Gente boa, aliás. Superorgulhosos do filho Jimmy, o policial.

Ele sentiu um aperto na garganta e gemeu.

– Meu Deus.

Caroline se aproximou mais, e ele a afastou.

– Não há nada que você, nem ninguém, possa fazer, está bem? – berrou ele. – Você não entende? O burro devia estar de folga. Em vez disso, está morto! E para quê? Ele morreu protegendo aquela bicha-louca de cabelo cor-de-rosa e calça de cetim verde, cuja voz cantando, francamente, soa para mim como um gato sendo enrabado.

"E a pessoa que provocou o acidente fugiu da cena do crime. Não teve nem a decência de admitir que acabou com um bom policial e grande homem. Devia ser algum viciado em cocaína. Se algum dia eu descobrir quem foi o..." Ele levantou as mãos e cerrou os punhos. "Se algum dia eu descobrir quem estava dirigindo aquele carro, eu o mato com minhas próprias mãos."

– Dodge, você está...

– Você pensa que não estou falando sério, não é?

– Dodge.

– Pense bem, menina. Eu dei uma surra no seu noivo, não dei? Já esqueceu?

– Você está fora de si.

– Eu sou exatamente assim. – Ele deu um sorriso debochado. – Esse sou eu, Caroline. – Ele bateu o punho no peito. – Dê uma boa olhada. Esse sou *eu de verdade*.

Dodge podia sentir o sangue fervendo e pulsando nas veias da cabeça e do pescoço. Sabia que seus olhos brilhavam de fúria, que cuspia com cada palavra que dizia, que devia estar parecendo um animal.

Que devia estar parecendo o pai dele.

Mas, mesmo sabendo disso, não foi capaz de se controlar para não dizer o que seu pai costumava berrar para ele.

– Deixe-me em paz, porra.

Com uma calma extraordinária, Caroline passou por ele e saiu da cozinha.

Assim, Dodge ficou sem ninguém com quem desabafar sua fúria, então jogou-se numa das cadeiras da cozinha, deitou a cabeça na mesa e soluçou até a garganta secar.

Ficou ali até o amanhecer, anestesiado pela dor, chafurdando no ódio contra ele mesmo.

Quando percebeu que o sol estava nascendo, tirou os sapatos e foi, na ponta dos pés, até o banheiro, para lavar o rosto com água fria. A camisa para fora da calça, o cabelo todo despenteado, a barba crescida, de um dia sem fazer. Parecia um homem acabado, depois de uma semana de porre, mas estava cansado demais, física e psicologicamente, para se arrumar.

Quando saiu do banheiro, olhou para o quarto no fim do corredor. A porta estava entreaberta, não exatamente um convite, mas Caroline não tinha se

isolado dele, coisa que teria todo o direito de fazer depois de como ele se comportou; era quase uma obrigação.

Ele foi até lá e abriu a porta. As dobradiças rangeram, mas o barulho não acordou Caroline, porque ela já estava acordada. Dodge sentiu que estava acordada, apesar de virada de costas para ele, deitada de lado, com as pernas dobradas contra o peito. Estava deitada em cima das cobertas, vestida, descalça. Os dedos, pontos perfeitos de carne, alinhados contra as solas dos pés pequenos.

Aquela visão de Caroline fez com que a amargura que ele tinha embalado a noite inteira se desintegrasse, e tudo que restou foi um enorme vazio.

Ele foi até a cama, se deitou bem perto dela, mas sem se encostar. Esperava que ela dissesse para ele se afastar, que não suportava vê-lo, ouvi-lo, sentir seu cheiro. Mas ela não disse nada. Ficou perfeitamente imóvel, e aquela aceitação silenciosa da sua presença deu-lhe coragem para falar.

– Eu me enganei ontem à noite – ele disse, num tom que para ele era um sussurro, mas mesmo assim sua voz pareceu estranhamente alta.

Ele tentou abaixar mais um decibel.

– Quando disse que não havia nada que você pudesse fazer para me ajudar, eu estava errado. Tem uma coisa.

– O quê?

A voz de Caroline foi abafada pelo travesseiro.

– Você já está fazendo.

– Não estou fazendo nada.

– Está sim. Você está... *existindo*.

Ele moveu a cabeça para mais perto, fechou os olhos e encostou o rosto no cabelo dela.

– Só existindo?

– Isso basta. Aliás, isso é muito.

Ela se virou e eles ficaram cara a cara. Caroline não reclamou quando ele passou o rosto no cabelo dela, e Dodge teve medo de que fizesse isso. Ela não adotou uma expressão de alguém que julga. Foi mais de ternura.

– Sinto muito ter perdido o controle.

Ele bufou de desgosto.

– Não, eu passei muito da conta.

– Você estava perturbado.

– Estava. Estou. Mas nada justifica meu modo de agir e as coisas que disse.

– Eu não levei para o lado pessoal.

– Ótimo. Porque não foi nada dirigido a você.

– Eu sei. Eu entendo.

A expressão doce indicou que ela realmente entendia.

Dodge sentiu um nó na garganta.

– Você acha que consegue me perdoar?

– Eu vi o pior de você e continuo aqui.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

– Esse não foi o meu pior, Caroline. Nem de longe.

– Eu continuo aqui – ela repetiu baixinho.

Olhando para os olhos calmos, cor de mel, de Caroline, Dodge sentiu pequenas rachaduras em seu velho e perverso coração. Tinha endurecido muito cedo com a perda da mãe, que o amava, ficou empedernido por causa do pai, que não o amava, depois virou pedra com as incessantes crueldades humanas.

Mas seu coração endurecido não tinha chance alguma de continuar assim quando Caroline olhava para ele do jeito com que fazia agora. As pequenas fissuras se abriram e permitiram que gotas de gentileza, bondade e generosidade entrassem.

Dodge quase sufocou de desejo.

– Caroline. – Ele parou de falar, engoliu em seco ruidosamente, começou de novo: – Caroline, algumas semanas atrás você era noiva de outro homem. – Ele fez uma nova pausa, sem saber como se expressar. – Estou confundindo tudo, droga. O que estou tentando dizer é que...

– Eu sei o que você está querendo dizer.

A voz dela, diferentemente das tentativas fracassadas de Dodge de falar baixo, era um perfeito sussurro. Pouco mais do que um suspiro, uma vibração do ar mais sentida do que ouvida.

Ela chegou para frente e tocou os lábios dele com os dela. Quando se afastou, Caroline examinou todo o rosto dele, registrou as feições que ele sabia não serem de uma beleza clássica. Não chegavam nem perto disso. Até aquele momento, Dodge nunca se preocupara com a aparência. Angustiado, ficou

imaginando se havia qualquer coisa no seu rosto assimétrico que ela pudesse achar atraente.

Ela levantou a mão, ele sentiu as pontas dos seus dedos, macios e frescos como pétalas de flor, tocando-lhe a face e o queixo barbados. Então, ela se aproximou mais e apertou os lábios nos dele de novo. E dessa vez ficaram assim.

Dodge emitiu um som que, se fosse uma mulher fazendo isso, ele ficaria terrivelmente assustado. Parecia um ruído que se ouve no ponto mais escuro de uma selva. Mas Caroline nem piscou. Em vez disso, seus lábios ficaram mais convidativos e relaxados, e a língua de Dodge fez o que as línguas parecem fazer por instinto. Alguns segundos depois, ele não conseguia mais lembrar como era beijar qualquer outra mulher, porque estava beijando Caroline. A palavra *beijo* foi redefinida de repente, deslumbrantemente. Tornou-se um ato de amor, uma união que não era apenas de bocas, mas de almas.

Mais milagroso ainda, ela retribuía o beijo com ousadia e fervor que surpreenderam e excitaram Dodge. Ela foi a primeira a deixar o beijo na boca por outras partes. Afastou a gola da camisa e pressionou os lábios abertos no pescoço dele. Já que estava fazendo isso, certamente não se incomodaria se ele deslizasse a mão por baixo da blusa dela e sentisse sua pele. Caroline não se incomodou. Quando ele passou a mão na coluna delicada e fez um pouco de pressão, ela chegou mais perto, até seu corpo todo encostar no dele, os dois em movimento, colados um no outro.

Ele não sabia bem como um cara fazia para tirar a roupa de uma mulher decente. Não tinha experiência com isso. Mas Caroline resolveu esse dilema para ele. Começou a se despir espontaneamente. Ele arrancou as próprias roupas como se estivessem pegando fogo.

Quando ela se deitou de costas ao lado dele, completamente nua, Dodge foi vítima de um caso terrível de medo de palco. Ela era tão linda que ele teve a sensação de que estava prestes a violar um tesouro nacional, ou um ícone religioso. Talvez houvesse quem achasse o nariz dela arrebitado demais e os lábios estreitos demais, mas ele achava que o rosto de Caroline era o mais lindo que tinha visto em toda a vida. O corpo pequeno e magro não representava nenhum ideal de feminilidade, mas ele jamais desejou um corpo com a paixão que sentia pelo dela.

O sol que entrava pelas frestas das persianas pintava listras pêssego e creme na pele clara, adorável, cheia de sardas. Os mamilos eram rosa virgem e os pelos sobre o púbis macios, ruivos e dourados.

Ela sorriu para ele.

– Você não vai tocar em mim?

Tímido, ele pôs a mão no estômago dela e praticamente cobriu as costelas de um lado ao outro. Ele se sentiu desajeitado. Cabeludo. Enorme.

– Você é tão... rosada. E pequena. Tenho medo de machucá-la.

– Você não vai me machucar.

– As suas costelas...

– Praticamente não doem mais.

Caroline pôs as mãos nos ombros dele e puxou-o para baixo, por cima dela.

– Você não vai me machucar, Dodge.

Então eles começaram a se beijar outra vez e Dodge logo perdeu a inibição. Com uma lambida, os mamilos dela deixaram de ser doces e viraram uma perdição. Ela suspirou o nome de Dodge e se movia inquieta embaixo dele. Caroline segurou-o com sua mão pequena e o orientou para ela. Ele a alisou com a cabeça do membro ereto, a pele macia estava molhada e receptiva, e então, com um gemido baixo, ele a possuiu.

Dodge entrelaçou os dedos no cabelo de Caroline para apoiar a cabeça dela. Encostou os lábios em sua orelha e disse:

– Desejei isso na primeira vez em que a vi. Quis estar com você assim. Dentro de você. Desejei sentir... sentir... – Ele conhecia todas as palavras e frases vulgares para dizer, nenhuma romântica e doce. – Não sei falar isso direito.

Ela virou o rosto e passou os lábios no maxilar dele.

– Você está falando muito bem.

Dodge foi mais fundo e gemeu.

– Meu Deus, você é deliciosa.

– E você também. – Ela cruzou as pernas em volta do quadril dele e arqueou o corpo para cima. – Fique o tempo que quiser.

Ele não ficou, não conseguiu. Não naquela primeira vez. Meses de paixão reprimida levaram-no a uma ejaculação rápida. Mas na segunda vez demorou mais, e na terceira...

Dodge não sabia que felicidade como aquela era possível. Nunca sentira nada igual antes. Nos dias e semanas seguintes, ficou saturado com uma paz e um contentamento tão profundos que nem a tristeza com a morte de Jimmy Gonzales era capaz de alcançar.

Achou que não podia ser mais feliz.

Era um engano.

Seis semanas depois daquela manhã em que fizeram amor pela primeira vez, Caroline disse timidamente que eles tinham feito um filho.

CAPÍTULO 22

– Acordem, madames. Ski acabou de ligar de Merritt.

Dodge abriu a cortina e o blackout.

Berry se apoiou nos cotovelos e franziu os olhos com a luz repentina.

Caroline se sentou rapidamente.

– O que aconteceu?

– Starks andou aprontando de novo. Conto tudo no caminho.

Ele desapareceu pela porta que ligava os quartos deles. Caroline e Berry se entreolharam, ambas parando um pouco para lembrar onde estavam, por que estavam ali, o que tinha acontecido com Sally Buckland e o que tinham conversado até bem tarde na véspera.

Então, no mesmo momento, como se alguém tivesse disparado o tiro da largada de uma corrida, as duas se puseram em ação. Dodge voltou em cinco minutos e as encontrou vestidas, de malas arrumadas, prontas para partir. Como Ski tinha feito a reserva e era o departamento do xerife que ia pagar a conta, puderam sair sem passar pelo check-out.

Dodge foi grosseiro com o guardador de carros do estacionamento, porque ele não pegou o carro deles com a rapidez que desejava. Berry não pôde evitar achar graça na impaciência de Dodge, porque se identificou com ele. Tal pai, tal filha. A ideia provocou-lhe um sorriso.

Ela queria mais tempo para refletir sobre tudo que a mãe tinha dito na noite anterior. Caroline falou até ficar exausta, e Berry, sonolenta demais para reter mais informações sobre o heterodoxo caso de amor que lhe deu a vida. Ela e Caroline combinaram esperar até de manhã para continuar, mas a situação em Merritt evidentemente se tornara imperativa. O resto da história dos pais dela, especificamente por que ficaram separados trinta anos, tinha de esperar por enquanto.

Dodge rosnou imprecações diante do trânsito da hora do rush em Houston. Caroline insistiu para ele dar um tempo e poderem tomar café numa lanchonete drive-thru.

– Você vai ficar insuportável se não tomar café.

– Imagino que um cigarro nem pensar.

Ela nem se dignou a responder, em vez disso, perguntou:

– Quando é que vai nos contar o que aconteceu? Oren Starks foi capturado?

– Não.

– Então o que foi?

– Depois que eu tomar o meu café.

– Você só está sendo cabeça dura porque eu não deixo você fumar.

– Então me processe.

A fila do drive-thru do McDonald's parecia interminável, mas, depois de se abastecerem com copos de café fumegante, Berry falou do banco de trás:

– Agora, Dodge. Comece a falar.

O resumo que ele deu dos acontecimentos foi mal elaborado. Berry e Caroline começaram a disparar perguntas.

– É tudo que eu sei – ele disse, em voz mais alta do que as das duas. – Ski foi chamado antes de poder me dar mais detalhes. Ele só disse para levar vocês de volta para Merritt, então é isso que estou fazendo. Além do mais, eu também quero voltar para lá.

– Você está cansado de bancar a babá.

Ele olhou para os olhos de Berry refletidos no espelho retrovisor.

– Não. Eu só quero estar lá quando esse filho da mãe for capturado. Eu não estive cara a cara com Creighton Wheeler e tinha uma rusga pessoal com aquele cara pelo que ele fez com Maggie.

– Quem é Maggie?

– A cadela do Derek.

Dodge contou a história do playboy de Atlanta que agora cumpria prisão perpétua.

– Puseram-no numa seção para os psicopatas realmente ameaçadores, o que ainda é bom demais para ele. Mas tenho certa pena dos pais dele. Para pessoas ricas, eles até que são legais. Por causa do Creighton, quase todos os amigos deles os abandonaram. Julie é boa para eles.

Dodge continuou falando. Berry percebeu que ele fazia isso para manter as duas distraídas na viagem para Merritt, mas não se importou com isso. Agora tinha um interesse especial em tudo que ele falava.

Confirmada a suspeita de que ele era seu pai, Berry achava difícil se comportar como se ainda não soubesse de nada. Até quando saíram correndo do hotel, ela teve vontade de parar para examiná-lo bem. Via Dodge sob uma nova luz e queria saber tudo que pudesse sobre a vida dele.

Por isso, ouvia seu monólogo digressivo sem interrompê-lo, curtindo o som daquela voz grave, agarrada a cada palavra que saía de sua boca, a maior parte delas interessante, irreverente, ou profana. Embora ele falasse principalmente de Derek e Julie Mitchell, Berry conseguiu concluir, a partir das pistas que ele dava sem saber, alguns fatos sobre sua vida. A imagem que começou a se formar na cabeça dela era bem deprimente.

Já perto do destino deles, Dodge observou:

– Ski disse que podemos nos encontrar com ele na cena do crime, desde que vocês fiquem fora do caminho. Será que vão conseguir?

Caroline e Berry prometeram não fazer nada que prejudicasse a investigação. Dodge parou o carro no portão de entrada de um parque para veículos recreativos. Um carro com a insígnia do delegado na porta estava estacionado transversalmente, fechando a rua. Um subdelegado desceu do carro e foi ao encontro deles. Ele se abaixou para falar com Dodge.

– Sr. Hanley?

– Isso mesmo.

– Siga por essa rua principal até a primeira bifurcação. Vire à esquerda. Vai ver o tumulto.

O subdelegado voltou para o veículo dele e recuou para o gramado tempo suficiente para Dodge passar pelo portão. O parque era bem cuidado e bonito. Berry se lembrou do que Dodge tinha dito para elas mais cedo, e perguntou:

– Ski disse que eles tinham quantos anos?

– Setenta e alguma coisa.

– Deus – disse Caroline. – Quem seria capaz de fazer mal a pessoas dessa idade?

– A mesma pessoa que foi capaz de atirar na cabeça de uma mulher e depois botá-la dentro de um saco protetor de roupa.

Cem metros depois da bifurcação, o tranquilo parque de trailers assumiu a aparência de um acampamento de guerra. Havia ali o dobro de policiais que tinham ido para a loja Walmart no dia anterior e também duas vezes o número

de espectadores e o pessoal que acampava ali, que tinha acordado com a notícia chocante.

Policiais fardados interrogavam todos em grupos ou individualmente. Outros falavam em walkie-talkies, ou celulares. Alguns pareciam não ter nada para fazer, mas procuravam parecer que tinham. Um helicóptero voava em círculos e acrescentava barulho à cena.

Dodge chegou o mais perto que pôde da fita amarela que isolava o local do crime e estacionou ao lado de uma ambulância. A porta traseira da ambulância estava aberta e Berry conseguiu ver um homem lá dentro, bem mais jovem do que setenta e poucos anos, sendo examinado por um socorrista. Dodge desceu do carro e assobiou.

– Delegado!

O jovem subdelegado chamado Andy se virou para trás, viu Dodge, e seu rosto vermelho ficou mais vermelho ainda de raiva. Foi andando devagar até eles. Berry abaixou a janela do carro para poder ouvir o que eles diziam.

Sem preâmbulo algum, o subdelegado disse:

– Você me meteu numa encrenca enorme com Ski.

Dodge não se desculpou pela encrenca, fosse qual fosse.

– É bem feito para você, por ser tão crédulo e cabeça-oca. Seria esperto se aprendesse uma lição com isso. Onde está o Ski?

– No trailer. – Andy apontou com a cabeça para um grande trailer cinza com uma onda azul pintada na lateral. Todas as portas do veículo estavam abertas. – A Unidade da Cena do Crime dos Texas Rangers acabou de terminar seu trabalho lá. Ski está conversando com eles, mas me pediu que avisasse quando vocês chegassem.

Ele pegou o walkie-talkie preso no cinto.

– Aquele ali é a vítima? – perguntou Dodge, olhando para a ambulância aberta.

O subdelegado balançou a cabeça.

– Já transportaram o casal de idosos para o hospital. Aquele é o cara que os encontrou. Tinha sido picado por uma aranha. A ambulância estava aqui, por isso...

A voz de Ski interrompeu a conversa pelo alto-falante do walkie-talkie.

– Atenda.

– Oi, Ski. Andy. Eles chegaram.

– Cinco minutos.

Eles esperaram. Um pouco mais de cinco minutos depois, Ski saiu do trailer. Avistou os três imediatamente e foi até eles, de cara fechada e lábios apertados. Berry desceu do carro junto com Caroline e juntou-se a Dodge logo antes da fita amarela.

Ski passou por baixo da fita. Seus olhos examinaram os de Berry alguns segundos, então ele disse:

– Nós sabemos como Starks fez o truque de desaparecer na Walmart.

Falando com frases curtas, ele explicou que Starks tinha sequestrado o trailer na mira de uma arma.

– Um casal de idosos, sr. e sra. Mittmayer. Tinham acabado de chegar de Iowa. Planejavam passar dois dias aqui antes de ir para Corpus Christi. Queriam conhecer Padre Island.

– Que diabos estavam fazendo na Walmart às três da madrugada? – perguntou Dodge.

– Eles iam passar a noite num parque em Ozarks, mas, quando chegaram lá, estava lotado, não havia nenhuma vaga que prestasse, por isso resolveram vir para cá, a parada seguinte da viagem. Pararam no estacionamento da Walmart para passar o resto da noite até a recepção do parque abrir na manhã seguinte.

"Segundo a sra. Mittmayer, Starks foi mancando até o trailer deles. Parecia sentir dor, estar sofrendo. O marido bondoso abriu a porta para ele, apesar dos avisos dela para não abrir.

"Starks entrou, deu uma coronhada na cabeça do senhor, que apagou. Segurou os braços da sra. Mittmayer nas costas dela e disse que, se ela não parasse de gritar, ele ia atirar no marido dela primeiro, depois nela. Jogou-os na parte de trás, amarrou e amordaçou os dois."

Dodge passou a mão no rosto. Caroline olhava para as árvores em volta, balançando a cabeça com aquela crueldade desnecessária. Ski olhou nos olhos de Berry, depois continuou:

– Às nove da manhã de ontem, Starks veio dirigindo o trailer para cá e forçou a sra. Mittmayer a ir até a recepção e se registrar, como se estivesse tudo normal. Ele ameaçou ir embora com o trailer e matar o sr. Mittmayer caso ela o entregasse.

– E onde eles ficaram nesse meio-tempo? – perguntou Berry. – Entre Walmart e esse camping?

– A sra. Mittmayer não sabe. Ela estava na parte de trás, não dava para ver nada aqui fora. Além disso, não conhece a região. Ela só sabe que saíram da Walmart, rodaram cerca de meia hora, então pararam. Starks remexeu nos mantimentos deles, comeu pão e uma lata de atum, bebeu duas Cocas Diet.

"A perna dele doía muito, ela disse. Quando ele levantou a calça para examinar, ela viu que estava horrivelmente inchada e sem cor. Ele tomou um punhado de Advil do armário de remédios deles. Depois cochilou."

– Eles não tentaram...

Ski interrompeu Dodge, balançando a cabeça.

– Ela estava apavorada de medo. Preocupada com o marido. Ele alternava consciência e inconsciência. A cabeça dele sangrava. Ela teve medo de que Starks o matasse se ela fizesse qualquer movimento.

"Starks se levantou ao amanhecer. Comeu cream-cracker com pasta de amendoim, bebeu outra Coca Diet, tomou mais analgésico. Depois perguntou para ela para onde eles iam, e disse que saberia se ela mentisse. Ela lhe deu o nome deste parque. Ele trouxe o trailer para cá."

– Onde era normal que estivesse – observou Berry em voz alta.

– Eles tinham reserva e chegaram no dia combinado – disse Ski. – Assim, ninguém desconfiou de nada. Já dentro do parque, Starks amarrou e amordaçou a sra. Mittmayer de novo. Ele dormiu mais um pouco, depois se lavou, trocou de roupa, pegou umas peças do sr. Mittmayer, trancou os dois lá dentro, desprendeu o carro deles do trailer e foi embora com ele. Isso foi mais ou menos ao meio-dia de ontem, enquanto o rastreávamos para o estacionamento da Walmart.

– Ele foi para Houston no carro deles. Fez aquela ligação para Berry perto do estádio.

Ski concordou com a teoria de Dodge.

– É nisso que eu aposto. Já demos o alerta geral para o carro dos Mittmayer.

– Como estão os Mittmayer agora? – perguntou Caroline.

– O seu subdelegado disse que aquele homem ali os encontrou – disse Dodge.

O homem que tinha sido picado pela aranha agora estava conversando com Andy. Tinha uma gaze enrolada no braço.

– Vizinho de camping – disse Ski. – A sra. Mittmayer precisou de toda a força que tinha, mas acabou conseguindo se arrastar até uma parede. Bateu nela com os punhos cerrados. Aquele cara tinha acordado cedo hoje para fazer uma caminhada e ouviu as batidas. Ele tinha visto Starks desprender o carro e ir embora ontem, por isso ficou curioso para saber quem estava dentro do trailer, batendo daquele jeito. Foi verificar. Encontrou os dois. Ela está basicamente bem, gravemente desidratada. Ela está no hospital.

Berry, Caroline e Dodge ficaram olhando para ele, esperando o resto da informação.

Ski olhou para o chão e bufou.

– O marido dela teve fratura de crânio. Não aguentou. Tinha setenta e seis anos.

Dodge xingou. Caroline gemeu de tristeza. Berry ficou só olhando para Ski, desejando inutilmente que nada daquilo tivesse acontecido.

– A sra. Mittmayer identificou Starks pela foto dele – disse Ski. – A única coisa boa nisso tudo é que ele deixou provas irrefutáveis. Impressão digital, DNA e testemunhas oculares. Acrescente sequestro aos seus outros crimes. Ele será acusado de crime capital.

– Não, se eu pegá-lo – resmungou Dodge com o cigarro que estava acendendo na boca, apesar dos cartazes de proibição no lugar.

– Eu queria que vocês ouvissem isso de primeira mão – disse Ski –, não nos noticiários, nem aos poucos, com boatos misturados. – Ele se virou para Dodge. – Leve-as para casa. Tem uma polícia feminina dentro da casa do lago. Dois outros seguranças do lado de fora, patrulhando o terreno e vigiando o lago. Estão sempre em contato comigo e com todos no departamento.

– Pelo que sabemos – disse Berry –, Oren continua em Houston.

– Pelo que sabemos, sim – admitiu Ski. – Mas isso indica que ele está indo para o tudo ou nada. E eu não quero correr nenhum risco.

– Vou levá-las para casa – disse Dodge –, mas depois volto para me juntar à caçada.

Ski ficou meio indeciso, depois concordou, contra a sua vontade. Louco para entrar na briga, Dodge levou Caroline até o lado do carona no carro. Ski

abriu a porta de trás para Berry.

– Você está bem?

– Nada bem.

– Desde sexta-feira à noite, você tem sofrido um choque após o outro.

Berry olhou para Dodge e disse baixinho:

– Nem todos foram maus.

O telefone celular de Ski tocou. Já estava na mão dele, e ele o encostou na orelha.

– Aqui é Nyland.

Berry percebeu logo que era uma chamada urgente. Ski começou a falar rápido.

– Sim. Sim. Pode repetir? Está bem.

Ele foi andando apressado para o seu SUV, no meio do caminho começou a correr. Desligou o celular e gritou para Dodge:

– Encontraram o carro dos Mittmayer.

– Minha filha diz que é uma recompensa considerável.

– Vinte e cinco mil dólares.

O homem deu um sorriso largo que exibiu para Ski uma visão repugnante de dentes tortos, cheios de falhas e manchados de tanto mascar fumo.

– Quando vou receber?

– Em breve – prometeu Ski. – Estamos todos um tanto ocupados agora.

– Tentando pegar um fugitivo da lei – disse o homem, meneando a cabeça com ar pensativo.

– Essa é a nossa prioridade, sr. Mercury.

Ski estava com o celular na orelha. Tinha sido posto em espera pelo amigo que era dono da firma de cães farejadores, senão não estaria dedicando tanto do seu precioso tempo a Ray Van Mercury-como-o-carro. O homem era como um maldito inseto voador, zumbindo aparentemente sem um alvo definido, mas voltando sempre ao tópico da recompensa de Caroline King, como uma mosca com um cubo de açúcar.

– Ski, você ainda está aí? – o companheiro do exército perguntou ao telefone.

– Dê-me uma boa notícia.

– Ainda tentando rastrear alguém. Em vez de ficar esperando, quer que eu ligue de novo?

Ski explicou para ele a urgência da situação.

– Entendi.

O amigo desligou.

– Ele tem de ligar de volta – Ski disse para Dodge, que, depois de engolir tudo que seu estômago podia suportar de Ray Van Mercury-como-o-carro, tinha se afastado para fumar e estava a alguns metros de distância.

– Cada minuto que perdemos aqui parados, Starks está indo mais para longe – resmungou Dodge.

– Não, se ele está lá dentro.

Ski olhou para a floresta. Pegadas de tênis de atletismo, como os que Starks tinha comprado na Walmart e que foram descritos pela sra. Mittmayer como o tipo de calçado que ele estava usando, levavam do carro compacto do casal de idosos para a parte mais fechada do Big Thicket. Terra de ninguém.

A Reserva Nacional Big Thicket tinha inúmeras lendas e muitos mistérios ligados a ela, desde um Pé Grande que lá morava até luzes caprichosas, sem nenhuma fonte rastreável. Bandidos famosos das tradições do Texas tinham conseguido escapar em seus pântanos e sua mata fechada.

Era um destino popular para atividades ao ar livre. Havia acampamentos, trilhas demarcadas e riachos navegáveis para barcos de pesca e canoas, mas a grande parte proibida e desconhecida da reserva era composta de riachos, pântanos monótonos e florestas fechadas demais para um mosquito passar ileso, que dirá um ser humano. Era um ambiente propício para cobras venenosas e outros répteis, insetos que picam e predadores carnívoros.

– Não vejo por que não podemos simplesmente... – começou Dodge.

– Já expliquei por quê – retrucou Ski. – Você não sabe como é lá por dentro. Perderíamos o rastro dele e aí os homens vão começar a andar em círculos, vão se perder, ficar presos no mato, afundar nos pântanos, procurando uma agulha no palheiro, literalmente. Aliás, pior do que isso.

Ray Van Mercury se animou.

– Sorte de vocês que eu encontrei o carro. Senão ele teria escapado.

Ele era um velho resistente, ágil. Ski estimava que não devia pesar mais de sessenta e cinco quilos. Usava uma trança oleosa que pendia nas costas até a cintura. A pele marcada era bronzeada e enrugada como a casca de uma noz, e grande parte dela estava exposta, já que vestia apenas uma calça jeans encardida cortada assimetricamente na altura dos joelhos ossudos.

– É mesmo, sorte de vocês eu ter ido pescar esta manhã. Querem saber? – ele disse, abaixando a voz para um tom de confidência. – Não se pode sair andando pelas trilhas da reserva. Não se pode pescar, a não ser nas áreas demarcadas. Os guardas-florestais prendem mesmo, se nos pegam em flagrante. Mas eu nunca fui pego, e não vou ser. Estive na reserva a minha vida inteira. Andei por partes dela onde nem uma formiga conseguiria passar.

"Minha mãe era da tribo Coushatta-Alabama. Eu sei, eu sei que não me pareço com aquela gente. Puxei ao meu pai. Foi o que minha mãe disse. Nunca vi o homem. Era um homem do petróleo. Não era bom nisso. Buracos secos, foi tudo que ele cavou. Pisou no calo de algum dos seus investidores. Uma noite, sob a proteção da escuridão, ele se mandou, deixou minha mãe comigo, ainda na barriga dela. Então..." Ele fez uma pausa para cuspir uma coisa marrom e gosmenta no mato, depois secou a boca com as costas da mão. "Onde é que eu estava?"

– Na parte em que eu vou te matar se não calar essa boca – rosnou Dodge.

Mercury inclinou a cabeça para Ski como um pássaro curioso.

– Qual é o problema dele?

– Ele está preocupado com que o nosso fugitivo escape de novo. Por que não fica esperando ali, sr. Mercury, para ficar a postos se precisarmos de mais informações?

– Lá? – ele perguntou, apontando para a fila de veículos oficiais estacionados ao longo da vala.

– Bem lá longe – disse Dodge.

– A minha filha deu o nosso número de telefone, não deu? Para vocês poderem ligar e dizer onde posso pegar a recompensa.

Ski bateu com a mão no bolso da camisa.

– Bem aqui.

Ele sorriu de orelha a orelha para eles de novo e partiu num trote com as pernas arqueadas.

– Homem do petróleo uma ova – disse Dodge. – A mãe dele trepou com o irmão dele.

O telefone de Ski tocou. Ele atendeu, escutou o que diziam e respondeu:

– Fico te devendo essa.

Ele desligou imediatamente.

– Ele já mandou um treinador de cães para cá. Chega em vinte minutos no máximo. Vou avisar aos outros.

No parque dos trailers, um subdelegado foi designado para seguir Caroline e Berry até a casa do lago e garantir que elas entrassem em segurança, para ficar com a policial feminina que já estava lá. Nesse meio-tempo, Ski e Dodge subiram no SUV de Ski e voaram para o local a alguns quilômetros dali, onde Ray Van Mercury tinha encontrado o carro abandonado.

Mercury-como-o-carro morava com a filha e os três filhos dela num trailer a menos de quatrocentos metros do perímetro da floresta, fora dela.

Ele estava a caminho do seu lugar preferido para pescar quando descobriu o carro. Se não fosse tão atento e não conhecesse tão bem aquela mata, talvez tivesse passado direto, sem ver. O carro estava num emaranhado de galhos e folhagem compacta. Como não era dado a se meter na vida alheia, o sr. Mercury continuou andando, pescou até conseguir um bom número de peixes para pendurar na corda amarrada ao cinto e voltou para o trailer, onde mencionou o carro para a filha quando ela limpava os peixes.

Ele disse para Ski que ela "teve um troço".

– Eu não presto atenção nos noticiários porque a única coisa a que vale a pena assistir na TV é Vanna White e faroestes antigos – ele disse quando conversou com Ski.

Mas a filha dele ouvia o noticiário do rádio todas as manhãs. Ela soube do fugitivo e do casal de idosos que ele deixou amarrado no trailer quando roubou o carro deles. Ela ligou para o xerife e, quando Ski chegou ao trailer dela, Ray Van Mercury mostrou para ele e para Dodge onde o carro estava escondido.

Em menos de uma hora, Ski reuniu um considerável grupo de busca que incluía subdelegados reserva, policiais, um homem da polícia municipal de Merritt um pouco melhor do que o resto, dois agentes da filial mais próxima do FBI e alguns Texas Rangers.

Agora ele estava indo para a fila de veículos estacionados ao longo da estrada, onde os homens estavam reunidos, à espera deles.

O helicóptero da polícia tinha sobrevoado o parque dos trailers, seguido a procissão até o local novo e aterrissado numa clareira perto do trailer dos Mercury.

Alguns policiais chegaram com cavalos selados, prontos para serem montados. Outros levaram veículos que rodavam em qualquer tipo de terreno. Mas Ski duvidava da utilidade deles. A única maneira possível de percorrer aquela parte do Big Thicket era a pé, e, mesmo assim, havia pontos impenetráveis. Além do terreno por onde nada passava, estariam sujeitos à fauna perigosa, insetos que picavam e ao calor abafado. A busca não ia ser um passeio.

Ski pediu a atenção de todos e anunciou que os cães farejadores estavam a caminho.

– Disseram que com um dos melhores e mais experientes treinadores.

Ele recomendou que usassem o tempo para verificar seus equipamentos, passar bloqueador solar e repelente para insetos e verificar se as garrafas de água estavam cheias.

Então ele voltou para perto de Dodge, que estava parado à sombra de uma árvore. Dodge deu uma última tragada no cigarro que estava fumando, apagou-o conscientemente no tronco de uma árvore e esfregou entre as palmas das mãos até destroçá-lo e não representar mais uma ameaça de início de um incêndio.

– Eu não consigo entender – disse ele.

– O quê?

– Starks.

– Seja mais específico.

– Tudo. Essa história toda. Nada do que ele faz se encaixa em um padrão.

– Estou entendendo – disse Ski. – Ontem, depois de amarrar os Mittmayer, ele foi dirigindo até Houston só para fazer uma ligação do telefone celular de Sally Buckland. Por quê?

– Pode ser que ele tenha mudado o corpo dela de lugar nessa hora. Ele queria nos atrair para lá, deixar Berry apavorada. Queria que ficássemos perdidos, como estamos agora. Não esqueça a musiquinha que ele cantarolou.

– Está bem. Mas depois ele voltou para cá. Que sentido tem isso?

– Não tenho a menor ideia. Ele escapou de ser preso. Estava dirigindo um carro do qual não tínhamos notícia. Para que voltar?

Ski pensou um pouco.

– À procura de um refúgio? Ele estava relativamente seguro dentro do trailer. Tinha uma despensa bem abastecida. Geladeira. TV, para poder saber o que nós estávamos fazendo.

– Advil – disse Dodge, seguindo o raciocínio de Ski.

– Tinha todos os confortos de casa a sua disposição. Os Mittmayer tinham reserva no camping para três noites e não representavam nenhuma ameaça para ele. Starks podia ter ficado escondido ali, descansado um pouco, esperar a perna sarar.

– Ou apodrecer e cair.

Ski deu um sorriso triste.

– Os vizinhos estão sempre mudando, de tempos em tempos. A inatividade em torno daquele trailer podia passar despercebida. Ele ficaria escondido até se sentir seguro para tentar pegar Berry de novo.

Dodge franziu o cenho.

– Muito bem, digamos que o plano dele fosse esse. O que ele estava fazendo lá no quintal do Mercury-como-o-carro?

– Ele se perdeu.

Dodge olhou de lado para Ski, duvidando.

Ski sacudiu os ombros.

– Na volta de Houston para cá, ele passou de uma entrada vital. Podia ser simples assim.

– Podia – disse Dodge –, mas não para um cara que é especialista em labirintos.

– Merda.

Ski tirou os óculos escuros e secou o suor que pingava da testa nos olhos dele.

– Nós não vimos alguma coisa.

– Ou alguém.

Ski olhou de soslaio para ele.

– É isso mesmo que eu estou pensando. Ele teve ajuda.

– Pensei na Amanda Lofland – disse Dodge.

– Eu também. Mas ela não saiu do hospital desde o dia que chegou. Está até passando as noites no quarto do marido.

– Você verificou?

– Hoje de manhã cedo, antes dos Mittmayer serem descobertos – disse Ski. – Fui ao hospital para conversar com os Lofland sobre o assassinato de Sally Buckland. Falei das ligações de e para ela pelo telefone celular de Amanda.

– E daí?

– Ela disse que mal conhecia Sally Buckland. Que só a encontrou umas poucas vezes, nas festas da firma.

– Então como explicou todas aquelas ligações? – perguntou Dodge.

– Elas ligaram para o número da outra no automático. Amanda ligou para saber o endereço de Buckland para enviar um convite da festa do aniversário de quarenta anos do Ben que vai dar no outono.

– Qual foi a reação dela quando você puxou esse assunto?

– Irritada. A festa devia ser surpresa.

A risada de Dodge parecia pigarro cheio de catarro.

– É uma figura, aquela lá. Mas não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Então, se ela não é a parceira de crimes do Starks, pode ter sido Sally Buckland.

– Ela fez a sua parte? Ele a matou para não deixar uma ponta sem nó?

– Talvez. Merda, eu não sei.

Dodge pegou o maço de cigarro.

– Guarde isso – disse Ski. – Os cães chegaram.

Dodge e ele foram ao encontro do treinador, que desceu de uma picape com caixas para cães na traseira.

– Eu tenho de encontrar Ski – disse ele para o grupo.

Ski abriu caminho no meio dos outros policiais e apertou a mão do homem.

– Trouxe mais um treinador – ele apresentou Ski para o homem que o acompanhava. – E também dois cães extras. Por via das dúvidas.

– Obrigado. Podemos precisar deles. Com quantos vamos começar?

– Três. São os meus melhores.

Tiraram os cães de suas caixas e puseram neles as guias reforçadas. O treinador pegou dois labradores pretos, o outro um .....bloo..d hound

farejador. Os cães estavam animados. Ski deu para eles cheirarem as roupas imundas que Starks tinha deixado no trailer dos Mittmayer.

– Muito bem, eles estão prontos – disse o treinador.

– Então vamos passear no bosque – disse um dos agentes do FBI.

Ski disfarçou um sorriso. Se havia uma palavra imprópria para descrever o desbravamento daquela parte do Thicket, era *passeio*.

E eles descobriram isso logo. Tiveram de abrir caminho chafurdando o tempo todo na lama. Em menos de meia hora, aqueles que não seguiram o conselho de se cobrir de repelente de insetos já estavam voltando para escapar de enormes enxames de espécies ávidas de sangue. Mesmo as botas mais resistentes eram sugadas pela lama, que tinha consistência de piche.

As roupas e a pele eram rasgadas por espinhos grossos como polegares, ou finos como um fio de cabelo. Enquanto procuravam o rastro de Oren Starks, eles também tinham de ficar de olho nos jacarés, pumas, porcos selvagens, nas cobras mocassim d'água, cabeça de cobre e cascavéis, que não gostavam de ser incomodadas.

Ski não conseguia imaginar terreno mais hostil em todo o mundo. Depois de uma hora, só tinham avançado cem metros. Os homens fortes ficaram fracos com aquele calor brutal. Os mais preparados, que malhavam na academia, ficaram ofegantes, sem ar. Até a energia dos cães farejadores começou a diminuir. Mas tinham o cheiro de Oren Starks e não esmoreciam, graças ao seu instinto e ao excelente condicionamento. Puxavam suas guias e arrastavam os treinadores para os arbustos espinhentos que precisavam ser cortados com facões.

Ski estava mantendo o passo com os cachorros e, quando o assistente do treinador pisou num buraco e torceu o tornozelo, passou a guia para ele.

– Ela deve se comportar bem se você ficar estimulando e elogiando o tempo todo.

Ski controlou bem o animal. Estava mais preocupado com Dodge, que teve dificuldade de acompanhá-lo naquela noite em que caminharam pela mata da casa do lago. Aquilo foi um passeio no parque, comparado com a incursão de agora. Mas Dodge se mantinha nos calcanhares de Ski, bufando muito, xingando demais, abrindo caminho com determinação.

– Você mudou de ideia sobre me dar autoridade? – perguntou ele quando pararam para beber a água das garrafas.

– Você não pode atirar nele, Dodge.

– Não posso uma ova. Minha mira é excelente.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Eu sei o que você quis dizer.

Dodge pôs a tampa na garrafa e afastou um galho cheio de espinhos que estava no seu caminho.

– Mas, quando o encontrarmos, é melhor que ele ponha as mãos para cima e implore por misericórdia em voz alta.

– Senão, o quê?

– Senão eu vou considerá-lo um fugitivo tentando escapar.

A tarde foi passando. A temperatura aumentou e as garrafas de água ficaram vazias. Um a um, os homens foram se rendendo aos elementos, até restar apenas alguns mais obstinados, e depois até esse número diminuiu.

Quando a tropa restante parou de novo para descansar, Ski se juntou a Dodge, que respirava com dificuldade.

– Você tem de parar.

– Quando o inferno congelar. – Ele secou o rosto congestionado com um lenço. – O que parece uma ótima ideia nesse momento.

– Olha aqui, Dodge – disse Ski irritado. – Eu não quero que você acabe morrendo nos meus braços.

– Você se apaixonou?

Ski não cedeu à brincadeira.

– Se você apagar no meu turno, aquelas duas mulheres da sua vida nunca mais vão me perdoar.

Dodge já estava prestes a responder maliciosamente, mas pensou melhor e mudou de ideia. Guardou o lenço no bolso da calça.

– Eu não vou desistir.

Ski olhou bem para ele e disse, muito sério:

– Faça como quiser.

A caminhada ficou ainda pior. Um dos cães controlado pelo treinador começou a mancar.

– Ela pisou num espinho – o treinador disse para Ski, depois de examinar a pata dianteira da cadela.

– Ela consegue voltar?

– Vai ter de conseguir. Será uma caminhada bem lenta.

– Então cuide dela. Eu levo o outro animal.

O treinador deu a guia do outro cachorro para Ski.

– Esses dois em geral não se gostam. Mas talvez estejam muito cansados para criar qualquer problema para você.

A essa altura, o grupo já estava reduzido apenas a um punhado de homens. Dodge continuava com eles. Quando um dos agentes do FBI sugeriu o encerramento da busca daquele dia, para recomeçarem no dia seguinte, Dodge retrucou em tom de deboche:

– Vocês podem se acovardar. Eu não vou parar.

Ski disse que ele também ia continuar.

– Os cachorros não desistiram. Ainda estão seguindo o rastro de Starks.

Os guardas-florestais também não desistiram, mas um deles olhou para Dodge com ar de preocupação. Quase dava pena de ver como Dodge respirava, e Ski fez mais uma tentativa de convencê-lo a parar.

– Eu sei que você quer estar lá na hora da captura, mas...

– Vá na frente, delegado.

– Eu poderia dar uma ordem para você voltar. Posso mandar um desses guardas-florestais levar você de volta.

– Teria de me matar primeiro.

– Você está quase me poupando desse trabalho.

Dodge apontou para Ski seguir em frente.

– Estou logo atrás de você.

E de fato ele seguiu Ski, mesmo quando os outros não conseguiram mais acompanhar. A ameaça de Ski, de mandá-lo escoltado de volta, deve ter dado mais força para Dodge. Mas os elementos e o terreno foram ainda mais poderosos do que toda a determinação dele.

Dodge e os poucos que restavam acabaram se distanciando, até que Ski ficou sozinho lá na frente, com os dois cães, cujas diferenças do passado pareciam ter dado lugar ao objetivo comum.

Os animais continuaram a avançar no meio do mato. E arrastaram Ski pelos brejos.

E finalmente alcançaram seu objetivo.

Oren Starks não pôs as mãos para cima, nem rezou em voz alta. Estava sentado na beira de um brejo entre as curvas de um cipreste gigantesco que saía da água escura. Tinha as costas apoiadas no tronco da árvore. Estava curvado para um lado e seu rosto quase encostava na coxa.

Os cães, latindo felicíssimos com aquela realização, partiram espadanando na água, abrindo caminho nas plantas aquáticas que boiavam, como a nata de uma sopa de ervilha. A poucos metros de Starks, Ski puxou os animais e os amarrou com firmeza num galho de árvores. Disparou sua arma três vezes para o alto, para sinalizar aos que vinham atrás que a busca havia terminado, e foi com água pelo joelho, tropeçando nas raízes das árvores ocultas sob a superfície opaca, até chegar onde Starks estava.

Oren tinha um ferimento de bala logo acima da maçã do rosto, no canto externo do olho. Obviamente suicídio. Ainda segurava a arma, afundada em seis centímetros de água de pântano.

Ski ficou de cócoras para ver mais de perto. O sangue em volta da ferida estava coagulado, mas ainda não tinha secado completamente. O rosto todo arranhado e inchado por causa das picadas de insetos.

Tinha perdido um dos pés do sapato novo. A meia estava cheia de carrapichos. Ele usava a roupa do homem que tinha matado. Ski reconheceu pela descrição que a sra. Mittmayer deu. A calça cinza estava quase preta de tão suja. A camisa listrada, verde e azul, estava rasgada, coberta de terra e fedia a suor.

Os outros membros da busca foram chegando e formando um semicírculo atrás de Ski, que continuou de cócoras ao lado do corpo. Todos murmuraram algum comentário diante daquela visão repugnante.

Ski ouviu o bufar de Dodge quando ele se aproximou.

– Ora, que merda – disse ele.

Ski imaginou que Dodge estivesse decepcionado porque Starks o tinha privado da satisfação de matá-lo.

Pássaros bateram asas e gritaram ruidosamente no topo das árvores porque seu hábitat estava sendo invadido pelos cães que latiam e pelos seres humanos.

Os cães arfavam alegremente, as línguas penduradas para fora, babando.

O primeiro guarda-florestal a chegar falava com o piloto do helicóptero da polícia por um radiotransmissor. Tinha de berrar para se fazer ouvir, e dizia para o piloto procurar a luz do sinalizador que ia marcar o lugar onde estavam, e que precisariam que baixassem ali uma maca, para prender o corpo e poder içá-lo.

Ski registrava tudo isso em seu subconsciente. Ainda se concentrava em Starks. Ele viu uma formiga grande passar por cima do nariz de Starks e descer pelo rosto. Um peixinho mordiscava um dedo da mão submersa.

O guarda falava pelo rádio:

– Para tirar o cadáver daqui...

– Não é um cadáver – disse Ski subitamente. – Ele ainda está vivo.

CAPÍTULO 23

O subdelegado designado para proteger Berry e Caroline dentro da casa do lago era a mulher que tinha interrogado o esquivo caixa da Walmart antes de Dodge cuidar do assunto. Ela se apresentou como subdelegada Lavell e era muito eficiente.

Nunca tanto como quando entrou na sala de estar, onde Berry e Caroline passavam o tempo, aguardando ansiosamente alguma notícia, e avisou que Oren Starks tinha sido encontrado e que o tinham prendido.

As duas fizeram muitas perguntas, mas ela continuou engomada e formal, exatamente como seu uniforme.

– Eu não sei dos detalhes. Ski disse para vocês esperarem, que ele vai entrar em contato.

Berry quis ir imediatamente para a delegacia, mas Caroline manteve a calma.

– O que nós vamos fazer, além de atrapalhar? O importante é que o homem está preso e você, a salvo. Vamos saber mais quando Ski tiver uma chance de nos procurar.

– Por que Dodge não ligou? Ele deve saber que estamos enlouquecendo aqui.

– Tenho certeza de que ele se envolveu no tumulto também. Isso é assunto para a polícia, Berry. Tenha um pouco de paciência.

– Vou dar uma hora para eles.

Tinham se passado cinquenta e três minutos dessa hora quando elas ouviram um carro se aproximando. Berry saiu correndo da sala, Caroline logo atrás dela. Passaram juntas e espremidas pela porta da frente na hora em que Dodge descia de um carro desconhecido.

– Mas o que é isso?! – exclamou Caroline.

Ela desceu os degraus correndo.

Dodge levantou a mão para que ela parasse.

– Não chegue muito perto. Só Deus sabe o que eu peguei naquele inferno.

– Onde você esteve?

– Acabo de voltar do inferno. Também conhecido como o diabo do Big Thicket.

Berry ficou atônita.

– Foi lá que encontraram o Oren?

– Na beira de um brejo, num bosque de ciprestes, com um ferimento de bala disparada por ele mesmo.

Aquelas últimas palavras deixaram as duas mudas.

– No mesmo lugar em que ele deu o tiro em Sally Buckland. Parece que ele gosta da têmpora.

Berry ficou espantada demais para falar.

– Ele está morto? – perguntou Caroline.

– Quase. A tíbia fraturada quando ele caiu na sua escada provocou uma infecção generalizada. Eles só podem avaliar os danos depois que o cérebro desinchar. Nosso amigo Oren Starks está em péssimas condições.

Ninguém se mexeu, nem disse nada por alguns segundos, então Caroline apontou para os degraus da varanda e disse para Dodge:

– Vá se lavar. Que cheiro é esse?

– Gás do pântano. Bosta de cachorro. Bosta de tatu. Só Deus sabe. Eu estaria muito pior se Ski não tivesse me emprestado essas botas.

Quando chegou à varanda, Dodge descalçou as botas de caça de borracha e, sem nenhuma cerimônia, tirou a calça e o resto da roupa, que deixou num montinho fedido no chão da varanda. Entrou na casa só de cueca.

Parada na entrada estava a subdelegada Lavell, sem um fio de cabelo fora do lugar, olhando fixamente para ele com ar de reprovação.

– Ski pediu que eu dissesse que é para o senhor voltar para a delegacia.

– Por que ele não me disse pessoalmente?

Dodge encarou a subdelegada por quinze segundos, depois repetiu o que tinha perguntado, palavra por palavra. Ela deu de ombros e saiu sem olhar para trás.

Berry não ligou para a grosseria da subdelegada. Queria arrancar mais informações de Dodge, mas ele insistiu em tomar uma chuveirada quente

primeiro.

– Antes de qualquer inseto começar a botar ovos em mim. Prepare um uísque, por favor – ele disse quando subia a escada.

Dodge voltou lá para baixo em dez minutos, limpo e cheirando a sabonete, com o cabelo molhado todo penteado para trás. Levava seu paletó esporte e vestia uma calça de algodão e camisa de manga curta. Depois de lavar toda a sujeira, os arranhões na pele que tinha ficado exposta estavam aparecendo.

– Você desinfetou isso? – perguntou Caroline ao dar para ele a bebida que tinha pedido.

– Não.

Dodge bebeu um gole do uísque.

– Não conte nada até eu voltar.

– É bom que não arda – ele avisou para Caroline, que foi correndo para o quarto dela.

Dodge se sentou na cadeira de balanço que usara no dia em que chegou a casa. Foi num sábado. E agora era segunda-feira. Berry surpreendeu-se de ver como Dodge tinha se tornado íntimo para ela naquele curto espaço de tempo, quantas coisas fundamentais tinham acontecido, quantas coisas tinha compartilhado com o pai que só conhecia havia quarenta e oito horas.

– Está tudo bem com o Ski?

– O quê, com o herói do dia?

– Ele é?

– O último homem a resistir. Fez até os guardas-florestais parecerem menininhas. – Ele tomou mais um gole de uísque. – Ele está um lixo, mas está bem.

– Onde ele está agora?

– A última vez que eu vi, na entrada do pronto-socorro do hospital, evitando as perguntas dos repórteres. De todas as estações de Houston. Uma de Tyler. Lafayette também, eu acho. As pessoas ainda gostam de saber que uma operação de busca prendeu o bandido. Especialmente no Thicket. Fica mais mítico.

Berry balançou a cabeça, incrédula.

– Não consigo imaginar Oren se aventurando no meio do mato.

– Não consigo imaginá-lo fazendo aquele monte de coisas que fez.

Dodge olhou, desconfiado, para o vidro de antisséptico que Caroline segurava, junto com uma caixa de chumaços de algodão.

– Isso vai arder?

– Não dói tanto quanto doeria uma infecção – ela disse. – Acho que você deve tomar uma vacina antitetânica.

– Espere sentada.

Caroline franziu o cenho para ele, ajoelhou-se ao lado da cadeira de balanço, molhou um chumaço de algodão no líquido e aplicou num ferimento feio nas costas da mão dele.

Entre palavrões por causa da ardência do antisséptico, ele contou para as duas o que acontecera algumas horas antes.

Quando terminou, Berry perguntou:

– Quais são as chances do Oren?

– De sobreviver? Não vai. Ele morre agora, ou então vai encarar três condenações por assassinato e morrerá por cortesia do estado soberano. De qualquer maneira, a batata dele já assou.

Berry se levantou e foi até uma janela com vista para o lago. O sol estava se pondo. Um bando de pássaros se refletia na superfície da água. Os pinheiros lançavam sombras compridas e retas nas pedras da margem. O pôr do sol era pitoresco e tranquilo, exatamente como fora na última sexta-feira, quando Ben e ela terminaram o trabalho e, inocentemente, resolveram grelhar uns bifes na churrasqueira e comemorar o término de um projeto de um ano. Ela fez uma careta com essa lembrança.

Virou-se de frente para os pais. Era engraçado pensar automaticamente que Caroline e Dodge agora formavam uma unidade. Um par. Seus *pais*.

– Eu quero ver o Oren.

Com uma batida forte, Dodge pôs o copo na mesinha de canto.

– Droga.

– O quê?

– É exatamente o que Ski disse que você diria. Ele *apostou* comigo que você diria isso. Acabei de perder cinco dólares.

– De quem é aquele carro?

Dodge pegou o copo de novo e bebeu o resto do uísque.

– É do subdelegado que está de guarda no quarto de Starks no hospital. Ski disse que eu podia pegar o carro dele emprestado para vir para cá e me limpar.

– Bem, agora que você já está limpo, pode levar o carro emprestado de volta. Nós seguimos no carro da minha mãe.

Berry estava aflita para falar com Ski, ou simplesmente vê-lo, mesmo de longe.

Estava também ansiosa para ver Oren. Queria desesperadamente que aquele episódio da sua vida terminasse, e não ia acabar por completo enquanto não reconhecesse para Oren a parte que desempenhou em todas as coisas que ele fez.

Ele devia ter problemas mentais o tempo todo, mas talvez ela tenha descompensado a balança de tal forma que o fez mergulhar na insanidade. Quem sabe, se ela tivesse sido mais bondosa e mais tolerante para com ele, seus impulsos inatos teriam continuado adormecidos até que ele morresse de causas naturais, bem velhinho.

Em todo caso, se não confessasse sua culpa, não teria paz.

Se o estado dele era crítico como Dodge dissera, o tempo para ela cumprir esse dever estava acabando. Mas, quando cruzava o saguão do hospital a caminho do andar da UTI, infelizmente Berry foi interceptada por Ben e Amanda Lofland.

– Então esse é o Ben – disse Dodge com o canto da boca, e a maneira de falar indicou que ele não estava nada bem impressionado com o que via.

– Vocês dois vão subindo – disse Berry. – Eu vou depois.

Meio contrariado, Dodge levou Caroline para a área dos elevadores e deixou Berry enfrentar o casal sozinha. Ben estava numa cadeira de rodas, empurrada por um funcionário do hospital.

Parecia pálido, emaciado e magro. Amanda andava ao lado dele. Transbordava maldade.

– Oi, Ben, Amanda – disse Berry.

Ben se virou para trás e pediu ao funcionário para lhes dar um minuto. Assim que o homem se afastou, Amanda iniciou o ataque.

– Por que você botou aquele subdelegado atrás de mim?

– Ski?

– *Ski?* – repetiu Amanda, imitando Berry com um tom de deboche. – Você já o chama pelo primeiro nome. Nada surpreendente.

– Eu não sei do que você está falando, Amanda.

– Ele esteve aqui logo cedo para me fazer perguntas sobre Sally Buckland. *Ele me interrogou.* Encontrou algumas ligações que fiz para ela no meu celular. Por que ele estaria investigando o histórico de chamadas se você não tivesse envenenado a cabeça dele sobre mim?

Se o assunto, a morte de Sally, não fosse tão sério, Berry teria rolado os olhos nas órbitas diante daquela frase tão melodramática de Amanda.

– A única coisa que eu disse sobre você, em relação a Sally, foi que eu não sabia que vocês duas se conheciam.

– E não nos conhecíamos mesmo. Mas nós duas conhecíamos *você.* Nós duas sabíamos de quanta traição você é capaz.

– Esqueça isso, Amanda. – Ben parecia cansado.

Berry concluiu que ele devia estar ouvindo aquilo havia horas.

– Que importância tem isso, agora que Sally está morta e o assassino dela está preso?

– Então vocês souberam do Oren? – perguntou Berry.

– A televisão do meu quarto estava ligada – comentou Ben. – Uma droga, isso tudo. E a Sally. – Ele passou a mão no rosto abatido. – Meu Deus.

– Você não faz ideia. Foi um horror encontrá-la daquele jeito. Estão achando que Oren a torturou e abusou dela horas a fio, antes de matá-la.

– Espero que aquele monstro morra – disse Amanda. – Ele quase fez de mim uma viúva.

– A sra. Mittmayer não teve a sua sorte – disse Berry em voz baixa.

– Como eu disse, espero que ele morra. – Ela olhou de cara feia para Berry. – Você veio visitá-lo?

– É o que eu quero fazer, sim.

– Para quê? – perguntou Ben, com expressão sincera de confusão.

– Você sabe para quê, Ben. Pelo mesmo motivo que me fez ligar para ele quinta-feira à tarde.

Sob o olhar sério de Berry, Ben se encolheu na cadeira de rodas.

– De que vai servir falar com ele agora?

– Pode não servir para nada. Mesmo assim, quero dizer o que eu acho que devo.

Amanda ficou impaciente e fez um verdadeiro drama ao olhar a hora no seu relógio de pulso. A mulher era realmente egocêntrica e má demais para merecer a atenção de Berry.

Ela se dirigiu a Ben.

– Boa sorte na campanha. Agora é toda sua.

– Ele não teve nada a ver com isso.

Amanda comentou aquilo com tanta pressa que Berry teve certeza de que a verdade era o contrário do que ela dizia. A expressão de Berry deve ter revelado o que ela sentia, porque Ben logo acompanhou a mulher, negando a responsabilidade.

– Juro por Deus, Berry. Nunca pensei que a Delray assumiria essa posição tão inflexível. Muito menos com você.

Berry deu risada.

– Muito menos comigo? A dama de vermelho da firma? Não foi isso que Amanda sugeriu que eu era para eles?

– Não foi assim, Berry. Eles tiraram as próprias conclusões sobre o que aconteceu na casa do lago, e o porquê. Eu juro... eu... nós... não...

– Não se esforce muito, Ben. Seja o que for que Amanda disse para eles, ou o que insinuou, seja qual for a explicação, ou pedido de desculpas que você esteja prestes a balbuciar, não tem sentido algum para mim. Você deixou que me derrubassem, e isso foi desonesto e desleal.

"Mas eu não estou tão infeliz assim com isso. Eu não quero trabalhar para uma empresa que tem tão pouca consideração por mim, que é capaz de acreditar no pior, sem me conceder sequer a cortesia de uma defesa."

Berry se empertigou.

– O portfolio com tudo dentro, desde os primeiros desenhos até as provas finais, está na casa do lago. Vou mandar para você por um portador.

– Ele não precisa da sua generosidade – retrucou Amanda. – E pode ficar com o portfólio. Ben fez cópias de tudo, o tempo todo.

Berry olhou para Amanda, depois para Ben de novo, cuja expressão era a imagem da culpa.

– Ah, sim.

Berry encarou os olhos torturados de Ben alguns segundos, depois se afastou, sem apertar as mãos, ou se despedir.

Ela já estava do lado de fora da UTI havia quase uma hora quando Ski apareceu, de banho tomado e roupa limpa. Ao vê-lo, o coração de Berry acelerou um pouco, mas a atitude dele foi muito profissional, por isso ela controlou o impulso de abraçá-lo e fez o oposto, cumprimentou-o com a reserva adequada.

Depois de se cumprimentarem, ele perguntou para o guarda sentado numa cadeira de fibra de vidro, destacado para vigiar o quarto de Oren:

– Quer uns minutos de folga?

Ele ou aproveitou a deixa, ou então precisava mesmo de um intervalo, porque agradeceu a Ski, largou o posto e se afastou, deixando os dois sozinhos.

– Dodge contou o seu feito heroico para capturar Oren – disse Berry em voz baixa.

Ele descartou o elogio.

– Eu devia tê-lo pegado antes.

– Eu não devia ter ligado para ele na quinta-feira. Eu não devia ter convidado Ben para vir para cá na sexta. Eu não devia ter tratado Oren tão mal. Os pais e os professores dele deviam ter reconhecido suas tendências psicóticas.

Berry deu um sorriso triste.

– A culpa vem bem lá de trás, Ski.

Ela espiou os aparelhos da UTI, pelos quais os sinais vitais de Oren eram monitorados e que produziam ruídos suaves.

– Eles me deixaram entrar. Havia coisas que eu queria dizer para ele, e eu disse. – Ela balançou a cabeça, arrependida. – Mas acho que ele não me ouviu.

Berry sentiu o peso do olhar contemplativo de Ski.

– Por que você quis falar com ele, Berry? Por que ainda está aqui?

– Não sei explicar direito por quê. Mas senti necessidade. Será que é macabro da minha parte ficar aqui de vigília, esperando que alguma coisa aconteça?

– É macabro ele estar todo amarrado.

Além de todos os tubos e fios que tinham posto em Oren, havia correias nos pulsos e nos tornozelos que o prendiam ao leito.

– Mas ele matou três pessoas. Sem piedade. Não devíamos ter pena dele.

– Não sinto pena. Não mesmo. Eu não sei o que eu sinto, Ski. Estou aliviada porque ele não representa mais uma ameaça para mim e para mais ninguém, mas minhas emoções são confusas. Não sei mais o que pensar sobre nada. – Ela olhou de novo para ele e acrescentou, indefesa: – Sobre *aquilo.*

Ski sabia exatamente do que Berry falava. Ele abaixou a voz.

– Certo. *Aquilo.* O beijo que abalou o meu mundo. Eu também não sei o que pensar. Só sei que eu penso. Sempre. – Ele chegou um pouco mais perto dela. – Ontem à noite eu não queria deixá-la.

– Eu quase fui atrás de você.

– É mesmo?

– Cheguei até a porta. Eu sabia que precisava ir embora, mas não queria ficar longe de você.

O olhar faminto que eles trocaram foi interrompido por uma comoção no fim do longo corredor. O guarda, que voltava para o seu posto, discutia com Lisa Arnold.

– Eu quero falar com Ski Nyland.

– Tudo bem – disse Ski.

O guarda chegou para o lado. A sandália de Lisa fez barulho no chão quando ela andou até eles.

– Como vai, srta. Arnold? – perguntou Ski educadamente.

Ela prendeu uma mecha de cabelo preto superproduzido atrás da orelha, de onde pendiam algumas argolas.

– Tudo bem. Isto é, eu acho. O senhor sabe, ainda estou triste por causa do Davis.

– É claro.

Ela olhou para Berry. Ski apresentou as duas.

– Eu sei quem você é – disse a menina. – Tudo começou na sua casa. Ele atirou no seu namorado também, não é?

Antes de Berry poder corrigi-la, Lisa se virou de costas para os dois e foi espiar dentro da UTI. Ficou olhando fixamente alguns segundos para Oren. Depois disse:

– Eu vi na TV que vocês o pegaram. O policial que estava parado na frente da minha casa disse que ia embora, que não havia mais motivo de ficar me protegendo.

– Foi esse o homem que você viu no motel, que atirou em Davis Coldare? – perguntou Ski.

– É ele mesmo. O filho da mãe. – Mas o sorriso debochado deu lugar à emoção. – Fui eu que convenci Davis a me levar para aquele motel. Se tivéssemos ficado no drive-in, ele ainda estaria vivo.

– Você não é responsável pelo que aconteceu, por isso não fique se culpando – disse Ski com simpatia.

Ela se aproximou e deu um sorriso agradecido para Ski.

– Bem, eu só vim aqui para agradecer por ter prendido o homem.

– Muitos me ajudaram.

– E quer saber? Agradeço também por ter sido tão gentil comigo na noite em que tudo aconteceu.

– Não tem de quê.

– Desculpe a minha madrasta, que foi tão mal-educada.

Ski sorriu.

– Tudo bem.

– Não leve para o lado pessoal. Ela é assim com todo mundo.

Lisa deu uma última olhada com ódio para Oren, depois se despediu e saiu andando pelo corredor em direção ao elevador. Dodge e Caroline chegaram no que ela pegou para descer.

O celular de Ski tocou e ele se afastou para atender.

– Alguma mudança? – Dodge perguntou para Berry.

– Não.

– É perda de tempo ficar aqui olhando para ele.

– Deve ser, mas...

Ski juntou-se a eles segurando o celular contra o peito.

– Temos um problema na delegacia. O homem que encontrou o carro dos Mittmayer...

– Meu Deus. Aquele fruto de incesto? – disse Dodge com nojo.

Ski sorriu.

– O sr. Mercury está exigindo sua recompensa, acusando todos lá na delegacia de estarem tentando enganá-lo. Detesto incomodá-la com isso agora, Caroline, mas será que poderia...

– Claro – ela disse, sem deixar que ele terminasse a frase. – Fico feliz de poder dar um cheque para ele.

Ficou resolvido que os dois iam juntos resolver aquela questão. Ski e Caroline partiram imediatamente para o prédio do tribunal. Dodge olhou para Berry.

– Acho que acabamos desgarrados aqui e, francamente, eu penso que você devia se desligar desse cara. Quanto mais cedo fizer isso, melhor para você.

– É, talvez você tenha razão.

– Confie em mim. Estou com fome. E você?

– Estou, sim – ela disse, percebendo que não conseguia se lembrar da última vez em que tinha comido alguma coisa.

Berry verificou a hora no relógio de pulso.

– Pelos padrões de Merritt, já é tarde. Não sei se tem algum lugar aberto.

– Eu sei de um.

– Oi, Grace.

– Oi, Dodge.

O sorriso da atendente do bar empalideceu um pouco ao ver Berry com ele.

– Essa é Berry Malone.

– Nós nos vimos uma vez – disse Berry, sorrindo para a outra mulher.

– Você deve estar muito aliviada com a captura daquele Starks.

– Estou, sim.

– Ele continua vivo?

– Por um fio – disse Dodge. – Você ainda serve comida a essa hora da noite?

Ela indicou com a cabeça uma fila de cubículos ao longo da parede dos fundos do salão.

– Escolham uma mesa. Já vou levar o cardápio. O que querem beber?

Dodge pediu uma garrafa de cerveja. Berry achou uma boa ideia e pediu uma também. Sentaram-se de frente um para o outro, em bancos de plástico imitando couro. A mesa era feita de madeira com uma camada espessa de laca. A iluminação era um pote de vidro vermelho com uma vela faiscante dentro. Grace levou as bebidas. Depois de uma olhada rápida no cardápio plastificado, os dois pediram cheeseburgers com fritas.

Grace voltou para o bar. Dodge e Berry ficaram sozinhos. Ele observou a filha beber um gole no gargalo da garrafa. Deu uma risadinha.

– O que foi? – perguntou ela.

– Nada.

– Ficou surpreso de eu beber no gargalo.

Foi exatamente disso que ele achou graça, mas Dodge não disse nada.

– Mamãe não faria isso, nem morta – disse Berry. – Acha que não é comportamento de uma dama.

Berry bebeu outro gole e olhou para ele por cima da garrafa gelada. Pôs a garrafa na mesa e disse:

– Mas você sabe disso, não é, Dodge?

Ele se recostou no estofado que imitava couro, observando Berry e vendo que ela sabia. Ele disse em tom áspero:

– Esse é apenas um dos tabus de frescura que a sua mãe tem.

– Mas você se apaixonou por ela apesar deles.

Dodge pegou a garrafa dele, mas, apesar da boca ter ficado seca, descobriu que não queria mais cerveja. Passou os dedos nas gotas de condensação, olhando fixamente para o rótulo tão conhecido.

– Então você sabe. Sobre mim. Nós.

Ele precisou de toda a coragem de que dispunha, mas conseguiu levantar a cabeça e olhar para a filha.

Ela fez que sim.

– Quando Caroline souber disso, vai ficar furiosa.

– Ela já sabe.

– Ah, sabe? Desde quando?

– Desde a noite passada. Eu descobri. E ela confirmou.

– Ela não queria que você soubesse.

Berry olhou de lado para ele.

– Ah, não? Então por que envolveu você nessa história?

Grace levou os cheeseburgers, serviu os dois, perguntou se queriam mais alguma coisa e se afastou para deixá-los comer em paz. Berry não se fez de rogada. Atacou o sanduíche. Dodge tinha perdido o apetite.

– Como foi que adivinhou? Tratei você como trato todas as...

– Não foi o jeito com que você *me* tratou – disse Berry, lambendo a mostarda do canto da boca. – Foi como você e mamãe tratavam um ao outro. Para começo de conversa, ela ficou uma pilha de nervos. Ela nunca fica nervosa. Eu é que sou muito tensa e impaciente. Nunca a vi tão aflita em toda a minha vida. No início, pensei que fosse por causa da situação de crise. Mas então percebi como a mamãe se comportava com você. Ela nunca foi assim com papai.

As entranhas de Dodge eram um nó só. Ele precisava de um cigarro, mas não tanto como precisava saber de que modo o comportamento de Caroline com ele era diferente do comportamento com Jim Malone. Ele se odiou por perguntar, mas perguntou assim mesmo:

– Como a sua mãe era com ele?

– Eles tinham um casamento muito sólido. Eles se amavam. Estou convencida disso. Mas eram sempre comedidos e polidos. Papai e ela nunca ficaram tão nervosos como vocês dois ficam. Nunca reagiram com tanta intensidade um *com o* outro como vocês fazem. O relacionamento deles... Bem, não soltava faísca. Eu não conhecia outro, por isso não achei nada de mais, até ver como vocês agem um com o outro. Não existe formalidade entre vocês.

– Nós faiscamos?

Ela deu risada.

– É, vocês faíscam.

Ela ficou um tempo pensativa.

– Quando me lembro da relação da mamãe com o papai, penso que ela estava sempre querendo a aprovação dele. Ela não faz questão da sua.

– Os meus padrões não são tão elevados como os dele.

Berry sorriu.

– Não. Ela sabe que tem a sua aprovação. Incondicional.

Grace apareceu ao lado da mesa deles.

– Algum problema com o cheeseburger, Dodge?

– Não. Acho que eu não estava com fome.

– Vou sair daqui a pouco para fumar. Quer vir comigo?

– Fica para um outro dia.

Desapontada, Grace tirou os pratos. Berry a seguiu com o olhar. Virou-se de novo para Dodge e disse:

– Ela gosta de você.

Ele deu de ombros e pegou a garrafa de cerveja.

– Todas as mulheres gostam – disse Berry.

– Esse é o maior exagero que eu já ouvi.

– Acho que não. Mamãe insinuou isso.

– É mesmo?

– Foi esse o problema? – perguntou Berry.

Dodge ficou olhando para ela, mas não disse nada.

– Você agrada muito às mulheres, Dodge. Foi por isso que não se casou com a minha mãe?

CAPÍTULO 24

Houston, Texas, 1979

Se o trabalho não fosse tão ruim, a vida de Dodge seria perfeita.

A família de Roger Campton o tinha mandado numa viagem para a América do Sul, sob o pretexto de cuidar dos interesses deles no petróleo da Venezuela. O diabo que carregasse todos eles, menos os venezuelanos, pensou Dodge.

– Espero que eles prendam as filhas em casa – disse ele para Caroline, quando leram a notícia no jornal.

A barriga dela tinha crescido um pouco, e ele achava adorável.

– Agora já dá pra ver você de perfil.

Ele não conseguia tirar as mãos daquela pequena protuberância, e ela às vezes se irritava com isso.

– Dodge, você está me atrapalhando.

– Quando é que ele deve começar a chutar?

– Ainda falta um tempo.

– Deve ser muito estranho, não é? Uma coisa se mexendo dentro de você.

Ela piscou para ele.

– Você é que se mexeu dentro de mim.

– Hummm... Falar sacanagem faz parte da gravidez. Eu gosto disso.

Ela deu um tapinha nas mãos-bobas dele.

– A primeira vez que eu sentir o bebê mexer, prometo que aviso para você. Enquanto isso, ele precisa se alimentar e eu não vou conseguir botar o jantar na mesa se você continuar me apalpando.

Ele deu um sorriso largo e malicioso, cobriu os seios dela com as mãos.

– Agora, esses dois aqui....

Aquela noite, o jantar atrasou.

Ela botou a casa dela e o apartamento dele à venda pela imobiliária Jim Malone Realty, e ambos foram vendidos quase ao mesmo tempo. Caroline

tinha encontrado o que chamava de "casa de bonecas", num bairro antigo e tradicional. Dodge doou seus móveis para a Legião da Boa Vontade, já que não eram lá essas coisas, e levaram os de Caroline para a casa onde iam morar.

Dodge levou quatro noites para pintar o segundo quarto de amarelo-claro unissex, e três noites para montar o berço.

– Espero que o garoto goste, porque nunca mais vou fazer uma coisa dessas – ele disse a Caroline.

– Pare de chamar o meu bebê de garoto.

Ele segurou a mão de Caroline e puxou-a para o chão do quarto do bebê, no meio das ferramentas que tinha usado.

– É o nosso bebê. E que nome você quer dar para ele?

– O nome de solteira da minha mãe era Carter. O que você acha? Carter Hanley?

– E se for menina?

– Estou pensando.

– Você fica bonita quando está pensando.

Dodge beijou a ponta do nariz dela e eles acabaram fazendo amor no tapete.

Não se preocuparam muito com a data do casamento.

– Um pedaço de papel não vai me fazer mais feliz do que já estou – disse Dodge. – Mas quero oficializar essa união.

Caroline concordou.

– Antes do bebê chegar.

Mas nunca marcavam a data e estavam satisfeitos daquele jeito, por isso, nenhum dos dois comentava aquela tecnicalidade. Os dias viraram semanas, depois meses e eles continuaram sem pressa alguma de celebrar aquela comunhão.

Caroline voltou a trabalhar logo que as marcas em volta dos olhos ficaram imperceptíveis. Para compensar o tempo perdido, redobrou os esforços para se tornar a principal corretora da firma. Trabalhava muitas vezes até tarde da noite, mostrando casas nas horas mais convenientes para os clientes, promovendo visitas nos fins de semana.

O horário indefinido de Caroline combinava com Dodge, porque ele tinha de se apresentar nas reuniões da força-tarefa quase todas as noites, depois do seu turno na fábrica de pneus. Ele estava começando a achar que aquilo tudo

era perda de tempo e desperdício do dinheiro do contribuinte. Se não tivesse em vista ser promovido a detetive, teria pedido para sair da unidade especial. Ele detestava ter de passar todos os dias da semana naquela maldita fábrica. Limpar o chão e trocar lâmpadas queimadas não tinha nada a ver com o trabalho da polícia.

Mas, se tivesse deixado a força-tarefa e voltado a patrulhar as ruas, teria a sensação de estar traindo não só a sua nova família, mas a ele mesmo e especialmente a Jimmy Gonzales. Por isso, continuou lá, mesmo se a conquista da confiança de Crystal tivesse perdido toda a graça. A única mulher que Dodge desejava era Caroline, e o desejo que sentia por ela era tão imenso, tão obsessivo, que tornava praticamente impossível ter qualquer entusiasmo por aquele quase romance com Crystal.

Mas a paquera devia estar funcionando, porque um dia, quando almoçavam juntos, ela começou a chorar.

– Estou preocupada com o Franklin.

– Por quê?

– O modo como ele vem agindo. – Ela mordeu o lábio inferior. – Eu não devia falar sobre isso. Não deve ser nada.

Dodge encenou bem a preocupação com ela.

– Mas e se for alguma coisa? E se a reabilitação dele na prisão não funcionou?

Ela sorriu um pouco.

– Ele me prometeu que não vai desobedecer à lei, nunca mais.

– Você acredita nele? Ele é capaz de manter qualquer promessa, para qualquer pessoa?

Crystal se aconchegou, apoiou a cabeça no ombro dele. Ele passou o braço pela cintura dela.

– Você é tão bom para mim, Marvin.

Ele encostou a cabeça na dela e beijou seu rosto de leve.

– Eu só quero cuidar de você.

Os outros membros da força-tarefa ficaram animados quando ele contou esse episódio para eles.

– Albright está planejando um outro assalto, e ela sabe – disse o capitão, esfregando as mãos, todo satisfeito.

– É o que eu acho também – disse Dodge. – Preciso entrar na casa deles. É alugada. Dúplex. Crystal me disse que a outra parte está vazia e que Albright a usa como depósito, sem que o proprietário saiba, ou tenha dado permissão.

– O que ele guarda lá?

– Crystal não sabe.

– Você acredita nela?

– Acredito. É motivo de briga dos dois. Eu preciso descobrir o que ele esconde lá.

– Qualquer coisa que você descobrir não vai ser admissível na corte – lembrou o capitão.

– É, mas se eu vir alguma coisa suspeita, podemos mantê-lo sob vigilância constante. E, se for alguma coisa que o incrimine, posso usar como barganha para Crystal ser testemunha da promotoria contra ele.

– Você vai ter de contar para ela que é policial.

– Não necessariamente. Pelo menos, não no início. Eu posso continuar sendo o amigo preocupado que a convence a fazer o que sua consciência manda.

– Duvido que ela concorde com isso – observou um dos outros policiais. – Ela jamais trairá o namorado.

Dodge olhou para ele com desprezo.

– Se fosse fácil, era *você* que estaria lá fazendo isso.

O capitão apoiou Dodge.

– Você consegue entrar e sair de lá sem Albright ficar sabendo?

– Vou fazer todo o possível. Mas, se eu sumir, procurem lá primeiro.

– Estou falando sério, Dodge. Proteja-se. Não se deixe matar por causa disso. Ia ser péssimo para a nossa imagem – disse o capitão, com uma honestidade cruel.

– Deixe-me trabalhar com a Crystal, para ver o que eu consigo.

Dodge assumiu o risco adicional. Ao assumir a responsabilidade de entrar no covil de Albright, aumentou bastante esse risco. Mas a recompensa seria maior também. Se conseguisse fazer isso e prender Franklin Albright, receberia aquele distintivo de detetive que tanto queria.

Passadas algumas noites, ele voltou para casa mais cansado do que de costume, depois de um dia longo e torturante. Caroline o recebeu na porta e

deu-lhe um abraço apertado. Ele inclinou a cabeça para beijá-la, mas ela o empurrou e cheirou a camisa dele.

– Isso é Tabu?

– O quê?

– O perfume.

E Dodge pensou: *ai, merda.* Desabotoou dois botões da camisa que usara na fábrica e tirou pela cabeça. Encostou no nariz e respirou fundo.

– Desculpe. Não sabia que estava tão forte.

Foi até o cubículo onde ficava a máquina de lavar e a secadora e jogou a camisa suspeita no cesto de roupa suja. Quando voltou, Caroline olhava fixamente para ele, com a cabeça inclinada para um lado, à espera de uma explicação.

– Uma mulher lá na... no trabalho. No trabalho do Marvin. Ela deu um abraço nele hoje.

– Ela abraçou você?

– Ela abraçou o *Marvin.* Não teve nada a ver comigo.

Dodge foi até a geladeira e pegou uma cerveja. Abriu e bebeu demoradamente. Caroline ainda olhava para ele, obviamente à espera de mais explicações.

– Eu não posso falar sobre isso, Caroline.

– Como ela é?

– Não posso falar.

– Por que vocês dois se abraçaram no trabalho?

Ele a encarou com uma expressão que pedia que parasse com as perguntas. Mas ela não reconheceu aquele olhar, ou então o desafiou.

– Essa é uma das situações às quais Jimmy se referia, não é?

– Às quais *Jimmy* se referia? Jimmy Gonzales?

– Na noite em que ele veio jantar aqui.

Logo depois que Dodge levou Caroline do hospital para a casa dele, mas antes dos dois se juntarem, ela insistiu para que ele convidasse o parceiro para jantar.

– O policial Gonzales tem sido muito bondoso comigo, em diversas ocasiões. Gostaria de retribuir preparando um jantar para ele.

Então, na próxima noite de folga, Jimmy foi jantar com eles. Chegou antes de Dodge. E, quando Dodge voltou para casa, encontrou Jimmy e Caroline conversando animadamente.

Agora, no presente, ele perguntou para ela, desconfiado:

– O que Jimmy contou para você?

– Ele deve ter imaginado que nós já estivéssemos dormindo juntos, porque contou que você ficou enfeitiçado por mim desde o dia em que me viu pela primeira vez.

– E isso não foi surpresa alguma para você.

– Mas depois ele disse: acho que ele vai ter de desistir do título de Romeu da polícia. Perguntei o que ele queria dizer com isso, e ele disfarçou rapidamente. Mas o que transpareceu foi que você tem a reputação de conseguir informações de mulheres com muita facilidade.

Caroline forçou Dodge a olhar para ela.

– Isso é verdade? Você era, você *é*, o Romeu da polícia?

– Papo de homem, Caroline. A maior parte é besteira.

– A maior parte?

Ela continuou a olhar para ele, de queixo erguido, e Dodge sabia que ela não ia desistir até ele dizer alguma coisa.

– Tudo bem, vou contar uma parte. A garota no trabalho se aborreceu com alguma coisa que o namorado dela fez. Sou amigo dela. Ouvi o que ela queria falar, disse uma palavra bondosa, dei-lhe o ombro para chorar. Ela exprimiu sua gratidão me abraçando. Foi só isso e só posso contar isso.

Ele teve a impressão de que o questionamento de Caroline tinha sido aplacado, mas, mesmo se não tivesse sido, ele não ia contar mais nada. Não ia dar uma descrição física de Crystal para ela começar a pensar que ele estava interessado na mulher por qualquer outro motivo que não fosse encurralar Albright. Também não podia contar para Caroline a ameaça que Albright tinha feito. Dodge minimizava o perigo daquela operação para que ela não se preocupasse toda vez que ele saísse de casa.

Ele pediu licença e foi tomar um banho. Não havia mais o perfume forte do Tabu no ar, mas Caroline ficou estranhamente calada durante o jantar e mais tarde, quando foram para a cama, deitaram-se de costas um para o outro.

Depois de uma hora acordado e tenso, Dodge sabia que Caroline também estava acordada. Virou-se de lado e ficou de frente para as costas dela.

– Tudo que eu faço é por nós.

Ela não disse nada.

Dodge pôs a mão no ombro dela.

– Estou me esforçando para virar detetive, Caroline. Se fizer um bom trabalho nessa operação especial, terei muito mais chance de conseguir a promoção. Que deve significar um aumento de salário. Eu não teria mais de patrulhar as ruas. Além de tudo isso, é o que eu sempre quis, desde que entrei para a polícia. Antes disso, até. Desde quando eu era criança.

Ela se virou e botou a mão no rosto dele.

– Eu sei que você quer isso, Dodge. E entendo que não possa comentar esse caso. De verdade.

– Mas...?

– Mas eu não seria mulher se não reclamasse de você chegar em casa fedendo a colônia de farmácia.

Ele sabia de mil maneiras que ela era muito mulher, mas não ia citar a lista de jeito algum. Ela não estava a fim de ser seduzida.

– Tudo que eu faço é por nós. Você, eu e o bebê.

– Abraçar a mulher Tabu?

– Faz parte da missão. Eu juro.

Ela ficou pensando alguns segundos e depois disse:

– Você é amigo dela? Só isso?

– Só isso.

– Ela tem namorado?

– Tem. E você também.

Ele pôs a mão no seio dela e a acariciou com ternura.

– Estou me sentindo gorda e feia. Não ria!

Ele encostou os lábios nos dela.

– Você está grávida, não está gorda. E não ficaria feia jamais, por nada.

– Você ainda me ama?

– E você precisa perguntar?

A conversa terminou ali, e não falaram mais de Crystal por setenta e duas horas.

Então, uma noite ele voltou para casa parecendo um figurante de *O massacre da serra elétrica.*

Doze horas antes, naquele dia, durante o intervalo da manhã para o café, ele pegou Crystal conversando com uma das outras mulheres que trabalhavam no departamento pessoal.

– Ele é um babaca. – Dodge ouviu Crystal dizer.

– Espero que não seja eu.

Ela sorriu para ele.

– Oi, Marvin. Não, o babaca não é você.

– Então, eu vou adivinhar. O maior de todos. Só pode ser Franklin Albright. O que foi que ele fez agora?

– A pia da cozinha está entupida há mais de uma semana e ele prometeu que ia consertar. Mas toda noite inventa uma desculpa e esta noite vai jogar pôquer na casa de um amigo.

E Dodge pensou: *bingo!*

Ele se ofereceu para consertar a pia e ela aceitou. Foi quase fácil demais.

– Franklin disse que ia sair entre oito e meia e nove.

Ela recomendou que ele não chegasse antes disso.

– Ele não ia gostar de saber que você e eu estivemos juntos sozinhos.

– Vou me certificar de que a picape dele já tenha saído antes de bater na porta.

Na hora do almoço, Dodge ligou para o capitão, que concordou com o plano que Dodge descreveu, mas o alertou, mais uma vez, para que tomasse cuidado.

– Descubra tudo que puder, mas não morra fazendo isso.

– Nem precisa dizer.

O capitão ofereceu policiais disfarçados na vizinhança, para o caso de haver qualquer problema.

– Não é necessário – disse Dodge. – Vou me dar bem.

Além do mais, se tudo desse certo, ele não queria dividir a glória. Queria que fosse o show de um homem só. O *seu* show.

– Mas tem uma coisa que o senhor pode fazer.

– Manda.

– Acerte com o meu patrão aqui que eu preciso sair mais cedo hoje. Preciso fazer umas coisas.

O capitão ligou para o patrão de Dodge. Dodge bateu o ponto mais cedo e saiu da fábrica a tempo de cuidar de algumas coisas de que ia precisar. A primeira parada foi na loja 7-Eleven em que Doris trabalhava. Ele entrou na hora em que ela começava seu turno.

O rosto de Doris se iluminou com um sorriso.

– Dodge! Veio para me levar para dançar?

– Vim para tratar de negócios.

O tom dela mudou drasticamente.

– Vamos lá para os fundos.

Ela pediu para um estoquista ficar na caixa e levou Dodge por dentro do depósito até a porta dos fundos. No beco, entre recipientes de lixo, os dois acenderam seus cigarros. Ela soprou a fumaça.

– Eu soube do Jimmy Gonzales. Sinto muito.

– Foi uma merda.

– Eu gostava dele.

– Eu também. Ele era um grande parceiro. O melhor.

– Mas ele nunca desconfiou, não é? – ela perguntou, olhando para ele de lado. – Ele nunca soube que você e eu tínhamos esse caso por fora, não é?

– É, ele nunca soube. Não teria aprovado. Ele era um policial direito, dos mais honestos.

Diversas vezes Dodge e Doris tinham trocado favores, e os serviços que trocavam não eram sempre dentro da lei. Certamente não eram nada éticos.

Eles fumaram um tempo em silêncio, então ela perguntou do que ele precisava.

Dodge falou.

– Para quando?

Ele respondeu.

– Esta noite? Meu Deus, você não é nada exigente, é?

– Você consegue?

– Vai custar mais do que uma noite dançando.

Doris moveu as sobrancelhas sugestivamente.

– Sinto muito, mas isso não vai dar.

– Você virou viado?

Ele sorriu.

– Exatamente o oposto. Tem uma mulher na minha vida.

– Pra valer?

– Pra valer.

– Ora, que coisa. O que mais tem pra oferecer?

– Qual é a situação atual do seu irmãozinho?

– Continua mofando na cadeia, aguardando o julgamento enquanto o advogado novato, o defensor bundão indicado pela corte, anda se entretendo junto com o juiz com casos mais importantes.

– Ele é acusado de arrombamento e invasão, não é? Quais foram os policiais que o prenderam?

Doris disse os nomes e Dodge explicou que eram amigos dele, que, se ela conseguisse o que queria a tempo, talvez pudesse convencer os amigos a terem uma perda de memória muito conveniente para o irmão dela quando seu caso chegasse a julgamento.

– Por algumas doses de uísque, seu irmão provavelmente se safa, com sentença de prestação de serviços.

– Que, aliás, o idiota merece, só por ter sido burro.

– Antes de você aceitar, Doris, preciso dizer que, se ele for preso de novo, ficará por conta própria. Você faz isso por mim, eu faço isso por você, e estamos quites.

– Combinado.

Ao anoitecer, Doris já tinha o que Dodge havia pedido. Era de segunda mão e bastante usado.

– Será que funciona?

– Se quiser garantia, vá à Radio Shack.

Antes de ir embora, Dodge perguntou:

– Como é que o árabe tem tratado você ultimamente?

– Continua suspeitando de que eu roubo as coisas dele.

Dodge deu risada.

– Nem imagino por quê.

Ele ligou para Caroline de um telefone público e avisou que não o esperasse para jantar. Ela perguntou se ele ia trabalhar, e ele respondeu que sim. Caroline perguntou também se ele corria algum risco, e ele disse que não. Ela não perguntou se ele estaria com a mulher que usava Tabu, e ele não sabia o que ia dizer se ela perguntasse isso, mas provavelmente seria uma variação bem vaga da verdade.

Às nove horas, ele passou de carro pelo dúplex onde moravam Crystal e Franklin Albright. Não havia sinal da picape caipira dele, mas Dodge achou que seria mais prudente dar mais um tempo para ter certeza de que o criminoso não estava em casa. Às nove e quinze, ele estacionou o carro na rua e foi andando pela calçada, carregando um saco com ferramentas e peças de encanador que tinha comprado naquela tarde.

A porta da frente estava aberta. Ele espiou pela porta de tela e viu a sala mobiliada e decorada por alguém que tinha feito o melhor possível com o pouco que tinha. Sentiu pena de Crystal. A menina merecia aplausos por tentar.

Dodge bateu na porta.

– Tem alguém em casa?

Ela apareceu numa porta do outro lado da sala. Usava um short de calça jeans cortada e uma camisa vermelha amarrada sob os seios, sem sutiã. O cabelo estava meio preso no alto da cabeça. Ela estava descalça. Parecia a garota do interior dos filmes pornô, que seduzia um caipira sem pudor algum.

Com um ruído suave dos pés descalços no assoalho, ela foi rapidamente para a porta.

– Obrigada.

Ela ainda estava um pouco ofegante quando fez Dodge entrar.

– A maldita coisa continua entupida. Está um nojo.

Ele mostrou o saco com as ferramentas.

– Não sou nenhum Roto-Rooter, mas vou quebrar o seu galho.

– Venha aqui para os fundos.

Enquanto a seguia até a cozinha, Dodge disse casualmente:

– Eu não saberia de que lado do dúplex vocês moram se a porta da frente não estivesse aberta. – Ele indicou com a cabeça. – Aí do lado. É onde Franklin esconde seus produtos?

– Seus produtos?

– Ele não deixa você entrar lá. – Com a expressão mais boba que conseguia fazer, Dodge sacudiu os ombros. – Pensei em drogas na mesma hora.

– Ele nunca usou drogas perto de mim. – Ela mordeu o lábio, nervosa, e apontou para a pia. – Olha o problema.

Dodge assobiou. A pia estava cheia de água suja, opaca, realmente nojenta. Doris pegou duas cervejas da geladeira e tirou a tampa das duas. Os dois brindaram a canos desentupidos, e Dodge começou a trabalhar com um desentupidor.

Ela se sentou na bancada ao lado para poder ficar de frente para ele enquanto Dodge trabalhava. Batia ritmadamente com os calcanhares na porta do armário. Passava o gargalo da garrafa de cerveja no lábio inferior.

Crystal estava rindo de alguma coisa que Dodge tinha dito, quando parou de respirar e, engasgada, pronunciou o nome:

– Franklin!

CAPÍTULO 25

O filho da puta foi silencioso como uma pantera. Dodge só percebeu que Albright tinha voltado quando ele já estava *na cozinha.* Mas, para ser justo com ele mesmo, o movimento ondulante dos seios desprotegidos de Crystal sob a camisa vermelho vivo tinha sido uma distração e tanto.

Albright rosnou, agarrou Crystal pelo cabelo mal preso no alto da cabeça e a arrancou da bancada. Tirou a garrafa de cerveja da mão dela e a jogou na parede. Eles tomaram um banho de vidro quebrado e cerveja. Ainda segurando Crystal pelo cabelo, Albright a sacudiu como um cachorro faz com um rato e a chamou de puta, depois deu-lhe um empurrão até a mesa, onde havia uma chave inglesa, comprada naquela tarde mesmo. Albright pegou a ferramenta e golpeou a cabeça de Dodge com ela.

Ou tentou. Se não fossem os excelentes reflexos, ainda mais afiados com anos de brigas de rua e treinamento na polícia, Dodge provavelmente teria sido descerebrado com a chave inglesa. Em vez disso, ele se esquivou bem na hora para amparar o golpe com o ombro, que doeu à beça, mas não foi um golpe mortal.

Albright largou a chave inglesa e atacou a cara de Dodge com as mãos mesmo.

Normalmente Dodge teria revidado e provavelmente matado o cara, mas estava desempenhando um papel. Marvin não podia ter nenhuma habilidade mortal em artes marciais. Foi difícil aguentar apanhar e não fazer nada. O controle de Dodge foi realmente posto à prova quando Albright abriu um canivete, agarrou Dodge pelo cabelo... Ele devia gostar muito de cabelo... e encostou a ponta da lâmina no pomo de adão dele.

– Se você se aproximar dela de novo, eu corto a sua garganta. Você me *ouviu*, Marvin?

Dodge não teve dúvida alguma de que o criminoso falava sério e sentiu vontade de matá-lo ali mesmo, economizando muitos gastos para os pagadores de impostos do Texas. Porque aquele cara era mau e um dia acabaria

condenado por matar alguém, possivelmente aquela menina enganada, que não tinha tino para julgar as pessoas, mas que não merecia morrer por isso.

Só que ainda não tinham provas concretas contra ele, portanto Dodge rolou os olhos freneticamente, choramingou e gaguejou que tinha entendido o aviso.

Albright o soltou, fez Dodge dar meia-volta e deu-lhe um chute no rim, para lançá-lo voando porta afora. Dodge caiu de cara na calçada e deslizou alguns centímetros, deixando um rastro de pele no cimento. Então, ele foi se arrastando de quatro até o carro.

Conseguiu chegar em casa sem desmaiar. Mas, quando chegou lá, cada célula do corpo latejava de dor. Ao vê-lo assim, Caroline gritou e deixou cair uma pasta cheia de papéis. Os documentos de imóveis se espalharam por todo o chão da sala de estar. Com a velocidade que a gravidez de oito meses permitia, ela correu para ele.

Acavalando as palavras, ela quis saber o que tinha acontecido, se ele estava muito machucado, se tinha ido a um médico. Ele disse que não.

– Vou levar você para o pronto-socorro – disse Caroline.

– Eu não preciso ir para o pronto-socorro. Umas espirradas de Bactine e algumas aspirinas bastam. Amanhã de manhã estarei bom.

– Por favor, deixe que eu chame uma ambulância – ela implorou praticamente aos prantos, enquanto examinava-lhe o rosto arrebentado. Dodge recusou terminantemente, balançando a cabeça, e com isso ficou tonto. Concluiu que uma das pancadas de Albright tinha provocado uma pequena concussão.

– Foi o namorado da mulher Tabu, não foi? – perguntou Caroline, enquanto ajudava Dodge a tirar a roupa.

– Caroline, eu...

– Não pode falar sobre isso. Eu entendo. Mas eu sei que essa surra tem alguma coisa a ver com ela. O namorado dela não gostou nada do abraço que você deu nela, como eu. Ele é um criminoso, não é? Não, não me diga. Eu sei que não pode falar, mas sei que foi ele que fez isso. Ele podia ter matado você.

Caroline começou a chorar para valer.

Dodge a segurou e abraçou com força, por mais que doesse.

– Pronto, pronto. Ele não me matou. E não vai me matar.

– Por favor, não morra. Se alguma coisa acontecer com você...

– Não vai acontecer nada comigo.

– Como sabe?

– Eu sei.

– Não pode ter certeza.

– Psiu. Esse choro não pode ser bom para você, nem para o bebê.

– Estou assustada.

Ele beijou o cabelo dela.

– Não precisa ter medo.

Caroline se afastou dele e olhou bem nos seus olhos inchados.

– De que vai servir virar detetive se você morrer?

Ele deu risada daquela lógica, mas doía tudo quando ria.

– Eu sei me cuidar.

– Eu sei que sabe. Vi o que você fez com o Roger naquela noite em frente à academia. Você podia ter se defendido hoje, mas não se defendeu.

– É.

– Por quê?

– Porque tenho de ser convincente no meu papel. Tem muita coisa em jogo que conta com isso.

– Virar detetive.

– E pegar o bandido.

– Exatamente a mesma coisa.

– Certo. Então esse é um preço pequeno que eu tenho de pagar.

– Não é pequeno, Dodge! – ela exclamou. – Olhe só para você!

Ele parou de fingir que não ligava e segurou o rosto dela com as duas mãos. Disse-lhe, muito sério:

– Você desistiu de um cara rico por mim, Caroline. Preciso fazer isso e vou fazer isso direito. Não posso decepcioná-la.

– Ou ao Jimmy Gonzales.

Dodge não disse nada.

– Eu sei que isso é importante para você – ela disse com a voz trêmula. – Importante até que ponto, Dodge?

Com a mesma intensidade na voz, ele disse:

– Isso não é só importante. Isso é tudo.

Durante dias, Dodge ficou todo doído, inchado e machucado depois do ataque de Albright.

Mas a recompensa valeu todo aquele desconforto.

A missão não seria tão bem-sucedida se ele tivesse conseguido entrar no apartamento anexo e descoberto o que Albright escondia lá. Mas, enquanto Crystal pegava as duas cervejas para eles na geladeira, Dodge plantou um aparelho de escuta, cortesia de Doris, embaixo da mesa da cozinha.

Mesmo avisada de última hora, Doris obteve para ele o equipamento completo. Dodge tinha levado mais outros aparelhos de escuta, que ia instalar em áreas-chave do dúplex, mas ter conseguido botar um era melhor do que nada.

A escuta não tinha sido autorizada pelos superiores dele. Oficialmente, a forte suspeita que tinham, de que Albright fosse o culpado, não chegava a representar uma "justa causa". Ainda não. Mas bastava para Dodge. Se alguém descobrisse que ele havia plantado um bug sem autorização, ele seria tirado da força-tarefa, se não acabasse expulso da polícia de Houston de uma vez. Mas acabou dando certo do modo como ele previa, e valeu o risco.

Um dia depois da surra, ele avisou na fábrica que estava doente. Assim que Caroline saiu para trabalhar, Dodge pegou o carro, parou a um quarteirão do apartamento de Crystal e Albright e experimentou o equipamento. Conseguiu pegar trechos da conversa dos dois enquanto tomavam o café da manhã. A maior parte era Albright berrando com ela e chamando Crystal de nomes. Crystal negou, chorando, qualquer contato físico entre Marvin e ela.

Dodge não conseguiu ouvir toda a resposta de Albright a isso, mas captou a palavra "eunuco" e ficou furioso com isso. Mal podia esperar o dia em que o ex-presidiário ia descobrir que tinha sido enganado, não pelo nerd apaixonado pela namorada dele, mas por Dodge Hanley.

Quando voltou ao trabalho na fábrica de pneus, sua aparência arrebentada chocou os colegas. Desvencilhou-se das perguntas sobre o que tinha acontecido com ele e inventou uma batida de automóvel muito violenta, a ponto de quebrar o para-brisa com a cara, para ele aprender da forma mais difícil a usar o cinto de segurança.

Crystal passou a evitá-lo. Na hora do almoço, ela se sentou a uma mesa junto com outras mulheres e, depois de dar um envergonhado sorriso de

simpatia para ele, manteve a distância. E continuou assim nos dias seguintes. Eles se entreolhavam, mas ela jamais lhe deu oportunidade de se aproximar.

O capitão ficou no pé dele por causa disso. Outros policiais da força-tarefa consideraram a tentativa de invasão do dúplex de Franklin Albright um fracasso total.

À noite, depois do jantar, ele inventava motivos para sair de casa, e ia até o dúplex. Estacionava perto para o receptor poder captar qualquer transmissão do aparelho de escuta, mas não tão perto para não se arriscar a ser visto por Albright ou por Crystal.

Só uma vez conseguiu o que queria. Ouviu Crystal perguntar para Albright o que ele fazia no anexo. Por que aquele segredo todo? Por que ela não podia entrar lá? Se o proprietário descobrisse que ele o usava como depósito, eles seriam expulsos do apartamento. Ela perguntou se ele estava traficando drogas. E, se estivesse, ameaçou mudar de lá.

Albright disse a Crystal que ela ia se mudar quando ele mandasse, e não antes. Então, ele gritou para ela calar a boca e não se meter nos negócios dele.

Depois de ouvir essa conversa, Dodge voltou para casa animado, mas levou um susto ao ver Caroline sentada na beira da cama, alisando a barriga com uma das mãos e massageando as costas com a outra.

Ele correu para perto dela.

– Oh, meu Deus. O bebê está chegando?

Ela passou a mão carinhosamente no cabelo dele.

– Só daqui a umas duas semanas, pelo menos. Estou tendo as contrações de Braxton Hicks.

– Que diabo é... isso que você disse?

– São perfeitamente normais. Aliás, são apenas fisgadas.

– Parece mais do que fisgada para mim.

– O médico avisou que eu devia esperar essas contrações antes das verdadeiras chegarem.

– Como vai saber que é a verdadeira?

Ela deu risada.

– Ah, ele disse que eu vou saber.

Dodge passou o resto da noite, mesmo quando Caroline dormia, com a mão na barriga dela, imaginando como podia dormir com tanta atividade lá

dentro.

Ficou mortificado de tanta preocupação. Se o útero fosse proporcional ao resto do corpo, devia ser minúsculo. Dodge achava um milagre uma mulher miúda como Caroline poder carregar um filho de qualquer tamanho, mas e se o bebê deles fosse extraordinariamente grande? Não conseguia lembrar se tinham dito para ele quanto pesava ao nascer, mas, mesmo se tivessem, não sabia qual era o peso padrão. Não teria como comparar. E se Caroline e ele tivessem concebido um gigante? O filho dele podia arrebentar alguma coisa dentro dela. Ela seria rasgada ao meio.

Passou a noite inteira acordado, com medo de uma catástrofe anatômica. Por isso, estava bastante irritadiço na manhã seguinte, quando se apresentou para o trabalho na fábrica de pneus. O humor não melhorou quando soube que Crystal não tinha batido o ponto naquele dia. Será que estava doente? Será que Albright tinha exigido que ela largasse o emprego por causa do amigo e colega Marvin? Será que ele começou a se lembrar do episódio do entupimento da pia, ficou furioso de novo e mais violento ainda?

No fim do turno, Dodge seguiu apressado para a saída dos empregados. Estava ansioso para voltar para casa, saber que Caroline estava bem e depois tentar captar alguma coisa de útil na casa de Franklin Albright. Ele praticamente atropelou uma colega de trabalho que se plantou no caminho dele.

– Oi, Marvin.

– Oi. Desculpe, estou com muita pressa.

– Tenho um recado da Crystal para você.

Ele parou de chofre.

A amiga de Crystal deu-lhe um pedaço de papel.

– Ela quer que você ligue para ela, para esse número.

– Ela está bem?

A colega não sabia, ou então não queria falar.

– Assim que puder, ela disse.

– Está bem. Obrigado.

Dodge ligou de um telefone público. Crystal atendeu no segundo toque. O alô foi fraco, distante.

– É o Marvin. Você está bem?

Ao som da voz dele, ela começou a choramingar.

– Não, não, não estou! Eu estou com medo.

Dodge procurou acalmá-la e finalmente arrancou dela que tinha largado Albright.

– Não o deixei, na verdade escapei dele – soluçou ela. – Ele é... ele é...

– Onde você está?

Ela disse e, vinte minutos depois, ele estava no motel, batendo na porta e olhando para trás, torcendo para Albright não estar com um cano encostado na cabeça dele.

Crystal estava um pesadelo. O rosto todo manchado e inchado de tanto chorar. Emocionalmente também estava em frangalhos. Dodge se sentou na cama ao lado dela e a abraçou, até ela parar de tremer. Ele afastou o cabelo do rosto molhado e pediu para ela contar tudo.

– Não posso ajudar se não souber o que está acontecendo.

A primeira coisa que ele quis saber foi se tinha de se preocupar com a possibilidade de Albright surpreendê-los de novo, empunhando o canivete e cumprindo sua promessa de cortar a garganta de Dodge.

– Ele sabe que você o deixou?

– Tenho certeza de que a essa altura já sabe – ela disse, entre soluços. – Ele saiu e disse que ia voltar em poucas horas, mas desconfiei que podia voltar logo. Principalmente depois daquela outra noite em que ele me enganou. Assim que ele saiu, eu chamei um táxi. Peguei apenas o que podia carregar e, todo o tempo que fiquei esperando o táxi, tive medo de que ele voltasse e me pegasse antes de eu poder fugir.

– Você não deixou nenhum bilhete nem nada, indicando para onde ia?

– Não! Eu o deixei pra valer e não vou voltar. Oh, Marvin, se ele me pegar, vai me matar.

– Não vai, não, porque eu não vou deixar.

Ela o agarrou com mais força e disse que não sabia o que faria sem a amizade e a proteção dele. Ela beijou os lábios dele como forma de agradecimento.

– Escute aqui, Crystal – disse ele, se afastando dela. – Você tem algum outro motivo para ter medo do Franklin?

Ela piscou os cílios melados.

– Como o quê, por exemplo?

Ele se concentrou para não estragar tudo, para ir com calma.

– Por exemplo... Eu não sei. Você acha que ele está planejando algum outro crime?

Ela desviou o olhar.

– Talvez. Ele está tramando alguma coisa.

– Meu Deus.

– Tem ficado muito tempo ao telefone. Com o primo no México. Lembra que falei dele para você?

Com o coração acelerado, Dodge fez que sim com a cabeça.

– Eu acho que ele está planejando alguma coisa. – Os olhos dela começaram a vazar de novo. – E, se eles fizerem o que estão planejando, tenho medo de que a polícia pense que sou cúmplice.

Crystal fungou e limpou o nariz com as costas da mão.

– Os meus pais tentaram me avisar. Por que não dei ouvidos ao que eles diziam?

– Talvez seja melhor você falar com a polícia.

Ela levantou a cabeça e olhou assustada para ele.

– É – disse Dodge, apertando as mãos dela nas dele. – Se você contar para eles o que Franklin está planejando, eles saberão que você não está participando disso. Entende?

Ele continuou conversando com ela mais meia hora, tentando arrancar a natureza do plano criminoso, mas ela não dizia nada específico, nada útil que ele pudesse levar para a força-tarefa. Os olhos dela continuaram a produzir lágrimas frescas, e ela amaldiçoou aos prantos o dia em que se envolveu com Franklin Albright. Por que não teve a sorte de conhecer Marvin antes? Os pais dela teriam gostado dele. Se ao menos o tivesse conhecido antes de se envolver com Albright, não estaria vivendo com medo da polícia, com medo da vingança de um ex-presidiário ciumento e violento.

– Meu Deus, minha vida está uma zona! Você é a única coisa boa nela, Marvin. Você é a única pessoa em quem posso confiar.

A segunda vez que ela o beijou não foi em sinal de gratidão, e Dodge conhecia o suficiente sobre as mulheres para reconhecer a diferença. Ela enfiou

a língua em sua boca e, quando ela caiu de costas na cama, ele se deixou puxar para deitar junto com ela.

Ela passou o rosto no pescoço dele e Dodge disse:

– Franklin é só conversa fiada, Crystal.

– Você é tão gentil comigo...

Ela pegou a mão dele e botou entre as coxas.

– Albright vai acabar na prisão de novo, assim que o pegarem, e aí poderemos ficar juntos sem medo algum dele. Quanto mais cedo melhor. Você devia ajudar a polícia a pegá-lo em flagrante, na hora em que cometer o crime.

Ela curvou as costas e pressionou o corpo na mão dele.

– Eu quero ficar com você.

– Então vamos juntos à polícia. Ficarei ao seu lado.

Ela protelou.

– Vou pensar nisso.

– Eu acho que devíamos ir agora mesmo. Antes de Franklin ter chance de fazer o que está planejando, seja o que for.

– Talvez amanhã.

Ela abriu o zíper da calça dele.

– Promete?

– Prometo *pensar*. Mas não quero mais falar sobre isso.

Então, eles não falaram.

Só depois, quando ela estava toda encolhida encostada nele, feito um gatinho, fazendo barulhinhos como miados, admirando os pelos no peito de Dodge, molhado com o suor de ambos.

Só quando ficou relaxada e preguiçosa depois do sexo é que Crystal voltou ao assunto e falou de Franklin. Então, ela falou livremente. Porque, se uma mulher confia em você o bastante para compartilhar *isso*, vai confiar para revelar seus segredos mais profundos e misteriosos. Pelo menos, essa era a experiência que Dodge tinha. Era nisso que se fundamentava a reputação que ele possuía na polícia.

Crystal contou tudo que sabia. Era uma informação sensacional, de dentro, deduzida por conversas entreouvidas entre Franklin e o primo no México, que incluía vocabulário específico do dialeto do crime, como “veículo de fuga”,

“semiautomática”, “apagar qualquer um que entre no nosso caminho” e “dia vinte e cinco”, data para a qual faltavam só dois dias.

Crystal acabou adormecendo.

Dodge esticou o máximo possível o fio do telefone do quarto do motel, levou o aparelho para dentro do banheiro e fechou a porta. Ligou para a casa do capitão, acordou o homem e informou o que Crystal tinha contado.

Para sua surpresa e irritação, o capitão ficou cético.

– Até que ponto dá para confiar nela? Talvez ela esteja te enganando, dando informações erradas para despistar. Falando essas coisas só para você ir para a cama com ela.

Dodge abriu um pouquinho a porta e espiou. Crystal estava dormindo o sono dos anjos, de consciência limpa.

– Acho que não, senhor. Ela está com medo do Albright. Tenho certeza disso. Ela também disse que tem medo de ser considerada cúmplice porque estava vivendo com ele enquanto ele planejava o crime. Além do mais, ela não contou nada de concreto antes... Só depois.

O superior não disse nada, e Dodge insistiu:

– Ela não está me manipulando. Usa um jargão que não conheceria, a não ser que tivesse realmente ouvido de alguém como Albright. Eu sei que estou certo.

Depois de uma pausa pensativa, o capitão suspirou.

– Está bem. Eu tenho de confiar nos seus instintos, Hanley. E na sua experiência também – ele acrescentou brincando. – Hoje foi o seu último dia na fábrica de pneus. Apresente-se bem cedo de manhã no quartel-general da força-tarefa. Só faltam dois dias para o dia vinte e cinco, não temos muito tempo para planejar a emboscada.

Dodge agradeceu a confiança depositada nele, depois se lavou e se vestiu procurando fazer o mínimo de barulho possível. Deixou um bilhete na cômoda para Crystal, pedindo que não aparecesse no trabalho até receber notícia direta dele. Disse que ia cuidar de tudo. Ela só precisava confiar nele e ficar onde estava até ele voltar.

Dodge passou pelas ruas desertas de madrugada, pensando em como ia explicar para Caroline por que tinha passado a noite inteira fora, sem telefonar.

Mesmo quando as reuniões da força-tarefa o mantinham fora até tarde – e nunca até as cinco da manhã –, ele ligava para ela, para que não se preocupasse.

Ia ter de dizer o que era, de fato, a verdade, que tinha surgido uma emergência, que obtiveram uma pista especial no caso e que ele não teve oportunidade de ligar, só quando já era tarde demais e arriscaria perturbar o sono dela.

Estava com tudo organizado na cabeça, que entrou em parafuso quando chegou em casa e viu que o carro dela não estava na garagem.

– Oh, meu Deus.

Ele nem desligou o motor do carro. Botou em ponto morto e o deixou ligado. Partiu em disparada para a porta dos fundos, atrapalhou-se com a chave, quando conseguiu destrancar a porta, praticamente caiu de quatro no chão.

Correu a casa toda, batendo nas paredes, tropeçando no tapete do corredor, quase arrombando a porta do quarto deles e parando de supetão ao ver a mancha de sangue no lençol. Ainda estava úmida.

Dodge ofegava tanto que os pulmões chegavam a doer. O coração batia descompassado. Foi até o armário e abriu a porta. A mala dela, que tinham preparado juntos algumas semanas antes, para estar pronta quando precisassem, não estava mais lá.

Ele percorreu a casa toda de novo, com menos cuidado ainda do que quando entrou. Botou a luz vermelha na capota do carro, sem se importar de estragar seu disfarce. Com a luz vermelha piscando, foi a toda para o hospital.

Deixou o carro numa área de carga e descarga e correu lá para dentro. Socou o botão para chamar o elevador com o punho cerrado. Quando chegou ao balcão da enfermagem no andar da maternidade, não havia ninguém.

– Onde é que está todo mundo?

O grito ecoou nas superfícies esterilizadas do corredor deserto enquanto ele passava correndo.

Cada porta era decorada com guirlandas azuis ou rosa, e um ursinho de presente. Finalmente apareceu uma enfermeira saindo de um dos quartos. Ele quase trombou com ela.

– Precisa de ajuda? – ela perguntou.

– Caroline King?

– O senhor é...?

– O... o pai.

Ela sorriu.

– Parabéns. Vocês ganharam um bebê lindíssimo.

Dodge teve a sensação de que o tinham virado de cabeça para baixo e batido no chão.

– Está aqui?

– *Ela já está* aqui sim – disse a enfermeira, dando risada. – Quer vê-la?

Completamente bobo, ele fez que sim com a cabeça e seguiu a enfermeira pelo corredor até uma janela de vidro fechada com persianas por dentro.

– Espere aqui que vou trazê-la.

A enfermeira já ia entrar no berçário quando Dodge disse:

– Espere. Onde está Caroline?

– Quarto quatro, um, oito.

– Ela está bem?

– Ela teve o trabalho bem curto e parto fácil. Sinto muito o senhor não ter chegado a tempo.

Ele estava transando com Crystal quando a bolsa de Caroline estourou, quando ela entrou em trabalho de parto, quando teve de carregar a mala feita com todo o cuidado até o carro e ir dirigindo, ela mesma, para o hospital, quando pariu a filha deles.

A respiração dele encurtou e ele acabou quase sem ar. Não conseguia imaginar ódio maior e pior do que o que sentia por ele mesmo naquele momento. Ficou olhando para as frestas da persiana até abrirem, e lá estava a enfermeira do outro lado do vidro, segurando o menor ser humano que ele tinha visto.

O rostinho dela era vermelho, o nariz achatado, os olhinhos inchados. Estava embrulhada como um bebê de índio norte-americano. Tinha um gorrinho cor-de-rosa na cabeça. A enfermeira tirou o gorro para ele ver o tufo de penugem vermelha que cobria o couro cabeludo da menina. Dava para ver a pulsação na moleira no topo da cabeça.

Os olhos dele se encheram de lágrimas e, se estava achando difícil respirar antes, agora era simplesmente impossível.

Mostrou os polegares para cima para a enfermeira e, com a boca, fez "obrigado" através do vidro, depois deu meia-volta e foi procurar o quarto 418. Encontrou, alisou o cabelo para trás e passou as duas mãos no rosto. Respirou fundo.

A porta era pesada. Abriu só um pouco antes de entrar no quarto. A luz sobre a cama estava acesa, era fraca, mas iluminava o suficiente para ver. Caroline estava deitada de costas, com o rosto virado para o lado oposto da porta. Não tinha barriga, e isso pareceu estranho naquele momento. Ela ouviu o ruído baixo da porta se abrindo e fechando e se virou.

Caroline olhou para Dodge, conhecendo exatamente a transgressão dele.

Ele percorreu o longo caminho entre a porta e a cama. Ele, sempre o bem-falante, não sabia o que dizer. As palavras faltaram completamente.

Caroline foi a primeira a falar.

– Quando vi que você não chegava e não tinha telefonado, liguei para a delegacia. Disse para o homem com quem falei que era uma emergência, que eu precisava falar com você imediatamente. Como você está na força-tarefa especial, trabalhando disfarçado, ele disse que ia ver se conseguia avisar para você ligar para mim.

"Mas você não ligou. Então tentei uma segunda vez, mais frenética do que antes. O homem disse que não tinha conseguido falar com você, mas disse que, se servia de consolo, não havia informe de que você tivesse morrido, ou sido ferido no cumprimento do dever."

Tanto a voz como o olhar de Caroline não tinham expressão alguma.

– Você dormiu com ela, não é? Para pegar o seu bandido, fez sexo com a namorada dele.

Dodge preferia que ela gritasse, xingasse e chorasse. Desejou que ela lhe desse um tapa na cara. Esse tipo de fúria estava preparado para enfrentar. Mas aquela raiva controlada era apavorante.

Ele abriu a boca para falar, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Nem imaginou negar aquilo. Não ia acrescentar mentira a sua traição, para feri-la ainda mais, de forma mais desprezível e, de qualquer maneira, seria inútil.

– Quero você fora de casa antes de eu voltar com o bebê.

Dodge entrou em pânico.

– Caroline...

– Estou falando sério. Quero que vá embora. Que saia das nossas vidas. Da vida dela, da minha. Você não tem nada a ver com nós duas. Nunca mais, Dodge.

– Você não pode...

– Posso sim. E *vou.*

– Eu...

– Você estragou tudo.

– Eu fiz uma besteira.

– Pode chamar do que quiser. Você me machucou muito mais do que Roger Campton.

Aquelas palavras foram como uma lança entrando direto no coração dele.

– Como pode dizer isso?

– Como pôde *fazer* isso? – A voz dela falhou e deixou transparecer a emoção. – Como pôde fazer isso? – ela perguntou outra vez, enfatizando cada palavra.

Ele se fazia a mesma pergunta. Não tinha desculpa alguma para dar, porque não havia nenhuma mesmo.

Ela virou o rosto para o teto.

– Você está me vendo pela última vez, Dodge. Não quero mais nada com você. A nossa filha nunca vai conhecê-lo, nem você a ela. Aproveite o seu cargo de detetive. Tenha uma boa vida. Agora afaste-se de mim.

Dodge ficou ali, parado ao lado da cama, dois minutos inteiros, mas Caroline não olhou mais para ele.

Ele saiu do quarto e do hospital, porque seria realmente uma besta de ficar e incomodar uma mulher que tinha acabado de parir. Ele não queria provocar uma cena e humilhar Caroline ainda mais na frente do pessoal do hospital e das novas mamães cujos parceiros estavam com elas quando seus filhos vieram ao mundo.

Ele foi pegar o carro e quase saiu no tapa com o nazista do estacionamento do hospital que o acusou de fingir ser policial. Como não podia levar sua identidade no bolso quando estava com Crystal e Albright, Dodge não pôde provar que o cara estava enganado. Por isso, empurrou-o para um lado,

mostrou o dedo para ele e disse “me processe”, depois partiu a toda velocidade e deixou o homem ameaçando denunciá-lo.

Na casa de onde tinha sido expulso, Dodge tirou os lençóis sujos da cama e os trocou por limpos. Passou o aspirador de pó no tapete da sala de estar. Esvaziou todas as latas de lixo e esfregou todo o banheiro até ficar tudo brilhando. Enquanto executava essas tarefas, planejou o que mais podia fazer para reconquistar Caroline.

No dia em que ela deveria voltar para casa, ele poria flores no quarto. No quarto do bebê também. Flores rosa. Ia abastecer a geladeira e a despensa com os alimentos preferidos de Caroline. Deixaria chocolates no travesseiro dela todas as noites. Iria se levantar da cama com ela toda vez que precisasse para dar de mamar ao bebê. Pegaria e carregaria coisas para ela. Faria massagens nas costas dela. Compraria os bichinhos de pelúcia e enfeites de renda que Caroline chamaria de extravagantes, mas que, no fundo, ia adorar. Ele faria tudo e qualquer coisa que tivesse de fazer para ela mudar de ideia.

Precisava tê-la na vida dele, senão sua vida não valeria nada. Simples assim. Tinha de convencê-la a aceitá-lo de volta. Mas primeiro ele precisava provar o seu valor.

Depois de fazer tudo que podia para a casa ficar perfeita, Dodge tomou uma ducha, fez a barba, vestiu-se e foi para o quartel da força-tarefa. Havia só um cara no enorme salão e ele falava ao telefone. Ao ver Dodge, desligou.

– Onde você esteve? Por que não atendeu ao chamado pelo bip?

– Eu...

– Não importa. Ele assaltou um banco às oito e sete desta manhã. Logo depois de abrir.

– Meu Deus! Você está brincando. Crystal me disse que seria dia vinte e cinco. Albright deve ter...

– Que Albright? Esqueça ele. O nosso homem é um executivo de um laboratório farmacêutico. Sem antecedentes. Nós jamais olharíamos para ele. Nem em um milhão de anos. Dá para acreditar?

CAPÍTULO 26

Dodge chegou ao fim de sua longa história.

– Esse executivo de laboratório pensou que era mais esperto do que todos. Assaltou o primeiro banco como se fosse uma brincadeira, só para ver se conseguia se safar. Conseguiu e tentou de novo. E de novo. Ele disse que ficou viciado.

"Acho que aquele jovem guarda que ele matou deu uma adrenalina a mais. Imagino como deve ter se divertido no corredor da morte. Tenho certeza de que já deve ter sido executado a essa altura, a não ser que tenha recebido um indulto. Quando me mudei para o Alabama, perdi contato."

Dodge se ajeitou no banco de courvin e acrescentou, num tom mais baixo:

– Mas, para você, essa deve ser a parte menos interessante da história.

Berry estava ouvindo havia quase uma hora, sem dizer uma só palavra. Ela pigarreou e bebeu um pouco de água do copo que Grace tinha enchido de novo sem que ela notasse.

– O que aconteceu com Franklin Albright?

– O departamento de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos pegou os dois, ele e o primo, com um negócio de armas automáticas muito lucrativo. Eles vendiam para os cartéis da droga do outro lado da fronteira.

– E a Crystal?

Dodge suspirou e balançou a cabeça com tristeza.

– Acho que ela finalmente entendeu que Marvin não ia voltar para salvá-la do motel. Perdi contato com ela também.

– Nunca mais a viu?

– Não. Marvin desapareceu da vida dela.

Berry hesitou um pouco e perguntou mais baixo ainda:

– E minha mãe?

– Eu falhei, não cumpri tudo que lhe prometi. Então fiz o que ela mandou e saí de casa na hora em que ela chegou com você. Nunca mais a vi até esse

último sábado. Tampouco você. – Ele olhou para ela com admiração. – O seu cabelo continua ruivo, mas o nariz não é mais chato.

Ela retribuiu o sorriso triste dele. Os humores tinham mudado uma dezena de vezes enquanto ele contava sua história. Ela passou de curiosidade para raiva e, depois, para tristeza. Não sabia ao certo qual emoção ia ficar, então deixou que elas todas aumentassem e diminuíssem como fariam normalmente, sem fazer nenhum esforço consciente para manter alguma.

– A força-tarefa foi desmontada – disse ela.

– Foi.

– E você virou detetive.

– Não. A minha reputação na polícia de Houston flutuava em algum ponto entre motivo de chacota e ferrado. Fui nomeado para outra patrulha das ruas, com outro parceiro. Na verdade, tive diversos parceiros, porque eu era uma praga para todos eles e ninguém queria trabalhar comigo.

"Fiquei displicente no trabalho. Agressivo. Era grosseiro com os meus supervisores."

Dodge bateu com a mão no bolso da camisa.

– Passei a fumar porque procurava alguma coisa, qualquer coisa, para ocupar a cabeça, os meus pensamentos e para amortecer a dor de ter perdido Caroline e você, e a nicotina não era tão arriscada quanto a cocaína ou a bebida.

"Uns seis meses vivendo nesse purgatório autoimposto e entrei numa crise de sexo. Sabe, a fase de me incriminar tinha passado e eu estava naquela de 'eu vou mostrar para ela'. Por isso, entrei numa onda de sexo. Depois de meses de encontros de uma noite só, tudo que eu havia provado era o quanto eu amava a sua mãe.

"Uma manhã, acordei e entendi que jamais a teria de volta se continuasse nessa trilha, então mudei. Virei uma página. Arrumei minha vida e tentei resgatar o meu emprego, que estava prestes a perder. Já estava viciado no cigarro, mas consegui ficar sem mulher alguma de repente. Vivia feito um monge maluco."

Dodge parou de falar e as rugas do rosto sobressaíram, numa terrível expressão de sofrimento.

Berry perguntou baixinho:

– Essa reforma não durou?

– Só até o dia em que anunciaram o casamento de Caroline com Jim Malone.

– Você soube pelo jornal?

– É. Foi como um raio saído do nada. Que mostra como o destino pode ser cruel. Eu não tinha nem ideia de que ela estava saindo com ele. Não assim, eu quero dizer. E então lá estava aquela notícia, preto no banco. Ela se casou com ele.

Berry percebeu, pelo som rouco e entrecortado da voz dele, que aquilo o machucava muito, mesmo depois daquele tempo todo.

Ele ficou calado um tempo, olhando para o vazio, depois falou:

– Por meio de advogados, acertamos que Malone adotaria você e lhe daria o nome dele. Eu cedi sem realmente encarar essa briga. Não tinha nada a oferecer. Você tinha um pai novo que parecia um tipo decente, que lhe daria uma boa vida, que eu nunca chegaria nem perto de poder bancar. – Dodge parou um segundo e continuou: – Fui embora e nunca mais voltei.

Depois de um tempo, os olhos dele focalizaram nela outra vez.

– É isso, Berry. Não é uma história muito bonita para contar para a filha na hora de dormir, é? Não é exatamente Cachinhos Dourados...

– É uma história triste. Especialmente para você.

– Não contei para você ficar com pena de mim. A última coisa que eu quero na vida é me fazer passar por um herói fracassado, uma figura trágica. Fiz escolhas erradas e paguei por elas. A única razão de ter-lhe contado talvez seja para que você aprenda alguma coisa com ela. É o melhor que posso fazer por você. Deus sabe que não fiz mais nada.

Ficaram se olhando um longo tempo, até o celular de Dodge tocar. Ele tirou o aparelho do cinto e verificou de quem era a ligação.

– É a Caroline.

Ele atendeu, ouviu, depois disse:

– Tudo bem, vamos já para aí.

Quando desligou, disse para Berry que Caroline e Ski tinham terminado o que foram fazer na delegacia.

– Aquele cretino do Mercury recebeu seu cheque. Ela disse que Ski precisa ficar lá. Todos o querem para alguma coisa. Caroline perguntou se podíamos ir

pegá-la.

Berry segurou a bolsa e deslizou do banco.

– Você pode me deixar no hospital.

– Errado. Vou levar você para casa. Sem discussão – ele disse com firmeza, interrompendo a reclamação dela. – Goste ou não, sou seu velho e estou dizendo agora que você vai para casa, descansar um pouco.

No caminho para a casa do lago, Dodge observou a filha pelo espelho retrovisor. Sem expressão, ela espiava a noite pela janela, sem fazer nenhum movimento, nem emitir qualquer som. Ele daria mil dólares para saber o que ela estava pensando. Será que pensava nele? No Starks? No emprego perdido? Talvez estivesse apenas com saudade do Ski. Quem podia saber?

O que quer que Berry estivesse pensando, ele queria ajudá-la. Mas aquele negócio de criar filhos era complicado, mesmo quando seu filho já era adulto. Devia ser mais difícil ainda, justamente porque Berry já era adulta. Ele foi categórico quanto a ela montar vigília para um criminoso cujo cérebro já estava praticamente morto. Mas, depois disso, não conseguiu pensar em nada mais para dizer que não parecesse burro, banal, desnecessário, ou uma combinação dessas três coisas, por isso não disse nada. Caroline devia estar pensando a mesma coisa, porque estava muito quieta quando a pegaram no prédio do tribunal, e ficou em silêncio o caminho todo.

Dentro da casa, ele seguiu as duas escada acima. No segundo andar, as duas foram para um lado, ele, para o outro. Tomou uma ducha no banheiro onde tudo começou. Até abriu a cama. Mas não conseguiu descansar até saber que Berry estava bem, por isso se vestiu e foi lá para baixo esperar Caroline descer.

Já estava esperando havia quase uma hora quando ouviu os passos leves na escada. Ela não notou que ele estava sentado lá no escuro da sala de estar quando passou a caminho do quarto dela.

Dodge deu a ela alguns minutos, depois foi até a porta e bateu de leve.

– Sou eu.

Caroline abriu a porta e ele percebeu, pela sua expressão, que estava imaginando que alguma uma outra tragédia tivesse se abatido sobre a família.

– O que foi dessa vez?

– Nada. Antes de me deitar para dormir, eu só queria saber se a Berry está bem. Ela estava muito abatida.

Caroline fez sinal para ele entrar no quarto e fechou a porta. Dodge olhou em volta. Não era um quarto cheio de frescuras, mas totalmente feminino mesmo assim. Havia um número desnecessário de travesseiros empilhados contra a cabeceira de ferro da cama e cortinas emolduravam as três janelas. As paredes eram pintadas com o que parecia para Dodge ser o mesmo amarelo-claro que tinha usado para pintar o quarto de Berry todos aqueles anos atrás. Quase todo o resto das coisas no quarto era branco, inclusive o robe de toalha que cobria o corpo magro de Caroline.

– Berry está exausta – disse ela. – Preocupada.

– Com o quê? Não com Starks, eu espero. Ele está tendo o que merece. A menos que morra em paz, porque, nesse caso, terá muito mais do que merece.

– Por mais cruel que isso pareça, concordo com você. Ele continua a atormentar Berry mesmo morrendo. Ela está carregando o peso de tudo que aconteceu.

– Sabe o que eu acho? Acho que o Starks a conduziu como se tocasse um instrumento. Ele alimentou o sentimento de pena que ela sentia.

– Tenho certeza disso – disse Caroline. – Ele é um manipulador.

Dodge foi até uma das janelas e espiou os fundos da propriedade, a floresta escura, a piscina e o pátio, o lago mais adiante. Era uma vista agradável. A lua brilhava na água que quebrava suavemente na margem. Os policiais da reserva tinham ido embora e a paisagem recuperava a serenidade.

Pensando em voz alta, ele disse:

– Ainda não entendi por que ele se meteu naquele pântano horroroso. Ski também ficou confuso com isso.

– Acho que nunca saberemos. Fico feliz de ele estar onde está agora.

– Vou me sentir melhor quando ele estiver debaixo da terra – disse Dodge com franqueza.

Dodge deu uma última olhada nos fundos da propriedade e se virou para o quarto de novo. Caroline tinha se sentado ao pé da cama. Ele hesitou e acabou dizendo:

– Berry e eu conversamos hoje.

Ele recuou e se sentou numa poltrona.

– Comendo cheeseburgers enquanto você e Ski cuidavam do Mercury.

– Ela descobriu.

– Acho que não levou muito tempo.

– O que contou para ela?

– Tudo. A verdade nua e crua.

– Não precisava, Dodge.

– Precisava, sim. Não por ela, mas por mim. Ela precisava saber de tudo.

– Por quê?

– Primeiro, para não culpar você pela nossa separação. Não que ela jamais pensasse nisso, mas eu queria garantir que nunca pensasse assim. Em segundo lugar, para que o que ela vier a sentir por mim seja fundamentado nos fatos, duros e frios, e não em algum papai da fantasia dela. Não queria que a visão que ela tem de mim fosse romantizada.

"Contando a verdade para ela, corri o risco de que me desprezasse. Mas talvez ela enxergue alguma redenção no fato de eu não tentar me fazer passar por nada além do que fui. Do que eu *sou*. Espero que ela pelo menos me dê o crédito de ter sido sincero."

– Acho que ela dará, sim. Ela sempre foi justa. E também não é do tipo de guardar rancor. Além do mais, já me disse que gosta de você. Acha você fofo.

Ele riu.

– De um jeito meio despojado.

– Está vendo, é disso que estou falando – ele disse zangado. – Ela me vê melhor do que eu sou. – Dodge olhou para Caroline e, pela milionésima vez, sentiu uma baita pontada de remorso. – Mas você não. Você me viu exatamente como eu era.

– E amei você assim mesmo.

Um longo silêncio pairou sobre eles. Nenhum dos dois se mexeu, nem desviou o olhar. Depois de um tempo, Caroline falou:

– Você não bateu na minha porta só para falar da Berry.

Dodge respirou fundo e soltou o ar, olhou para o lado e para ela de novo.

– Eu nunca disse para você que eu sentia muito, Caroline. A conversa sobre isso esta noite trouxe tudo de volta... – Ele parou de falar e suspirou. – Assim que aquilo foi feito, era tarde demais para consertar. Transar com Crystal foi o de menos. Eu sei que isso parece clichê, mas juro por Deus que não significou

nada. Aconteceu mecanicamente, o tempo todo fiquei planejando o que ia fazer assim que terminasse.

"Não traí você com o meu pau. Traí você com o meu ego. Nada que eu dissesse na hora, nada que eu diga agora, fará qualquer diferença. Eu fiz aquilo. Mas quero que você saiba que me arrependo de tudo. Quando você disse que eu a tinha machucado mais do que Roger Campton, eu odiei o que tinha feito. Odiei a mim mesmo por ter feito aquilo com você e destruído o que nós tínhamos." Ele fez uma pausa e suspirou de novo. "Eu quis dizer isso para você todos esses trinta anos. Sinto muito o sofrimento que provoquei."

O peito dela tremeu um pouco quando ela respirou.

– Aceito as suas desculpas.

– Obrigado.

Antes de fazer papel de bobo, Dodge bateu com a palma das mãos nas coxas e levantou.

– Estou morto. Não consigo nem me lembrar desta manhã.

– Você foi ao nosso quarto no hotel em Houston para nos acordar.

– Isso foi hoje?

– Foi um dia longuíssimo. Mas, pelo menos, pegaram Oren Starks. Podemos descansar sem nos preocupar com a segurança da nossa filha.

Quando Dodge foi passar por ela, Caroline segurou a mão dele e a apertou.

– Obrigada, Dodge.

– Eu não fiz grande coisa.

– Você atendeu ao meu pedido de socorro.

– Fiquei feliz por você ter pedido.

– Você foi o primeiro, a única pessoa para quem pensei em pedir ajuda.

Passou um segundo, depois mais outro. Caroline não soltou a mão dele. Ficou olhando para a parte de trás dela e passou a ponta do dedo nas veias saltadas. Depois se virou lentamente, aproximou-a dos lábios e beijou a palma da mão de Dodge. Segurou a mão dele contra seus lábios um longo tempo e olhou para ele com olhos nos quais ele podia se afogar.

– Todos esses anos – ela disse, com a voz rouca de emoção – e você continua muito íntimo para mim. Eu reconheceria esta mão no meio de todas as outras mãos do mundo.

Ele ficou apenas olhando para ela, sem coragem de se mexer, ou de acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

– Você teve muitas mulheres depois de mim. Duas esposas. E muitas outras.

Ele mexeu o ombro.

– Você...

– O quê?

– Você lembra alguma coisa de mim?

Ele respondeu com a voz embargada.

– Apenas tudo.

Ela sorriu, com certa dúvida e uma pitada de tristeza.

– Não sou mais jovem, nem ágil.

Ele havia se controlado todo o tempo possível, enquanto queria. Puxou-a para perto e a abraçou. Nenhum abraço foi tão forte. Esfregou o rosto no cabelo dela e disse as palavras que pensava nunca mais ter a chance de dizer:

– Você foi a única que amei na vida. Só Deus sabe. – Dodge pôs o dedo sob o queixo dela e a fez levantar o rosto para ele. – Fiz um monte de besteiras, Caroline, mas desejei você no momento em que a vi, e isso nunca mudou.

Ela estava com a cabeça no peito dele, o rosto sobre o coração, o queixo de Dodge apoiado no topo da sua cabeça.

– Você está calado – ela sussurrou.

– Estou velho. Você acabou comigo.

Ela passou o joelho entre as pernas dele.

– Você é um garanhão.

– Você acha?

Ela se apoiou no cotovelo para olhar para ele.

– Hã-hã.

Dodge sorriu e ela sorriu também. Passou o dedo no queixo dele, olhou embevecida para o seu rosto.

– Até esta noite, você não tinha dito que se arrependia. E, até agora, eu nunca agradeci.

– Agradecer?

– Pela Berry.

Ele ficou com um nó na garganta. Passou os dedos no cabelo dela.

– Já, já agradeceu. Toda vez que você olha para ela, eu vejo o quanto a ama. Isso é me agradecer, Caroline.

Eles se beijaram. Caroline se afastou primeiro.

– Quando é que vai me contar?

Ele manteve uma expressão neutra.

– Contar o quê?

– O que tem aí na sua cabeça.

– Na minha cabeça? Neste momento, você. Você nua. Que as suas sardas são superexcitantes. Gosto especialmente daquelas nos seus mamilos.

Ela deu risada, mas não desistiu da brincadeira.

– Você não vai me contar?

– Não há nada para contar.

Ela examinou os olhos dele um pouco, depois murmurou:

– Está bem.

Caroline deitou a cabeça no peito dele de novo. Exceto por algumas palavras de carinho sussurradas, a conversa deles terminou aí. De vez em quando, Dodge dizia alguma coisa vulgar que fazia Caroline suspirar, dar risada, ou corar. Ou não usavam palavras para expressar o que estavam sentindo, e essa era a comunicação mais significativa de todas.

Finalmente Caroline esfregou o nariz no pescoço dele e murmurou sonolenta:

– Eu não quero que isso acabe, mas não consigo mais manter os olhos abertos.

Dodge beijou os lábios dela suavemente, depois a fez se virar de costas e puxou o quadril dela para se encaixar nele.

– Eu sei que você gosta de dormir de conchinha.

– E eu sei do que você gosta. – Ela puxou a mão dele, botou-a sobre os seios e a cobriu com a dela. – Não estão tão empinados como eram.

– Os empinados são superestimados. Agora durma.

E ela adormeceu rapidamente. Dodge ficou acordado muito tempo. Estava exausto, mas, como Caroline, não queria perder um nanossegundo daquela

noite juntos. Não ia desperdiçar um instante dormindo, quando podia ficar ali segurando Caroline, sentindo o seu calor e ouvindo sua respiração.

E havia também aquela outra coisa, aquela insatisfação incômoda que ela havia sentido nele, aquela coisa não identificada que espreitava sem ser vista no fundo da cabeça dele, mordendo seu subconsciente como um roedor insidioso, impedindo que ele sentisse a plenitude física e tornando impossível a paz de espírito.

Apesar de todo aquele turbilhão emocional, Berry dormiu profundamente e sem sonhos. Mas acordou quando o sol nasceu. Tomou uma ducha, vestiu a roupa e desceu para fazer café. Assim que terminou de fazer o café, Dodge apareceu, com ar tímido e na defensiva ao mesmo tempo. Ela olhou para a direção de onde ele tinha vindo, o quarto da mãe.

Berry dominou a tentação de provocá-lo e ofereceu uma xícara de café.

– Obrigado.

Dodge botou duas colheres de açúcar, bebeu um gole e disse:

– Aquela pulseira com o berloque de coração. Fale dela.

– Foi um dos presentes que Oren me deu.

Berry contou que tinha revelado para Ski e para o delegado Drummond que Oren se recusava a receber de volta os presentes indesejados.

– Para evitar vê-lo, eu desisti de tentar devolver. Por que você pergunta isso agora?

– Passou pela minha cabeça que nós nunca conversamos sobre isso depois que concluímos que Sally Buckland usava uma igualzinha. Você não sabia que ele tinha dado uma para ela também?

Berry balançou a cabeça.

– Está com a sua aqui?

– Lá em cima. Trouxe tudo que Oren me deu quando vim para Merritt.

– Parece que você teve uma intuição. Que ia precisar dessas coisas como provas.

– Talvez seja um traço que herdei de você.

Dodge demonstrou uma satisfação imensa com aquela observação. Mas ateve-se ao assunto.

– Você se importa se eu der uma olhada na pulseira?

Berry foi lá para cima. Quando desceu, minutos depois, a mãe estava na cozinha, se servindo de uma xícara de café. Estava desarrumada, mas positivamente cintilante. Deu um sorriso tímido para Berry e um bom-dia preguiçoso, mas mal afastava o olhar de Dodge.

Berry tinha juntado todas as coisas que Oren lhe deu numa pequena bolsa de pano. Ela abriu o zíper e despejou o conteúdo na mesa da cozinha, depois remexeu nas coisas à procura da pulseira. Não a viu à primeira vista e procurou com mais cuidado.

Então olhou para Dodge e para Caroline ressabiada.

– Não está aqui. Como pode não estar? A última vez que eu vi estava aqui, com todas essas outras coisas.

– Quando foi isso? – perguntou Dodge.

– Não lembro exatamente.

– Antes, ou depois de você se mudar para cá?

– Depois. Eu estava tentando me convencer a fazer uma faxina completa, livrar-me de tudo que lembrasse ele. Mudei de ideia, mas a pulseira estava aqui, tenho certeza disso. Era o presente mais pessoal.

– Talvez tenha tirado daí em algum momento e apenas não se lembre.

– É claro que eu lembraria!

Berry se arrependeu imediatamente de ter jogado sua angústia crescente na mãe, por isso pegou a mão dela e apertou.

– Eu lembraria, mãe.

Ela afundou em uma das cadeiras da mesa e gemeu.

– Vocês acham que...

– Que era a sua pulseira no braço da Sally Buckland?

Dodge completou a terrível ideia para ela. Berry quis anular aquilo antes que se tornasse um fato.

– Não podia ser. Quando é que Oren ia pegar a minha?

Dodge pigarreou.

– É possível, apenas possível, que Starks tenha estado aqui.

– Aqui? Você quer dizer, dentro dessa casa?

Berry e Caroline ouviram incrédulas Dodge contar das fotos que tinham descoberto numa lata de lixo perto do motel em que Oren esteve escondido até

Davis Coldare dar de cara com ele.

– Parecia que ele estava se familiarizando com o território, por assim dizer. Há fotos da casa de todos os ângulos. Algumas de vocês – ele disse, com uma sensação de mal-estar. – Para conseguir essas fotos, mesmo usando uma teleobjetiva potente, ele precisava estar bem perto da casa. Talvez tivesse coragem suficiente para entrar aqui quando vocês não estavam e ficar bem à vontade.

– Ele sabia onde ficava o seu quarto na noite em que atirou no Ben Lofland – disse Caroline.

Berry cruzou os braços e passou as mãos na pele arrepiada.

– Ele vasculhou as gavetas da minha escrivaninha? Pôs a mão nas minhas coisas? – Ela ficou nauseada só de pensar.

– Não sabemos o que ele fez. Mas é possível.

– Eu quero ver as fotos – disse Berry.

– Não quer não. Confie em mim.

– Eu quero ver, Dodge.

Dodge praguejou baixinho. Berry ouviu palavras de autocondenação por ter contado para ela sobre as fotos.

– Vai ter de pedir para o Ski – ele disse. – Ele me fez devolver todas elas.

Então o celular dele tocou. Verificou a identidade de quem estava ligando.

– Por falar no diabo...

Dodge atendeu, ouviu e disse:

– Estamos a caminho.

Ele desligou.

– Starks está dando sinais de que vai voltar a si.

– É uma cena horrível – disse Ski quando eles chegaram à porta da UTI do hospital.

Lá dentro, o leito estava cercado de médicos e alguns enfermeiros, cada um fazendo uma coisa diferente, movimentando-se em ritmo de urgência e tentando acalmar o paciente, cuja agitação era óbvia. Oren lutava contra as correias que o prendiam à cama.

Uma enfermeira que os viu ali chegou à porta.

– Vocês podem esperar no corredor, subdelegado Nyland. Vou chamá-los se ele começar a falar com alguma coerência.

Foi uma sugestão sutil para que eles saíssem dali.

Foram em grupo para uma pequena sala de espera. Berry e a mãe se sentaram num sofá de dois lugares.

– Todo esse sofrimento, essa provação... – sussurrou Caroline, balançando a cabeça cheia de pena. Não precisou terminar a frase. Aquelas palavras bastavam.

Dodge se sentou em uma cadeira. Tirou um maço de cigarros do bolso da camisa, ficou brincando com ele e o guardou de novo. Ski ficou de pé perto da porta, de costas para a parede. Estava atento e tenso, como um soldado à espera do tiro que acabaria com um breve cessar-fogo.

Passaram um tempo sem nada dizer. Mas a pressão no peito de Berry aumentou tanto que ela acabou desabafando.

– Eu roubei dele. Do Oren.

Os três se viraram espantados para ela.

Antes de qualquer pergunta e antes de perder a coragem, Berry começou a falar:

– Vocês sabem que Oren tinha trabalhado na campanha que Ben e eu terminamos na sexta-feira.

Os três menearam a cabeça juntos.

– Foi quando as coisas com a Sally estavam ficando mais complicadas. Ela pediu demissão, e ficou subentendido que Oren era o motivo.

Berry hesitou e abaixou a cabeça.

– Não, isso não está certo. Eu *deixei transparecer* que Oren era o motivo disso.

– O que quer dizer, Berry? – perguntou Caroline.

– A administração me consultou sobre a saída de Sally. Eu disse que tinha sido por causa do Oren.

– O que era verdade.

– Deixe-me terminar de contar isso, mãe, por favor.

Ela parou para organizar as ideias.

– Eu fiz a administração acreditar que a firma tinha escapado por pouco de um custoso processo de assédio sexual quando, na verdade, Sally jamais sugeriu

tal coisa. Eu fui além, insinuando que outras mulheres no escritório estavam cogitando levar a questão para esse nível. Eles ficaram bastante abalados com isso. Perguntaram se era tão grave assim. Pediram a minha opinião, como mulher, do que deviam fazer com Oren Starks. Se deviam adverti-lo e suspendê-lo, ou demiti-lo logo de cara. Se ele era recuperável, ou não, se era dispensável.

"Devia ser óbvio para vocês o que eu disse para eles. Não falei nada sobre o excelente trabalho que Oren estava fazendo. Não falei para os chefes que a ideia original dele tinha sido a melhor de todas e que Ben e eu estávamos elaborando toda a campanha em torno dela. Em vez disso, eu alimentei a paranoia deles e fiz com que esperassem o pior se Oren continuasse na firma.

"Ele foi demitido no dia seguinte. Não permitiram que levasse nada do trabalho dele. Saiu do prédio escoltado pelos guardas da segurança e foi tratado como um criminoso." Com a voz quase inaudível, Berry acrescentou: "E ele se tornou um."

Ninguém falou por um tempo, depois Dodge se adiantou:

– Espere um minutinho aí. Você não pode se culpar pelo que Oren *se tornou*. As pessoas são demitidas dos seus empregos. Elas não saem por aí matando gente. Ele era o que era antes de ser demitido.

– Ele tem razão, Berry – disse Ski, mais calmo do que Dodge, mas tão enfático quanto.

– Mas a coisa não termina aí. Depois de ser dispensado, ele me pediu diversas vezes para interceder por ele. Eu fiquei enrolando, disse que tinha tentado recuperar o emprego dele, mas que a decisão da Delray era definitiva. Isso era mentira. Eu nunca o defendi. Nem uma vez. Muito pelo contrário. Depois que ele foi embora, assumi o crédito pelo trabalho dele. Ben também, simplesmente por permanecer calado. Ele conhecia o meu jogo e, tacitamente, me acompanhou. Jamais reconheceu para ninguém a valiosa contribuição de Oren. – Com a voz mais baixa, ela acrescentou: – Eu fiquei sabendo que ele nunca mais confiou em mim depois disso.

Berry parou para recuperar o fôlego.

– Quanto à Sally, eu a encorajei a sair da firma. Disse que ela jamais se livraria de Oren se continuasse na Delray.

– Verdade também – disse Caroline.

– Era bem provável – concordou Berry. – Mas eu tinha um motivo egoísta para sugerir que ela pedisse demissão. Ela era boa. Os clientes gostavam dela, do seu jeito despretensioso. A administração também. Ela era uma ameaça para o meu progresso. Eu queria Sally longe. Por isso, eu a pressionei para sair. Joguei nas duas pontas, contra o centro. Manipulei Sally para pedir demissão e cuidei para que Oren fosse demitido. Tudo em meu benefício.

Berry virou a cabeça e falou diretamente para Caroline:

– Ninguém tem mais orgulho do seu extraordinário sucesso do que eu, mãe. Mas é muito para fazer por merecer. Eu também sou ambiciosa, mas, quando se trata de conquistar objetivos, não tenho a sua paciência, o seu estilo, ou a sua classe. O que me move é diferente, eu acho – ela disse, olhando para Dodge. – Em todo caso, a pressão e a culpa que eu estava sentindo pelo que tinha feito aumentaram. Por isso, eu a critiquei naquele dia e mais tarde fiz aquela cena com o Oren na varanda da minha casa. Vim aqui para Merritt para botar minha cabeça no lugar, reorganizar as minhas prioridades. Nesse processo, compreendi que preciso reconhecer a minha falsidade e corrigi-la. Quando liguei para Oren na última quinta-feira, disse que o nome dele estaria naquela campanha quando ela fosse apresentada. – Ela fez uma pausa e disse: – Não foi o bastante.

O silêncio deles ficou pesado, então Dodge suspirou.

– Se quiser saber a minha opinião, isso tudo é besteira. Tudo bem, talvez a sua ambição tenha passado um pouco da conta. Sally Buckland tinha vontade própria. Você pode tê-la influenciado, mas foi ela que resolveu pedir demissão. Quanto ao Starks – continuou Dodge, com uma careta de nojo –, por trás das ideias desse homem, havia um doido varrido com tendência à violência, implorando por uma chance para sair lá de dentro. – Ele apontou o dedo para Berry. – Agora você confessou. Esqueça.

Ela sentiu muito afeto por ele e teria expressado isso em voz alta se o médico que cuidava de Oren não tivesse aparecido de repente na porta.

– Algum de vocês aí se chama Berry?

Berry ficou de pé.

– Ele não para de dizer o seu nome.

– Posso...?

Ele deu de ombros, pragmaticamente.

– É você quem sabe.

Então ele desapareceu, tão abruptamente como tinha aparecido.

Caroline pegou a mão de Berry.

– Não entre lá. Nós não devíamos nem ter vindo.

Berry olhou para Dodge, pedindo a opinião dele sem dizer nada.

– Eu gostaria que ele tivesse morrido lá no Thicket, para poupá-la disso.

Quando Berry encarou Ski, ele disse:

– Se você entrar, eu entro com você. Preciso ouvir o que ele tem a dizer.

Berry foi com ele. Ski botou a mão no cotovelo dela, saíram da sala de espera e foram andando pelo corredor.

A UTI de Oren era uma cena de filme de terror. Berry se aproximou da cama tremendo. As pálpebras dele piscavam descontroladamente. Ele murmurava o nome dela, como uma ladainha. Ele não parava de mexer as mãos, os dedos agarravam a roupa de cama e os pulsos forçavam as correias que os prendiam.

– Ele pode me ouvir? – perguntou Berry.

– Você pode tentar – disse uma das enfermeiras.

Berry engoliu sua apreensão.

– Oren?

Ele não reagiu, ela pigarreou e disse mais alto:

– Oren? Você pode me ouvir? É a Berry.

As pálpebras abriram, mas os olhos dele tinham rolado nas órbitas, não focalizavam nada. Ele falou o nome dela com uma voz rouca e fraca.

– Sim, sou eu. – Ela procurou alguma coisa para dizer que não parecesse totalmente sem sentido. – Você está no hospital. Os médicos e enfermeiras estão tentando ajudá-lo.

– Berry. – Mais uma vez o nome dela passou pelos lábios dele, enquanto piscava rapidamente para focalizá-la. – Berry.

– Estou aqui.

– Você está viva.

– Estou.

– Você devia estar morta.

Ela engoliu o ar rapidamente e se encolheu. Ski botou a mão no ombro dela.

– Vamos sair daqui.

Mas, antes que Berry pudesse se mexer, Oren conseguiu torcer a mão e, assim, agarrar o pulso dela. Berry olhou para baixo horrorizada com os dedos frios e úmidos dele prendendo seu pulso. Os olhos dele agora estavam completamente abertos e concentrados nela. A loucura neles fez Berry soluçar de medo.

– Você vai morrer – ele disse, com maldade. – Você vai *morrer*.

Berry soltou o pulso e tropeçou para trás, acabou esbarrando em Ski, mas continuou imobilizada pelo olhar maníaco de Oren. Então, de repente, as pálpebras dele começaram a tremer de novo. Ele curvou a garganta de um modo horrível. A cabeça bateu no travesseiro e a gaze, que cobria o buraco na têmpora e a massa encefálica que saía lá de dentro, caiu. O corpo dele começou a corcovear descontroladamente.

– Ele está tendo uma convulsão – disse uma enfermeira com urgência na voz.

Ski fez Berry se virar de costas e a levou para fora da sala. No corredor, ela caiu nos braços dele.

CAPÍTULO 27

Ski sabia que, se voltasse para a delegacia logo depois da morte de Oren Starks, seria assediado por repórteres e pelos outros policiais, todos salivando para conhecer os detalhes mais mórbidos. Ele precisava de um tempo antes desse enfrentamento; por isso, estava dando alguns telefonemas, sentado à mesa da cozinha de sua casa.

Além de tudo, podia cuidar melhor das questões mais importantes ali, onde não seria interrompido o tempo todo. Tinha seu celular, uma garrafa térmica de café bem forte e uma lista de pessoas para quem ligar. O primeiro era o delegado Drummond, que manifestou a devida lástima pelo desperdício da vida de Oren Starks, depois comentou a captura de Ski.

– Foi um esforço coordenado, senhor.

O xerife descartou a humildade dele, quis saber de Caroline e de Berry. Ski informou que as duas estavam bem, dentro do possível. Então, Drummond surpreendeu Ski ao dizer que tinha resolvido não se candidatar à reeleição.

– É hora de passar o bastão. – Ele fez uma pausa e continuou: – Eu teria muito prazer de apoiar você como meu sucessor. Não há ninguém melhor. E não estou dizendo isso só porque você é o herói da hora.

– Agradeço seu voto de confiança.

– Você mereceu. Pense nisso. Vamos conversar sobre esse assunto um dia desses.

Ski ficou lisonjeado e animado, mas não podia parar para pensar no futuro, pressionado pelas responsabilidades do presente. Continuou a checar obstinadamente sua lista, ligando para a clínica em que a mãe de Oren Starks estava internada. A administradora lembrou a gravidade da doença dela.

– Ela não reage a nada, subdelegado Nyland.

– Compreendo, senhora. Pensei que ela devia ser oficialmente informada da morte do filho.

Como não foi encontrado nenhum documento ou procuração entre os papéis de Starks na casa dele em Houston, e a mãe não tinha condição de

tomar decisões quanto ao enterro dele, Ski tratou com uma funerária de Merritt.

Por fim, ele ligou para o detetive Rodney Allen, de Houston, e descreveu a captura para ele.

– Ele tinha pouquíssimas chances de sobreviver ao ferimento na cabeça. Morreu bem cedo esta manhã, muito agitado, sempre desejando a morte da srta. Malone.

– Fique feliz de tê-lo capturado.

– Eu estou.

Allen pediu a papelada necessária para encerrar o caso dele sobre o assassinato de Sally Buckland, e Ski prometeu enviá-la para ele assim que tivesse tudo pronto e assinado.

Depois de uma breve pausa, o detetive disse:

– Eu verifiquei o histórico de Hanley.

– Ele é um bom homem para ter do nosso lado.

– Se é o que você acha.

– É o que eu acho.

Ski desligou sem dizer mais nada. E, naquele momento, alguém bateu na porta dos fundos da sua casa.

Berry olhava para ele através dos painéis de vidro que formavam a parte de cima da porta, tentando avaliar a sua reação diante daquela visita inesperada. Antes, porém, que ela pudesse analisar bem, Ski abriu a porta. Estava de calça jeans e camiseta branca, descalço.

– Oi.

– Oi.

Ele chegou para o lado. Berry subiu o último degrau e entrou na cozinha que cheirava a café fresco. Notou as coisas em cima da mesa, inclusive um bloco de papel com rabiscos e linhas desenhadas por uma mão firme e máscula.

– Você está trabalhando?

– Terminei agora de fazer umas ligações oficiais. Como você está?

– Estou bem.

Logo depois que Ski a tirou do quarto de Oren na UTI, o médico declarou a morte dele.

– Ainda meio abalada.

– Foi uma cena pesada.

– Foi.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça, depois tirou-as. Indicou a bancada com um movimento de cabeça.

– Quer café?

– Não, obrigada.

– Quando você saiu do hospital, disse que ia para casa dormir.

– Eu ia. Mas, quando chegamos lá, minha mãe disse que tínhamos de comer. Dodge se ofereceu para ir ao mercado fazer as compras para o lanche. Eu me ofereci para vir até aqui e convidar você para lanchar conosco. – Berry respirou fundo, sabendo que era sua última cartada, mas disposta a correr o risco. – Mas convidar você para lanchar foi apenas uma desculpa. O verdadeiro motivo para eu vir até aqui é que eu quero que você me abrace.

Ski precisou dar apenas um passo para se aproximar dela. Puxou-a para junto dele e a segurou com seus braços fortes. E, por um bom tempo, isso bastou, apenas ficar assim, abraçados. Então ele levantou o queixo de Berry e a beijou com uma ternura surpreendente. Os dois se afastaram um pouco e ele olhou nos olhos dela como se pedisse permissão. E deve ter visto o que queria naquele olhar.

Ski abaixou a cabeça, encostou os lábios nos dela e suas bocas abertas se fundiram, famintas. Berry passou os braços por baixo dos braços dele. As mãos se encontraram nas costas de Ski e ela o abraçou com força contra o próprio corpo. Mudaram o ângulo das cabeças várias vezes, mas não interromperam o beijo até Ski chegar para trás e colar os lábios no pescoço de Berry, logo abaixo da orelha.

– Podemos continuar isso sem roupa?

Ela emitiu um ruído suave que ele traduziu como um sim. Ski segurou a mão dela, eles saíram da cozinha, atravessaram a casa e entraram num quarto espaçoso. Berry ficou impressionada ao ver que a cama estava arrumada, só que por pouco tempo. Ski tirou as cobertas, se virou para Berry e começou a

desabotoar sua blusa. Soltou o colchete da frente do sutiã e afastou as taças. Segurou os seios dela e a beijou de novo.

Lábios, línguas, ponta dos dedos. Berry ficou sem ar, indefesa, até não perceber mais que os ruídos que povoavam o quarto silencioso saíam da própria garganta. Ele continuou a acariciá-la com a boca e enfiou as mãos por baixo da sua saia. Uma espalmada no traseiro, a outra por dentro da calcinha.

Berry gemeu porque ele sabia exatamente o que tinha de fazer, e fazia muito bem. O movimento deslizante dos dedos dele logo fizeram Berry ofegar.

– Pare. Ski. Pare.

– Não – murmurou ele, passando os lábios num mamilo.

A sensação era boa demais. A pressão dos dedos, a carícia do polegar, quase lá. Berry começou a se mexer, cavalgando a mão de Ski. Excitada com os sussurros ardentes dele, ela se soltou completamente e deixou o prazer invadir-lhe o corpo. Os espasmos do gozo a dominaram, até ela ficar inerte, abraçada com ele.

Ski a acomodou na cama e afastou o cabelo do rosto dela. Beijou seus lábios de leve, depois tirou toda a sua roupa. Sempre olhando nos olhos de Berry, Ski tirou a camiseta. Desabotoou a calça com mãos experientes, a puxou para baixo e jogou para o lado.

Ski não usava nada por baixo da calça, e aquela incrível visão sexy provocou uma sensação de fisgada dentro dela. Ele subiu na cama de gatinhas e ficou em cima dela, apoiado nos braços retos. Examinou todo o seu corpo e Berry sentiu o calor da timidez, mas teve vontade de tocar nele e foi o que fez. Ele fechou os olhos, a respiração ficou áspera e ruidosa, o ar sibilou entre os dentes quando o polegar de Berry encostou no ponto mais sensível que já estava molhado.

Quando Ski começou a penetração, Berry mordeu o lábio para conter um pouco os gemidos. Ele relaxou os braços. Ela gostou do peso dele sobre seu corpo. Instintivamente, dobrou as pernas para trás para se abrir mais para ele, e ele reagiu não só com o corpo, mas com uma ladainha de obscenidades, a linguagem crua e primitiva de um homem totalmente absorvido pelo momento, pela cópula.

Ski estava de costas, abraçando Berry. Os dois deitados com as pernas entrelaçadas. Ele estava relaxado, mas o corpo continuava a formigar com sensações que explodiam e diminuíam nas terminações nervosas. Não era de se admirar. O objeto do seu tesão estava nu, na cama dele, e era incrível.

– Adorei você ter me beijado.

A voz rouca de Berry provocou uma nova pontada de desejo em Ski. Ele virou a cabeça para olhar para ela.

– Durante, eu quero dizer. Foi muito gostoso. Totalmente sexy. Mas também – ela virou o rosto para ele – tremendamente terno. Especial.

Foi muito significativo para ele também. Jamais tinha beijado uma mulher assim, um beijo realmente profundo e intenso, enquanto transava com ela. Berry não ia acreditar se ele lhe dissesse isso. Era cedo demais para contar esse tipo de coisa. Aliás, também era cedo demais para sentir essas coisas por uma mulher que ele conhecera havia apenas quatro dias. Mas era isso que estava acontecendo.

Olhando para ela agora, Ski pensou que seria maravilhoso acordar todas as manhãs pelo resto da vida vendo aquele rosto no outro travesseiro. Só de pensar nisso, Ski sentiu um calor profundo. Como uma saudade doída.

– Você aprendeu essa linguagem sacana no exército? – perguntou Berry.

– Ah, droga – gemeu ele. – O que foi que eu disse?

– Você não lembra?

– Eu estava completamente absorto. Se o que eu disse foi ofensivo, peço desculpas.

Ela deu um sorriso malicioso.

– Eu gostei.

– Hum?

– Hum.

Eles se beijaram preguiçosamente. Foi Berry que se afastou depois de um tempo.

– A cicatriz também foi no exército?

Ele olhou para a linha alta e irregular que atravessava a coxa. Cirurgiões experientes tinham tentado disfarçá-la, torná-la menos feia, mas ainda parecia que a pele dele tinha sido rasgada com um abridor de latas antigo e enferrujado, depois suturada com arame farpado.

– Eu devia ter avisado você.

– Não se importa de falar disso?

Ele esfregou o lóbulo da orelha dela entre os dedos. Era incrivelmente macio.

– Afeganistão. Tínhamos ordens de policiar, prestar ajuda quando fosse necessário, não enfrentar o inimigo. Acho que o Talibã não recebeu esse memorando. A minha unidade entrou na casa de um cara que era o nosso intérprete. Fomos lá para tratar da segurança de uma escola do bairro.

"Era uma armadilha. Ele era talibã, e aqueles caras lutam para vencer. Ou para nos fazer perder. De toda forma, foi um banho de sangue. Matamos todos eles. Duas mulheres. Um garoto que parecia ter uns treze anos. Eu e um outro cara fomos os únicos da unidade que saímos de lá vivos. A última notícia que tive dele é que continua muito perturbado psicologicamente." O olhar de Ski passou da contemplação do lóbulo da orelha para os olhos de Berry. "Eu tive sorte."

– Isso dói?

– Às vezes ela me lembra que existe. Não é sempre. – Ele deu um sorriso torto. – Alisar ajuda.

– Que tal cobrir de beijos?

E, sem esperar a resposta, Berry deslizou para baixo. Passou a ponta do dedo delicadamente sobre a cicatriz que ia do joelho à virilha, depois seguiu o mesmo trajeto com os lábios, com beijos levíssimos. Ele pôs a mão na cabeça dela, sem pressionar. De leve também. Só para indicar que a sensação era boa demais, que era maravilhoso ver que Berry não achava a cicatriz repulsiva.

Então ela beijou seu pênis, enfiou a ponta na boca e todas as células do corpo dele entraram em curto.

– Meu Deus.

Ski agarrou um punhado de cabelo de Berry e a puxou para cima.

– Pare, Berry.

Ele continuou puxando o cabelo dela até ficarem mais uma vez cara a cara. A expressão dela era de confusão. Parecia magoada.

Ele passou o polegar nos lábios dela.

– Eu quero que você faça isso, Deus sabe como eu quero. Foi incrível, e daqui a cinco minutos vou chorar por ter feito você parar. Mas você precisa

saber de umas coisas.

– Que coisas?

– Eu não vou me mudar daqui para lugar algum.

Ela balançou a cabeça sem entender.

– O quê?

– Não vou sair de Merritt. Estou aqui para ficar. As pessoas ficam se perguntando por que eu vim para cá. Dizem que não tenho ambição, que estou sendo desperdiçado numa cidadezinha do interior. Talvez tudo isso seja verdade, até certo ponto. Mas a verdade fundamental mesmo é que, quando saí do exército, estava saturado de ver sangue e de ver pessoas morrendo, mortes horrendas. Eu queria ser policial, quis isso a vida inteira, mas não queria trabalhar numa cidade grande, onde a violência acontece todo dia.

– A violência pode acontecer em qualquer lugar. Como esse nosso caso – disse Berry, falando de Starks.

– Sim, mas não é todo dia. Excluindo esses últimos dias, minha função principal aqui é manter a lei e a ordem. Eu sou útil. É claro que levo os fora da lei para a prisão. Já desbaratei pontos de drogas e, às vezes, surgem ferimentos sangrentos nessas investidas. Mas não tive de matar uma mulher antes que ela me matasse. Não tive de explodir um menino jovem demais, ainda imberbe.

– Mas isso foi...

– Guerra. No outro lado do mundo. Eu sei. Mas leia os jornais, Berry. Ouça os noticiários. Eu quero estar onde houver menos chance de ter de matar alguém. Talvez... *Talvez* eu pense em concorrer ao cargo de xerife quando Drummond se aposentar, mas não vou além disso. Eu não quero que você se envolva demais para depois descobrir que eu não sou quem você pensava que eu era, ou quem desejava que eu fosse.

Ela sorriu, mas não exatamente por achar graça.

– É... engraçado.

– Eu não acho.

– Mas é sim. Dodge disse praticamente a mesma coisa para mim ontem à noite.

– Meu Deus, estou começando a ficar parecido com o Dodge?

Ela se virou para ele e se aconchegou mais. Quase cochichando, ela disse:

– Minha mãe e ele dormiram juntos na noite passada.

– Acho que não foi a primeira vez.

– Ele é o meu pai.

– Há quanto tempo você sabe?

Ela olhou para ele surpresa.

– Você sabia?

– Adivinhei.

– Como?

– Pelo jeito com que ele olhava para ela, para você, não combinava com ele. Ele mal se interessa pelo resto das pessoas nesse planeta. Mas gosta de vocês duas e deixa isso transparecer. Não foi muito difícil descobrir por quê.

Berry relatou para ele a história que Dodge tinha contado na véspera.

Quando terminou, ela disse:

– Fico triste por ele. Ele cometeu um erro terrível, mas está pagando há trinta anos. É uma sentença muito longa para um único pecado. Fico triste pela minha mãe também. Ele foi o amor da vida dela. E ela viveu sem ele.

– E quanto a você?

– O que tem eu?

– Dodge foi embora. Caroline deixou que ele fosse. Você perdoa os dois por essas escolhas?

– Perdoo. Os dois estavam certos e os dois estavam errados.

– Hum.

Berry se apoiou no cotovelo para ficar com o rosto acima do dele.

– Esse foi um *hum* muito eloquente. O que é?

– Você e Dodge são muito parecidos.

– Nós dois temos o peito reto.

Ele deu um sorriso largo, mas não se deixou distrair do que queria dizer.

– Não era isso que eu estava pensando.

– Você estava pensando que ele e eu somos manipuladores? Que eu segui o método dele para avançar na profissão, sem ética, a qualquer custo?

– O que eu ia dizer – explicou Ski com exagerada paciência – é que vocês dois se dispõem a perdoar todo mundo, menos a vocês mesmos.

Berry olhou fixamente para os olhos dele, com a testa franzida.

– Pode ser. Porque eu acho que jamais me perdoarei pelo que Oren fez com aquelas pessoas.

– A loucura dele não é sua culpa. Quando alguém pira dessa maneira, e analisamos seu histórico e seu comportamento, a única coisa surpreendente que encontramos é o fato dessa pessoa não ter endoidado antes. O que aconteceu não é responsabilidade sua.

– Agradeço a você por dizer isso.

– Não é só conversa de cama, Berry. Falo sério. O problema na Delray e a sua autoincriminação vão além do crime. Qual é a política da firma para ficar com o trabalho de um empregado quando ele sai antes do projeto terminar?

– A contribuição desse funcionário fica na Delray – Berry respondeu em voz baixa.

– Quando Sally saiu, ela levou o trabalho dela?

– Estou entendendo aonde quer chegar – disse ela com certa irritação –, mas, mesmo assim, não acho que foi correto. Os meus motivos certamente não foram.

– Tudo bem, pode ser que a sua ambição tenha passado um pouco da conta. Você trapaceou um pouco. Cortou caminho de forma pouco ética. Mas é como Dodge diz: esqueça isso. Deixe para lá. Se não superar, isso vai te comer viva.

– Eu não sei como me perdoar.

– É uma habilidade que aprendemos.

Berry ficou interessada.

– É?

– É. Você precisa praticar todos os dias.

Ela pôs a mão no rosto dele.

– Isso é a voz da experiência falando?

Ski olhou bem nos olhos dela.

– Eu convenci os caras da minha unidade de que podíamos confiar no intérprete.

Berry entendeu as implicações, encostou a cabeça no peito dele e o abraçou. Ele foi além, puxou-a para que ficasse deitada em cima dele. Berry ficou completamente imóvel enquanto Ski passava os dedos pela sua coluna. Ele acariciou as nádegas e até onde alcançou, na parte de trás das coxas. Berry ficou tão quieta, que Ski pensou que estivesse dormindo. E achou bom. Podia ficar

ali com ela horas, dias, mas, depois de um tempo, ela se mexeu e gemeu de prazer, e as carícias dele mudaram.

– Aquela noite na casa do lago – sussurrou ele, enquanto enfiava a mão entre os corpos e apalpava o sexo dela –, eu tive uma visão disso.

– Eu imaginei.

– Tive sim. E desejei isso. Desde então não parei de pensar e de querer isso.

Ele a acariciou, sentiu a respiração rápida e quente de Berry na boca.

– E agora...

– Ski – Berry murmurou, ofegante.

– Eu quero *você.*

CAPÍTULO 28

Berry e Ski entraram na casa do lago pela porta dos fundos, meio envergonhados, mas sem arrependimento algum. Não havia ninguém na cozinha. Nenhum ruído na casa.

– Toc-toc – disse Berry.

– Aqui. – A voz de Caroline veio da sala de jantar.

Ski chegou mais perto para falar com Berry quando eles atravessaram a cozinha.

– Ainda bem. Achei que talvez tivéssemos chegado na hora em que os dois estivessem fazendo a mesma coisa que nos impediu de vir para o lanche.

– Psiu.

Os dois estavam rindo disfarçadamente quando entraram na sala e encontraram Caroline sentada sozinha à mesa de jantar. A expressão desconsolada da mãe assustou Berry.

– O que houve?

– Dodge foi embora.

– O que quer dizer, foi embora? – perguntou Berry.

– Que parte você não entendeu?

O tom irritado surpreendeu a todos, especialmente à própria Caroline. Ela curvou os ombros para frente e levou a mão à testa.

– Desculpem.

Berry se sentou na cadeira mais próxima e olhou confusa para Ski quando ele se sentou de frente para ela, do outro lado da mesa. Ele sacudiu os ombros, dando a entender que também não entendia aquela espantosa reviravolta.

– Ele foi embora quando? – perguntou Berry.

– Ele não voltou do supermercado.

Caroline abaixou a mão, segurou com a outra, torceu os dedos e soltou.

– Depois de meia hora, ele não tinha voltado, então liguei para o celular dele. Ele não atendeu e tive um pressentimento... – Ela engoliu um soluço. –

Subi para o quarto de hóspedes. As coisas dele não estavam mais lá – ela disse, cheia de tristeza. – Ele foi embora.

Lágrimas começaram a transbordar dos seus olhos. Com raiva, ela secou o rosto com a mão.

– Eu vivi trinta anos sem aquele homem. Vivi bem. Melhor do que bem. Então, eu o vi e... Em apenas quatro dias, ele se tornou essencial. E agora...

Caroline escondeu o rosto com as mãos e esfregou os olhos.

– Eu me detesto por estar chorando por ele de novo.

Ninguém disse nada até ela tirar as mãos do rosto.

Berry falou primeiro.

– A sua reunião não foi unilateral, mãe. Vocês passaram a noite juntos.

Caroline sorriu ainda chorando e meneou a cabeça.

– E foi... bom?

Ela deu uma breve risada.

– Como se nunca tivéssemos nos separado.

– Então, ele não ia simplesmente desaparecer sem dizer nada.

– Mas foi o que ele fez.

– Não aconteceu nada que pudesse indicar que ele ia embora? – perguntou Ski.

– Ele estava preocupado com alguma coisa. Perguntei para ele ontem à noite e de novo esta manhã, mas ele não respondeu, disse que não era nada, brincou. Mas eu acho...

– O quê? – insistiu Ski.

– Eu acho que ele fez o que veio fazer aqui. Pegar o bandido. – Ela sacudiu os ombros, impotente. – Ele jamais gostou de despedidas prolongadas.

Ski empurrou a cadeira para trás, se levantou e foi até a janela. Enfiou as mãos com as palmas para trás nos bolsos traseiros da calça, um hábito que Berry já reconhecia e achava bonitinho. Depois de um tempo, ele se virou para elas.

– Com todo o respeito, Caroline, acho que não é isso. Isso não é tudo, pelo menos. Ele estava encucado.

– Com o quê?

– Quando estávamos saindo do hospital depois da morte de Starks, ele me contou da pulseira de Berry que sumiu. Detestava não ter explicação para isso.

Queria saber se era ou não era a pulseira no braço de Sally Buckland.

"Ele reclamou que aquele caso tinha sido estranho desde o começo, que Oren Starks nunca seguiu um padrão, e que isso era esquisito para um cara tão metódico, tão capaz de resolver quebra-cabeças. Não era apenas o medo de uma despedida emocional que incomodava Dodge."

– Então por que ele saiu sem dizer nada? Por que não atende ao celular?

– Ele é um covarde – declarou Berry.

– Em situações como essa, ele é sim. – Caroline segurou a mão de Berry e a apertou.

Ela sorriu com tristeza.

– Mesmo que não se despedisse de mim, pensei que ia querer dizer alguma coisa para você.

É melhor assim, Dodge pensou com seus botões pela centésima vez.

Tinha entrado e saído. Tinha feito o que se propôs a fazer. Ajudou a filha a sair de uma enrascada. O culpado já era. Missão cumprida.

Problemas pessoais de décadas atrás também tinham sido resolvidos. Encontrou a filha. Os dois se deram bem, muito melhor do que ele podia esperar.

Quanto a Caroline e ele, tinha acreditado que o mundo acabaria antes de ela querer compartilhar a cama com ele de novo. A noite passada...

Pare com isso!

Se começasse a pensar nisso, faria uma volta tão rápida com o carro que quebraria o pescoço com o efeito da inércia. Fazer amor com ela, ela ter feito amor com ele, isso foi um bônus, um prêmio que ele não esperava e não merecia. Seria grato por isso até morrer. Que ficasse nisso.

Para que estragar tudo que havia de bom com uma cena lacrimosa de adeus? Era melhor sair assim.

Sem ele, a vida das duas voltaria ao normal. Não sentiriam mais falta dele do que de uma mão que é tirada de um balde de água. Era isso que seu pai costumava dizer sempre que ele ameaçava fugir de casa.

– Sabe o que acontece quando você tira a sua mão de um balde de água? No mesmo instante, é como se nunca estivesse lá. Então vá! E veja se eu me

importo. Veja o quanto sentirei a sua falta.

Era assim que ia ser. Caroline tinha o trabalho dela para sustentá-la. Berry tinha força de vontade e era talentosa. Ia se recuperar do trauma dos últimos dias e se dar bem. E, se precisasse de apoio, Nyland estava lá para apoiá-la com seus ombros largos e grandes. E o pau também, provavelmente.

Mas, se o delegado a maltratasse algum dia, e Dodge ficasse sabendo, ele voltaria e o mataria.

O telefone dele tocou pela enésima vez.

– Por que aquela maldita mulher não desiste?

Mas ele viu o número de Derek no visor. Era a segunda ligação dele aquela manhã. Dodge não tinha atendido à primeira, mas achou que talvez fosse melhor resolver logo essa conversa, então arrancou o celular do cinto e rosnou.

– Sim?

– Dodge?

– Não foi para mim que você ligou?

Derek deu uma risadinha.

– Oi para você também.

– Oi.

– Como vai? Você está bem?

– Por que não estaria?

– Julie e eu andamos preocupados. Você disse que ia ligar. Não ligou.

– Estive ocupado.

– Como vão as coisas por aí?

– Ótimas.

– Então por que parece tão irritado?

– Porque provavelmente vou receber uma multa por fumar nesse carro alugado.

– Bem, e deve mesmo.

– Isso é discriminação. Eu preciso de um bom advogado para brigar por mim no tribunal. Só que não conheço nenhum.

– Ah, golpe baixo. Quer dizer que está puto com alguma coisa. O que está havendo?

– Nada. Estou voltando.

– Tão cedo?

– Pego o voo de hoje à noite. Talvez o de amanhã de manhã. Depende.

– De quê?

– Posso ficar esta noite por aqui e comer comida mexicana decente. Não se consegue isso em Atlanta.

– O problema que fez você viajar para aí, já resolveu?

– Já.

– Bom. Isso é ótimo. Espere um pouco.

Dodge escutou cochichos ao fundo.

– Julie pediu para perguntar como está sua filha.

– Ela está bem.

– Você a viu?

– Vi.

– Deu tudo certo?

– Tudo ótimo.

– Como é ela?

– Igual à mãe.

– Isso é bom, ou ruim?

– Olha, conselheiro, você está excedendo os minutos do meu plano de chamadas. Vai me reembolsar?

– Ora, Dodge, fale comigo.

– Pensei que era isso que eu estava fazendo.

– Se tiver algum problema, e precisar da minha ajuda...

– Não tem problema algum, e só preciso da sua ajuda com essa conta do telefone.

Depois de dois segundos, Derek disse:

– Pare com isso e conte o que está havendo.

– Não tenho nada para contar.

– Acho difícil acreditar nisso.

– Então me processe.

– Você nos disse que a sua filha estava metida numa encrenca. Um caso de polícia.

– Você tem uma memória espantosa, conselheiro. Alguém já te disse isso?

– O caso da polícia já está resolvido?

– Já. Quero dizer, a maior parte.

– A maior parte?

– O culpado está morto e ela está em segurança.

– Então por que você não está contente?

– Quem disse que não estou?

– Você não parece contente.

Dodge teve vontade de abrir o jogo e pedir a opinião de Derek. Porque realmente dava valor à opinião do amigo, mas negaria isso até o último suspiro. Só que o lado pessoal desse dilema era uma história triste em que ele era o ogro, e não queria comprometer o apreço que Julie e Derek tinham por ele, que já não devia ser grande coisa para começo de conversa, aliás. Quanto à apreensão dele em relação ao "caso de polícia", não passava disso. Sem fundamento, não identificável e, naquela altura, irrelevante.

Irritado, ele disse:

– Não tem bastante drama na sua vida, conselheiro, para ter de pegar algum da minha?

Derek suspirou resignado.

– Faça uma boa viagem.

Eles desligaram. Agitado demais e precisando de um cigarro, Dodge parou no acostamento da autoestrada e acendeu um. Estava numa encruzilhada. Literalmente. Mais adiante, a autoestrada se dividia. A da direita o levaria ao aeroporto, onde provavelmente pegaria um voo para Atlanta naquela noite mesmo. A da esquerda era praticamente certo que o levaria a uma caçada inútil.

Por que ainda debatia a escolha? Por que não ia embora logo? Tinha saído numa boa.

Mas isso era besteira, que nem ele comprava mais.

Não tinha saído numa boa, tinha se esgueirado sorrateiramente.

Tinha fugido porque era covarde demais para se despedir. As duas mulheres que deixou para trás ficariam furiosas, frustradas, talvez com o coração um pouco partido.

E, mesmo sem levar os sentimentos delas em consideração, havia aquela outra coisa incomodando, mantendo-o ali, quando devia simplesmente dar o fora da porcaria do estado do Texas.

– Merda.

Ele deu uma última tragada no cigarro e jogou pela janela. Xingando ele mesmo por ser tão imbecil, engatou a marcha e atravessou quatro pistas no meio do trânsito para pegar a estrada da esquerda.

– O senhor não devia estar aqui a essa hora. Não leu a placa? O horário de visita já terminou.

Dodge se virou de costas para a cama. A enfermeira que preenchia todo o espaço da porta devia ter um metro e meio de altura e outro tanto de largura. O avental dela tinha caras de palhaço. O cabelo era cheio de trancinhas com pedras multicor que pendiam sobre os ombros.

Ele deu seu sorriso mais charmoso.

– Gostei do seu cabelo.

Ela apoiou o punho gordo no quadril largo.

Ele mudou de tática na mesma hora e virou o arrependido.

– Acho que não vi o aviso.

– Hum-hum – disse ela, como se tivesse ouvido isso antes.

Ela entrou no quarto e olhou para a forma minúscula na cama.

– Como vai, querida? Quer sentar e conversar com este cavalheiro que veio te visitar?

Com compaixão evidente, ela alisou o cabelo curtinho e branco da paciente. A mulher que dera vida a Oren Starks não mostrou nenhum sinal de consciência, mesmo de olhos abertos.

– Ela é sempre assim, Glenda? – perguntou Dodge, lendo o nome no crachá preso à blusa da enfermeira.

Ela examinou-o de cima a baixo.

– O senhor é parente?

– Amigo da família.

– Conhece o filho que levou um tiro? Soubemos da notícia hoje de manhã.

– Na verdade, ele mesmo disparou o tiro. Não tive a infelicidade de conhecê-lo, mas sei muita coisa sobre ele. Ele fez muita coisa ruim.

Dodge sentiu uma rara necessidade de dizer a verdade, e completou:

– Eu estava no grupo que o capturou.

– Hã. – Dodge foi alvo de outra olhada de cima a baixo. – Parece mesmo um policial. Tem uma arma?

Ele se virou de costas para ela e levantou o paletó.

Ela resmungou.

– Não pode entrar aqui com armas de fogo.

– Acho que não vi esse aviso também.

Ela estalou a língua no céu da boca e balançou a cabeça, como se ele fosse um caso perdido, e se concentrou de novo na paciente.

– Não consigo imaginar que a morte do filho faça muita diferença para ela.

– Há quanto tempo ela está assim?

– Foi ficando aos poucos, sabe, como costuma acontecer. Mas ela não reage há mais de um ano. Algumas pessoas que trabalham aqui simplesmente ignoram a pobrezinha. Nunca falam com ela. Mas eu cuido bem dela, e temos nossas conversas.

Ela pegou um lenço de papel de uma caixa na mesa de cabeceira e usou para secar um fiapo de baba que escorria dos lábios flácidos da sra. Starks.

– Não temos, docinho? Fique à vontade para falar quando quiser.

– Você é uma santa, Glenda.

– Você não vale nada.

– Não, falo sério.

– Eu também. – Mas ela estava sorrindo.

Ele deu risada.

– Me pegou.

– O que está fazendo aqui, sr. Policial?

– Eu não sei.

– Não sabe?

– Não. E não estou mentindo. – Ele olhou pensativo para a sra. Starks. – Acho que tinha esperança de que ela pudesse me ajudar a entender.

– Como?

– Dizendo alguma coisa sobre Oren que explicaria ele ter pirado de vez, matado uma mulher, um garoto de dezesseis anos e um velho, depois desejado a morte de outra pessoa em seu último suspiro.

– Deus misericordioso...

A enfermeira balançou a cabeça de novo e as tranças bateram umas nas outras.

– Sinto muito, senhor, mas ela não pode ajudá-lo. Nas últimas vezes em que Oren veio visitá-la, ela não o reconheceu, nem se deu conta de que ele estava aqui.

Dodge perguntou com que frequência Oren visitava a mãe, e quando fora a última vez que ele esteve lá.

– Já faz um tempo – Glenda lhe disse. – Alguns meses, pelo menos. Francamente... e isso fica só entre nós, eu não sei dizer se essa pobre alma ia entender.

– Meus lábios estão selados.

Ela se inclinou para perto dele e falou, cochichando, em tom teatral:

– Eu não gostava dele.

– Ninguém gostava. Eu nem o conhecia e também não gostava.

– Se quer saber o que eu acho: ele era doente da cabeça. Deixava qualquer um que conversasse com ele pouco à vontade, sabe como é?

Dodge fez que sim com a cabeça.

– Nunca fiquei feliz de vê-lo chegando, mas sempre fiquei contente quando ele ia embora. – A mão gigantesca de Glenda, com aquela surpreendente suavidade de toque, alisou o braço da paciente. – Pobre senhora. Não desejaria esse estado dela para ninguém, mas até me alegro de ver que ela não sabe o que o filho dela se tornou. Depois de toda aquela outra história triste, ela não merecia isso.

O coração de Dodge deu um pulo e os pelos na nuca ficaram arrepiados.

– Glenda, querida?

– Hum?

– Que outra história triste?

– Você precisa ir? – perguntou Berry, quando Ski lhe deu um beijo de despedida à porta dos fundos da casa do lago.

– O dever me chama. Preciso fazer uma declaração oficial para a mídia. Por os pingos nos is, cortar os tês.

– Você volta para jantar? Acho que mamãe vai se sentir melhor se você estiver aqui. – Ela se esfregou nele. – E eu também vou me sentir melhor.

Ele passou o nariz na orelha dela.

– Você não pode ficar melhor do que já é.

Berry riu, desfazendo o elogio dele, e disse:

– Eu estou sendo fácil e sem-vergonha demais.

– Eu não banquei exatamente o difícil também. – Ele deu um beijinho nela. – Guarde o meu lugar.

Berry acenou para ele e ficou olhando feito um filhotinho apaixonado até o SUV dele desaparecer, então subiu a escada e entrou no quarto de hóspedes que ocupava desde sexta à noite.

Ao entrar no quarto, viu o saco com os presentes de Oren em cima da cama. Só de ver aquilo, ela estremeceu. Tinha tirado aquela manhã do armário no seu quarto, o quarto em que Dodge dormiu até a noite anterior. Depois de receber a chamada de Ski dizendo que Oren estava recuperando a consciência, eles saíram correndo da casa e deixaram o saco com o que tinha dentro na mesa da cozinha.

Quem tinha levado para cima, para aquele quarto? Ela não queria olhar, mas pior seria encostar naquilo; por isso, resolveu deixar onde estava por enquanto. Querendo tirar da cabeça todos os últimos momentos de Oren, ela estava louca para sentir o calor do sol na pele, o abraço da água fresca do lago.

Vestiu rapidamente um maiô, desceu a escada correndo e foi até o quarto da mãe. Queria perguntar sobre o saco, mas, quando abriu a porta, viu que Caroline estava encolhida, deitada de lado, abraçada ao travesseiro que devia ser de Dodge. Devia ter chorado até adormecer. Berry resolveu deixá-la em paz.

Foi até a beira do cais e mergulhou no lago. Nadou embaixo d'água até perder o fôlego, subiu para a superfície e iniciou um crawl vigoroso. A tensão nos músculos deu lugar a uma ardência gostosa.

Quando se cansou, virou-se de costas e ficou boiando, gastando só a energia suficiente para boiar, admirando as nuvens brancas gorduchas no céu e pensando nos acontecimentos bizarros desde a última vez que tinha ido nadar.

Tantas coisas ruins.

Mas coisas boas também.

Ela conheceu Dodge e, apesar do que sua mãe achava, recusava-se a aceitar que ele as abandonaria de novo. Ele amava sua mãe. Berry apostaria a vida nisso. E gostava dela. Sabia que isso também era verdade.

Não, pensou ela, Dodge ainda não tinha saído da vida delas. Mesmo que ele estivesse agindo de acordo com essa ilusão, ela não deixaria que fosse embora.

E Ski. O começo foi complicado, mas sexualmente não eram apenas compatíveis, eram combustíveis. Ele a deixava tão faminta quanto satisfeita, e parecia que o mesmo acontecia com ele. Davam prazer um ao outro até não poderem mais, mas, mesmo assim, queriam mais.

Além do sexo maravilhoso, ela também gostava da firmeza dele, admirava sua visão prática das coisas e a honestidade inabalável, até em relação aos próprios defeitos e fraquezas. Ele a atraía fisica, intelectual e emocionalmente. Ele era o mais próximo que existia de "O cara".

Com possibilidades interessantes em mente, ela se virou de barriga, deu um mergulho rasante e nadou de volta para o píer. Chegou à escada, segurou no último degrau e já ia subir, quando apareceu uma cabeça na beira do cais.

– *Bu!*

CAPÍTULO 29

Oren Starks deu um sorriso perverso para ela.

– Surpresa!

Berry berrou e tentou se jogar da escada, mas Oren agarrou seu pulso, prendeu uma algema nele e o puxou com força.

– Saia da água!

A única coisa que ela pensava era em *escapar*. Esperneou e se debateu. Tentou soltar o pulso, mas a algema de metal espremia cruelmente a carne e o osso.

– Berry, se você não sair da água, eu mato a sua mãe.

Ele bateu com o cano de uma arma na beira do píer.

– Bangue-bangue, ela morre.

Berry parou de lutar na mesma hora.

Ele deu um sorriso angelical.

– Obrigado, querida.

Berry olhou para ele boquiaberta, horrorizada e estupefata. Seus dentes batiam de pavor. Não conseguia falar.

– Parece que você viu um fantasma. Pensou que eu tinha morrido, não é?

Ela balançou a cabeça concordando.

– Bem, é óbvio que se enganou. – Ele puxou a algema. – Saia da água.

– Eu... não consigo.

– Ber-ry – disse ele cantarolando. – Vou contar até três. Um. Dois.

– Está bem. – Ela engoliu em seco. – Vou sair. Mas você vai ter de soltar a minha mão, senão não posso subir a escada.

Ele apontou a pistola entre os olhos dela.

– Com essas suas pernas compridas e bem torneadas, tenho certeza de que consegue.

– Preciso das duas mãos para me içar.

– Vou deixar isso bem claro, querida. Ou você dá um jeito com uma mão só, ou estouro os seus miolos, depois entro na casa e faço a mesma coisa com a

sua mãe. Mas só depois de transar com ela por todos os orifícios. Se acha que eu não faço isso, lembre-se da Sally.

Se ele podia ressuscitar dos mortos, era capaz de qualquer coisa. Sem opção, Berry pôs o pé no primeiro degrau da escada, mas ela tremia tanto que escorregou, caiu para frente e bateu o queixo no corrimão de metal.

– Ande logo! – sibilou Oren.

Ele devia ter pensado a mesma coisa que ela, que um barco podia aparecer, perto o suficiente para ela pedir socorro. Ele alternava entre vigiar o progresso dela subindo a escada e examinando o lago à procura de qualquer embarcação. Infelizmente, como era dia de semana, não havia muita gente de barco por ali, e ninguém naquela enseada do lago.

Berry subiu no píer. Pensou em abaixar a cabeça e ir para cima dele, surpreendê-lo com um ato agressivo. Mas, mesmo assim, ele podia atirar nela e aí Caroline ficaria indefesa.

Além disso, ela não sabia se teria força para isso. Tremia de medo e de frio, agora com o vento na pele molhada. Continuava a bater os dentes.

Oren deu um sorriso perverso e cutucou o mamilo intumescido com o cano da pistola.

– Tirei uma foto de você assim. Você viu? Estava deitada aqui no píer. O vento devia estar mais forte.

Ele pôs a língua para fora e a balançou, num gesto obsceno.

Berry ignorou isso e se concentrou em descobrir como aquilo podia estar acontecendo. Tinha visto o cérebro dele saindo do crânio, as convulsões... O médico o declarou morto. Mas agora ele parecia completamente curado e inteiro. Não tinha mais os arranhões e cortes no rosto e nos braços, da perseguição no Thicket. Não tinha mais a tíbia fraturada.

A única diferença entre o Oren de agora e a súbita aparição no banheiro dela sexta-feira à noite era que tinha raspado a cabeça. Estava lisa como uma bola de bilhar.

Ele a fez se virar, puxou o braço dela para trás e uniu os pulsos com a algema. Empurrou-a para frente ao longo do cais, em direção a casa.

– Quem é você?

– Sou o Oren, boba, quem pensa que eu sou?

– Você está morto.

– Engano seu. Mortos não têm pau duro como o meu, de ver os seus mamilos durinhos.

– Você deve ser mesmo o Oren. Esse é o tipo de comentário infantil e sem graça que você faria.

Ele bateu com a coronha da arma na têmpora dela. Berry não viu o golpe, e a dor foi imensa. Ela caiu de joelhos. Eles bateram com muita força no cais e ela desabou para frente. Sentiu um espasmo no estômago. Sentiu gosto de bile na boca e teve de cuspir para respirar por causa da dor. Ele agarrou o cabelo dela e puxou sua cabeça para trás. O sangue escorreu nos olhos dela.

– Está vendo o que me fez fazer? – ele murmurou. – Foi essa agressividade besta que meteu você nessa situação desde o início, Berry. A culpa é toda sua.

Ele a puxou para que ficasse de pé. Ela balançou meio cega com a dor na cabeça e o sangue que escorria sobre o olho. Todo o nojo e o ódio que sentia por ele e pelas coisas que ele tinha feito transbordaram.

– Foda-se.

Ele deu risada, sem se abalar.

– Talvez. Ainda não resolvi. Você está parecendo o próprio diabo agora. Não é tentação alguma. Mas vou pensar nisso. Juro que vou. Enquanto isso, sua mãe vai servir muito bem. Você pode assistir – ele disse, como se tivesse acabado de pensar numa nova brincadeira divertida. – Depois pode assistir quando eu matá-la. Só depois, Berry, vou cuidar de você.

– Ele tem um gêmeo!

– O quê?

– Um gêmeo. Um gêmeo idêntico.

Ski se empertigou na cadeira.

Pelo telefone, a respiração de Dodge era como se ele estivesse levantando fardos de feno. Ofegava com cada palavra, mas se fez entender.

– Eu fui até aquele lugar onde a mãe dele está. A enfermeira de lá me disse que a sra. Starks teve gêmeos. Idênticos.

– Porra!

– Não é? O cara que nós tiramos do pântano é o irmão gêmeo do Oren, Carl. Aposto meus testículos nisso.

– Merda!

– Alguma coisa não cheirava bem. Eu senti isso, só não sabia o que era.

– Nós achamos estranho. O Oren que Berry descreveu não combinava com alguém que resolvesse se esconder no Thicket.

– Agora faz sentido. Não era o Oren.

– Mas ele foi o cérebro disso.

– É o que eu penso.

– Então...

– Ele vem atrás da Berry.

– Já estou indo. – Ski deu a volta na mesa. – Onde você está?

– Voando por Houston. Chego aí o mais rápido possível.

Ski não perdeu tempo agradecendo. Desligou o celular e começou a berrar os nomes dos outros subdelegados que estavam no salão do esquadrão. Ao mesmo tempo, digitou o número do telefone da casa do lago. Caroline atendeu.

– Caroline, é o Ski. Onde está a Berry?

– Mmm... Você me acordou. Eu...

– Você precisa encontrá-la.

– Ela disse mais cedo que talvez fosse nadar um pouco.

– Se ela estiver fora, faça com que entre. Fiquem dentro de casa e liguem o alarme. Tenha a arma à mão.

Ski cobriu o bocal do telefone e disse para os homens em volta:

– Todos a postos. Novidade no caso Starks.

Então, ele disse para Caroline que já estava perfeitamente alerta e queria saber o que estava acontecendo.

– Oren Starks está vivo.

– O quê?

– O homem que morreu era gêmeo dele.

– *O quê?*

– Dodge foi para Houston, para a clínica onde vive a mãe dele. Conversou com uma enfermeira e ela contou para ele. Só sei isso.

– Onde está o Dodge?

– Voltando para cá a toda. Avise à Berry, está bem?

– Claro que sim.

– E... Caroline?

– Sim?

– Ligue para mim assim que vocês duas estiverem a salvo aí dentro. Tenho de fazer umas ligações, mas, se me der um toque, eu atendo. Não se esqueça de ligar.

– Prometo.

Ski desligou e falou com o grupo de policiais reunidos em volta dele:

– Quero uma das lanchas no lago o mais rápido possível, patrulhando aquela enseada onde fica a casa da sra. King.

– Eu pensei que o babaca tinha morrido.

– Quem morreu foi o gêmeo dele. Ele continua foragido, ainda é considerado armado e perigoso.

Ele determinou tarefas especiais e mandou o despachante espalhar a notícia.

– Polícia municipal, polícia especial, guarda-florestal, FBI, todo mundo, entendeu?

– Entendi.

Ski ligou pessoalmente para os detetives em Houston. Não conseguiu falar com Rodney Allen, mas falou com Somerville, que não foi mais gregário do que antes. Ele ouviu o espantoso relato de Ski sem emoção alguma, não fez nenhum comentário, depois disse:

– Vou informar para o detetive Allen. Vamos verificar a residência de Oren Starks e dar um alerta geral.

– Mais uma coisa.

– Sim?

– Diga para Rodney Allen que foi Dodge Hanley que descobriu isso.

Ski encerrou a ligação, destrancou o armário de armas da polícia e pegou um rifle potente com mira telescópica. Stevens, que estava ao telefone, ergueu as sobrancelhas quando Ski passou pela mesa dele, com o rifle no ombro.

– Acionando a artilharia pesada, Ski?

– Pode apostar.

Caroline entrou correndo na cozinha bem na hora em que Oren empurrava Berry de cabeça pela porta dos fundos. Caroline deu um grito e correu para

ajudar a filha, que tinha caído mal, batendo o ombro com força no chão.

Oren enfiou a arma na barriga de Caroline.

– Largue o telefone! Largue o telefone!

– Mãe, faça isso! Eu estou bem. Faça o que ele diz.

Caroline largou o telefone sem fio. Oren arrastou o fone no chão com a ponta do pé, depois o chutou para fora pela porta dos fundos, que fechou em seguida.

Berry conseguiu se sentar. Jogou a cabeça para trás para afastar o cabelo do rosto e tentou tirar o sangue do olho piscando, olhando para a mãe. Caroline berrou, chocada de ver a cabeça da filha sangrando.

– O que você fez com ela? – gritou.

– Cale a boca! Se gritar de novo, eu atiro.

– Estou bem, mãe.

Berry tentou se levantar, mas Oren botou a mão no ombro dela e a empurrou para baixo.

– Eu disse que você podia se levantar?

– Não a machuque – implorou Caroline.

– Ah, ela vai se machucar. E você também.

– Minha mãe não fez nada contra você. Sou eu quem você quer. Deixe-a ir.

Ele deu risada.

– Até parece. Dei permissão para Carl matá-la também, se ela estivesse em casa sexta à noite.

Berry olhou para ele atônita.

– Carl?

– Meu irmão gêmeo.

– Gêmeo? – repetiu ela baixinho.

– *Gêmeo?* – imitou Oren, debochando do tom de Berry.

Berry tentou ver a mãe com o olho cheio de sangue para avaliar o espanto dela, mas Caroline olhava fixamente para Oren, sem expressão, talvez devido ao choque de vê-lo vivo, quando pensava que estava morto.

– Carl foi a pedra no meu sapato minha vida inteira – ele dizia. – Eu não podia ter amigos porque Carl era um psicopata. Ninguém queria brincar na nossa casa, e eu não podia ir brincar com as outras crianças porque tinha de brincar com *ele.*

“Finalmente aquele meu arremedo de mãe botou Carl numa clínica psiquiátrica, onde ele ficou anos. Calado! Segredo familiar. Nós nos mudamos de Beaumont para Houston. Não vamos contar para ninguém sobre o seu irmão e a doença mental dele, Oren. Como se eu quisesse alardear que meu irmão, meu parceiro de útero”, disse ele, rindo com o jogo de palavras, “era um doido varrido.”

“Graças a Deus que finalmente me livrei dele. Aquele burro filho da mãe. Não foi capaz nem de se matar sem estragar tudo.” De repente, a voz dele mudou. “Aonde pensa que vai?”

Ele pegou Caroline se esgueirando aos poucos para a porta que dava na sala de jantar. Berry lembrou que o telefone celular da mãe estava na mesa de jantar. Ela estava tentando ligar para Dodge.

Dodge, por que não está aqui?

Ski, onde você está?

Não podia contar com eles para salvá-las, nem com ninguém. Aquela batalha era dela. Cabia a ela manter a mãe e ela mesma vivas.

Ski estava indo a toda velocidade para a casa do lago e seu celular tocou. Ele atendeu sem ver quem era.

– Berry?

– Xerife Drummond. Eu entendi direito, que Oren Starks continua foragido por aí?

– Temo que sim, senhor.

Ski deu-lhe a versão resumida. Drummond estava falando quando Ski ouviu o bip de uma chamada entrando.

– Desculpe, senhor. Darei todos os detalhes assim que os tiver, mas preciso atender essa ligação.

Ele nem esperou o chefe responder e clicou logo a outra chamada.

– Berry?

Outro subdelegado se identificou.

– Ski, temos um problema.

– Pode falar.

– Os cavalos de alguém escaparam do pasto.

Ski estava tão concentrado na crise que levou um tempo para entender.

– Cavalos?

– Eles estão galopando pela estrada, enlouquecidos. Os motoristas têm de se desviar deles. Você disse para verificar todos os locais que alugam barcos, e era isso que Andy e eu estávamos fazendo. Mas não podemos nos separar e se alguém bater num desses cavalos...

Ele não precisava dizer para Ski o que podia acontecer. O animal podia morrer, mas qualquer pessoa dentro do veículo também podia ficar seriamente ferida, ou morrer.

– Vocês estão juntos em um carro?

– É, Stevens ia pegar...

– Deixe para lá. Leve os cavalos de volta para o lugar deles. Depois cuide dos barcos de aluguel. Mantenha-me informado.

– Recebido e entendido!

Ski verificou as chamadas recentes no celular, achando que podia ter perdido alguma. Não havia nenhuma. Ligou para a casa do lago. Tocou até a caixa de mensagem atender. Vociferando, ele digitou o número do celular de Berry. Foi direto para a caixa postal. Ele verificou a hora. Sete minutos tinham se passado desde que Caroline e ele conversaram. Ligou novamente para a casa do lago, ninguém atendeu, então ligou para Dodge.

– Pode falar.

– Você pode ligar para o celular da Caroline para mim? Não tenho o número dela no meu celular.

Ele contou para Dodge que tinha pedido para ela ligar para ele.

– Caroline prometeu que uma delas ligaria assim que estivessem a salvo dentro da casa. Não soube mais delas.

– Você está indo para lá agora?

– Entrando na estrada do lago agora mesmo. Vou tentar ligar para o celular da Berry de novo. Você liga para o da Caroline.

– Ok!

Ski ligou para o celular de Berry. Depois para a casa. Caiu em mensagens de voz. Tinham se passado onze minutos. Muito tempo para Caroline chamar Berry para dentro. A não ser que, pensou ele com certo alívio, ela não estivesse nadando na piscina.

Quando Caroline mencionou que Berry talvez tivesse ido nadar, ele automaticamente pensou na *piscina*, que ficava logo ali, na porta dos fundos do pátio. Mas Berry podia ter ido nadar no lago. Nesse caso, ia levar mais tempo para as duas entrarem.

Caroline teria de andar até a ponta do píer. Berry talvez estivesse longe. Pode ter levado um tempo para Berry perceber que Caroline estava lá acenando da margem, depois outros tantos minutos para ela voltar nadando e para as duas andarem até a casa.

O telefone dele tocou.

– Berry?

– Sou eu – disse Dodge. – Ela não atendeu.

– Droga. Eu devia ter dito para Caroline levar o celular quando fosse chamar Berry.

– Ela não é burra, Ski.

Dodge estava certo. Caroline não precisava de aviso algum. Devia ter compreendido imediatamente o que significava a notícia de que Starks estava vivo. Ela ia tomar todas as precauções, e isso incluiria ter um celular sempre na mão.

Os pensamentos de Dodge corriam paralelos.

– Ela só não ligaria para você se não pudesse.

O estômago de Ski deu um nó. Ele começou a xingar, a rezar e pisou no acelerador.

Oren obrigou as duas mulheres, sob a mira da arma, a irem para a sala de estar. Apontou para o sofá e mandou Caroline se sentar. Manteve Berry de pé na frente dele, com a pistola encostada na têmpora dela.

– Essa sala é adorável – ele disse, olhando em volta.

– Você esteve aqui – disse Berry. – Quando pegou de volta a pulseira.

Ele deu risada.

– Então você notou que tinha sumido? Fiquei imaginando. Achei que ia checar quando foi encontrada com Sally. E eu tinha razão.

– Você também entrou na casa esta manhã, quando nós não estávamos aqui.

Ele riu de novo.

– Você encontrou o saco no quarto de hóspedes? Acho que não posso condená-la por trocar de quarto. Imagine a minha surpresa quando vi meus presentes na mesa da cozinha. Pus tudo no saco de novo e até adicionei umas cópias das fotos que tirei de você. Os close-ups.

Ele lambeu os lábios de forma grotesca.

Berry virou a cara com nojo, mas ele encostou a pistola em sua face e obrigou-a a olhar para ele.

– Foi Carl que veio aqui sexta-feira à noite. Eu tinha explicado tudo, mostrei as fotos e desenhei a planta da casa para ele. Disse mil vezes para ele esperar até você e o Ben estarem bem aconchegados na cama. Ele devia atirar nos dois e dar o fora. Discretamente. Mas mesmo os melhores planos... – Ele suspirou.

Com a mão livre, ele pegou um porta-retrato da mesa de canto e examinou a fotografia.

– Você é muito fotogênica – ele disse para Caroline. – Como a Berry.

Ela só ficou olhando para ele, furiosa.

– Você disse que Carl estava numa clínica – disse Berry. – Quando foi que ele saiu?

– Dois anos atrás. O estado declarou que estava curado. Ele caiu em cima de mim por causa do estado de saúde da mãe. Tinha sido a praga da minha infância e agora eu era responsável por ele pelo resto da vida dele. Maravilhoso. Fabuloso.

"Mas aí", ele disse, mudando a inflexão da voz, "quando comecei a pensar como poderia me vingar de todas as pessoas detestáveis da Delray, vi uma maneira de utilizar o maluco. Comecei a fazer uma lavagem cerebral nele, dizendo que você era muito má, que tinha de morrer, que cabia a ele fazer isso, para ir para o céu e viver lá com a mãe para todo o sempre." A risadinha dele provocou calafrios em Berry. "Funcionou."

– Não funcionou muito bem – disse Caroline calmamente.

Berry se surpreendeu e gostou da compostura da mãe. Devia estar com tanto medo quanto ela, mas deu a impressão de calma.

– Minha mãe está certa, Oren – disse Berry. – Carl cometeu erros. Ben sobreviveu. Ele entrou em pânico e não conseguiu atirar em mim. Ele...

– Cale a boca! – rosnou Oren. – Eu sei de tudo isso.

– Foi Carl quem contou? Você esteve com ele depois que ele saiu daqui na sexta-feira?

– Ele é que é o idiota, Berry, não eu. É claro que não estive com ele. Mas eu dei a ele um celular, para ele poder manter contato. Ele devia ligar para mim assim que terminasse. Quando ligou, estava gaguejando, chorando, dizendo que tinha fracassado, gemendo porque agora não ia mais para o céu. Obtive os detalhes nos noticiários. Oren Starks era um homem procurado, por isso eu tinha de tirar Carl de circulação. Disse para ele encontrar um lugar para se esconder.

– O motel.

– Parecia uma boa ideia – ele disse, na defensiva. – Aquela confusão foi...

– Foi um tiro fatal num menino inocente.

Oren deu de ombros.

– Era hora daquele garoto morrer.

– E do sr. Mittmayer também, imagino.

– Fiquei furioso com Carl por causa disso. Sequestrar o trailer foi uma boa ideia, mas ele foi descuidado ao bater no homem com força suficiente para matá-lo. – Oren tamborilou com os dedos nos lábios, pensativo. – Mas acabou sendo bom. A onda de assassinatos, como chamaram na TV, fez com que ele parecesse ainda mais louco.

– Ele começou a pirar de vez.

– Você nem imagina – disse ele, rolando os olhos nas órbitas.

– Você disse para ele que a única maneira de ir para o céu era se matando.

– Exatamente. Eu disse para ele se embrenhar no Big Thicket.

– Essa foi uma escolha elaborada. Por que lá?

– Porque, quanto mais difícil a captura, mais exaustos todos ficariam depois. O seu amigo Nyland soltaria um enorme suspiro de alívio e afrouxaria a vigilância. Entende?

Ela não disse nada e ele continuou:

– Instruí Carl para jogar fora o celular, onde ninguém pudesse encontrá-lo, e depois para atirar na própria cabeça. Jurei que não ia doer e que ele iria direto para o céu. Ele podia esperar a mãe lá, ela iria em breve. Você devia ter ouvido

o que Carl disse. Ficou tão aliviado e feliz que chegou a soluçar. Mas – ele deu outro suspiro dramático – o idiota não fez nem isso direito.

– Foi por isso que você matou Sally pessoalmente? Queria garantir que fosse feito direito, não é?

Ele deu uma risada debochada.

– Isso, e eu não queria que só o Carl se divertisse.

Berry engoliu com dificuldade.

– Ela chegou em casa e me encontrou lá. – Ele sorriu como se lembrasse a cena com prazer. – Tinha sabido dos tiros aqui na véspera. Sabia o que queria dizer eu estar ali na casa dela. E desconfiava do que eu tinha preparado para ela. Mas só desconfiava. – Ele deu uma risadinha e acrescentou: – Eu tinha umas surpresas para ela.

Berry sufocou mais uma onda de náusea.

– Eu disse que, se ela fosse bem convincente quando as autoridades ligassem, o que certamente fariam, e se ela os tirasse do meu rastro, eu a deixaria viver. Ela acreditou em mim! – ele disse, dando risada. – Passamos um tempo com muita qualidade juntos, mas acho que, quando finalmente a matei, ela ficou aliviada.

Berry olhou para Caroline. Os olhos das duas se encontraram, comunicando que o destino de Sally Buckland seria o delas também, se não pudessem evitar. Enquanto ele falava, Berry estava observando a sala, procurando alguma coisa que servisse de arma. Ferramentas da lareira? Candelabro de bronze? Vaso de cristal?

Nada parecia letal e, mesmo se tivesse alguma coisa para ser usada como arma, ela estava com as mãos algemadas nas costas. A mãe dela era pequena demais para dominá-lo. Seria alvejada logo que tentasse.

Berry raciocinou que a única maneira de escapar seria continuar alimentando o ego de Oren, fazendo perguntas. Enquanto isso, ficaria vigiando para quando ele relaxasse a guarda e então devia estar pronta para agir. Conforme ele havia notado, ela tinha pernas compridas e fortes.

– Você realmente planejou tudo isso muito bem – disse ela.

– Não foi?

– Foi arriscado ligar para mim de Houston com o celular da Sally, depois de ter sido visto na Walmart.

– Bem, é claro que era o Carl na loja. Nessa hora, eu estava na casa da Sally, tentando decidir como é que eu ia me desfazer do corpo. Oren Starks estava na Walmart comprando sapatos às três horas da madrugada. Ele está na Astros, em Houston, horas depois. Aquela ligação *foi* arriscada sim, mas aumentou a confusão e serviu para suspender a procura de Carl em Merritt e adjacências. Isto é, até aqueles velhos serem encontrados no trailer deles na manhã seguinte. Mas, àquela altura, eu já tinha convencido Carl a entrar no Thicket e acabar logo com tudo.

– Por que você levou o corpo da Sally para a minha casa?

– Porque você me disse que ia fazer sua apresentação para o cliente da Delray na segunda-feira. Conhecendo você, achei que a crise em Merritt não ia impedi-la de fazer isso. E eu estava certo, não é? Imaginei que você estaria em Houston domingo à noite para se preparar, e achei que aquela surpresinha extra faria com que todos coçassem a cabeça. E fez! Aliás, eu queria perguntar, você pegou a música que eu estava cantarolando quando liguei para você? "Spinning Wheel". Entendeu?

Berry se recusou a dar-lhe a satisfação de uma resposta.

– Ainda falta muito para você se sair bem dessa, Oren.

– Você acha que eu prego prego sem estopa, Berry? Não. No último fim de semana, montei diversos álibis. No sábado bem cedo, fui dirigindo para Louisiana, aluguei uma cabana para o verão inteiro. Uma floresta no meio do nada. Território dos cajun. Todos são da mesma família e eles notam os forasteiros. Mandei raspar a cabeça no barbeiro local. O barbeiro vai lembrar, pode acreditar, porque eu reclamei muito de mudar minha aparência de forma tão drástica.

"No supermercado, criei uma cena sobre leite estragado que tinha comprado dias antes e estava com a nota para provar. As pessoas que estavam na loja naquela hora vão se lembrar de mim. Cuidei disso.

"Se as autoridades forem inspecionar a cabana, vai parecer que eu estive lá. Lixo datado de algumas semanas antes. Produtos frescos na geladeira. Não tem TV, não tem rádio, não tem computador com internet, de modo que eu fiquei sem contato nenhum com o mundo. Não soube de notícia alguma.

"Só quando voltei para o Texas é que fiquei sabendo que o meu irmão demente tinha assassinado três pessoas durante a minha ausência! E que, além

disso, ele tinha morrido! Oh, que desgraça! Estou arrasado!" Ele sorriu. "Está vendo? Eu cuidei de tudo."

– Parece que sim. Exceto por uma coisa. Eu continuo viva.

– Não por muito tempo.

– Se você me matar agora, as autoridades vão saber que não foi o Carl.

– Um ato isolado de violência – ele disse. – Duas mulheres sozinhas numa casa à beira do lago. Aparece um pervertido. – Ele deu de ombros e não completou a ideia.

– Seria uma coincidência terrível, Oren – disse Berry. – Acho que nenhum policial ia acreditar nisso.

– Um policial como o seu musculoso subdelegado Nyland? – debochou ele.

– Se alguma coisa acontecer com minha mãe e comigo agora, você será naturalmente o principal suspeito.

– Nyland pode suspeitar, mas...

– Nyland sabe.

Todos pularam com o som da voz que vinha da porta aberta que ligava a cozinha à sala de estar. Berry quase desmaiou de alívio. Dodge estava lá, com as mãos para o alto, acima da cabeça.

Oren gritou e enfiou o cano da arma na têmpora de Berry.

– Eu mato ela!

– Não! – Dodge continuou com as mãos para o alto, mas abanando freneticamente. – Não faça isso, por favor.

O rosto dele estava todo vermelho e a respiração, ofegante, como se tivesse corrido um quilômetro antes de chegar àquela porta. A camisa grudava no corpo com o suor. Berry olhou para a mãe, que não parecia nada surpresa de vê-lo e, naquela fração de segundo, ela entendeu que, de alguma maneira, Caroline sabia que ele ia aparecer quando mais precisassem dele.

– Eu só quero conversar com você, Oren – disse Dodge.

– Quem é você?

– O pai da Berry.

Oren bufou com desprezo.

– Isso não é verdade. Jim Malone morreu. Você acha que eu sou burro? Você é um policial que mandaram para cá para...

– Eu não sou policial, Oren. Sou o pai da Berry. E não acho que você é burro. Sei que é inteligente. Inteligente demais para apertar esse gatilho. Porque, assim que fizer isso, Nyland te mata. Ele foi do exército. Forças especiais. O melhor dos caras maus.

"E, neste exato momento, ele está com um rifle apontado para você, que parece capaz de explodir o seu olho a dois quilômetros de distância. Se você matar Berry, ele atira. Ele só não apertou o gatilho ainda porque não quer correr o risco de *errar* você e acertar nela. Mas, se você matá-la, ele não terá nada a perder. Vai apertar aquele gatilho e desintegrar a sua cabeça, e não estou brincando."

Oren molhou os lábios e apertou mais a pistola.

– Você está tentando me enganar.

– Enquanto você aponta uma arma para a cabeça da minha filha? Nem pensar.

– Ela não é sua filha.

– É sim. Eu a deixei no berçário da maternidade no dia em que ela nasceu e acabei de encontrá-la de novo. Não a tire de mim agora. Por favor.

– Você está partindo o meu coração – disse Oren.

– Está bem. Você não liga para nós, então pense em você mesmo. Não seja tolo de pensar que Nyland me mandou aqui para negociar com você. O homem é um cowboy. Ele quer te ver morto. Eu tive de brigar com o filho da mãe para entrar aqui. Achei que ia levar uma bala nas costas a qualquer momento.

– Você é da polícia.

– Juro que não sou.

– É verdade, Oren – disse Caroline. – Ele é o pai biológico da Berry. Ele a abandonou exatamente como disse.

– Não acredito em vocês.

– Quem mais além de um pai desesperado desafiaria o Nyland, hein?

Dodge olhou para Berry e mudou o tom de voz.

– Você está sangrando. Dói muito?

– Não. Estou bem.

– Calem a boca! Calem a boca! – disse Oren, com uma voz aguda e irritante. – Eu não vou cair nessa.

– Por favor – implorou Dodge. – Não machuque a minha filha.

De repente, Dodge fez uma careta e respirou com um chiado. Soltou o ar lentamente e disse:

– Nyland está tão puto comigo agora que provavelmente vai atirar em mim também. Mas, se você matar a minha filha e Caroline... – ele ficou olhando para ela alguns segundos, depois se virou de novo para Oren. – Se você machucá-las, eu prefiro morrer.

Com o canto do olho, Berry via Oren de perfil. O rosto dele estava todo oleoso de suor. Ela sentiu a tensão nervosa, a indecisão dele. As bravatas acabaram. Ela sentiu o cheiro do medo de Oren, de que aquilo que Dodge estava dizendo pudesse ser verdade.

Dodge avançou alguns passos, mas Oren apertou o cano da arma na têmpora de Berry e Dodge parou imediatamente.

– Tudo bem, tudo bem – ele se apressou em dizer. – Não vou chegar mais perto. Mas, se você quer viver, Oren, precisa se entregar.

– Não! – Oren balançou a cabeça com teimosia, como uma criança que não quer comer os legumes.

– Não é hora de bancar o burro, Oren. Nyland descobriu que você tinha um irmão, que viria atrás da Berry. Ele cercou...

Dodge fez uma careta de dor. Ficou sem ar.

– Dodge? – Caroline levantou-se de repente.

Oren berrou para ela se sentar de novo. Ela sentou-se, mas ficou na ponta do sofá, olhando, preocupada, para Dodge.

– Eu estou bem – disse ele, balançando as mãos no ar. – Só estou sem ar porque lutei com o Nyland. – Ele olhou para Oren. – A casa está cercada. Nyland foi o primeiro a chegar. Ele viu você pela janela. Viu você apontando essa arma para a cabeça de Berry. Ele tem toda a polícia do xerife, os Texas Rangers, todas as fardas que você possa imaginar a postos e armadas até os dentes. Todos eles querem um tempinho com você, e estão todos hiperventilando.

Ele olhou para as janelas da frente com expressão de culpa.

– É claro que eu não devia contar isso para você. Mas ouça bem, Oren, e preste atenção. Você não tem como escapar. Vamos lá. Solte a Berry. Deixe ela e Caroline irem. Entregue-se.

– Já disse que não!

– Está bem. Não se entregue. Eu serei o seu refém. Vou ajudá-lo a sair daqui inteiro. Vou negociar... – Ele parou de falar, deu um grito agudo e pôs a mão no ombro esquerdo. Dobrou o corpo para frente e deu alguns passos trôpegos. Nessa hora, ele tirou a pistola do coldre que tinha nas costas.

Mas não serviu para nada. Quando se adiantou e caiu no chão, obviamente em agonia, a pistola caiu da mão dele e deslizou no assoalho.

Caroline ignorou o grito de aviso de Oren, levantou-se do sofá e se jogou sobre Dodge, dizendo o nome dele sem parar.

Berry gritou:

– Mãe! Dodge!

Oren, histérico por ter perdido o controle da situação, empurrou Berry para o lado e chutou a pistola de Dodge para longe, depois se abaixou sobre Caroline e tentou tirá-la de cima de Dodge.

– Cale a boca! Volte para cá!

Berry deu um chute forte ao lado do joelho de Oren. A perna dele entortou e ele uivou de dor, mas não soltou Caroline, que se agarrava a Dodge, gemendo o nome dele.

Oren redobrou os esforços para levantá-la.

Berry pedalou com as pernas em cima dele e acertou com toda a força que tinha nos seus pés descalços.

Oren largou Caroline, deu meia-volta e apontou a pistola para a cara de Berry.

– Eu avisei que ia matá-la!

Então soaram dois estampidos bem altos e rápidos, um logo depois do outro. Antes mesmo de Berry poder registrar a expressão surpresa de Oren, ele caiu no chão com dois pontos vermelhos bem vivos no peito.

Ski entrou correndo na sala, com a pistola em riste. Outros policiais chegaram correndo atrás dele e se juntaram sobre o corpo caído de Oren. Ski se inclinou sobre Berry, que lutava para ficar de pé.

– Ajude-me.

Ele a puxou e a apoiou quando ela foi tropeçando até onde estava o casal abraçado no chão. Ainda algemada, ela caiu de joelhos ao lado dos dois e juntou-se à mãe no lamento, dizendo o nome do pai.

Um dos subdelegados avisou:

– Starks está morto, Ski.

Berry mal registrou isso. Sua preocupação era com Dodge. Ela deu um soluço de alívio quando ele tirou Caroline de cima dele e se ergueu nos cotovelos. Tinha na mão direita uma pequena pistola com o cano cortado.

Caroline passou os braços em volta do pescoço dele e ficou assim, chorando.

– Você quase me matou de susto!

Dodge olhou para Ski e disse, respirando com dificuldade:

– O filho da mãe resistiu à prisão.

– Você não teve escolha. Ele ia matar Berry.

Ski olhou desconfiado para Dodge.

– Você não me contou da segunda pistola. Coldre de tornozelo?

Dodge, ainda se esforçando para respirar, fez que sim com a cabeça.

– Bem, você o enganou direitinho – disse Ski. – Especialmente com o ataque do coração.

Caroline, que estava observando Dodge, nervosa, percebeu a verdade de repente e gritou de susto.

Dodge disse, sem poder respirar:

– Eu não fingi aquilo.

EPÍLOGO

– Estou ligando para informar sobre Dodge Hanley – disse Ski para a assistente educada, mas firme, de Derek Mitchell, que lhe dissera que o sr. Mitchell não podia atender. – Se ele estiver aí, por favor, ponha-o na linha. Se não estiver, diga como posso falar com ele.

Ski ficou esperando e, segundos depois, o advogado atendeu.

– Delegado Nyland? Aqui é Derek Mitchell. Marlene disse que tinha ligado para falar do Dodge. O que foi? Ele está bem?

– Temo que não, sr. Mitchell.

Ski deu a notícia sem rodeios, achou que o advogado ia preferir assim.

– Foi um dos grandes. Ele teve duas paradas na ambulância, a caminho do hospital. Foi a ressuscitação cardiopulmonar que o manteve vivo. Não liguei antes porque não tinha nada de concreto para dizer até alguns minutos atrás, quando o cirurgião cardíaco veio nos dar as informações precisas. Dodge aguentou a cirurgia, mas o médico usou palavras como *infarto* e *friável*, e não dourou a pílula do prognóstico.

– E qual é? Muito ruim?

– Chance de sobrevivência, cinquenta-cinquenta. E o cirurgião disse que é uma avaliação otimista. Dodge corre o risco de sofrer outro ataque do coração, ou ter um derrame. O cirurgião disse que vai ficar muito mais tranquilo sobre a sobrevivência dele se ainda estiver vivo daqui a quarenta e oito horas.

O silêncio do outro lado foi pesado. A preocupação de Derek Mitchell era palpável. Ele pigarreou duas vezes antes de conseguir falar:

– Você disse "veio nos dar informações", referiu-se a "nós".

– O quanto sabe da situação aqui?

– Só que Dodge viajou para aí para ajudar a filha, que não via desde o dia em que ela nasceu. Conversei com ele hoje, perguntei como estavam as coisas, e ele só dizia ótimas. Ele estava irritado e evasivo, mas isso é típico mesmo.

Ski teve de sorrir.

– É, eu sei.

Ele deu para o advogado um breve resumo dos acontecimentos que levaram Dodge até a casa do lago para negociar com Oren Starks.

– Dodge insistiu. Disse que ia entrar lá, com ou sem a minha autorização. Disse que eu não podia impedi-lo, nem com um bando de cavalos selvagens, nem com um tanque Sherman. Disse que ia salvar aquelas duas mulheres, ou morrer tentando.

Ski não deixou de notar a ironia triste daquele juramento.

– Berry teve a presença de espírito de ficar conversando com Starks, mas Dodge e eu desperdiçamos um tempo precioso discutindo o plano dele, por isso acabei concordando. Ele confiava em que ia conseguir manobrar Starks para fazer com que ele soltasse Berry e Caroline, e depois se entregasse. E quase conseguiu. Fingiu tudo, menos o ataque do coração.

"Quando vi que ele perdeu a pistola e dobrou o corpo para frente, eu é que quase tive um ataque. Pensei que estivesse tudo acabado. E estava para o Starks. Dodge não tinha me dito que ia levar uma arma extra." E Ski acrescentou: "Acho que ele me enganou também."

– Coldre de tornozelo?

– Como sabe?

– Nunca anda sem ele.

– Agora eu sei.

Ski olhou para Berry, que estava sentada a uma mesa da cantina do hospital com Caroline. O cirurgião tinha dito que ainda ia demorar um pouco para Dodge poder receber visitas, então eles tinham descido para tomar um café. Mas Ski notou que elas não tinham tocado nas xícaras. Sobre a mesa, elas estavam de mãos dadas, como se ambas dessem e recebessem consolo com aquele contato.

Compartilhando aquela urgência comum, os dois homens encerraram a conversa.

– O que ele disse? – perguntou Berry quando Ski voltou para a mesa delas.

– Agradeceu demais eu ter avisado. Ele vai alugar um jatinho particular para vir para cá com a mulher. Assim que souber onde vão pousar, ele me mandará uma mensagem de texto. Eu vou providenciar para alguém ir pegá-los e os trazer diretamente para cá. Deve ser de madrugada, mas ele não quis esperar até amanhã.

Ninguém questionou o motivo da pressa de Derek Mitchell.

– Dodge vai gostar de vê-los aqui. Ele fala deles o tempo todo. Gosta muito dos dois.

– Pela reação de Mitchell, acho que esse sentimento é mútuo.

– Na cabeça de Dodge, ele não merece ser amado.

Os dois olharam para Caroline, que tinha dito isso em voz baixa, mais rouca ainda por causa do choro. Até o momento, Ski não tinha certeza se ela acompanhava a conversa. Berry se inclinou sobre a mesa.

– Por que diz isso, mãe?

– O pai dele disse isso para ele, com seu jeito de tratá-lo, se não com essas palavras. Dodge acreditou. Até o dia em que você nasceu e eu o expulsei das nossas vidas, ele estava tentando conquistar o respeito e a aceitação de todos. O amor de todos. – Ela abaixou a cabeça e olhou para as mãos, que ficava apertando. – Desde aquele dia, ele vem tentando se matar porque não merece ser amado.

Ski discordou de Caroline e achou que Berry também discordava, mas nenhum dos dois disse nada, porque não queriam jogar a culpa injustamente sobre Caroline. Dodge tinha pulado a cerca por vontade dele. Ao fazer aquilo, ele jogou fora a melhor coisa que tinha na vida. Caroline assumiu uma posição e não quis voltar atrás. Ninguém saiu ganhando nessa história.

A perda para os dois foi enorme e definiu os caminhos que a vida deles ia seguir nos próximos trinta anos. Anos esses que podiam ter sido mais felizes para todos eles. Se ele não tivesse traído, se a rejeição dela não fosse absoluta.

O celular de Caroline tocou. Sabendo que tinha dado o número para a enfermeira da UTI, todos reagiram assustados. Caroline se preparou para o pior e atendeu.

Ela ficou ouvindo alguns segundos, depois disse:

– Vou já para aí.

Ela estava tremendo quando empurrou a cadeira para trás e se levantou.

– Ele está recuperando a consciência.

– Graças a Deus – sussurrou Berry, obviamente sentindo o mesmo alívio de Ski, porque a notícia não era a que temiam.

– Ela disse que, se eu subir agora mesmo, poderei vê-lo por cinco minutos.

– Vá – disse Berry, movendo as mãos para mandá-la embora. – Corra. Nós subimos já.

Caroline olhou para a filha agradecida e correu para a saída da cantina.

Berry também não estava muito firme quando ficou de pé. Olhou para Ski com os olhos rasos de lágrimas. Então, enrugou o rosto todo e começou a chorar. Ele a abraçou.

– Eu estava me controlando por causa dela, mas não aguento mais.

– Pode chorar.

Sem se importar com as outras pessoas na cantina, Ski acariciou-lhe as costas e continuou a abraçá-la quando os soluços abalaram o corpo inteiro de Berry. Ela podia perder o pai que tinha acabado de encontrar. Isso era muito triste. Ela também carregava a culpa de tudo que tinha acontecido, e ia carregá-la por muito tempo.

Ski a admirava por assumir isso. Uma pessoa mais superficial teria dado desculpas convenientes e esquecido tudo. A admiração dele também tinha uma ponta de pena. Conhecia muito bem, de primeira mão, o peso que a culpa podia ter. Ela só ia conseguir seguir sua vida com muita força de vontade, e talvez um dia pudesse se perdoar. Ele acreditava que ela ia conseguir, que tinha fibra para isso. Afinal de contas, Berry era uma combinação de duas pessoas determinadas e persistentes.

Depois de chorar tudo que podia, Berry se afastou de Ski, pegou um guardanapo da mesa e o usou para secar os olhos e o rosto.

– Bem, isso foi um espetáculo.

– Não foi, não. De qualquer maneira, quem se importa?

Ela deu um sorriso trêmulo para ele.

– Obrigada.

– De nada.

– É melhor subir. Minha mãe pode precisar de mim.

Com a mão na nuca de Berry, Ski a guiou da cantina para o saguão, até os elevadores. Um estava aberto, e os dois subiram sozinhos nele para o andar da UTI.

Ele se curvou e beijou suavemente o clipe-borboleta sobre o olho dela. Ela precisava usá-lo para fechar o corte feito pela coronha da arma de Oren Starks.

Ela encostou nele.

– Eu sei que você tem seus deveres, suas responsabilidades. Mas, se puder, gostaria que ficasse aqui.

– Eu fico.

Ela olhou para o rosto dele.

– Pense bem antes de prometer, Ski. Isso pode demorar e não se sabe o que vai acontecer.

Sabendo que estavam falando não só da vigília ao lado de Dodge, mas também sobre o futuro deles dois juntos, Ski segurou-lhe o rosto com as duas mãos e encostou os lábios suavemente nos dela.

– Ficarei por perto.

Dodge ficou muito surpreso quando acordou. Estava curtindo uma boa. Tudo dentro do seu campo de visão estava embaçado, mas a sensação geral era de languidez. Era como se tivesse um peso de vinte quilos sobre o peito, mas isso era um desconforto menor. A melhor parte era que Caroline estava lá, inclinada sobre ele, alisando o seu cabelo.

Então, mesmo que estivesse morto, sua vida após a morte não era nada má. Imaginou se fumar era permitido. Se fosse, aquilo ali era o céu.

Ou talvez fosse apenas uma área de passagem, de onde podia seguir para qualquer lado.

Na verdade, o peso sobre o peito estava virando uma dor surda. Ele tinha muito que pagar. Era melhor começar logo, antes que fosse levado para o próximo nível. Para baixo.

Ele piscou para enxergar melhor Caroline.

– Eu fugi.

Ela sorriu e botou a mão no rosto dele.

– Não me despedi.

Ele tentou engolir, mas a boca estava seca. Pior que seca. Estava pastosa e a língua ficava grudando no céu da boca, por isso, era difícil formar palavras, não que conseguisse pensar em muitas.

– Nada para oferecer a você. Naquela época. Agora. Nunca.

Ela pediu para ele ficar quieto e continuou a afastar o cabelo da testa dele.

Droga, precisava fazer Caroline prestar atenção. Ele balançou a cabeça e só então percebeu que tinha tubos no nariz. *Meu Deus!* Que coisa mais indigna era aquela! Ele puxou os tubos. Ou tentou. Caroline botou de volta, e ele não pôde fazer nada porque não tinha mais energia para levantar a mão de novo.

A dor surda piorou e agora ele lembrava de ter sido levado por um corredor, as luzes ofuscantes do teto passando com uma velocidade incrível, pessoas correndo ao lado da maca, falando em voz alta e nervosa. Será que um cara de barbicha realmente montou no peito dele e ficou socando, ou aquilo não passou de um sonho estranho?

Aquelas luzes superbrilhantes eram do teto de um centro cirúrgico? Provavelmente algum babaca com uma mulher-troféu, sócio de um clube de golfe e uma renda anual polpuda de seis dígitos, tenha andado remexendo dentro do peito dele, por isso, aquela sensação de tudo apertado e doendo.

Ele ouviu uma voz doce, como se viesse do fundo de um túnel. Ela disse:

– Só mais um minuto, sra. King. Depois a senhora tem de sair.

Ele só percebeu que tinha fechado os olhos quando os abriu de novo. Caroline ainda estava lá. Ele olhou para o rosto dela e pensou que tinha muita sorte de estar vendo aquele rosto de novo, maravilhou-se com a beleza dela. Sentiu o calor molhado das próprias lágrimas. Ora, isso era demais. Lá estava ele, quase morrendo, tinha tubos nas narinas e chorava feito uma bicha.

Forçou a língua a se mexer antes que o minuto final naquela área de passagem acabasse e perdesse Caroline para sempre.

– Desculpe, eu fui...

Merda. Sessenta segundos não bastavam para enumerar todas as coisas pelas quais tinha de se desculpar. Ele só precisava dizer a ela que a amava muito, que sempre a amou e que sempre a amaria. Mas tinha de se apressar porque a desconhecida com a voz suave estava injetando alguma coisa no tubo do braço dele. Na mesma hora, sentiu uma onda de calor adocicado e sublime. Era uma delícia, mas, por melhor que fosse, ele lutou contra os efeitos.

Precisava dizer aquelas coisas para Caroline, e tinha de dizer de uma forma que incluísse a imensidão do seu amor.

Procurou a mão dela, achou-a e apertou-a com toda a força que tinha.

– Eu morreria por você outra vez.

Ela virou a mão dele e apertou a palma sobre o seu coração. Ele batia ritmado e forte na mão de Dodge. Caroline se abaixou e beijou os lábios dele. Não foi um beijo suave e sim com ardor, como costumava fazer quando estava muito excitada ou muito irritada.

Ela se afastou e sussurrou:

– Eu sei que você me ama o suficiente para morrer por mim, Dodge. E será que me ama o bastante para *viver*?

Maldita mulher! Ele não podia partir agora. Justamente agora que ela lhe tinha dado mais uma coisa para provar.

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer...

Ao meu amigo de longa data, Barry Hanson, que me deu informações sobre a Reserva Nacional Big Thicket. Sem a sua contribuição, eu realmente me perderia naquela selva.

E ao xerife J. B. Smith do condado de Smith, no Texas, que corrigiu todos os conceitos equivocados que eu tinha dos que usam a estrela de lata. Bem, a maior parte deles, de qualquer modo.

E a Dodge Hanley, que é personagem fictício, mas que tem bastante paciência e destemor para viver comigo o tempo de mais um romance. Espero que o tenha deixado orgulhoso.

– Sandra Brown

Título original
TOUGH CUSTOMER

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares incidentes e diálogos são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos ou localidades ou pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright ©2010 by Sandra Brown Management Ltd.

Primeira publicação nos EUA pela Simon & Schuster, Nova York.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou parte sob qualquer forma sem autorização, por escrito, do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax:(21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B897c
Brown, Sandra, 1948-
Uma cliente inesperada [recurso eletrônico] / Sandra Brown ; tradução Alyda Sauer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de:Tough customer
ISBN 978-85-8122-221-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sauer, Alyda. II. Título.

13-00368 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

A Autora

Sandra Brown começou a escrever em 1981. Desde então, já publicou mais de setenta romances. Em 1990, *Mirror Image* entrou para a lista dos mais vendidos do *The New York Times* e o nome da autora nunca mais deixou a importante lista de best-sellers. Ao longo de quase três décadas, a escritora nascida em Waco, no Texas, já vendeu mais de 70 milhões de exemplares e seus livros foram traduzidos em 33 línguas. Sandra Brown formou-se em Inglês pela Universidade Cristã do Texas e, antes de tornar-se escritora, trabalhou como modelo, apresentadora do tempo e repórter. Atualmente, vive com o marido Michael Brown em Arlington, Texas. Dela, a Rocco Digital já publicou *Corte Súbito*, *Como água de chuva* e *Impasse*.